3º CONGRESSO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA

DA
SOCIEDADE
PORTUGUESA
DE FILOSOFIA

NA
UNIVERSIDADE
DA BEIRA INTERIOR

COVILHÃ

PROGRAMA E RESUMOS /
PROGRAMME ET ABSTRACTS

6-7
SETEMBRO
2018

Sociedade Portuguesa de Filosofia

FACULDADE ARTES E LETRAS

LABCOM.IFP Communication Philosophy Humanities

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

PLÁTANO EDITORA

DIDÁCTICA EDITORA

Índice e horário geral / Index and General Schedule

Programa / Programme

6 de Setembro / 6th September

08h30-9h30 Recepção e registo dos participantes / Registration and Reception 5
09h30-10h00 Abertura do Congresso / Welcome Address 5

10h00-11h00 Sessão plenária I / Keynote Address: **Adela Cortina** 5
11h30-13h00 Sessões paralelas / Parallel Sessions 5
14h00-15h00 Sessão plenária II / Keynote Address: **João Branquinho** 8
15h15-16h45 Sessões paralelas / Parallel Sessions 8
17h00-18h30 Sessões paralelas / Parallel Sessions 11
18h40-19h40 **Homenagem a Artur Morão** 14
20h00-21h30 Jantar do Congresso / Congress Dinner 14

7 de Setembro / 7th September

9h30-10h30 Sessão plenária III / Keynote Address: **Maria Filomena Molder** 15
11h00-13h00 Sessões paralelas / Parallel Sessions 15
14h00-15h00 Sessão plenária IV / Keynote Address: **Markus Gabriel** 18
15h15-16h45 Sessões paralelas / Parallel Sessions 19
17h00-18h30 Sessões paralelas / Parallel Sessions 21

18h45-19h00 Sessão de encerramento / Closing Session 24
19h00 Recepção de encerramento / Closing Reception 24

Resumos / Abstracts

1. Keynotes 27
2. Comunicações / Talks 31

Index: Participantes / Participants 193

The 3rd International Congress of the Portuguese Society for Philosophy (SPF) takes place at the University of Beira Interior, Covilhã, 6-7 September, 2018. The Congress is organized by the Portuguese Society for Philosophy, together with the Faculty of Arts and Letters of the University of Beira Interior, and the cooperation of the Research Unit Lab.Com.IFP.

The Congress hosts presentations in all domains and methodologies of philosophical studies and is open to all those interested in sharing and discussing their research. The presentations included in the program were subject to previous evaluation, with the scientific assistance of a wide panel of national philosophers, as well as the Portuguese Association of Phenomenological Philosophy (AFFEN), the Portuguese Association of Legal Theory, Philosophy of Law and Social Philosophy (APTD), the Institute of Portuguese-Brazilian Philosophy (IFLB), the Society for Environmental Ethics (SEA), and the Portuguese Society for Analytical Philosophy (SPFA).

The Congress relies on the participation and cooperation of the homologous Brazilian (National Association of Post-Graduation in Philosophy – ANPOF) and Spanish (Spanish Philosophy Network - REF) institutions.

Portuguese Society for Philosophy Board
José Meirinhos – President
Aires Almeida – Member
António Lopes – Treasurer
João Constâncio – Member
Magda Costa Carvalho – Secretary

Organizing Committee for the Congress
André Barata – UBI (Coordinator)
José Manuel Santos – UBI
José da Silva Rosa – UBI
José Meirinhos – SPF
António Lopes – SPF

Scientific Committee of the 3rd Congress
António Lopes (CFUL) – Coordenador
Acílio Estanqueiro Rocha (U. Minho)
Adriana Silva Graça (U. Lisboa)
Aires Almeida (CFUL)
Alexandra Maria Lafaia Abranches (U. Minho)
Alexandre Franco de Sá (U. Coimbra)
Álvaro Balsas (U. Católica - Braga)*
André Barata (U. Beira Interior, AFFEN)*
António Braz Teixeira (I.F. Luso-Brasileira)
António Manuel Martins (U. Coimbra)*
António Pedro Mesquita (U. Lisboa)
Carlos João Correia (U. Lisboa)
Carlos Morujão (U. Católica)
Diogo Pires Aurélio (U. Nova de Lisboa)
Irene Borges Duarte (U. Évora, AFFEN)
João Alberto Pinto (U. Porto)
João Cardoso Rosas (U. Minho)*
João Constâncio (U. Nova de Lisboa)*
João Maria André (U. Coimbra)
João Ribeiro Mendes (U. Minho)
Jorge Marques da Silva (CFCUL, SEA)
José Brandão da Luz (U. Açores)
José da Silva Rosa (U. Beira Interior)
José Lamego (U. Nova de Lisboa)
José Manuel Santos (U. Beira Interior)
José Meirinhos (U. Porto)*
José Pereira da Silva (U. Helsinkia)
José Sousa e Brito (U. Nova de Lisboa, ATFD)
Luís Umbelino (U. Coimbra)
Luísa Portocarrero (U. Coimbra)
Magda Costa Carvalho (U. Açores)*
Manuel Cândido Pimentel (U. Catól. - Lisboa)
Maria Gabriela Castro (U. Açores)
Maria João Couto (U. Porto)
Maria José Varandas (SEA)
Maria Luísa Ribeiro Ferreira (U. Lisboa, SEA)
Mário Santiago de Carvalho (U. Coimbra)
Mattia Riccardi (U. Porto)
Nuno Venturinha (U. Nova de Lisboa)
Paula Cristina Pereira (U. Porto)
Paula Oliveira e Silva (U. Porto)
Pedro Alves (U. Lisboa, AFFEN)
Pedro Galvão (U. Lisboa)
Renato Epifânio (I.Fil. UP, I.F. Luso-Brasileira)
Ricardo Santos (U. Lisboa)*
Roberto Merrill (U. Minho)
Samuel Dimas (U. Católica - Lisboa)
Sofia Miguens (U. Porto)*
Tommaso Piazza (U. Pavia)
Viriato Soromenho-Marques (U. Lisboa, SEA)*
Vítor Moura (U. Minho)

*SPF Scientific Board

Practical information

Congress Venue
Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior
Rua Marquês D'Ávila e Bolama // 6201-001 Covilhã, Portugal

Congress webpage
https://spfilosofia.weebly.com/3cispf-call.html

Registration and Congress documentation / Congress Secretariat
6th September 2019, from 08h30 to 13h00: main Hall of the Faculdade de Artes e Letras.
6th September from 14h00 onwards: Room 21.

Abstracts and Certificates
— **Certificates** will be delivered by the session chair at the end of each presentation.
— **Abstracts'** volume is available online at the Congress' webpage: https://goo.gl/2VmWrh

Presentations
Presentations in parallel sessions: 20 minutes + 8/10 mn for debate (total 30 minutes each). If the presentation takes longer than 20mn, debate time must be reduced accordingly.
We strongly recommend rigorous compliance with the schedules and overall punctuality.

Conference Rooms Equipment
All rooms are equipped with video **projector/datashow** with VGA or HDMI outputs.
Please note that the organization cannot provide computers for all rooms. Therefore, participants that intend to use use data show must ensure **in advance** that there will be a computer available in their session.

Wireless
Eduroam is available throughout the campus. If you don't have this device you can ask your credentials at the Secretariat desk.

Coffee Breaks
September 6th: 11h00 to 11h30 and 16h45 to 17h00
September 7th: 10h30 to 11h00 and 16h45 to 17h00

Meals
— **Lunch September 6th and 7th** (13h00 to 14h00): lunch is the responsibility of each participant. Suggestion: Library Bar (€ 4), or other university bars, or restaurants in the city.
— **Dinner September 6th** (20h00-21h30), at UBI Bar Polo I. Only for participants registered before September 3rd (ticket in the Congress folder).
— **Closing Reception September 7th** (19h00-20h00), at UBI Bar Polo. Only for participants registered before September 3rd (ticket in the Congress folder).

Publication of the texts
A double peer reviewed selection of texts will be published by the Instituto de Filosofia Prática.
Deadline: 30th November 2018.
How to proceed and Guidelines: https://goo.gl/4MBU3S

6 de Setembro / 6th September

08h30-9h30
Recepção e registo dos participantes / Registration and Reception
Átrio da Faculdade

09h30-10h00
Abertura do Congresso e boas vindas / Congress Opening and Welcome Address
Anfiteatro Solene

- António Fidalgo, Reitor da Universidade da Beira Interior
- José da Silva Rosa, Diretor da Faculdade de Artes e Letras
- Paulo Serra, Presidente do LabCom.IFP
- María José Guerra Palmero, Presidente da Red Española de Filosofía
- Adriano Correia Silva, Presidente da ANPOF, Brasil
- André Barata, Coordenador da Comissão Organizadora
- José Meirinhos, Presidente da SPF

10h00-11h00
Sessão plenária I / Keynote Address

Anfiteatro Solene
Moderador: André Barata (Universidade da Beira Interior)

- Adela Cortina (Universitat de València): La razón cordial: antídoto contra la aporofobia, impulso para la democracia

11h00-11h30: Pausa / Pause
Café / Coffee and Refreshments.

11h30-13h00
Sessões paralelas / Parallel Sessions

Anf. Parada
ST *Direitos e direito subjetivo. Interpretações*
Promotor: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil
Moderador: Alfredo Carlos Storck (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

- Alfredo Carlos Storck (Universidade Federal do Rio Grande do Sul): Há Direito sem direitos subjetivos? Notas em um debate
- Paulo Baptista Caruso MacDonald (Universidade Federal do Rio Grande do Sul): As condições de inteligibilidade da classificação dos direitos subjetivos de W. N. Hohfeld
- Wladimir Barreto Lisboa (Universidade Federal do Rio Grande do Sul): A dignidade do direito natural em Thomas Hobbes (sobre o direito e a obrigação)

Anf. 211
Filosofia Política I

Moderador: Paulo Serra (Universidade da Beira Interior)

- María José Guerra Palmero (Universidad de La Laguna – Presidente de la REF): De la invisibilidad social a la injusticia epistémica: la ausencia de reconocimiento en Axel Honneth y Miranda Fricker.
- César Ortega Esquembre (Universidad de Valencia): De la distorsión de la comunicación a la distorsión del reconocimiento. Axel Honneth y la nueva fundamentación normativa de la Teoría Crítica
- Paulo Vitorino Fontes (Universidade de Évora): Reconhecimento e reconstrução normativa como teoria da justiça em Axel Honneth

Sala 2.03
Filosofia Política II

Moderador: David Geraldes Santos (Universidade da Beira Interior)

- Albano Pina (Universidade da Beira Interior): A circularidade da lei e da história nos *Discorsi sopra la prima Deca di Tito Livio*
- Catarina de Brito Carreira Tello de Castro (Universidade Católica Portuguesa; Universidade de Lisboa): Poderes e poder em Hobbes uma análise liberal do autoritário
- Karine Salgado (Universidade Federal de Minas Gerais) – Raul Salvador Blasi Veyl (Universidade Federal de Minas Gerais): A contribuição medieval para a formação do Estado: considerações acerca do poder em João de Quidort

Sala 2.04
Filosofia da Natureza e do Ambiente I

Moderador: Fabio Alves Gomes de Oliveira (Universidade Federal Fluminense)

- Maria José Varandas (Universidade de Lisboa): Sobre a consideração moral da natureza
- Rachel Souza Martins (Universidade do Estado do Rio de Janeiro): Sociedade e Meio Ambiente: perspectivas éticas acerca da justiça socioambiental
- Tiago Mesquita Carvalho (Universidade de Lisboa): Comer bem. Para uma ética alimentar

Sala 2.06
Ética I

Moderadora: Ana Leonor Morais Santos (Universidade da Beira Interior)

- Adelaide Fins (Sorbonne Université): Le principe responsabilité: Hans Jonas et Paul Ricœur
- Claudia Tiellet (Universidade Federal de Santa Maria): Segunda pessoa e casos-limite em Ricoeur
- Diogo Santos (Universidade de Lisboa) – Ricardo Miguel (Universidade de Lisboa): Asymmetrical Attitudes Towards Non-Existence: a Present Interests Bias

Sala 2.07
Epistemologia I

Moderador: Bruno Serra (Universidade da Beira Interior)

- Aurelio Oliveira Marques (Universidade de Brasília): A noção de conhecimento no *Teeteto* de Platão
- Iara Velasco e Cruz Malbouisson (Universidade Estadual de Campinas): *Verstehen ist missverstehen*: Nietzsche e uma doutrina antropológica do equívoco

- Anna Mazurek (The John Paul II Catholic University of Lublin): The Use of Rational Intuitions in Philosophy in the Context of George Bealer's Conception of Intuition

Sala 2.08
Ensino da Filosofia I

Moderadora: Maria Luísa Branco (Universidade da Beira Interior)

- Maria Teresa Santos (Universidade de Évora): Em defesa das humanidades e da democracia. O elogio de Martha Nussbaum a Matthew Lipman
- João Teodósio (Universidade da Beira Interior): Contributos para uma aprendizagem experiencial da disciplina de Filosofia no Ensino Secundário
- Valter Ferreira Rodrigues (Universidade Federal de Campina Grande): Aportes vazianos para um ensino filosófico: crise e conflitos éticos como princípios para uma experiência crítico-criativa

Sala 2.02
Estética I

Moderador: João Constâncio (Universidade Nova de Lisboa)

- Margarida Teixeira Neves (Universidade de Coimbra): A técnica como porta de entrada para a música – discussão crítica com a noção adorniana de "interpretação musical dialéctica"
- Raimundo Henriques (Universidade de Lisboa): Ornament and Nonsense: Adolf Loos and Ludwig Wittgenstein
- Márcio Benchimol Barros (Universidade Estadual Paulista): Reflexão sobre o papel da dissonância na experiência estética da música segundo Schopenhauer

Sala 4.06
História da Filosofia I

Moderadora: Fátima Regina Évora (Universidade Estadual de Campinas)

- Daniel Wolt (Universidade de São Paulo): *Kalokagathia* in Aristotle's *Eudemian Ethics*
- Nélio Gilberto Dos Santos (Université Paris 4 Panthéon-Sorbonne): Teleologia e Preservação na *Política* de Aristóteles
- Beltrán Jiménez Villar (Universidad de Granada): El escepticismo de Montaigne, una cuestión política

Sala 4.07
História da Filosofia II

Moderadora: Vera Rodrigues (Universidade do Porto)

- José Manuel Beato (Universidade de Coimbra): O mistério do instante: do tempo kairológico à metacronologia em Vladimir Jankélévitch
- Juan Antonio Testón Turiel (Universidad de Santiago de Compostela): El concepto de *Ontonomía* en la Filosofía de la Ciencia de Raimon Panikkar
- Ruorong Xu (Renmin University of China): Human Will or Divine Will? An Analysis of the Debate of Free Will between Erasmus and Luther

Sala 4.08
Fenomenologia I
Moderadora: Irene Borges Duarte (Universidade de Évora)

- Luís Aguiar de Sousa (Universidade Nova de Lisboa): A leitura merleau-pontyana de Husserl e o sentido e alcance da fenomenologia
- Adriano Melo Medeiros (Universidade Federal de Roraima): Merleau-Ponty e a investigação fenomenológica da percepção como desvelamento da dialética humana
- Renato dos Santos (Pontifícia Universidade Católica do Paraná): Do corpo à carne: Merleau-Ponty e a radicalização do sensível

13h00-14h00
Almoço / Lunch

14h00-15h00
Sessão plenária II / Keynote Address

Anfiteatro da Parada
Moderadora: Sofia Miguens (Universidade do Porto)

- João Branquinho (Universidade de Lisboa): Phenomenology and Luminosity

15h00-15h15
Pausa / Pause

15h15-16h45
Sessões paralelas / Parallel Sessions

Anf. Parada
Mesa-Debate: Ensino da Filosofia
Moderador: José António Domingues (Universidade da Beira Interior)

- Joaquim das Neves Vicente (Universidade de Coimbra)
- Maria João Couto (Universidade do Porto)
- Maria Luísa Ribeiro Ferreira (Universidade de Lisboa): Três questões sobre ensinar e aprender filosofia no Ensino Secundário

Anf. 211
ST *Aporofobia, el rechazo al pobre, de Adela Cortina* (sessão 1)
Promotor: Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
Moderador: Flavio Williges (Universidade Federal de Santa Maria)

- Ana Carina Vilares (Universidade do Porto): Aporofobia: a vinculação da redistribuição ao reconhecimento
- Flavio Williges (Universidade Federal de Santa Maria): Adela Cortina e o papel das emoções altruístas na superação da aporofobia
- Maria do Céu Pires (Universidade da Beira Interior): *Aporofobia* e os desafios da ética *cordis* na era digital

- Jesús Conill-Sancho (Universidad de Valencia): "Aporofobia": una palabra para transformar la realidad

(N.B.: Debate e respostas de Adela Cortina na sessão 2 desta ST: às 17h00, Anf. 211)

Sala 2.03
ST *Autonomia, democracia e tecnologia*
Promotor: Instituto de Filosofia da Universidade do Porto
Moderador: João Rebalde (Universidade do Porto)

- Paula Oliveira e Silva (Universidade do Porto): Três perspetivas sobre autonomia: Suárez, Kant e Inteligência Artificial
- Joana Serrado (Universidade do Porto): Slave Subjectivities: The Trafficked Philosophy of the Black Rosa Maria, Egipcíaca
- Rosa Colmenarejo Fernández (Universidad Loyola Andalucía): Why Democratic Systems Must Face the Risk Big Data Poses for their Core Values?

Sala 2.04
Filosofia Política III
Moderador: Adriano Correia Silva (Universidade Federal de Goiás; Presidente da ANPOF)

- André Barata (Universidade da Beira Interior) – Graça Rojão (Universidade da Beira Interior): O desafio de pensar o decrescimento – problemas conceptuais e o papel do Estado
- Ana Luísa Casseb (Universidade do Porto): Solidariedade Cooperativa
- Beatriz Gavete Bernad (Universidad de Zaragoza): Participación, movilización, ¿revolución? Repensando los nuevos contextos socio-políticos

Sala 2.06
Filosofia Política IV
Moderador: Bruno Serra (Universidade da Beira Interior)

- João Diogo R. P. G. Loureiro (Universidade de Coimbra): Espinosa e a razoabilidade do gesto revolucionário
- Marcelo de Sant'Anna Alves Primo (Universidade Federal de Sergipe): Educação, democracia e laicismo: algumas aproximações entre Condorcet e Holbach
- Paulo Fernando Rocha Antunes (Universidade de Lisboa): Marx, o "caráter de fetiche/feitiço" e a sua tripla definição: com referência a De Brosses e a Freud

Sala 2.07
Ética II
Moderadora: Ana Leonor Morais Santos (Universidade da Beira Interior)

- Luís Filipe Fernandes Mendes (Universidade da Beira Interior): Kant e Arendt sobre a natureza do juízo moral
- Angela Luzia Miranda (Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Universidad del País Vasco): Elementos para uma crítica heideggeriana à ética jonasiana
- Victoria Tenreiro Rodríguez (Universidad de Valencia): Creer en el Otro: una lectura actual de la alteridad en Emmanuel Levinas

Sala 2.08
Metafísica I

Moderador: David Geraldes Santos (Universidade da Beira Interior)

- Fernando Furtado (Universidade de Lisboa): S5-denying Approach to Relativized Metaphysical Modality
- Ricardo Santos Alexandre (Instituto Universitário de Lisboa): A suspensão do eu: uma interpretação antropológica do conceito de 'nada' no pensamento japonês
- Róbson Ramos dos Reis (Universidade Federal de Santa Maria): Pluralismo ontológico na fenomenologia hermenêutica de Heidegger

Sala 2.02
Epistemologia II

Moderador: Mattia Riccardi (Universidade do Porto)

- Nuno Venturinha (Universidade Nova de Lisboa): Epistemological Vertigo and Morality
- Kamil Cekiera (University of Wroclaw): The Epistemic Status of Philosophical Intuition – What Is the Controversy?
- Luiz Carlos Pereira (Universidade do Estado do Rio de Janeiro): Ecumenism: a New Approach to Conflicting Logics

Sala 4.06
Filosofia da Linguagem I

Moderador: João Marques Martins (Universidade de Lisboa)

- Verónica Guerrero Molina (Universidad de Granada): Hermenéutica y género: el conocimiento desde la subalteridad
- Rogerio Foschiera (Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Campus Viamão): A capacidade linguística humana em Charles Taylor

Sala 4.07
Filosofia do Direito I

Moderador: Alfredo Carlos Storck (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

- Ana Margarida Simões Gaudêncio (Universidade de Coimbra): A exigência (pós-moderna) de tolerância na intersubjectividade, entre ética e direito – virtude, princípio e/ou critério?
- Brisa Paim Duarte (Universidade de Coimbra): Pensamento jurídico, racionalidade prática e juízo estético – o aproveitamento do binómio *phronēsis-aisthesis* no contexto das decisões judiciais: um *diálogo cruzado*
- Monica Vasques Monteiro de Barros (Universidade Federal de Juiz de Fora): A Filosofia do Direito sob a perspectiva fenomenológica

Sala 4.08
História da Filosofia III

Moderadora: Celia López Alcalde (Universidade do Porto)

- Fátima Regina Évora (Universidade Estadual de Campinas): A controvérsia acerca da relação entre natureza e movimento nos corpos elementares: Aristóteles e Filopono
- Thiago Henrique Rosales Marques (Universidade Estadual de Campinas): Filopono v. Aristóteles, duplo movimento natural
- Patrícia Calvário (Universidade do Porto): Experiência corporal da luz incriada e divina na *Defesa dos hesicastas* de Gregório Palamas

16h45-17h00: Pausa / Pause
Café / Coffee and Refreshments.

17h00-18h30
Sessões paralelas / Parallel Sessions

Anf. Parada
ST *Pragmatics, Education and Argumentation*
Promotor: Instituto de Filosofia da Nova, Universidade Nova de Lisboa
Moderadora: Chrysi Rapanta (Universidade Nova de Lisboa)

- Fabrizio Macagno (Universidade Nova de Lisboa): Discursive and Probative Relevance in Educational Argumentation
- Marina Martins (Universidade Federal de Minas Gerais) – Rosária Justi (Universidade Federal de Minas Gerais): Analysing the relationships between students' argumentative reasoning and their views on nature of science
- Chrysi Rapanta (Universidade Nova de Lisboa) – Andri Christodoulou (University of Southampton): Walton's Types of Argumentation Dialogues as Classroom Discourse Sequences

Anf. 211
ST *Aporofobia, el rechazo al pobre*, de Adela Cortina (sessão 2)
Promotor: Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
Moderador: Flavio Williges (Universidade Federal de Santa Maria)

- Emilio Martínez Navarro (Universidad de Murcia): "Aporofobia" (desprecio y rechazo al pobre): una actitud corrosiva
- Flavio Comim (Universitat Ramon Llull): Aporofobia e plutofilia
- Adela Cortina (Universitat de València): Comentários e réplicas

Sala 2.03
Epistemologia III
Moderador: Léo Peruzzo Júnior (Pontifícia Universidade Católica do Paraná)

- António de Carvalho Pais (Universidade Nova de Lisboa): A ação e o conhecimento nos jogos de linguagem de Wittgenstein
- Maria Joana Vilela (Universidade Nova de Lisboa): Ver as coisas como elas são – Wittgenstein: regras e naturalidade
- Vanessa Duron Latansio (Universidade Nova de Lisboa): A proposta epistemológica de Wittgenstein: o saber, a dúvida e a certeza

Sala 2.04
Estética II
Moderador: Abel Franco (California State University)

- Inés Moreno (Universidad de la República del Uruguay; Consejo de Formación en Educación de La Administración Nacional de Educación Pública): Francis Hutcheson: la autonomía y especificidad de la experiencia de lo bello y su problemática extensión al arte
- Paulo Alexandre Lima (Universidade de Lisboa): Nietzsche: um conto de duas tragédias

- Vasco Castro (Universidade do Porto): A salvaguarda da mediação a partir de uma leitura crítica de Deleuze

Sala 2.06
Ensino da Filosofia II

Moderador: Maria João Couto (Universidade do Porto)

- Carlos Manuel Jorge Alves (Universidade Nova de Lisboa): O Pensamento Crítico na época do Pós-Verdade
- Leila Athaides da Rosa (Universidade Federal do Paraná): A relação entre a produção filosófica no ensino médio e o impulso lúdico em Friedrich Schiller
- Sérgio Lagoa (Associação de Professores de Filosofia): Ensinar Filosofia no Século XXI

Sala 2.07
Filosofia Política V

Moderadora: Rosa Colmenarejo Fernández (Universidad Loyola Andalucía)

- Lola S. Almendros (Consejo Superior de Investigaciones Científicas): Política en tiempos de Big Data
- Patrícia Fernandes (Universidade da Beira Interior): O que tem a filosofia a dizer sobre a tecnologia do controlo?
- Rita de Cássia Ferreira Lins e Silva (Pontifícia Universidade Católica do Paraná): O mundo sensível e a crise do poder constituído

Sala 2.08
Filosofia da Mente

Moderadora: Nélida Gentile (Universidad de Buenos Aires)

- Steven S. Gouveia (Universidade do Minho) – Georg Northoff (University of Ottawa): O problema da percepção e a procura pelo melhor modelo do cérebro
- Ana Raquel Rodrigues Loio Pinto (Universidade da Beira Interior): O contributo das práticas meditativas orientais para o estudo científico da consciência
- Jorge Gonçalves (Universidade Nova de Lisboa): Fatores motivacionais no delírio

Sala 2.02
História da Filosofia IV

Moderadora: Paula Oliveira e Silva (Universidade do Porto)

- Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo): Retrospectiva sobre as ciências intermediárias
- Mário João Rosas Rebelo Correia (Universidade do Porto): Francisco Suárez e a suficiência das categorias
- Vera Rodrigues (Universidade do Porto): Platonismo e aristotelismo na "querela dos universais" no séc. XII[in]

Sala 4.06
História da Filosofia V

Moderadora: Ana Margarida Simões Gaudêncio (Universidade de Coimbra)

- Cláudia Maria Fidalgo da Silva (Universidade do Porto): O conceito de esperança na filosofia moral kantiana

- Marina García-Granero (Universitat de València): El concepto de "raza" en el pensamiento de Nietzsche
- Henrique Jales Ribeiro (Universidade de Coimbra): National and Transnational Philosophies and Philosophical Traditions in the 21st Century

Sala 4.07
Filosofia da Natureza e do Ambiente II
Moderadora: Maria José Varandas (Universidade de Lisboa)

- Bernhard Sylla (Universidade do Minho): Leituras ambientalistas da obra de Heidegger. Uma análise crítica
- João Pinheiro (Universidade de Lisboa): Three Consequences of Evolutionary Theory for the Nature of Moral Norms, Justification and Values
- Thiago Vasconcelos (Pontifícia Universidade Católica do Paraná): De que ou de quem exatamente nós falamos quando falamos dos animais?

Sala 4.08
Fenomenologia II
Moderador: Cláudio Alexandre S. Carvalho (Universidade do Porto)

- Láira Melo de Oliveira (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia) – Larissa Alana Marinho das Almas (Universidade Federal da Bahia, Campus Anísio Teixeira): Fenomenologia e cognição corporalizada: a influência de M. Merleau-Ponty em F. Varela
- Vanessa Mendes Martins (Universidade da Beira Interior): Sartre: uma Fenomenologia do Olhar em Situação
- Ana Cristina Reis-Cunha (Universidade de Lisboa): Do sublime como fenómeno saturado

Sala 4.09
Filosofia Luso-Brasileira I
Moderadora: Joana Serrado (Universidade do Porto)

- Elvis Pachêco (Universidade Federal de Santa Catarina): A dialéctica-ontológica de Mário Ferreira dos Santos
- Rodrigo Araújo (Universidade do Porto): Um sopro de silêncio
- Luís Garcia Soto (Universidade de Santiago de Compostela): Saudades e queixumes

18h40-19h40
Homenagem a Artur Morão

Anf. Parada
Homenagem a Artur Morão, tradutor de Filosofia

Moderador: António Campelo Amaral (Universidade da Beira Interior)

- António Fidalgo (Reitor da Universidade da Beira Interior)
- Américo Pereira (Universidade Católica Portuguesa)
- José Frazão (Superior Provincial da Companhia de Jesus)

20h00-21h30
Jantar do Congresso / Congress Dinner
Bar da UBI – Polo I
(Todos os participantes registados / All registered participants)

7 de Setembro / 7th September

9h30-10h30
Sessão plenária III / Keynote Address

Anfiteatro da Parada
Moderador: José Silva Rosa (Universidade da Beira Interior)

- Maria Filomena Molder (Universidade Nova de Lisboa): "Mais vale dois pássaros a voar do que um na mão"

10h30-11h00: Pausa / Pause
Café / Coffee and Refreshments.

11h00-13h00
Sessões paralelas / Parallel Sessions

Anf. Parada
ST *Soberania Nacional num Mundo Pós-Westfaliano: Transformações de um conceito, transformações de uma prática*
Promotor: Instituto de Filosofia da Nova, Universidade Nova de Lisboa
Moderadores: André Santos Campos – Gabriele De Angelis

- Gabriele De Angelis (Universidade Nova de Lisboa): Soberania económica e legitimidade política na União Económica e Monetária
- Filipe Nobre Faria (Universidade Nova de Lisboa): Soberania individual e política: Uma avaliação evolutiva
- Regina Queiroz (Universidade Nova de Lisboa): Soberania popular em Locke e Kant
- André Santos Campos (Universidade Nova de Lisboa): A Autoridade da Soberania ou a Soberania da Autoridade: o fundamento e a justificação política da *auctoritas*

Anf. 211
ST *Espaço público, resistência e movimentos sociais*
Promotor: RG *Philosophy and Public Space* – Instituto de Filosofia da Universidade do Porto
Moderadora: Ana Carina Vilares (Universidade do Porto)

- Paula Cristina Pereira (Universidade do Porto): Democracia, sociedade civil e movimentos sociais
- Giuseppa Maria Spenillo (Universidade do Porto): Henri Lefebvre e o direito à cidade como uma possibilidade de resistência
- Joaquim Escola (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro): A construção da cidadania digital numa civilização tecnológica
- Maria Assumpta Coimbra (Universidade do Porto): Paradoxos e desafio(s) no modo de apropriação do espaço público na era digital

Sala 2.03
ST *A Filosofía para Crianças: pensamento crítico, redescrição, solidaridade e criação do eu*
Promotor: Universidad de Sevilla

Moderador: José Barrientos-Rastrojo (Universidad de Sevilla)

- José Barrientos-Rastrojo (Universidad de Sevilla): A criação privada do eu e a solidariedade pública com os outros na Filosofia para as Crianças. Uma aproximação à disciplina desde Richard Rorty
- Magda Costa Carvalho (Universidade dos Açores): A Filosofia para Crianças *con-quista* a Filosofia
- Joana Rita da Silva Sousa (filocriatiVIDAde): Kant e o "imperativo categórico" da prática da investigação filosófica
- Dina Mendonça (Universidade Nova de Lisboa): A Filosofia para Crianças e o aprofundamento dos processos de aprendizagem – o diálogo filosófico e as capacidades argumentativas

Sala 2.04
ST *Fenomenologia da Vida: reflexões em torno do pensamento de Michel Henry* (sessão 1)
Promotor: Universidade da Beira Interior, LabCom.IFP

Moderador: Albano Pina (Universidade da Beira Interior)

- Janilce Silva Praseres (Universidade da Beira Interior): A ideia da fenomenologia em Michel Henry
- Ana Paula Rosendo (Universidade Católica Portuguesa, Lisboa): O problema da luta de classes no pensamento de Marx, segundo Michel Henry
- Ângela Lacerda Nobre (Instituto Politécnico de Setúbal): Material Phenomenology and Social Responsibility – Henry's contribution to contemporary challenges
- Adriano Furtado Holanda (Universidade Federal do Paraná): Da indeterminação fenomenológica na leitura do fenômeno psicopatológico

Sala 2.06
Filosofia Política VI

Moderadora: Patrícia Calvário (Universidad do Porto)

- Rui Manuel de Matos Filipe (Universidade de Lisboa): Jean-Jacques Rousseau e o fim do Contratualismo Clássico
- Marcela da Silva Uchôa (Universidade de Coimbra): The Concept of Justice as Equity in Hannah Arendt
- Samuel de Paiva Pires (Universidade da Beira Interior): A separação entre sociedade civil e Estado e a crise do Estado soberano
- Wesley Leite Feitosa (Universidade Federal do Maranhão) – Ellen Caroline Vieira de Paiva (Universidade Federal do Maranhão): O europeu do futuro como "nova síntese": Nietzsche e a tarefa etnológica do Ocidente

Sala 2.07
Filosofia Política VII

Moderadora: Tânia Aparecida Kuhnen (Universidade Federal do Oeste da Bahia)

- David Filipe dos Santos (Universidade da Beira Interior): A *praxiologia* da igualdade na filosofia de Jacques Rancière
- Gianfranco Ferraro (Universidade Nova de Lisboa): Teologia económica e subjectivação democrática: o problema Michel Foucault

- Manoel Coracy Saboia Dias (Universidade Federal do Acre): A filosofia ricoeuriana da política
- Diogo Carneiro (University of Warwick): Objectividade e reflexão crítica em Thomas Nagel

Sala 2.08
Filosofia Política VIII

Moderadora: Ana Raquel Rodrigues Loio Pinto (Universidade da Beira Interior)

- Luis Alexandre Ribeiro Branco (Universidade de Lisboa): O pessimismo nacional à moda brasileira
- Saulo Henrique Souza Silva (Universidade Federal de Sergipe): A crise da democracia e o avanço do autoritarismo no Brasil
- Claudio Arqueros V. (Think Tank Fundación Jaime Guzmán): Condiciones de posibilidad de la concordia política en las sociedades fragmentadas. El rol del Estado subsidiario y los cuerpos intermedios
- Robert Vinten (Universidade Nova de Lisboa): Should Wittgensteinians Adopt a Particular Conception of Justice?

Sala 2.02
Ética III

Moderadora: Angela Luzia Miranda (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

- Marcelo Bonhemberger (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul): Engelhardt: arquétipo da bioética secular
- João Batista Farias Junior (Universidade Federal de Goiás): A responsabilidade pelo mundo: algumas considerações a partir de Hans Jonas e Hannah Arendt
- Rui Silva (Universidade dos Açores): Pressuposições empíricas da ética das virtudes: um diálogo entre ética e psicologia
- Ana Isabel Cardoso Figueiredo Sol (Universidade de Coimbra): Do controlo a uma praxis reflexiva: novos desafios (bio)éticos para o século XXI

Sala 4.06
Ética IV

Moderador: João Ribeiro Mendes (Universidade do Minho):

- Ana Leonor Morais Santos (Universidade da Beira Interior): Utopia, distopia ou simplesmente futuro? Desafios éticos do *human enhancement*
- Denis Coitinho (Universidade do Vale do Rio dos Sinos): O problema da sorte moral e a punição
- Maximilian Kiener (University of Oxford): Voluntariness and The Right to Withdraw Consent
- João Emanuel Diogo (Universidade de Coimbra): A liberdade é a possibilidade do isolamento: a escolha da eutanásia

Sala 4.07
Metafísica II

Moderador: Nuno Venturinha (Universidade Nova de Lisboa)

- Cameron Wright (University of South Florida): Soteriology and Time in the Sarvastivada Buddhist Theory of *dharma*
- Robert Andres Martins Junqueira (Universidade de Coimbra): Poetic Reading of Leonardo Coimbra's Monadology with Focus on Reality

- Carlos F. D. Bubols (Universidade Federal de Santa Maria): Da discordância à identificação entre o viver e o narrar: a noção de *entrecruzamento* entre a vida e a narrativa no pensamento de Paul Ricœur
- Weicong Ruan (Renmin University of China): God in Eternity and Things in Time: An Existential Distinction in Augustine's *Confessions*

Sala 4.08
Estética III

Moderador: Henrique Jales Ribeiro (Universidade de Coimbra)

- Fernando M. F. Silva (Universidade de Lisboa): Kant on Poetic Representations
- Abel Franco (California State University): Every Space Matters: The Significance of Our Daily Aesthetic Choices of Architectonic Spaces
- Carlos Bizarro Morais (Universidade Católica Portuguesa): O virtual como categoria da experiência estética
- Diana Neiva (Universidade do Minho): Filosofia através do cinema: entre uma posição deflacionária e uma posição ousada

Sala 4.09
Filosofia da Linguagem II

Moderador: Urbano Mestre Sidoncha (Universidade da Beira Interior)

- Pedro Santos (Universidade do Algarve): Embedded implicatures and globality
- João Marques Martins (Universidade de Lisboa): Rule-following Paradox e Regras Jurídicas
- Léo Peruzzo Júnior (Pontifícia Universidade Católica do Paraná) – Bortolo Valle (Pontifícia Universidade Católica do Paraná): Realidade e Cognição na Ciência: sobre aspectos do Realismo em Wittgenstein
- Pablo B. Sánchez Gómez (Universidad Nacional de Educación a Distancia): La traducción imposible en(tre) Heidegger y Derrida

13h00-14h00
Almoço / Lunch

14h00-15h00
Sessão plenária IV / Keynote Address

Anfiteatro da Parada

Moderador: João Cardoso Rosas (Universidade do Minho)

- Markus Gabriel (Universität Bonn): On the Essence and Existence of so-called "Fictional Objects" / Sobre a essência e a existência dos chamados "objectos ficcionais"

15h00-15h15: Pausa / Pause

15h15-16h45
Sessões paralelas / Parallel Sessions

Anf. Parada
Mesa-Debate: Ética e Política
Moderador: José Manuel Santos (Universidade da Beira Interior)
- João Cardoso Rosas (Universidade do Minho)
- José Barata-Moura (Universidade de Lisboa)
- Marta Mendonça (Universidade Nova de Lisboa)

Sala Conselhos
ST *III Symposium Petrinicum* (sessão 1)
Promotor: Projeto *Estudo e edição crítica das obras atribuídas a Petrus Hispanus* (Ref. FCT: PTDC/MHC-FIL/0216/2014), Instituto de Filosofia da Universidade do Porto
Moderadora: Eleonora Lombardo (Universidade do Porto)
- Ana Patrícia Pereira Ferraz Soares Ferreira (Universidade do Porto): A teoria da abstração no Comentário de Petrus Hispanus ao *De anima* de Aristóteles
- Celia López Alcalde (Universidade do Porto): Quem se conhece a si próprio e como? O problema do autoconhecimento nas obras atribuídas a Pedro Hispano
- João Rebalde (Universidade do Porto): Natureza e provas da existência da alma na *Scientia libri de anima* atribuída a Petrus Hispanus

Anf. 211
Estética IV
Moderador: António Correia Lopes (SPF – Universidade de Lisboa)
- Rômulo Eisinger Guimarães (Universidade Federal de Santa Maria; Friedrich-Schiller-Universität Jena): *Von Königsberg nach Konstanz*: on Kant's theory of aesthetic judgment and its possible updating by the Constance School
- Masatoshi Sasaki (Kochi College): Die Möglichkeit der Dichtung im Zeitalter der Technologie
- Niall Kennedy (Independent researcher): The Intercessor or Heteronym in Gilles Deleuze and Fernando Pessoa

Sala 2.03
Epistemologia IV
Moderador: Jorge Gonçalves (Universidade Nova de Lisboa)
- Marcelo da Costa Maciel (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro): Os limites do cognoscível: um estudos das afinidades entre Max Weber e o ceticismo grego
- Inês Sousa (Universidade do Porto): Evidência, crença, alucinação. O conceito de alucinação em Fernando Gil
- Sâmara Costa (Universidade do Porto): Neo-empirismo e percepção: problemas e propostas

Sala 2.04
Ensino da Filosofia III
Moderadora: Maria Teresa Santos (Universidade de Évora)
- Antonio Júlio Garcia Freire (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte) – Izanete de Medeiros Costa (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte): O estudo do *elenchos* nos

diálogos socráticos como possibilidade de aprimorar a argumentação crítica dos alunos de Filosofia no Ensino Médio

- Tiago Casado (Faculdade Paulus de Comunicação; Faculdade Cásper Líbero) – Leslye Revely dos Santos Arguello (Universidade Presbisteriana Mackenzie; Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado): As artes visuais na Filosofia e na Comunicação: relatos de experiências estético-éticas no processo de formação de estudantes de graduação
- Liliane Barreira Sanchez (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro): Filosofando com as crianças: uma proposta de formação para uma cidadania crítica e criativa

Sala 2.06
Filosofia da Ciência II

Moderador: Paula Cristina Pereira (Universidade do Porto)

- João Ribeiro Mendes (Universidade do Minho): A Tecnoesfera do Antropoceno: um exame da conceção de Peter Haff sobre a tecnologia
- Paulo Cesar Coelho Abrantes (Universidade de Brasília): Imagens nas explicações do comportamento social humano
- Brena Paula Magno Fernandez (Universidade Federal de Santa Catarina): Viés androcêntrico na teoria da escolha racional? Uma crítica feminista

Sala 2.07
Filosofia do Direito II

Moderador: André Barata (Universidade da Beira Interior)

- Edward Duván Orozco Pereira (Universidad Industrial de Santander) – Andrés Botero Bernal (Universidad Industrial de Santander): Validez jurídica y moral de la justicia transicional desde la filosofía de Schopenhauer
- Luiz Felipe Xavier Gonçalves (Universidade Federal de Pernambuco): Para uma Filosofia do Direito em Nietzsche: Direito em perspectiva genealógica
- Paulo Henrique Rodrigues Pereira (Universidade de São Paulo): A Leitura de Hannah Arendt da Razão Reflexiva: elementos para reinterpretar a teoria moral Kantiana

Sala 2.08
Ensino da Filosofia IV
Moderador: Sérgio Lagoa (Associação de Professores de Filosofia)

- José António Domingues (Universidade da Beira Interior): O criticismo do ensaio
- José Alves Jana (Clube de Filosofia de Abrantes): Por um novo paradigma de acesso à Filosofia

Sala 2.02
História da Filosofia VI

Moderador: Edmilson Menezes (Universidade Federal de Sergipe)

- Pierre Vesperini (Universidade do Porto): Les origines antiques de la formule *Natura naturam vincit*
- Claudio Marín Medina (Universidad Alberto Hurtado): Los antecedentes spinocianos del monismo de doble aspecto
- Encarnación Ruiz Callejón (Universidad de Granada): El tratamiento de las pasiones en Madame de Staël y la negación de la voluntad en Schopenhauer

Sala 4.06
História da Filosofia VII

Moderador: Pedro Santos (Universidade do Algarve)

- Mattia Riccardi (Universidade do Porto): Há mesmidade para além da identidade. Uma defesa da leitura de "Um objeto" do idealismo transcendental
- Bianca Machado (Universidade de Brasília): Um estudo sobre Adorno e a apropriação crítica da dialética hegeliana
- Alexandre Couture-Mingheras (Paris 1 Panthéon-Sorbonne): Le désir d'universel: *theoria* et *praxis* chez Russell

Sala 4.07
Fenomenologia e Epistemologia V

Moderador: Carlos Bizarro Morais (Universidade Católica Portuguesa)

- Guelfo Carbone (Independent researcher): Alien, Crisis, Home. Patočka's Phenomenological Critique to Eliade
- Moisés Ferreira (Universidade da Beira Interior): Cultura e amadurecimento: E. Cassirer, D. Winnicott e a questão da construção de si
- Matheus Malty Rubin (Universidade de Heidelberg): Pluralismo em conhecimento social. Uma análise da adoção do pluralismo em Helen Longino (2002)

Sala 4.08
Filosofia Luso-Brasileira II

Moderador: Nuno Ribeiro (Universidade Nova de Lisboa)

- Renato Epifânio (Instituto de Filosofia Luso-Brasileira – Universidade do Porto) A Lusofonia enquanto bloco geocultural
- David Fernández Navas (Universidad Complutense de Madrid): Maria Gabriela Llansol y María Zambrano: el sí profundo a la oscuridad
- Mário Carneiro (Universidade de Lisboa): Ética e Pensamento em Fidelino de Figueiredo

16h45-17h00: Pausa / Pause
Café / Coffee and Refreshments.

17h00-18h30
Sessões paralelas / Parallel Sessions

Anf. Parada
Mesa-Debate: Atualidade e futuro da investigação em Filosofia em Portugal
(Representantes de unidades de investigação em Filosofia portuguesas)

Moderador: José Manuel Santos (Universidade da Beira Interior)

- Carlos Bizarro Morais (Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos, UCP, Braga)
- Filipa Afonso (Centro de Filosofia, UL, Lisboa)
- João Ribeiro Mendes (Centro de Ética, Política e Sociedade, UM, Braga)
- Joaquim Braga (Instituto de Estudos Filosóficos, UC, Coimbra)
- José Manuel Santos (Lab.Com – Instituto de Filosofia Prática, UBI, Covilhã)
- Paula Oliveira e Silva (Instituto de Filosofia, UP, Porto)
- Samuel Dimas (Centro de Estudos de Filosofia, UCP, Lisboa)

Anf. 211
Filosofia da Natureza e do Ambiente III

Moderador: Bernhard Sylla (Universidade do Minho)

- Fabio Alves Gomes de Oliveira (Universidade Federal Fluminense): Os animais não-humanos e a filosofia política contemporânea
- Tânia Aparecida Kuhnen (Universidade Federal do Oeste da Bahia): Limites da abordagem do holismo sistêmico e do biocentrismo na proteção das formas de vida humanas e não humanas
- Thaline Luize Ribeiro Fontenele (Universidade Federal do Rio de Janeiro): Os problemas ambientais no curso da vida política e a invisibilidade da natureza e da mulher nesse contexto

Sala 2.03
Filosofia Política IX

Moderador: Gabriele De Angelis (Universidade Nova de Lisboa)

- João Freitas Mendes (Universidade de Lisboa): Desculpem a redundância: a justiça material como fundamento político da Administração Pública
- Manuel António Monteiro Da Cruz (Universidade do Porto): Desobediência civil em democracia sob o ponto de vista ético e político
- Maria Alexandra Valadas (Michigan State University): "I am the world's wounds. My wounds become the world" – Vulnerability, Reflexivity, and Ontology

Sala 2.04
Filosofia Política X

Moderador: Fabrizio Macagno (Universidade Nova de Lisboa)

- José Ronaldo de Oliveira Marques (Universidade Federal da Paraíba): A crítica habermasiana do modelo de espaço público de natureza burguesa e o novo projeto de democracia deliberativa
- Thomaz Fernandes Rocha Mota (Universidade Federal da Paraíba): O irreparável: uma leitura da ontologia política agambeniana em relação com o Novo Realismo
- Maria Constança Peres Pissarra (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo): A democracia em questão: um governo para um povo de deuses?

Sala 2.06
Ética IV

Moderador: Chrysi Rapanta (Universidade Nova de Lisboa)

- Sofia Miguens (Universidade do Porto): Is there a Single Way for all Humans to be Human? Two Problems for Aristotelian Naturalism in Contemporary Moral Philosophy
- André Alves Ferreira (Universidade de Lisboa): Transhumanism and Personhood
- Inês Salgueiro (Universidade Nova de Lisboa): Confrontando Hume: a ética transcendental de Kant

Sala 2.07
Ensino da Filosofia V

Moderador: Magda Costa Carvalho (Universidade dos Açores)

- Edvan Tito Carneiro Guerra (Universidade Federal de Pernambuco): Ensino de Filosofia, teatro e *ação* arendtiana em diálogo
- António Rocha Martins (Universidade de Lisboa): O ensino da Filosofia em tempo de crise
- João Maria Pires (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte): Ensino de Filosofia: construindo espaços dialógicos em sala de aula, na perspectiva do pensar crítico-criativo

Sala 2.08
Estética V

Moderadora: Ana Raquel Rodrigues Loio Pinto (Universidade da Beira Interior)

- Luís Lóia (Universidade do Porto): A via estética para a Origem
- Nuno Ribeiro (Universidade Nova de Lisboa): Fernando Pessoa, Pascal e Novalis: Estética do sonho e criação heteronímica
- Nilo Casares (http://comisario.net): El arte poscontemporáneo linda al este con la *flat-screen* y al oeste con la *Flat Ontology*

Sala 2.02
Filosofia da Ciência II

Moderador: Lola S. Almendros (Consejo Superior de Investigaciones Científicas)

- Eduardo Castro (Universidade da Beira Interior): Laws of Nature and Explanatory Circularity
- João Luís de Lemos e Silva Cordovil (Universidade de Lisboa): Necessita o Realismo Estrutural Ontológico estar comprometido com Fundamentalismo Metafísico?

Sala 4.06
Epistemologia VI

Moderador: Marcelo Bonhemberger (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)

- Edmilson Menezes (Universidade Federal de Sergipe): Memória e inteligibilidade em Descartes
- Paul Michael Whitfield (San Francisco State University): On the Place of Kantian Intuitions in Debates About Nonconceptual Content
- Rodolfo Gaeta (Universidad de Buenos Aires) – Nélida Gentile (Universidad de Buenos Aires) – Susana Lucero (Universidad de Buenos Aires): Naturalized Epistemology. Constructive Empiricism as a case study

Sala 4.07
Filosofia da Técnica

Moderadora: Irene Borges Duarte (Universidade de Évora)

- Ângelo Nunes Milhano (Universidade de Évora): Linguagem técnica e ideologia: Martin Heidegger e o papel da «Com-posição» («*Ge-stell*») no processo de tecnificação da linguagem
- Maria Adelaide Pacheco (Universidade de Évora): Confrontação e cuidado na era da técnica
- Jane Rodrigues Guimarães (Universidade de Évora): A máquina e a questão da tecnologia em Deleuze e Guattari

Sala 4.08
Fenomenologia e História da Filosofia
Moderadora: Dina Mendonça (Universidade Nova de Lisboa)

- Sonia E. Rodríguez García (Universidad Nacional de Educación a Distancia): Aproximándonos a una fenomenología del sentimiento en la obra de Charles Taylor
- Cláudio Alexandre S. Carvalho (Universidade do Porto): Fenomenologia da vivência melancólica em Tellenbach
- Dioclézio Domingos Faustino (Universidade de São Paulo): Moral e cuidado de si em Foucault

Sala Conselhos
ST *III Symposium Petrinicum* (sessão 2)
Promotor: Projeto *Estudo e edição crítica das obras atribuídas a Petrus Hispanus* (Ref. FCT: PTDC/MHC-FIL/0216/2014), Instituto de Filosofia da Universidade do Porto
Moderadora: Celia López Alcalde (Universidade do Porto)

- Eleonora Lombardo (Universidade do Porto): Ensino e pregação nos sermões de Pedro Hispano OP
- José Higuera Rubio (Universidade do Porto): *Liber naturalis de rebus principalibus naturarum*: aspetos médicos e astrológicos
- José Meirinhos (Universidade do Porto): Apetite sensitivo e vontade intelectiva na *Scientia libri de anima* de Petrus Hispanus

18h45-19h00
Sessão de encerramento / Closing Session
Anf. Parada
Anúncio do 4º Congresso Internacional da SPF (setembro de 2020)

19h00
Recepção de encerramento / Closing Reception
Aberta a todos os participantes registados / Open to all registered participants)

RESUMOS // ABSTRACTS

1. Keynotes

Adela Cortina

(Universidad de Valencia, ES)

La razón cordial: antídoto contra la aporofobia, impulso para la democracia

En el tránsito del siglo XX al XXI se produce un proceso de recesión democrática, por el que pierden calidad las democracias tradicionales, no nacen otras nuevas y aumenta el número de democracias y movimientos iliberales. Sin embargo, no se proponen formas alternativas de organización política como mejores, sino profundizar en la democracia y perfeccionarla. Para lograrlo urge analizar las causas de la recesión y sugerir caminos para impulsar democracias más plenas. Uno de esos caminos consiste en fortalecer en la vida cotidiana y en las instituciones políticas y económicas los valores ético-políticos imprescindibles desde una ética filosófica capaz de hacerse cargo tanto de la fundamentación como de la motivación del quehacer moral, orientado a la construcción de una democracia más plena, que sería una democracia liberal-social.
La intervención se propone (1) analizar la actual situación de recesión democrática y tratar de averiguar cuáles son las causas esenciales del declive, (2) abordar el concepto de aporofobia y en qué medida es uno de los obstáculos para construir democracias más plenas, (3) desarrollar la propuesta de una ética de la razón cordial, en diálogo con relevantes éticas actuales, (4) mostrar cómo la ética de la razón cordial, al unir razón y sentimientos, es capaz de fundamentar y a la vez de motivar a la acción moral, (5) apuntar caminos para encarnar la ética de la razón cordial en las instituciones de las sociedades pluralistas.

Adela Cortina es Catedrática de Ética y Filosofía Política en la Universidad de Valencia, miembro de la Real Academia de Ciencias Morales y Políticas, siendo la primera mujer que ingresa en esta Academia desde su fundación en 1857. Como becaria del DAAD y de la Alexander von Humboldt-Stiftung profundizó estudios en las Universidades de Múnich y Francfort, donde trabajó con Apel y Habermas, creadores de la ética del discurso, que introdujo en el mundo español e iberoamericano. Ha sido directora del Máster y del Programa de Doctorado Interuniversitario con Mención hacia la Excelencia "Ética y Democracia" y de la Fundación ÉTNOR, miembro del Consejo Asesor de la International Development Ethics Association. Es Doctora *Honoris Causa* por diversas universidades, Premio Internacional de Ensayo "Jovellanos" 2007 y Premio Nacional de Ensayo 2014. Es colaboradora del diario *El País*. Entre sus libros cabe recordar *Ética mínima* (Tecnos, 1986), *Ética sin moral* (Tecnos, 1990), *Ética aplicada y democracia radical* (Tecnos, 1993), *Ciudadanos del mundo* (Alianza, 1997), *Alianza y Contrato* (Trotta, 2001), *Por una ética del consumo* (Taurus, 2002), *Ética de la razón cordial* (Nobel, 2007), *Las fronteras de la persona* (Taurus, 2009), *Justicia cordial* (Trotta, 2010), *Neuroética y neuropolítica* (Tecnos, 2011), *¿Para qué sirve realmente la ética?* (Paidós, 2013) y *Aporofobia, el rechazo al pobre* (Paidós, 2017).
E-mail: Adela.Cortina@uv.es

João Branquinho

(Universidade de Lisboa, PT)

Phenomenology and Luminosity

This talk examines two interesting and seemingly trivial claims about phenomenal consciousness, about the relation between a conscious state (pain) and its phenomenology, the way in which the state is felt (the feel of pain). Here are the claims: (1) Pains are necessarily felt as pains; (2) Feelings of pain are necessarily pains. Claims (1) and (2), or something along the same lines, seem to be endorsed by Kripke and Chalmers and play a crucial role in the modal arguments they put forward against type physicalism, the view that every type of mental state is strictly identical to some type of state of the brain or central nervous system. Despite their looking like conceptual truths, both claims

are arguably problematic. We distinguish two readings for each claim, which are labelled the *epistemic* reading and the *trivial* reading. We then argue as follows. If assigned the epistemic readings, claims (1) and (2) are problematic to the extent that they entail the arguably false view that phenomenal states are luminous (in Williamson's sense of luminosity). On the other hand, if assigned the trivial readings, claims (1) and (2) are problematic to the extent that they seem to clash with empirical evidence from neuroscience.

João Branquinho took his doctorate at the University of Oxford, where he studied with Tim Williamson. He is presently Full Professor of Philosophy at the Faculty of Letters of the University of Lisbon, where he teaches Logic, Metaphysics and Foundations of Cognitive Science. He was for around 20 years the coordinator of the LanCog (Language, Mind and Cognition) Research Group of the same University. A past President of the European Society for Analytical Philosophy (2002-2005), João edited the book *The Foundations of Cognitive Science* (Oxford University Press: 2002) and co-edited the book *Enciclopédia de Termos Lógico-Filosóficos* (Martins Fontes: 2006). He also co-edited the open acess volume *Compêndio de Problemas de Filosofia Analítica*. João's areas of specialization are: Philosophy of Language, Metaphysics, and Foundations of Cognitive Science. He has published in peer-reviewed international journals such as Analysis and Philosophical Perspectives. João founded the journal *Disputatio* in 1996, and edited and co-edited it (with Teresa Marques) until January 2015. João's current work is on the dynamics of indexical belief, the nature of modes of presentation, the relations between rigid designation and content, the scope and nature of metaphysical necessity, and the concept of existence.
E-mail: jbranquinho@campus.ul.pt

Maria Filomena Molder

(Universidade Nova de Lisboa, PT)

"Mais vale dois pássaros a voar do que um na mão"

O título é uma citação de Eduardo Chillida e faz parte dos tesouros que desmancham a evidência da sabedoria prudencial. Nas suas palavras sopram os ventos das "cem portas traseiras" de que Nietzsche fala em *A Gaia Ciência*, pelas quais ele "pode escapar aos hábitos duradouros". Também em Eduardo Chillida se trata de cultivar os hábitos breves e exercitar os paradoxos e as contradições. Parte-se do princípio de que, quando as há, as palavras dos artistas fornecem as boas condições para compreender a convivência entre limite e desmedida, cujo jogo serve de pasto a essa contínua combustão ígnea a que chamamos arte.

Maria Filomena Molder. Professora catedrática em Filosofia/Estética, Universidade Nova de Lisboa e Investigadora do Instituto de Filosofia da Linguagem da Universidade Nova de Lisboa/IFILNOVA. Membro do Conseil Scientifique do Collège International de Philosophie entre 2003 e 2009. Últimas publicações: *O Químico e o Alquimista*. *Benjamin leitor de Baudelaire*, Relógio d'Água, Lisboa, 2011 (Prémio Pen-Clube 2012 para o ensaio). *As Nuvens e o Vaso Sagrado*, Relógio d'Água, Lisboa, 2014. *Depósitos de Pó e Folha de Ouro*, Lumme, São Paulo, 2016. *Rebuçados Venezianos*, Relógio d'Água, Lisboa, 2016 (Prémio AICA 2017). "Was weiß Louise Bourgeois, das ich nicht weiß?", *Lettre International*, 114, 2016, Berlin. "Green Leaves, Green Sorrows. On Víctors' Erice *Broken Windows*" in *Thinking Reality and Film through Time*, Cambridge, 2017, chap. XVIII, pp. 266-280. *Cerimónias*, Chão da Feira, Belo Horizonte. *Dia Alegre, Dia Pensante, Dias Fatais*, Relógio d'Água, Lisboa, 2017.
E-mail: mfmolder@gmail.com

Markus Gabriel

(Universität Bonn, DE)

On the Essence and Existence of so-called "Fictional Objects"

It is an equally widespread and erroneous assumption in contemporary ontology that fictional objects belong to the class of non-existent objects.

One of the reasons for this belief is the overall problem of non-existence, which I call "the Eleatic Riddle". According to this paradox, we cannot refer to or think about non-existent objects without thereby forcing them into existence by the very nature of reference and thought. Given that we have many true (and false) beliefs about objects essentially talked about in fictional contexts (in artworks such as theatre plays, operas, movies, etc.; in dreams; in large-scale social illusions etc.), we have evidence of their existence. At the same time, our modern scientific outlook is based on the idea that we cannot trust our way of speaking about reality and rely on our messy "folk metaphysical" commitments. Arguably, this world-view puts pressure on the essence and existence of so-called "fictional objects".

In my talk I will argue for ontological relativism about non-existence. According to this position, there are no absolute non-existence facts. What there is not, depends on what there is in a field of sense. Conversely, what there is also depends on the field of sense under investigation. The field of sense of fictional objects turns out to be constituted by the ontological fact that its objects are essentially interpretation-dependent. They would not have existed, had they not been subjected to an interpretation. In this context, I will introduce a distinction between "hermeneutical" and "meta-hermeneutical" objects and defend the view that fictional objects have their essence in virtue of meta-hermeneutical contexts (which I call "scores") and that they exist in light of an interpretation.

Markus Gabriel (Dr. phil. and Habilitation, Heidelberg University) holds the chair in epistemology, modern and contemporary philosophy at the University of Bonn where is also the director of the International Center for Philosophy and the Center for Science and Thought. He is a recurrent visiting professor at Paris 1-Panthéon Sorbonne and together with Jocelyn Benoist a director of the CNRS sponsored "Centre de recherches sur les nouveaux réalismes". Currently, he is a senior fellow of the Alexander von Humboldt foundation. He served as a visiting professor at many universities, including: Universidade de Lisboa, UC Berkeley, New School for Social Research, PUC-Rio de Janeiro, University of Aarhus, Università di Palermo. Gabriel works mainly on metaphysics/ontology, epistemology and attempts to make sense of German Idealism and its implications for contemporary theoretical philosophy. His books include: *Why the World does not Exist* (Polity 2015), *I am not a Brain* (Polity 2017), *Fields of Sense. A New Realist Ontology* (Edinburg University Press 2015), *Der Sinn des Denkens* (Ullstein 2018), *Der Mensch im Mythos* (De Gruyter 2006), *Skeptizismus und Idealismus in der Antike* (Suhrkamp 2009). He has published more than 100 papers. His current book project is called "Fictions" and will be published by Suhrkamp in 2019.

E-mail: gabrielm@uni-bonn.de

2. Comunicações / Talks

Abel B. Franco

(California State University, USA)

Every Space Matters: The Significance of Our Daily Aesthetic Choices of Architectonic Spaces

The decision to realize each of our daily activities — or *any* activity for that matter — carries with it the *obligation* to choose a space for them. Not only must we use spaces but we also *want* to choose well. We are constantly searching for the *right* place to do things (the right café, the right table inside the café, etc.). Why this is so and why this seems to matter so much for each of us is the main issue I am concerned with in this paper. Particularly relevant of these choices is (a) that we are concerned with making a good decision *at each occasion* in which we must make one, even for apparently inconsequential choices (we spend some time doubting about the *right* bench to have a sandwich in the park); and (b) that functionality is often neither the main concern, nor even a significant one. I defend here that the choices of spaces we freely make in our daily lives —spaces *to do something* — are in part or mainly of an aesthetic nature. When the function is not relevant, we choose spaces that affect the quality of the *experience* of doing those tasks. This quality is the distinctive *aesthetic* value of *doing something in a particular space* (as opposed to simply doing something or simply being in a particular space). I will call this value *inhabitability* and will suggest that there is also a distinct accompanying aesthetic emotion (that discriminates that quality/value). But not only the quality of *each* experience is at stake; the quality of our life as a whole is too. The aesthetic quality of an architectonic space (*qua* space) seems to result from the degree of inhabitability we perceive in that particular space, that is, from the perception of the quantity and quality of the possibilities of realization of our ideal of life that the space seems to afford. In this sense, each occasion in which we are searching for a space to realize a particular activity we are dealing with an *irreplaceable*, *unique* and *urgent* opportunity not only to continue the ongoing (daily) realization of our ideal of life but to *increase* it. We are trying to choose a space which affords the *best* realization of our ideal of life *given that* we have already decided to undertake this particular action at this particular moment — and given that we have certain particular options to choose from. Our happiness is at stake.

Abel B. Franco holds a Litentiate Degree in Philosophy (1992) and a Litentiate Degree in French Philology (1997) from the University of Salamanca, Spain; a M.A. in History (1998) from the Graduate Center of the City University of New York (CUNY); a Ph.D. in Philosophy from the University of Salamanca (1999) and a Ph.D. in History and Philosophy of Science (2006) from the University of Pittsburgh (EE.UU). He has taught in different CUNY campuses (Brooklyn College, Lehman College and Borough of Manhattan Community College), at the University of Pittsburgh and, since 2006, at California State University, Northridge (CSUN) where he is currently an Associate Professor of the Philosophy Department. He has written, given talks and published, mainly on the History of Natural Philosophy (especially Middle Ages and 17th century), on the History of Philosophy (especially the 17th century and, in particular, Descartes), on the History and Philosophy of Mind (especially emotions), and on Aesthetics (especially the relation between emotions and art in the Baroque and in contemporary philosophy of architecture and philosophy of fiction).
E-mail: abel.franco@yahoo.com

Adelaide Fins

(Sorbonne Université, FR; Universidade de Coimbra, PT)

Le principe responsabilité: Hans Jonas et Paul Ricœur

La science et la technique ont profondément bouleversé et amélioré, depuis deux siècles, les conditions de vie des êtres humains dans les pays industrialisés. Toutefois, les pouvoirs technologiques ont engendré simultanément des dangers d'une nature et d'une portée inconnus dans l'histoire de l'humanité. Il en résulte au 20ème siècle une prise de conscience montrant que le progrès des connaissances et des savoir-faire n'est pas nécessairement un bien en soi comme on le pensait dans les siècles précédents. L'utopie du progrès fait place désormais à une crise de l'idée d'un progrès certain de l'humanité. Il semble que l'agir humain devient plus menaçant dans certaines des perspectives qu'il ouvre et que l'éthique traditionnelle soit ainsi remise en question.
La réflexion éthique forme le cadre des questions que l'individu et la société se posent, désarçonnés par la complexité des problèmes propres au monde contemporain, où la menace de voir disparaître l'Autre est permanente. Nous cherchons donc dans cette analyse à ouvrir un horizon de la responsabilité qui puisse se concevoir par l'idée que l'intelligence humaine doit se donner un idéal moral à suivre, et se traduire dans les termes d'une responsabilité qui se vit dans la présence à soi telle que nous la trouvons dans la philosophique de Paul Ricœur et de Hans Jonas.
Nous allons partir des cadres de la pensée éthique et politique contemporaine que nous empruntons aux philosophes Hans Jonas et Paul Ricœur pour questionner les nouvelles formes de vie moderne. La responsabilité étant au centre de l'éthique, nous nous demandons sur quelles bases, et sur quels plans éthique et politique, nous sommes en mesure de formuler aujourd'hui l'exigence d'une éthique de la responsabilité.
Nous commencerons avec le diagnostic de Hans Jonas (1979), en partant de ce qu'il appelle le «vide éthique» afin de décliner certains aspects de la crise de la modernité. Cette étape de notre réflexion se situera dans une optique théologique à propos de questions liées au rapport de l'homme à son environnement naturel et technique. Nous en viendrons ensuite à la philosophie éthique de Paul Ricœur (1986, 1990, 1991, 1995, 2001, 2017), où la capacité d'initiative de l'homme au regard de son identité, de sa responsabilité et de sa fragilité se forme à partir d'un travail herméneutique de la subjectivité. Nous confronterons ainsi l'heuristique optimiste de Paul Ricœur à l'heuristique de la peur de Hans Jonas afin d'élaborer un cadre conceptuel pour une philosophie éthique du sujet.

Adelaide Fins. Sorbonne Université, ED V, EA 3559 **/** Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Universidade de Coimbra (CECH). Prépare une thèse de doctorat: «Devenir soi-même entre création littéraire et sollicitude: l'éthique des *Nouvelles Lettres Portugaises*», en Philosophie éthique et politique, co-tutelle de thèse entre Sorbonne Université sous la direction de Mme Hélène L'Heuillet et l'Université de Coimbra sous la direction du Professeure Luisa Portocarrero. Master 2 de Philosophie Politique et Éthique à Sorbonne Université. Master 2 de Littérature Portugaise et Études Lusophones à Sorbonne Université. Chercheuse au sein du laboratoire «Rationalités Contemporaines»; au Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos de FL-Universidade de Coimbra (CECH); au Fonds Ricœur à Paris. Organisatrice du Colloque International de Sorbonne Université: «Au cœur des savoirs: le *care* et la sollicitude? Approches pluridisciplinaires», le 22-23 mai 2018. Publications: *Santé et bien-être à l'épreuve de la littérature*, dir. Maria de Jesus Cabral et José Domingues de Almeida, Limoges, Éditions Lambert-Lucas, 2017; *Les grandes œuvres de la philosophie en fiches. Auteurs classiques et contemporains*, dir. C. Ruby, Paris, Ellipses, 2016; «Repenser l'éthique à travers l'imagination narrative et littéraire dans la pensée de Paul Ricœur et Martha Nussbaum», *Bulletin d'analyse phénoménologique*, XIII/1, 2017, Serie Actes 10: *L'Acte d'imagination: aproches phénoménologiques*, dir. M. Hagelstein, A. Hervy et B. Leclercq.
E-mail: gfins.adelaide@gmail.com

Adriano Furtado Holanda

(Universidade Federal do Paraná, BR)

Da indeterminação fenomenológica na leitura do fenômeno psicopatológico

O fenômeno psicopatológico se apresenta como um objeto de ambiguidade no contexto das Ciências da Saúde, notadamente nas ciências "psi" (Psicologia e Psiquiatria), visto sua inobjetividade e inapreensibilidade formal enquanto objeto empírico. Esta ambiguidade – ou dualidade – se expressa na possibilidade do fenômeno da psicopatologia se apresentar como metáfora antropológica do sujeito próprio do humano, naquilo que presentifica seus aspectos ônticos e ontológicos. Como fenômeno empírico, real e concreto da mundanidade do sujeito humano, a "loucura" (aqui como representação privilegiada do fenômeno psicopatológico) se apresenta por um conjunto de estruturas comportamentais divergentes do contexto normativo tradicional; se mostra em expressões de corporeidade e afetividade dissonantes; e se caracteriza por uma "irracionalidade" determinante. A proposta desse trabalho é estabelecer o recurso ao pensamento de Michel Henry, a partir da sua *Fenomenologia Não-Intencional*, como possibilidade de compreensão do fenômeno da "loucura", a partir das categorias da afetividade e da corporeidade. Partimos do princípio da "indeterminação fenomenológica", na consideração do aparecer do fenômeno para além do seu conteúdo – ou, naquilo que Henry descreve como o "Como da doação" – como possibilidade para a compreensibilidade da experiência psicopatológica: "O Como da doação de um fenômeno é a sua fenomenalidade pura, não aquilo que aparece, mas o modo de aparecer, quer dizer, finalmente, o aparecer como tal". É nesta caracterização do aparecer do fenômeno da "loucura" como tal, em sua fenomenalidade pura e em suas variabilidades de manifestação, que se espera lançar luzes para sua compreensibilidade própria, enquanto fenômeno mundano – onticamente situado – e enquanto vislumbre de uma ontologia desse ser situado.

Adriano Furtado Holanda. Doutor em Psicologia, Professor Assistente do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Coordenador do Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade (www.labfeno.com.br). Editor da *Phenomenological Studies – Revista da Abordagem Gestáltica* (http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_serial&pid=1809-6867).
E-mail: aholanda@yahoo.com

Adriano Melo Medeiros

(Universidade Federal de Roraima, BR; Escola Normal Superior de Paris, FR)

Merleau-Ponty e a investigação Fenomenológica da percepção como desvelamento da dialética humana

Na obra *Estrutura do Comportamento*, Merleau-Ponty promove uma relativização dos termos alma e corpo ao estabelecer que a compreensão de cada termo depende da interação de ambos. Nesta relação, o corpo se apresenta como massa de compostos químicos, como dialética do vivente e do seu meio biológico, como dialética do sujeito social e seu grupo, e cada um desses degraus aparece enquanto alma do precedente e corpo do subsequente. Para alcançar o sentido disto que ele chamou de dialética humana, ele afirma ser necessário interrogar a consciência perceptiva. Contudo, é apenas em sua obra posterior que ele põe em prática este projeto. No livro intitulado Fenomenologia da Percepção, o ex-aluno da Escola Normal Superior de Paris desenvolve uma análise fenomenológica da existência que parte dos órgãos da percepção, principalmente olhos e pele, ou antes, visão e tato; desemboca em uma investigação de nosso modo de ser em relação com o mundo, o tempo e os outros seres humanos que promove uma nova compreensão da mistura corpo-alma. Voltando à coisa mesma, isto é ao ser humano tal qual existe de fato, Merleau-Ponty não se dirige ao homem nem como organismo nem como psiquismo, mas como um vai-e-vem existencial que se apresenta ao mesmo tempo corporalmente e pessoalmente. Em sua obra prima,

ele propõe que é possível alcançar um entendimento mais profundo do problema da relação alma-corpo, através de um desvelamento da natureza enigmática do corpo que temos a experiência atual, isto é, do corpo próprio; do corpo que se dirige em direção ao mundo, que é veículo do ser-no-mundo e mediador do mundo, que habita o espaço e o tempo, e desta forma superar as clássicas soluções desta problemática. Este artigo, fruto de uma pesquisa bibliográfica na qual utilizou-se uma abordagem hermenêutico-crítica e qualitativa, tem por objetivos: apresentar essa investigação fenomenológica da percepção como meio de acesso privilegiado à mistura corpo-alma; e examinar os resultados desta teoria da dialética humana elaborada por Merleau-Ponty. Desse estudo, depreende-se que o filósofo francês apresenta uma solução que, por um lado, pode ser considerada como uma alternativa ao dualismo e ao monismo, ao espiritualismo e ao materialismo, e por outro, pode facilmente conciliar-se com qualquer paradigma utilizado até então, para resolver o problema da relação alma-corpo.

Adriano Melo Medeiros. Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (2005). Bacharel em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (2007). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (2008). Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Estética, Filosofia Política (Rousseau), Fenomenologia (Merleau-Ponty) e Teoria Crítica (Adorno e Walter Benjamin). Atualmente é professor de estética no curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Roraima e doutorando na Escola Normal Superior de Paris.
E-mail: adriano.medeiros@ufrr.br; amigodesophia@gmail.com

Albano Pina

(Universidade da Beira Interior, PT)

***A circularidade da lei e da história nos* Discorsi sopra la prima Deca di Tito Livio**

Nesta apresentação pretendemos reavaliar um dos problemas centrais da Teoria da Democracia, o chamado 'paradoxo da fundação' (ou 'paradoxo político'), a partir do republicanismo maquiaveliano. Este paradoxo consiste no facto de nenhum regime possuir um fundamento absolutamente legítimo, conservando algo de contingente, ou seja, de estritamente histórico, relacionado com o seu momento originário. Longe de propor uma saída para o problema aqui tratado, tentaremos colocar em evidência — com base num conjunto de passagens do Livro I dos *Discorsi* — a sua estrutura irredutivelmente aporética, mostrando como qualquer pretensa solução definitiva (semelhante à que Rousseau avançou no *Contrato Social*, II, 7) se limita a reproduzir sub-repticiamente o paradoxo que visa resolver.

Albano Pina. Licenciatura em Filosofia pela Universidade Nova de Lisboa; Mestrado em Ciência Política pela UBI (Universidade da Beira Interior) com uma dissertação intitulada "Conflito, Ordem e Poder no pensamento político de Maquiavel". Presentemente associado à unidade de investigação LabCom.IFP e doutorando em Filosofia pela UBI.
E-mail: afalcaopina@gmail.com

Alexandre Couture-Mingheras

(Paris 1 Panthéon-Sorbonne, FR)

Le désir d'universel:* theoria *et* praxis *chez Russell

Nous proposons une relecture de Russell à l'aune du problème suivant: comment être impersonnel tout en étant personnel, être universel tout en étant particulier? Il est clair que ces deux aspects du rationalisme, pratique et théorique, ne peuvent être séparés, et qu'ils ont pour racine cet effort pour se faire «pur esprit».

Nous voudrions montrer qu'il est un tel passage à l'universel à partir de 1913-1914, tant dans de le cadre de la théorie de la connaissance que dans celui de l'éthique. La rupture, dans les deux cas, est une rupture avec le réalisme «métaphysique» des objets et des valeurs. Pour la première, l'objet n'est plus cause de mes sensations, mais une *fiction logique*: on ne va pas plus de l'objet à la sensation mais de la sensation à l'objet. Loin de résoudre le problème, le réalisme «métaphysique», au-delà de tout apparaître, ne fait que le reconduire, car si l'on peut comprendre que le réel est cause de la perception, en sens inverse, on ne voit pas comment le sujet pourrait, sortant de soi, sauter par-dessus ses percepts. Pour la seconde, s'il est des valeurs universelles déjà existantes, alors c'est la morale qui se trouve annulée (comme possibilité de choix) et incompréhensible est le fait que nul ne s'accorde sur le Bien. Cette rupture s'accomplit, aux dires de Russell, suite à la lecture des *Winds of Doctrine* de Santayana qui, en son quatrième chapitre, retraçait l'histoire de la conception russellienne de l'éthique qui, en dernier lieu, était objectiviste. En d'autres termes, comment fonder le savoir sur l'expérience particulière? Et comment être moral, et vouloir l'universel, dès lors que l'émotion est celle d'un particulier? De même que c'est au niveau de la sensation qu'il faudra dégager de l'objectivité, de même est-ce au niveau de l'émotion ou du désir que se pourra dégager une forme d'universel et se former un système de jugements axiologiques. Il ne s'agit donc pas, pour résoudre le problème, véritable, de l'universel, d'aller de l'objectif au subjectif, mais de partir du subjectif pour dégager de l'objectif.
C'est cette question qui, selon nous au cœur de la pensée russellienne, conduira aux *sensibilia* dans la construction logique du monde, dont l'idéal de désir universel en éthique constitue le strict corollaire. Ce problème se pose tant en pratique qu'en théorie. Car de part et d'autre, il s'agit de partir de ce qui est lié au sujet. En théorie de la connaissance, Russell part de l'expérience. En éthique, du désir. C'est là une ressemblance structurale qui, à notre connaissance, n'a pas été exhibée. Il est donc une chose à accomplir: l'union du particulier à l'universel. En éthique cela prend la forme d'une inscription progressive mais à jamais réalisée de l'intersubjectif à même l'intrasubjectif: le désir particulier, comme base première, doit néanmoins se départicularisер, dans cet idéal spinoziste que nourrit Russell pour l'*amor intellectualis dei*. En théorie de la connaissance, l'intersubjectivité se trouve, dès 1914, totalement réalisée à même l'intrasubjectif: l'*ego* est le support d'une intersubjectivité idéale que, comme *archè* originaire et logique, il commande. Mais si dans le premier cas il s'agit d'un idéal car l'universel est à l'horizon à titre de visée asymptotique, dans le second cas l'universel se trouve doublement réalisé sous forme d'un réel indépendant de moi, comme universel par-devers moi (l'intelligible) et comme donné sensoriel irrésorbable dans l'acte de sensation (le sensible).

Alexandre Couture-Mingheras. PhD on Neutral Monism, under the supervision of Jocelyn Benoist (Paris 1), particularly working on the debate between realism and idealism and transcendental idealism and its origins (Immanenzphilosophie).
E-mail: alex.couture.mingheras@gmail.com

Alfredo Carlos Storck

(Universidade Federal do Rio Grande do Sul, BR)

Há Direito sem direitos subjetivos? Notas em um debate

A apresentação terá por foco as críticas lançadas pelo historiador e filósofo do direito Michel Villey à noção de direitos humanos. Em um primeiro momento, serão apresentados os principais momentos da crítica e seu contexto na obra de Villey, sobretudo no que concerne à interpretação, fornecida pelo pensador francês, acerca da origem da noção de direitos subjetivos. Em um segundo momento, serão indicadas algumas dificuldades com as quais a tese se defronta, seja do ponto de vista histórico, seja do conceitual.

Alfredo Carlos Storck. Professor titular do Departamento de Filosofia da UFRGS. Possui graduação em Filosofia e Direito, mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, doutorado em Filosofia – Université de Tours (Université François Rabelais) e pós-doutorados nas Université de Paris I Sorbonne e Berkeley University. É professor associado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em História da Filosofia Medieval e Filosofia do Direito.
E-mail: alfredo.storck@ufrgs.br; alfredostorck@gmail.com

Ana Carina Vilares

(Universidade do Porto, PT)

Aporofobia: a vinculação da redistribuição ao reconhecimento

Ao partir de uma análise histórica da obra de Adela Cortina, começando pela *Ética mínima* de 1986, ancorando em *Aporofobia* de 2017, podemos afirmar que a categoria ético-política do reconhecimento sempre esteve presente no pensamento da filósofa, sobretudo, desde a publicação de *Alianza y contrato* de 2005 e desenvolvida com maior acuidade na sua *Ética de la razón cordial* de 2007. O vínculo lógico que a ética comunicativa sempre evidenciou existir entre seres humanos capazes de dialogar acerca da validade das normas que os afectam, capazes, portanto, de discurso, segundo Karl-Otto Apel e Jürgen Habermas; é por Adela Cortina alargado à ascensão do vínculo compassivo, prática de uma ética da razão cordial que pensa, discursa e argumenta, mas que também cuida, se preocupa e ocupa dos afetados. Daqueles e daquelas que mais sofrem e que mais precisam de reconhecimento: os pobres, os trabalhadores precários, os emigrantes, os refugiados, no fundo, os mais fracos. Pessoas que de uma forma ou de outra acabam por sofrer na pele algum tipo de discriminação devido à sua pertença a uma determinada classe, sexo, género, raça, religião ou cultura, e dadas as diferenças que lhes são intrínsecas.
Para Axel Honneth, a exemplo, o paradigma do reconhecimento «encontra-se no meio entre uma teoria moral que remonta a Kant e às éticas comunitaristas: com a primeira partilha o interesse em normas tão universais quanto possível, que são entendidas como condições para possibilidades determinadas, mas com as segundas partilha a orientação pela finalidade da auto-realização humana.» E é difícil, de facto, estabelecer esse ponto de encontro entre a dignidade e a fragilidade humanas em busca desta dupla realização pessoal e coletiva, ponto a desenvolver por sociedades apelidadas de democráticas e, consequentemente, pós-socialistas: afinal, como podemos relacionar a atitude ética do reconhecimento das diferenças, da alteridade que assiste a cada comunidade e dentro dela a cada um dos seus membros, e o princípio formal e abarcador da dignidade humana que pretende conduzir a sociedade a uma redistribuição mais igualitária? É possível essa união entre redistribuição e reconhecimento? Pode a compaixão enquanto emoção-alerta para o sentido da justiça ser suficiente para a constituição dessa relação? Através do filosofema da razão cordial, ainda em 2007, Adela Cortina respondeu positivamente a esta última questão, sobretudo na sua *Ética de la razón cordial* que se centrava na questão ético-política do reconhecimento. Em *Aporofobia*, Adela Cortina estende as questões éticas do reconhecimento à questão política da redistribuição, em menos palavras, à questão filosófica da igualdade, que de acordo com a visão pós-socialista de Apel e Habermas, e do seu princípio da acção comunicativa, reformula o pensamento de Karl Marx sobre os fenómenos do trabalho e da interacção no momento histórico em que estes não podem ser esquecidos.

Ana Carina Vilares. Doutorada em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Ética e Filosofia Política, com a tese Ética, cidadania e educação: a filosofia prática de Adela Cortina. Publicada em livro pelas Edições Afrontamento com o título *O percurso ético do reconhecimento: um diálogo com Adela Cortina* (Porto, 2017). Investigadora integrada do RG *Philosophy and Public Space* do Instituto de Filosofia da FLUP. Principais áreas e interesses de investigação: Ética e Política (articulação); Filosofia Social e Política; o conceito e a prática do Reconhecimento como questão filosófica. Referências de base, de estudo e de

aprofundamento hermenêutico: Aristóteles, Kant, Hegel, Marx, Arendt, Rawls, Habermas, Honneth, Cortina, Benhabib e Fraser.

Ana Cristina Reis-Cunha

(Universidade de Lisboa, PT)

Do sublime como fenómeno saturado

O sublime põe-nos em causa fazendo-nos estremecer, dando-se repentinamente e com a intensidade de um raio. Escapa à medida comum e faz-nos sentir fora do tempo e do espaço. Na experiência do sublime há como que um sentimento de estranheza alucinatória em que não se distingue o finito do infinito, o possível do impossível, o conhecido do desconhecido, o visível do invisível.

Jean-Luc Marion, que tem vindo a marcar o pensamento hodierno com a fenomenologia da doação, considera que Kant dá, na sua doutrina do sublime, um magnífico exemplo de um fenómeno saturado. No caso do sentimento do sublime verifica-se uma superabundância do fluxo intuitivo que bloqueia as faculdades reflexivas e conceptuais do sujeito. Trata-se de um fenómeno saturado, ou paradoxo, em que o excesso de intuição impede que qualquer conceito a ela se adeque.

O fenómeno saturado, não objetivável, insuportável, absoluto, inobservável, introduz um paradoxo na fenomenologia. O aspeto peculiar do fenómeno saturado é o seu excesso, uma vez que excede a intuição e não pode ser concebido segundo as formas conceptuais do sujeito. O fenómeno saturado, invisível, inobservável, não por defeito, mas por excesso de luz, impede que a intuição se confine aos limites de um conceito e que chegue, assim, a um objeto definido. É o que acontece no sentimento do sublime.

Quando Kant define o sublime como aquilo que é absolutamente grande, a saber, acima de qualquer comparação, refere-se ao caráter imprevisível da magnitude não sintética, que Marion designa por excesso. O que é absolutamente grande a nada pode ser comparado. Trata-se de um fenómeno saturado, inobjetivável, imprevisível, que não se obtém através de uma síntese sucessiva de partes mas de uma forma imediata, sendo captado por uma intuição instantânea.

Para Marion, o fenómeno sublime é como que uma contra-experiência, uma vez que contradiz as possibilidades de toda a experiência em geral: admite ser visto sem poder ser observado. Trata-se de uma doação pura.

Jean-Luc Marion pretende chegar à doação absoluta dos fenómenos, invertendo o sentido da fenomenologia. O ser humano responde a um dom, a uma doação primordial. O sujeito entrega-se a um dom que resiste a uma racionalidade integral, ou seja, a subjetividade deixa-se ditar pelas condições de doação do fenómeno. A esta mesma luz, poderá dizer-se que há, em Marion, como que uma inversão do sublime de Kant, para quem a verdadeira sublimidade reside no ânimo daquele que julga.

Ana Cristina Reis-Cunha. Iniciou o Doutoramento em Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no ano letivo 2016-2017, tendo concluído o ramo comum da parte escolar em 2018, com a média de 18 (dezoito) valores. Menção Honrosa no Prémio de Ensaio da Sociedade Portuguesa de Filosofia de 2017. Concluiu a parte curricular do Mestrado em Filosofia, em 2016, na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa com a classificação final de 19 (dezanove) valores. É colaboradora do CEFi, Centro de Estudos de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, no âmbito do Espólio do Professor Doutor Alexandre Fradique Morujão. Colaborou, juntamente com Carlos Morujão, Luís Lóia e Teresa Dugos-Pimentel, na coordenação da edição do livro *Diálogos pela Ciência: Correspondência de Alexandre F. Morujão com a Escola de Braga*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 2018. Artigos publicados na área da Filosofia: "Tempos de Barbárie: da necessidade de uma nova ética ambiental", *Griot: Revista de Filosofia*, Amargosa, Bahia, v. 16. n. 2, p. 67-80, dezembro/2017. Intervenções em conferências na área da Filosofia: "Geofilosofia: da escala

euclidiana à escala diatónica da sinfonia harmónica da vida", *Colóquio Estética e Ética da Paisagem*, Lisboa, FLUL, 20/03/2017. Traduziu vários livros das línguas francesa e inglesa.
E-mail: anareiscunha@sapo.pt

Ana Isabel Cardoso Figueiredo Sol

(Universidade de Coimbra, PT)

Do controlo a uma praxis reflexiva: os novos desafios (bio)éticos para o século XXI

Quando, nos anos 70 do século XX, Van Potter lançou as bases teóricas da Bioética, fê-lo a partir da demonstração da necessidade premente da aplicação de princípios éticos ao exercício concreto da medicina e da investigação científica. A urgência desta tarefa justificou-se particularmente num cenário onde ainda ecoavam os efeitos na consciência coletiva das tenebrosas experiências dos campos de concentração nazis, mas também de outros acontecimentos dramáticos, ocorridos nas décadas de 50 e 60 nos Estados Unidos, onde se realizaram experiências não autorizadas com seres humanos em áreas como a transmissão da Sífilis ou da Hepatite B, ou a polémica gerada pelas decisões do Comité de Seattle sobre a seleção de doentes para hemodiálise face à escassez de máquinas disponíveis, ou ainda a célebre controvérsia levantada pelo médico anestesista Henry Beecher acerca do recurso a cobaias humanas denominadas como "seres humanos de segunda classe". Neste sentido, a Bioética nasceu num contexto especialmente profícuo em evidências que reforçaram a necessidade de salvaguardar limiares de dignidade ética na manipulação da vida humana, mas, acima de tudo, veio alertar para a necessidade de regulamentação nacional e internacional das pesquisas em diversas áreas.
Ora no dealbar do século XXI, e em plena era das mais diversas regulamentações nacionais e internacionais com vista ao controlo das intervenções sobre o corpo e a vida humana, os desafios das práticas médicas e científicas à reflexão ética continuam a multiplicar-se, mas os mecanismos de controlo nestas áreas revelam-se difíceis de implementar na prática, reforçando a constatação de que já não é suficiente a intervenção de juristas, governos, organizações internacionais e especialistas em Bioética, mas complementarmente torna-se também necessário o contributo de diversos ramos da Ética Aplicada na resolução de problemas concretos a partir de modelos morais que permitam a sua compreensão e promovam formas de intervenção mais baseadas na reflexividade e na formação ética dos profissionais envolvidos do que na própria ideia de controlo.
Atenda-se, por exemplo, ao setor biotecnológico, à dificuldade do controlo das suas investigações e à amplitude dos seus ramos de investigação, e rapidamente somos confrontados com novos desafios que exigem a intervenção constante não só dos juristas e das instâncias reguladoras, como sobretudo dos especialistas da Bioética e de outros provenientes de diversos ramos da Ética Aplicada na resolução de questões concretas a partir de modelos reflexivos importantes para guiar os caminhos de atuação dos profissionais envolvidos.

Ana Isabel Cardoso Figueiredo Sol. A autora é doutorada em Ética e Política pela Universidade de Coimbra desde 2014. É atualmente investigadora integrada do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras da mesma Universidade onde concluiu, em maio de 2018, um projeto de pós-doutoramento subordinado ao tema "Biotecnologias e Transhumanismo: consequências bioéticas e biopolíticas". Investiga questões no âmbito da Bioética e Biopolítica, assim como temáticas na área da Ética Aplicada.
E-mail: anaisafig@hotmail.com

Ana Leonor Morais Santos

(Universidade da Beira Interior, PT)

***Utopia, distopia ou simplesmente futuro? Desafios éticos do* human enhancement**

Intervenções indirectas no cérebro, como a alimentação e a educação, são socialmente aceites e esvaziadas de conteúdo moral na consideração do seu contributo para a potenciação das capacidades cognitivas. Quando se coloca a questão da intervenção directa, porém, seja por via de fármacos seja por via da implantação de dispositivos, com o mesmo objectivo de potenciar capacidades cognitivas, surge uma dissonância opinativa crivada de juízos éticos, cuja variabilidade pretendemos abordar, alargando a análise à extensão total do conceito de "human enhancement", ou seja, nas suas vertentes física e cognitiva.

Dadas as dificuldades apontadas por alguns autores de tradução do conceito e de delimitação rigorosa entre terapia e potenciação, começaremos por uma discussão e uma circunscrição conceptuais, questionando, de seguida, a relevância moral da distinção entre natural e artificial neste contexto.

Numa segunda parte, procuraremos um enfoque ético do problema, direcionado para três problemáticas, a saber: i) autonomia e liberdade; ii) igualdade e equidade; iii) dignidade e autenticidade. Questionaremos em que medida o desenvolvimento e a utilização de tecnologia direccionada para a potenciação do ser humano podem ser justificados com base na liberdade individual; veremos quais são as questões de justiça colocadas a este propósito; e recuperaremos a discussão acerca do mérito.

Na terceira parte, e na medida em que esta temática não tem apenas uma dimensão teórica e individual, mas igualmente efeitos práticos sociais, discuti-la-emos a partir da questão "direitos e obrigações", perguntando se o *enhancement* deverá ser reconhecido como um direito de todos, transformando-se numa obrigação dos Estados providenciar que todos possam aceder-lhe.

Por fim, abordaremos a problemática da desumanização e da trans-humanização, que recupera a ideia de uma *natureza humana*, da qual decorreria uma concepção de *vida boa*, que muitos defendem e outros tantos rejeitam.

Concluiremos recuperando a perspectiva de Hans Jonas, na sua afirmação da necessidade de uma nova ética que responda à natureza qualitativamente nova de certas acções. A este propósito, é nossa convicção que a ética aplicada não deve fechar-se numa transferência simples de princípios e pressupostos teorizados pelas éticas normativas, devendo, antes, abrir-se ao diálogo com investigadores das ciências cognitivas e da computação, programadores informáticos, farmacêuticos, e todos quantos hodiernamente nos impelem à reflexão acerca do humano e das suas acções, a partir de directrizes nunca antes colocadas como potencialmente reais.

Ana Leonor Morais Santos. Universidade da Beira Interior. Professora da Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior desde 2002, onde tem leccionado diversas disciplinas na área da ética. Licenciada em Filosofia pela Universidade Católica Portuguesa (Lisboa). Mestre em Filosofia pela Universidade da Beira Interior, com uma tese na área da ética distinguida com o prémio D. Dinis. Doutorada em Filosofia pela Universidade da Beira Interior. Membro do Núcleo de Filosofia Prática do LabCom.IFP, unidade de investigação na qual trabalha temáticas relacionadas com a filosofia da acção, as suas articulações com as neurociências, bem como tópicos de ética aplicada. Integra, desde 2016, a Comissão de Ética da Universidade da Beira Interior.

E-mail: moraissantos.ana@gmail.com

Ana Luísa Casseb

(Universidade do Porto, PT)

Solidariedade cooperativa

Este trabalho tem como objetivo geral apresentar o conceito de *Solidariedade Cooperativa*, conceito esse que tem o seu ponto de partida na ideia de sociedade como um empreendimento cooperativo de John Rawls, e na ideia de solidariedade enquanto capacidade de um agente abraçar causas estranhas à sua, de Erhard Denninger; e por objetivo específico refletir sobre a sua arquitetura conceitual, a sua aplicabilidade enquanto método interpretativo e de concretização de Direitos no interior de uma democracia constitucional. As problemáticas levantadas em torno destes objetivos dirigem-se a duas questões: 1) de que maneira essa metodologia pode ser incorporada pelas instituições de uma democracia constitucional? 2) que tipos de consequências práticas esta pode trazer em relação à distribuição de direitos e liberdades dentro de uma comunidade política que está sob o regime de uma democracia constitucional? Quanto à primeira questão, o trabalho sustenta a hipótese de que a solidariedade é um valor que está implícito na tradição do constitucionalismo liberal e suas respectivas instituições, no entanto, que necessita de uma tradução que seja capaz de lidar com os desafios de uma comunidade política que é cada dia mais plural e multifacetada, para que possa ser aplicado com mais eficácia pelas instituições. Quanto à segunda questão, será defendido que uma leitura da distribuição de direitos e liberdades pautada na ideia de *Solidariedade Cooperativa* implica em uma concretização mais ampla dos direitos e liberdades daqueles cidadãos que se encontram em uma situação de vulnerabilidade, ao mesmo tempo que opera como um mecanismo de estabilidade social. Como conclusão o trabalho realizará algumas reflexões sobre como essa metodologia pode ampliar direitos e liberdades, bem como constitui uma via que gera mais engajamento mútuo em uma sociedade.

Ana Luísa Casseb. Estudante de doutoramento da Faculdade de Direito da Universidade do Porto. Mestra em Direito, como ênfase em Direitos Humanos, pela Universidade Federal do Pará. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa "Teorias Normativas do Direito". Colunista da Secção de Política do Jornal Universitário do Porto.
E-mail: analuisacasseb@gmail.com

Ana Margarida Simões Gaudêncio

(Universidade de Coimbra, PT)

A exigência (pós-moderna) de tolerância na intersubjectividade, entre ética e direito – virtude, princípio e/ou critério?

A partir do reconhecimento da tolerância enquanto virtude ética, tal como Andrew Fiala o propõe – remontando a *sofrosine* (*σωφροσύνη*), em Sócrates, e à respectiva recuperação por Aristóteles –, pretende reflectir-se acerca do(s) sentido(s) da actual convocação de uma exigência de tolerância na intersubjectividade, em diferentes domínios, mormente no diálogo intercultural. O que se verificará também, ainda que diferentemente, através do diálogo com outras propostas, tal como a de Norberto Bobbio – partindo também de Aristóteles –, conferindo fundamental relevância na consideração da problemática da tolerância a *praotes* (*πραότης*). Projetando-se estas recuperações nos contemporâneos contextos (pós-modernos) de (des)construção da intersubjetividade, na confrontação do ideário individualista pressuposto à Modernidade contratualmente racionalizada na *societas*, já com a recuperação, já com a reinvenção, da integração colectivista da pré-moderna *communitas*, contrapor-se-ão às opções liberais as alternativas comunitaristas, estas destinando um conteúdo específico, ao contrário da formalidade conferida por aquelas, à tolerância. Desenvolvendo assim um sentido de tolerância em que, dada a sua dimensão materialmente densificante, se verificam decisivas referenciações assentes no reconhecimento (Alex Honneth,

Rainer Forst), a distinguir das superações assentes na hospitalidade (Emmanuel Lévinas, Jacques Derrida).
De um tal diagnóstico se partirá para o núcleo decisivo da presente reflexão, uma problematização da tangibilidade e do(s) sentido(s) de tolerância – enquanto virtude, princípio, critério… – e da respectiva admissibilidade na normativa configuração da subjectividade e da intersubjectividade no plano jurídico. Questionando, entre ética e direito, a origem e a índole da exigência de tolerância – já formalmente procedimental, já materialmente fundamentante, e, assim, também, entre *societas* e *communitas*. Caminho este percorrido através da indagação da (im)possibilidade de reconhecer um princípio de tolerância como efectivo princípio jurídico (Arthur Kaufmann), e em que se perspectivarão os correspondentes sentido(s) e limite(s), desde a densificação dogmaticamente material da respectiva fundamentação e conteúdo à sua concretização ao nível da resolução de problemas juridicamente relevantes.

Ana Margarida Simões Gaudêncio é Professora Auxiliar da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra – onde obteve a Licenciatura em Direito, bem como o Mestrado e o Doutoramento em Direito, na especialidade de Ciências Jurídico-Filosóficas – e Investigadora do Instituto Jurídico da mesma Faculdade. As suas principais áreas de investigação são Filosofia do Direito, Teoria do Direito e Metodologia do Direito, tendo proferido conferências em Portugal, Brasil, Estados Unidos, Polónia e Suécia, e publicado vários artigos em revistas portuguesas e estrangeiras. É autora de duas monografias – *Entre o centro e periferia: a perspectivação ideológico-política da dogmática jurídica e da decisão judicial no Critical Legal Studies Movement; O intervalo da tolerância nas fronteiras da juridicidade: fundamentos e condições de possibilidade da projecção jurídica de uma (re)construção normativamente substancial da exigência de tolerância*. É associada fundadora da Associação Portuguesa de Teoria do Direito, Filosofia do Direito e Filosofia Social.

Ana Patrícia Pereira Ferraz Soares Ferreira

(Universidade do Porto, PT)

A teoria da abstração no Comentário de Petrus Hispanus ao* De anima *de Aristóteles

Analisa-se a teoria da abstração na *Sentencia cum questionibus in libros De anima I-II Aristotelis* atribuída a Petrus Hispanus. Nesse comentário incompleto o problema não é diretamente tratado, mas pode ser reconstituído a partir de diversas referências no âmbito da discussão de outras questões epistemológicas. Propõe-se uma reconstituição do papel das diversas faculdades cognitivas intervenientes no processo de abstração, como os sentidos externos e internos e o intelecto (passivo e agente). Para entender melhor a posição de Petrus Hispanus far-se-á uma comparação com a teoria da abstração de um autor coevo, Albertus Magnus, que discute o mesmo problema mas com mais detalhe no seu comentário ao *De anima*.

Ana Patrícia Pereira Ferraz Soares Ferreira. Licenciada em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2016). Na mesma Faculdade frequenta o Mestrado em Filosofia – área de Filosofia Medieval – onde prepara uma dissertação sobre o comentário ao *De anima* atribuído a Petrus Hispanus. Sobre este autor apresentou duas comunicações em colóquios internacionais: «Os sentidos internos e o intelecto na *Sentencia cum Questionibus in libros De anima I-II Aristotelis* atribuído a Petrus Hispanus» (Porto, fevereiro de 2018), «Abstraction and memory in the commentary on *De anima* by Petrus Hispanus», (Leeds, julho de 2018). É investigadora do projeto "Critical Edition and Study of the Works Attributed do Petrus Hispanus – 1" (Ref. FCT: PTDC/MHC-FIL/0216/2014), no Instituto de Filosofia da Universidade do Porto.
E-mail: up201201008@letras.up.pt

Ana Paula Rosendo

(Universidade Católica Portuguesa – Lisboa, PT)

O problema da luta de classes no pensamento de Marx, segundo Michel Henry

Pretendemos desenvolver a ideia de luta de classes sob a perspetiva do pensamento de Michel Henry, com uma reflexão sobre a ideia de classes em Marx, centrando-nos na sua dialética que, na tradição hegeliana, tende a considerar que a positividade e a negatividade se constituem como essência ontológica. Nesta linha de desenvolvimento e a partir da dialética do senhor e do escravo presente no hegelianismo, há uma tendência para considerar a negatividade como um momento passível de manifestação; de se mostrar como "realidade efetiva" no horizonte mundano. Deste pressuposto deriva a necessidade permanente de se "criar" uma classe similar à do proletariado, explorado e espoliado, sem a consideração efetiva da subjetividade viva inerente a este processo. Os explorados que correspondem ao lado da negatividade, são sempre encarados como uma hipóstase daquilo que poderíamos designar como os sofredores, sejam eles mulheres, povos de terceiro mundo, homossexuais, ou outros "explorados". A dialética é uma abstração tal como a categorização extática dos sujeitos que passam a ser rotulados como pertencendo a um ou ao outro lado da "barricada" da universal luta de classes ou luta dos contrários. Portanto, nesta óptica não só há uma projeção da essência humana caracterizada pelo sofrimento e pelo gozo, assim como uma tentativa desesperada de materialização destas duas dimensões que são constituintes dos sujeitos na sua ipseidade viva e que não realidades efetivas, dando-se uma «(...)alienação e objetivação do Homem noutro "ser"(...)» (M. Henry, *Phénoménologie de la Vie*, vol III, Paris, PUF, 2004, p. 106). Segundo a fenomenologia do invisível, há que reler Marx abandonando a dialética do senhor e do escravo que a caracteriza e deforma. A "negatividade" é essência da subjetividade – tal como a positividade – só que não se manifesta no mundo porque o sofrimento originário da auto-afeção passiva, faz nascer todo o processo transcendental que é pura presença do sujeito doado na vida. A objetivação de um processo que se quer meramente transcendental, concreto e subjetivo, enquanto seres encarnados que somos, não é passível de se materializar do modo como Marx tem sido entendido, perspetiva com a qual Michel Henry discorda em absoluto, propondo a sua releitura.

Ana Paula Rosendo é natural de Lisboa, investigadora integrada do Cefi (Centro de Estudos de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa- Lisboa) e colaboradora do CHC/CHAM (Centro de História da Cultura e Centro de História de Aquém e Além Mar) da Universidade Nova de Lisboa.
É Mestre em Ciência Política pelo Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa, sendo também Licenciada em Filosofia por esta Universidade. Autora de vários artigos no âmbito da Fenomenologia e da Ciência Política, áreas preferenciais de investigação; também é professora de Filosofia e de Psicologia no ensino secundário há mais de duas décadas.
E-mail: ana.p.rosendo@sapo.pt

Ana Raquel Rodrigues Loio Pinto

(Universidade da Beira Interior, PT)

O Contributo das Práticas Meditativas Orientais para o Estudo Científico da Consciência

A mente e a consciência são fenómenos difíceis de observar externamente de forma completa. No entanto, é possível observar interiormente (diretamente) as suas dinâmicas. Em "*The View From Within: First-Person Approaches to the Study of Consciousness*", Francisco Varela e Jonathan Shear (1999) consideram que uma abordagem completa para o estudo científico da consciência deve integrar a introspeção, a fenomenologia e as práticas meditativas. Deste modo, Alan Wallace (1999), no artigo "*The Buddhist Tradition of Samatha: Methods for Refining and Examining Consciousness*", e Jonathan Shear e Ron Jevning (1999), em "*Pure Consciousness: Scientific Exploration of Meditation Techniques*", consideram o contributo das técnicas meditativas orientais. A finalidade das práticas

meditativas consiste em tornar a mente num meio preciso de observação dos próprios processos mentais e capaz de alcançar uma experiência de consciência pura sem qualquer conteúdo intencional. A um nível superficial, é fácil ficar ciente de pensamentos, de sentimentos. Comummente, esses processos são facilmente identificados, verbalizados, descritos. Supondo que esse conteúdo mental pode, em algum momento, ser eliminado, permanecendo uma atenção estável e vivaz, resta apenas consciência. Para isso, a mente não pode ser constantemente sujeita à excitação e à lassidão, perseguindo constantemente os seus objetos atrativos, detendo-se em ilusões ou ficando sonolenta. Este é o ponto forte das tradições contemplativas orientais: a observação precisa da mente e o seu treino, de forma a habilitá-la com uma atenção plena. Na perspetiva de Edmund Husserl, de acordo com Shaun Gallagher (1999), para se ter certeza sobre a ciência, é necessário compreender o funcionamento da consciência, o que implica a suspensão de crenças em teorias científicas e a observação da forma de estar consciente no mundo. Esta redução fenomenológica (*epochè*) – a forma de descobrir a natureza constitutiva da consciência – não nega o mundo, mas permite que ele apareça como aparece, ou seja, permite reconhecer que o único acesso epistemológico ao mundo é através da consciência (Gallagher, 1999). Este argumento, ao considerar a mente como precedente de todos os fenómenos, incluindo a própria ciência, aproxima a ciência moderna da contemplação budista. Empiricamente, é possível comprovar que os meditadores entram num estado orgânico incomum, distinto da vigília e do sono. Assim, verifica-se uma certa complementaridade entre abordagens tradicionais contemplativas e a ciência moderna contemporânea, o que impulsiona o desenvolvimento de mais pesquisas no sentido de resolver a questão da consciência e, eventualmente, desenvolver uma nova ciência contemplativa.

Ana Raquel Rodrigues Loio Pinto. Licenciatura em Enfermagem (2007) e Mestrado em Antropologia Médica (2012). A frequentar o Doutoramento em Filosofia na Universidade da Beira Interior, com uma investigação focada na relação fenomenológica entre o estado da mente em vigília, no sonho e no sonho lúcido, considerando uma vertente intercultural que integra o pensamento ocidental e o budismo tibetano. Detentora da Bolsa BID/ICI-UID Labcom.IFP/Santander Universidades-UBI/2017 e colaboradora na Unidade de Investigação Praxis – Centro de Filosofia, Política e Cultura.

André Alves Ferreira

(Universidade de Lisboa, PT)

Transhumanism and Personhood

Human enhancement seems to be a rapidly approaching horizon. With the development of science and technology pathing the way to new and exciting approaches to biomedical engineering, cognitive science and all knowledge related to the possibility of 'artificial' human enhancements, the topic of transhumanism was never so present. In which way will these future possibilities of changing humans affect our own concept of humanity and the parameters which we usually give for human condition? Is the nature of 'person' affected by these human enhancements? Furthermore, in a transhumanist world what should our answer be to the question "what would constitute the death of a (transhuman) person"? In this paper we will discuss the consequences of transhumanism in the concepts of personal identity and death. Discussing a "transhuman persistence of persons" compatible with the enhancement of both physiology and intellect while preserving identity as a necessary and sufficient condition for human death, it will be argued that these future possibilities place a difficult challenge for spatiotemporal physical continuity approaches (e.g. animalism) and the embodied mind approach. I argue that the latter sort of approaches fails to provide an intuitive answer to the question "when do transhuman persons cease to exist?" I, thus, conclude by showing that a Neo-Lockean Psychological Overlapping approach fares better with the challenges that transhumanism poses to the persistence of persons and personhood. The paper will be centered around an as robust as possible definition of what does it take for a person to persist and to cease to exist. What kinds of physiological transformations is a person able to withstand before it ceases to

exist? I argue that this Neo-Lockean Psychological Overlapping approach is the best theory for dealing with the challenges imposed by transhumanism, the reason for this approach to fare better than its rivals is due to transhumanism generally implying physiological and intellectual changes that cannot be maintained in order to preserve identity under the conditions of other physiologically based approaches. Nonetheless, these changes are easily accommodated in a Neo-Lockean theory of persistence over time since it does not require physiological and biological continuity in order to preserve identity. This fact seems to lead to a general revision of our conditions for death not only in a philosophical, but in a medical context for what is for a transhuman person to be dead.

André Alves Ferreira started his career in Philosophy at the University of Porto and now holds a BA (Licenciatura) in Philosophy from the University of Lisbon since 2017 where he currently is a MA student. His BA final thesis had the title "Psychological Continuity: Persistence and Distribution" is about the implications of the fission problem for a psychological continuity theory of personal identity. André is an active member of the academic and research community, being a member of LanCog Research Group and involved in projects like *Argument Clinic* and the Nucleus for Political Studies of the University of Lisbon (nepUL), as well as the Workshop of Analytic Philosophy. His talks include events such as the LV Congreso de Filosofía Joven at Murcia University, the 32nd European Conference on Philosophy of Medicine and Health Care of the European Society for Philosophy of Medicine and Health Care (ESPMH), the 10th Beyond Humanism Conference at the University of Lower Silesia and the 2018 Ian Ramsey Centre Summer Conference at University of Oxford. His main research focus is centered in Philosophical Ethics, more specifically in Personal Identity and Practical Ethics, additionally he has interest in Metaphysics and the persistence of objects and persons.
E-mail: aaferreira@campus.ul.pt

André Barata – Graça Rojão

(Universidade da Beira Interior, PT)

O desafio de pensar o decrescimento à luz da filosofia social e política – problemas conceptuais e o papel do Estado

Nesta comunicação propomos problematizar o decrescimento enquanto paradigma emergente de configurações socioeconómicas de comunidades humanas. A problematização proposta segue duas direcções: por um lado, inquire a moldura conceitual que se tem constituído como racionalidade deste paradigma; por outro lado, persegue as formas de concretização possível numa agenda de políticas públicas transformadoras.

Primeiro, o conceito de 'decrescimento' (degrowth), apesar da sua formação deliberadamente reactiva, tem ganhado uma posição de núcleo agregador das perspectivas constituintes de uma transição de paradigma de bem-estar socioeconómico para uma era cada vez mais confrontada com limites. Contudo, a formação reactiva do conceito, de rejeição da sua contraparte alegadamente central no paradigma vigente — o conceito de crescimento identificado como motor fundamental de desenvolvimento — traz constrangimentos limitadores que importa identificar e avaliar.

Em segundo lugar, independentemente das implicações conceituais da ideia política de decrescimento, há uma agenda de transformações associadas ao decrescimento cujo impacto deve ser avaliado, nas suas dimensões sociais, económicas e política, quanto ao que pode constituir-se como emancipador ou, pelo contrário, inibir vertentes emancipatórias do mundo social. Uma atenção crítica sobre estas inibições deve incidir sobre o aparecimento, amparado na necessidade de conter tendências crescentistas, em formas de pressão ou mesmo de condicionamento sobre liberdades que pontuam a vida civil das sociedades contemporâneas dentro de regimes de democracias liberais. E obriga a interrogar que papel se pode esperar do Estado e nas suas funções sociais, por oposição e paralelamente à sociedade civil, na condução de uma agenda de políticas públicas que deem expressão concreta e positiva à emergência de um paradigma não desenvolvimentista e não crescentista de organização das comunidades humanas.

André Barata. Professor auxiliar com agregação da Universidade da Beira Interior, autor de vários títulos como *Metáforas da Consciência* (2000), *Primeiras Vontades* (2012), *O Futuro nas mãos* (2015, com Renato Carmo).
E-mail: abarata@ubi.pt

Graça Rojão. Socióloga, doutoranda do programa de doutoramento em Sociologia da Universidade da Beira Interior, dirigente da Coolabora.

André Santos Campos

(Universidade Nova de Lisboa, PT)

***A Autoridade da Soberania ou a Soberania da Autoridade: o fundamento e a justificação política da* auctoritas**

A autoridade entendida como um "poder moral de requestar uma acção" (Raz 1986) implica uma relação de subordinação em que a força normativa daí resultante deriva não necessariamente dos conteúdos envolvidos mas sim do estatuto daquele que reivindica ser "autor" de razões substantivas para ser obedecido. Daí se dizer com frequência que a autoridade é independente de conteúdos, e é precisamente esse imperar da autoridade quando o entendimento e a ponderação de razões falham ou se mantêm ausentes (por preguiça ou cobardia daquele que prefere sujeitar-se a alguém apenas em função de um estatuto, segundo acusou Kant) que justifica a vinculação. O argumento de autoridade seria, neste sentido, uma razão-de-segunda-ordem independente de conteúdos acerca de razões-de-primeira-ordem dependentes de conteúdos. No contexto político, derivam daqui alguns problemas. Desde logo, o de saber se existem limites substantivos à eficácia normativa da razão-de-segunda-ordem, isto é, se uma autoridade política mantém o seu estatuto independentemente de qualquer conteúdo que prescreva, desde que coerente com o enquadramento normativo (jurídico) em que assenta, ou se ao invés a autoridade depende de um determinado modo de estruturar as relações públicas de poder, por exemplo se tiver de ser democrática. Em segundo lugar, e uma vez que a existência da autoridade depende do acatamento da razão-de-segunda-ordem por parte de quem se sujeita à relação de vinculação, o de saber se o consentimento como elemento de criação da autoridade não acarreta uma origem necessariamente popular de toda e qualquer estrutura autoritária de poder. Em terceiro lugar, o de procurar a justificação por que um determinado agente corresponde razoavelmente à descrição de uma razão-de-segunda-ordem, isto é, o de saber o que faz de um certo agente alguém em autoridade (sobretudo quando há reivindicações de autoridade em conflito). Neste último caso, trata-se de averiguar qual a "autoridade da autoridade" (Kojève 2004) ou como se "actualiza uma potência impessoal na própria pessoa do autor" (Agamben 2005: 77) – ou melhor, trata-se de identificar uma razão-de-terceira-ordem que não seja necessariamente independente de conteúdos e cujo objecto consista na identificação do agente a que respeita a razão-de-segunda-ordem. Nesta comunicação, serão abordadas as diferentes facetas de cada um destes problemas no âmbito político, tentando averiguar sobretudo se a conexão entre *auctoritas* e soberania, mais ou menos comum a partir da modernidade filosófica, permite identificar este último conceito enquanto fundamento último (substantivo) à luz do qual pode existir e agir politicamente qualquer autoridade.

André Santos Campos is currently Ifilnova's FCT Investigator 2015 (Principal Research Fellow). He received his BA and MA in Law at the Nova University of Lisbon and his Ph.D. in Philosophy at the University of Lisbon. His research interests are in the early modern period, in political theory and contemporary jurisprudence, on which he has published papers that have appeared in a wide range of journals and collective books. He is the author of *Jus sive Potentia* (CFUL, 2010), of *Spinoza's Revolutions in Natural Law* (Palgrave MacMillan, 2012), and of *Glosas Abertas de Filosofia do Direito* (Quid Juris, 2013); and the editor of *Spinoza: Basic Concepts* (Imprint Academic, 2015), *Spinoza and Law* (Routledge, 2016) and of *Challenges to Democratic Participation*

(Lexington Books, 2014).
E-mail: andrecampos@fcsh.unl.pt

Ângela Lacerda Nobre

(Instituto Politécnico de Setúbal, PT)

Material Phenomenology and Social Responsibility – Henry's contribution to contemporary challenges

The early decades of the twenty-first century present a mixture of complex influences, which are illustrated by wide ranging concepts, from ecological sustainability, to technoscience, hypermodernity or industry 4.0. The contributions from Michel Henry's material phenomenology offer a rich perspective of analysis of social tensions as it grasps individuals' processes of discovery and openness, understood in terms of manifestation and of participation. The radical and fertile position of Henry enables the application of its insights across diverse professional and scientific domains, precisely because its plasticity captures that which is essential in human participation in reality, as a reality test, as reality manifests itself. Indeed, educational settings, health and mental health related spheres of action, social work and political activism, accounting and management settings, have been application areas of Henry's work. It is crucial to highlight that Henry's work enables bridging individual subjective and inter-subjective worlds with institutional frames of collective action. In other words, Henry offers a powerful perspective to understand institutional settings, their decision-making processes and the social impact they may have in terms of social responsibility policies and actions. Social responsibility, either explicit or else in its implicit forms, is a central concept because it traces the mapping of social relationships, both within and among institutions. More importantly, through the adoption of Henry's contributions, it is possible to widen the frontiers of how and why social responsibility is central to present day societies. In short, it stretches to the limit the individual line of thought, as well as the social processes involved in societal development. Individual processes such as consciousness of the self, ipseité, individuation, the relation to the other and to transcendence, are possible lines of reasoning emerging from Henry's work. Social processes such as the use of language, sense making, the participation in social practices, the role of technology and the communication of science, are examples of how humans collectively thrive for the promotion of common good. Henry's work related to philosophy of religion, to arts and to political organisation exemplify humans' societies complexity and richness, where material phenomenology may find different shades, modalities and granularity of how reality manifests itself.

Ângela Lacerda Nobre. Escola Superior de Ciências Empresariais do Instituto Politécnico de Setúbal. Membro do Centro de Estudos de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa e da Communication, Philosophy and Humanities Research Unit da Universidade da Beira Interior (LabCom.IFP).
E-mail: angela.nobre@esce.ips.pt

Angela Luzia Miranda

(Universidade Federal do Rio Grande do Norte, BR)

Elementos para uma crítica heideggeriana à ética jonasiana

Nascida da crítica ao modelo civilizatório baseado na sociedade tecnológica, a proposta de ética de Hans Jonas estabelece como princípio a responsabilidade. Dentre os principais elementos que constituem tal princípio, alega Jonas, situa-se a heurística do temor como comportamento moral em vista da necessidade da prevenção e da estimativa dos riscos das ações tecnocientíficas. Ainda que reconhecendo o mérito da proposta jonasiana em postular uma ética no contexto atual, este estudo

pretende esboçar uma possível crítica à teoria da ação de Hans Jonas, cuja problemática pode ser assim formulada: em efeito, o princípio da responsabilidade, nascido da crítica jonasiana ao modelo de civilização tecnológica, é capaz de suplantar e superar os desafios da sociedade científica, os quais têm sido objeto de sua própria crítica? Ou melhor seria dizer que se trata de uma ética que representa apenas o outro lado da moeda do mundo tecnificado, cujo pensar impele tudo ao cálculo e à planificação, tal como predicava Heidegger em seus escritos sobre a técnica? Disso decorre o principal objetivo deste trabalho que consiste em apontar a situação paradoxal da ética da responsabilidade, considerando a leitura crítica heideggeriana sobre a relação entre ontologia, ética e técnica. O propósito é demonstrar que a ética jonasiana, mais que propor alternativas de superação do modelo civilizatório (objeto de sua própria crítica), acaba por referendar tal modelo, à medida em que a estimativa dos riscos exige mais e mais técnica; o que, para Heidegger, evidencia a engrenagem do pensar calculador e seria, portanto, mais um indício do homem da técnica. O caminho traçado para tal propósito começa situando o pensamento de Jonas (2008, 1997, 2001) e a fundamentação da sua proposta de uma ética para a sociedade tecnológica. Em seguida, pretende-se apontar o paradoxo da responsabilidade como exigência ética, desde a leitura de Heidegger, baseando-se nos seus vários escritos sobre o assunto, reunidos na *Gesamtausgabe*. O trabalho conclui ratificando a posição heideggeriana sobre a necessidade de pensar uma teoria da ação, cuja exigência originária é o ser e não o homem (da técnica).

Angela Luzia Miranda. Pós-Doutorado em Filosofia pela Universidade del País Vasco (2017-2018); Doutora em Filosofia pela Universidad de Salamanca (Espanha) e Doutora em Ética pela Universidad del País Vasco (Espanha). Professora da Escola de Ciências e Tecnologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal/Brasil). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Phrònesis: Estudos em Filosofia, Ciência, Tecnologia e Sociedade.

Ângelo Nunes Milhano

(Universidade de Évora, PT)

Linguagem Técnica e Ideologia: Martin Heidegger e o papel da «Com-posição» («*Ge-stell*») no processo de Tecnificação da Linguagem

No pensamento de Martin Heidegger, o questionamento filosófico daquela que se constitui como a essência da técnica moderna vem a ser apresentado como o mais importante problema a ser pensado pela Filosofia Contemporânea. Para Heidegger, a essência da técnica moderna é compreendida como um «poder» que se tem vindo a impor sobre o «*Dasein*», levando-o ao encontro de um modo «inautêntico» de «desencobrimento» das essências dos entes que constituem o «mundo», e afastando-o, por essa mesma via, do seu papel fundamental enquanto «cuidador» do «ser». Este «poder» inerente à técnica moderna vem entretanto a ser denunciado pelo autor de *Ser e Tempo* (1927) com a sua proposta de interpretação do termo «*Ge-stell*» como «com-posição».

Este «poder» — cujo «perigo» Heidegger denuncia em *A Questão Acerca da Técnica* (1953) —, tem também vindo a manifestar-se na instrumentalização que, na modernidade, tem vindo a ser feita da linguagem. Por via do imperativo histórico que subjaz à essência da técnica moderna, a linguagem tem vindo a ser destituída do seu papel enquanto «acontecimento de apropriação» capaz de criar a abertura necessária para uma nova forma de pensar o «ser». Com o imperar da técnica moderna, os conteúdos ontológicos fundamentais — i.e., os valores substanciais, assim como a própria identidade cultural (enquanto modo próprio de «ser-no-mundo») — que a linguagem transporta consigo ao longo de gerações, têm vindo a ser menosprezados em prol de uma operacionalização funcional, transformando-os de acordo com os princípios da utilidade, eficiência e produtividade.

Em Heidegger, a técnica moderna impõe-se assim também sobre a linguagem, reduzindo-a à sua configuração enquanto mero instrumento de transmissão de informação. Redução que se manifesta

como um «perigo», eliminando progressivamente da linguagem o seu «poetar», *i.e.*, a sua possibilidade de «trazer-à-presença», pela qual o «ser» se dá a mostrar ao «*Dasein*». Com esta comunicação procurar-se-á então destacar como, sob o subterfúgio da funcionalidade técnica que se impôs como paradigma do pensamento moderno, se tem vindo a transformar o modo como o «*Dasein*» se mostra capaz interpretar o «mundo» onde está lançado, uma vez que os diversos modos pelos quais o «ser» nele se manifesta, por via da transformação funcional da linguagem, vêm a ser reduzidos a uma configuração utilitária que se encontra subjugada ao «poder» inerente à essência da técnica moderna.

Ângelo Nunes Milhano. Doutorando em Filosofia Contemporânea na Universidade de Évora. Investigador em Filosofia da Técnica/Tecnologia, com foco especial na problematização hermenêutico-fenomenológica da relação *técnica-linguagem-ideologia*.
E-mail: a.s.n.milhano@gmail.com

Anna Mazurek

(The John Paul II Catholic University of Lublin, PL)

The Use of Rational Intuitions in Philosophy in the Context of George Bealer's Conception of Intuition

The claim that philosophers in their everyday practice rely on intuitions as evidence and treat intuitions as a crucial part of the philosophical method is, for many, a truism. The impact of such arguments, including Gettier's argument against the classical conception of knowledge or Chalmer's zombie argument in philosophy, speaks in favor of the aforementioned claim. However, a great number of philosophers question the evidential weight of intuitions and argue that the philosophical method does not rely on intuitions (e.g. Herman Cappelen 2012). The debate continues, and the main problem is whether or not intuitions are a reliable source of evidence. In my presentation I would like to focus on the concept of intuition proposed by George Bealer and the main critiques aimed at this conception. On this basis I would like to introduce general problems concerning the acceptance of the evidential role of intuitions. I will present two critical issues. First, I will undertake an explanation of the nature of intuitions. Second, I will discuss whether the arguments for the evidential weight of intuitions are exposed to circular objections. George Bealer advocates for the understanding of intuition (called rational or a priori intuitions) as "a sui generis, irreducible, natural (i.e., non-Cambridge-like) propositional attitude which occurs episodically" (Bealer 1996). He claims that intuitions have "a strong modal tie to truth" and as such are a crucial part of the philosophical method (Bealer 1998). He is one of the strongest advocates of the evidential weight of intuitions and therefore I decided to present the use of intuitions in philosophy in reference to his conception. I will present the character of Bealer's phenomenology of intuitions and the general problems concerning the determination of the nature of intuitions. I will show that Bealer's presentation method employs our intuitions in order to present the distinctiveness of intuition from any other mental events or intuitional characteristics. Further, I will introduce the problem of the self-reflexivity (or self-support) of intuitions in the context of circular objections.

Anna Mazurek. The John Paul II Catholic University of Lublin, Poland, Faculty of Philosophy, Department of Methodology of Science. Areas of interest: Methodology of science and epistemology, philosophy of culture and religion (especially new religious movements). Teaching experience: Logic, methodology of cultural science, organization of scientific work at the John Paul II Catholic University of Lublin since 2016. Education: (at The John Paul II Catholic University of Lublin): Doctoral Studies in Philosophy (present). Philosophy in English BA (2017), BA thesis: *George Bealer's Conception of Intuition*. Cultural Studies MA (2014), MA thesis: *Jediism as "A Religion of Force". On the Jedi Path with the Use of the Example of the Temple of the Jedi Order*. ERASMUS – Comenius University in Bratislava, Slovakia (2013). Cultural Studies BA (2012). Publications: A. Mazurek, *Myśląc o uniwersytetach*, rec. S. Collini, Speaking of Universities, "Ethos" 4 (120), 30 (2017), s. 331-

336. A. Mazurek, *Wpływ jediizmu jako fiction based religion na poszerzenie pojęcia religii*, „Humaniora. Czasopismo Internetowe" Nr 4 (12)/2015 (2016), s. 65–78. http://humaniora.amu.edu.pl/sites/default/files/humaniora/Humaniora%2012/Mazurek_Hum_4_15.pdf (30.08.2017). R. Trójczak, R. Trypuz, A. Mazurek, P. Kulicki, *Knowledge transfer from agri-food scientific papers to a knowledge base*, in: Annals of Computer Science and Information Systems Volume 5, Łódź 2015, https://fedcsis.org/proceedings/2015/pliks/fedcsis.pdf, p. 1705-1712 (31.08.2017).
E-mail: mazurek.metlog@gmail.com

António de Carvalho Pais

(Universidade Nova de Lisboa, PT)

A Ação e o Conhecimento nos Jogos de Linguagem de Wittgenstein

A ação humana necessita de um sentido que a dirija ou, pelo menos, lhe sirva de justificação. O que fazemos tem de ter uma razão, sustentar-se em fundamentos. A falta de sentido seria como estar no mundo sem disso ter uma visão compreensiva. O Wittgenstein pós-*Tractatus* concebe-o como imanente aos jogos de linguagem, através dos quais as nossas ações concordam com o sentido das palavras que a elas se referem. Segundo ele, agimos conforme a forma básica desses jogos. É ela que determina a nossa forma de vida, é com base nela que a nossa ação se torna compreensível. Mas serão estes jogos o fundamento da ação humana? De que modo é que a nossa ação é por eles determinada? Poderão eles dissimular a verdade e promover formas de vida inautêntica? Como conceber a autodeterminação da ação humana que segue regras de jogos de linguagem? O que me proponho fazer é uma reflexão sobre o que significa agir segundo os jogos de linguagem. Na medida em que estes jogos geram conhecimento, importa aqui examinar a sua validade e como é que ele determina o agir humano. Com esse propósito, começarei por explorar o entendimento de Wittgenstein do que são e como se formam os jogos de linguagem, com vista a esclarecer como é que eles se constituem como condição da nossa ação. Estará em causa averiguar o que é necessário para agirmos: as certezas de que partimos. Considerar-se-á, depois, em que medida os jogos de linguagem são o fundamento do nosso agir. Com isto, será verificada a verdade da ação através da análise do fundamento das nossas crenças inabaláveis das quais ela parte. Por fim, descrever-se-á o modo de proceder de acordo com as regras dos jogos de linguagem, colocando em perspetiva o que na ação humana se subtrai à sua determinação. Na discussão destas questões, serão abordadas algumas propostas de estudiosos que as investigam na obra de Wittgenstein.

António de Carvalho Pais. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Doutorando no departamento de Filosofia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com uma tese com o título "A Gramática do Pensamento no Wittgenstein de 1929-1933". Mestre em Filosofia pela mesma instituição. Licenciado em Economia pela Nova School of Business & Economics da Universidade Nova de Lisboa. Tem ainda uma Master in Business and Administration (MBA) pela Católica Lisbon, Business & Economics, da Universidade Católica Portuguesa. Foi docente nas Licenciaturas de Administração e Gestão de Empresas e de Comunicação Social e Cultural, ambas da Universidade Católica Portuguesa de Lisboa. Exerceu igualmente docência na Licenciatura de Gestão Bancária no Instituto Superior de Gestão Bancária. É investigador no Instituto de Filosofia da Nova (IFILNOVA). Publicou na Revista Filosófica de Coimbra (n.º 45, 2013) um artigo com o título "O que Parece Saber o que não Está Presente: Tema de Estudo Breve na Primeira Parte das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein".
E-mail: antoniocarvalhopais@gmail.com

Antonio Júlio Garcia Freire — Izanete de Medeiros Costa

(Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, BR)

O estudo do* elenchos *nos diálogos socráticos como possibilidade de aprimorar a argumentação crítica dos alunos de Filosofia no Ensino Médio

O ensino de Filosofia no Brasil tem passado por crises e avanços nos últimos 20 anos. Em relação ao Ensino Médio (equivalente ao Ensino Secundário em outros países), onde a Filosofia faz parte do currículo nos três anos de formação dos alunos, a discussão de questões de ordem epistemológica e metodológica são fundamentais para que o seu ensino não se transforme em uma mera reprodução enciclopédica de autores e teses, mas possa recriar uma genuína experiência de pensamento e um exercício filosófico estimulante e produtivo no ambiente escolar. A aprendizagem de temas filosóficos por estudantes brasileiros do Ensino Médio está relacionada aos limites e possibilidades de uma experiência que permita, tanto a construção criativa de conceitos a partir de problemas clássicos ou contemporâneos, como a partir do conhecimento desses conceitos, realizar a sua desconstrução, explorando e descobrindo a problemática que lhe é subjacente. A experiência com conceitos pode levar a outro efeito desejável na aula de filosofia, que é o exercício adequado da argumentação crítica e filosófica em detrimento da mera opinião. A problematização de questões cotidianas ou seculares, quando feita de modo apropriado, pode desenvolver positivamente nos estudantes, aspectos cognitivos e educacionalmente significativos, apoiados em processos construtores e decodificadores de sentidos e significados. No período clássico da história da filosofia, podem ser encontrados alguns notáveis exemplos de formas problematizadoras que desmistificavam a confusão entre opinião e saber. O *elenchos* consistia em um procedimento dialético explorado por Platão em vários dos seus diálogos socráticos. A partir de perguntas (“o que é?”) sobre a definição de um determinado conceito, os interlocutores de Sócrates ofereciam declarações que eram submetidas à prova (refutação) para que constatassem as contradições (*aporia*) ou falsidade das respostas. O objetivo principal de Sócrates era demonstrar que os homens geralmente confundem opinião com o verdadeiro saber. Por outro lado, o *elenchos* representava tanto a possibilidade de aprimorar a definição dos conceitos em discussão, como a prática argumentativa dos participantes do debate. Esta comunicação pretende apresentar uma pesquisa realizada com um grupo alunos do ensino médio em uma escola localizada no Rio Grande do Norte, estado da região nordeste do Brasil, onde a metodologia elêntica dos diálogos platônicos foi objeto de estudo e discussão. Os resultados parciais da investigação apontam para um aprimoramento da prática argumentativa do grupo sob análise, na medida em que os alunos desenvolveram competências básicas para definir conceitos filosóficos a partir do estudo do *elenchos* socrático, enquanto procedimento dialético de refutação de simples opiniões.

Antonio Júlio Garcia Freire. Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, campus de Natal. Membro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia – ANPOF. Sócio da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC) e da Sociedade Portuguesa de Filosofia – SPF. Pesquisador Institucional nas áreas de Filosofia Antiga, Helenismo e Ensino e Filosofia.
E-mail: prof.antoniojulio@gmail.com

Izanete de Medeiros Costa. Professora de Filosofia do Ensino Médio/Secundário da rede pública de educação do Estado do Rio Grande do Norte. Aluna do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) da UERN.
E-mail: izanete@ymail.com

António Rocha Martins

(Universidade de Lisboa, PT)

O ensino da Filosofia em tempo de crise

O objetivo da presente comunicação consiste em recordar o papel insubstituível da Filosofia no contexto atual da educação para uma sociedade cosmopolita.

A Escola não é – não pode ser! – mero reflexo especular. Compete-lhe a missão irrevogável de formar a inteligência e a sensibilidade para uma acrescida humanidade. É neste estatuto fundador que o ensino da Filosofia conserva toda a sua pertinência e premência, pela sua vocação prospetiva da interconexão de todo o sentido possível e para a interação entre os indivíduos.

Ensinar Filosofia em "tempo de crise": eis a integridade realmente em perigo! Que significa, pois, "crise"? Não será a "crise" inerente ao significado de ensinar Filosofia? E como se identifica uma situação vivida na qual o pensar filosoficamente se enxerta, não como em quadro exterior, mas simbioticamente, e que é descrita como "crise"?

Responderemos a estas questões articulando três momentos em torno do termo "crise": 1. como proposta hermenêutica; 2. examinando a proveniência helénica do termo, documentado nos domínios da medicina e da justiça (*krinein*); e 3. reavaliando a dimensão crítica como modo peculiar de um distinguir (escolher, decidir, resolver, explicar, interpretar...) o essencial. Pretende-se realçar o valor do texto como lugar testemunhal do que importa ser pensado, cumprindo-se na instauração de uma dialética que visa em última instância a "invenção" do sentido (do sujeito da escrita e da leitura). A experiência crítica, imanente ao exercício filosófico, transmuda-se, portanto, em reflexão, que é sempre um re-pensar, um voltar a pensar…

Terminaremos sublinhando a noção de que o trabalho filosófico permite compreender privilegiadamente os tempos de crise (*nada melhor do que a 'crítica' para responder à 'crise'*). A leitura permanente do mundo, inerente e coextensiva, confunde-se com a busca constante da verdade (M. Proust). É por isso que a verdade é sempre uma *veritas filia temporis* (Bernardo de Chartres); pelo que nunca encontraremos a verdade se nos contentarmos com o que já foi descoberto (Glibert de Tournai). Cabe assim à Filosofia a designação de ciência do *kairos* (*Kairologia*), ciência do momento oportuno e da ocasião favorável (Aristóteles), firmando-se num trabalho teleologicamente orientado para um horizonte sapiencial. Eis o primado decisivo de uma educação cosmopolita. Eis o modo essencial de a Escola valer enquanto instituição de hospitalidade.

António Rocha Martins. Doutor em Filosofia (2009), pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Membro de várias associações científicas (SIEPM, FIDEM). Entre 2015 e 2017 foi Bolseiro de Pós-Doutoramento (FCT). São as suas áreas de investigação sobretudo a Filosofia Antiga e Medieval, dedicando interesse científico também ao Pensamento Português e à Didática da Filosofia. Tem participado em vários projetos de investigação e publicado trabalhos. Presentemente desenvolve investigação Pós-Doutoral no âmbito do projeto "Entre a *polis* e a *civitas*. Tradição, receção e transformação da filosofia prática de Aristóteles no Ocidente Latino (sécs. XII-XVII)". Algumas publicações: "Álvaro Gomes e o clássico problema da imortalidade da alma", Samuel Dimas et al. (coord.), *Redenção e Escatologia. Estudos de Filosofia, Religião, Literatura e Arte na Cultura Portuguesa*, vol. II, t. 1, Lisboa, UCP, 2017, pp. 156-168; "Filosofia e Ensino da Filosofia em Joaquim Cerqueira Gonçalves", *Itinerarium*, 215/216 (2016), pp. 605-706; "*Societas* e *Communitas*. Guilherme de Moerbeke na encruzilhada do macromodelo político moderno", in F. Afonso et al. (org.), *Jornadas Filosóficas Internacionais de Lisboa 2015*, CFUL, 2015, pp. 49-72; "Metafísica e Teologia em Frei Gomes de Lisboa", in Samuel Dimas et al. (coord.), *Redenção e Escatologia. Estudos de Filosofia, Religião, Literatura e Arte na Cultura Portuguesa*, vol. I, t. 1, Lisboa-Paris, Nota de Rodapé Edições, 2015, pp. 334-343; "Frei João Claro: Razão espiritual ou espiritualidade da Razão?", in ID., pp. 395-404. "*Deus absconditus*. O paradoxo de uma ciência mística em Alberto Magno *Super Dionysii Mysticam theologiam*", CFUL, 2014, pp. 291-297.

E-mail: antoniojmartins@campus.ul.pt

Aurelio Oliveira Marques

(Universidade de Brasília, BR)

A noção de conhecimento no* Teeteto *de Platão

No *Teeteto*, obra platônica situada cronologicamente entre o fim da maturidade e o começo da velhice, Platão tem por principal objetivo abordar o tema do conhecimento sob uma perspectiva essencialista, buscando conceitualmente o que seria o conhecimento em si compreendido sob o prisma de sua universalidade. Utilizando-se da maiêutica, método capaz de fazer o interlocutor conceber, por si próprio, ideias acerca de determinado tema, Sócrates faz o jovem matemático Teeteto definir conhecimento de três modos no decorrer da obra: (1) como sensação [aisthesis]; (2) como opinião verdadeira [alethes doxa]; (3) como opinião verdadeira acompanhada de explicação racional [logou alethes doxa]. Deste modo, viso a salientar neste artigo uma interpretação epistemológica, isto é, relacionada à natureza, à origem e ao alcance do conhecimento humano – temas estes bastante caros a toda história da filosofia.

De modo bastante resumido, pode-se dizer que o *Teeteto* é uma obra empenhada em apresentar problemas, trazendo conclusões negativas em cada uma de suas partes principais. Dito de outro modo, o *Teeteto* não é uma obra para afirmar o que é conhecimento, mas para dizer o que ele não é, principalmente no que concerne à percepção sensível. Apesar disso, é demasiado errôneo dizermos que Platão, no *Teeteto*, tem por objetivo mudar completamente seu pensamento acerca do conhecimento. Seu objetivo na obra em questão consiste em fazer uma revisão crítica acerca das dificuldades encontradas no contexto em que elas se inserem, a fim de refutar sistematicamente as teorias que considerava falsas. Segundo o próprio David Ross, famoso comentador da filosofia platonista, a argumentação presente no *Teeteto* é o que solidifica as bases filosóficas de Platão, tornando-a mais firme para que ele possa dar prosseguimento à distinção entre 'sensibilidade' e 'conhecimento puramente racional' já demarcada em sua *República*.

Em suma, ao definir a terceira concepção de conhecimento como opinião verdadeira acompanhada de explicação racional, Platão transpõe todo o limiar pertencente às sensações e também às opiniões em geral como forma de conhecimento. No *Teeteto*, a última hipótese utilizada para definir o que é conhecimento estabelece a necessidade de explicar a causa e o porquê de cada coisa ser como é. Assim, tenho por objetivo não apenas reconstruir argumentativamente o percurso realizado para se chegar a essa terceira resposta dada por Teeteto, mas também investigar em que medida essa hipótese dialoga com a compreensão epistemológico-causal de Aristóteles em sua *Metafísica*, no que diz respeito fundamentalmente ao próprio do filósofo.

Aurelio Oliveira Marques. Estudante do Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Brasília (PPG-FIL/UnB, Brasil) na grande área "História da Filosofia Antiga". Graduado em Filosofia pela mesma Universidade. Durante a graduação, fui bolsista do "Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica" (PIBIC/CNPq) desenvolvendo artigos acerca da epistemologia platônica e aristotélica junto ao Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília. Desde 2013, participo do grupo de pesquisa "História da Filosofia na Antiguidade Greco-Romana", coordenado pelo Prof. Orientador Dr. Guy Hamelin. Em suma, possuo interesse nas mais diversas áreas da Antiguidade, sobretudo no estudo histórico e crítico da ontologia e da epistemologia no período clássico, notadamente desde os pré-socráticos até Aristóteles.
E-mail: amigos.aurelio@gmail.com; https://aureliooliveira.wordpress.com/

Beatriz Gavete Bernad

(Universidad de Zaragoza, ES)

Participación, movilización, ¿revolución? Repensando los nuevos contextos socio-políticos

Organización política horizontal, autogestión, empoderamiento, participación ciudadana o cultura comunitaria parecen estar muy presentes en nuestras sociedades en los últimos tiempos, de la mano de fenómenos como asambleas barriales, redes de apoyo-cuidados, cooperativas de diversa índole o

espacios socio-culturales autoorganizados. ¿Son reflejos – o agentes – de un cambio social?, y, de ser así, ¿hacia dónde iría dirigido tal cambio? Es más, ¿es posible que todas estas realidades, diferentes y polimorfas, tengan un ideario político-social similar?
Esta comunicación expondrá la investigación que se está desarrollando y que responde a la necesidad de analizar estas realidades desde la filosofía, atendiendo tanto a sus postulados teóricos como a sus implicaciones en el terreno de la praxis.
Para analizar todo ello, en primer lugar se expondrán las reflexiones que pretenden dar respuesta a la cuestión de si tales realidades poseen un núcleo teórico común. Para esto, la exposición se centra en las tesis de autores como Carlos Taibo, Daniel Bensaïd o Tomás Ibáñez, para quienes las realidades analizadas tienen una relación con el movimiento libertario. Quizá los elementos más importantes que se expondrán son los extraídos de las tesis de Ibáñez, quien a través de conceptos como "anarquismo extramuros", "neoanarquismo" o "anarquismo en acto" argumenta que estas realidades constituyen una nueva versión de las prácticas y teorías anarquistas.
Una vez expuestas las reflexiones acerca del núcleo teórico compartido entre estas nuevas realidades, se abordará la potencia revolucionaria de las mismas, atendiendo a preguntas como ¿son en sí mismas formas de lucha o meros placebos sustentados por los poderes?, ¿son parcelas de la sociedad al margen del sistema, revolucionarias, o lugares de retiro placentero para inconformistas? Todas estas cuestiones conectan directamente con el debate en torno a la capacidad emancipadora de la posmodernidad, siendo una de las problemáticas clave la de si estas realidades constituyen micropolíticas que impulsan a la acción o, por el contrario, son falsos motores de cambio que no hacen sino desmovilizar y alejarnos de cualquier esperanza de cambio social efectivo. Para intentar aportar algo de luz a estas cuestiones, en esta última parte de la comunicación se analizarán las ideas de autores como Foucault, Negri, Vattimo, Holloway o Wendy Brown.

Beatriz Gavete Bernad. Universidad de Zaragoza. Cursando desde Octubre de 2017 el Doctorado en Filosofía, con Contrato Predoctoral desde Agosto de 2018. Máster en Profesorado de Educación Secundaria (especialidad en Filosofía) en el curso 2016-2017. Grado en Filosofía en la Universidad de Zaragoza (2012-2016). Publicación en Ápeiron Ediciones, 2017, *Bioética y Biopolítica: la medicalización. Repensar el principio de autonomía a través de Foucault*. Vicepresidenta de la Sociedad Aragonesa de Filosofía (SAF) desde Noviembre de 2012 a Mayo de 2016.
E-mail: beagavete@gmail.com

Beltrán Jiménez Villar
(Universidad de Granada, ES)

El escepticismo de Montaigne, una cuestión política

La posición con respecto al escepticismo de Montaigne ha estado muy influida durante gran parte del siglo XX por la tesis defendida por Villey en su obra *Les sources et l'évolution des «Essais» de Montaigne* (1908). Este autor elabora un estudio biográfico del pensamiento de Montaigne, que tiene como objetivo su sistematización. Para ello distingue estratos en los *Ensayos* que a su vez se corresponden con etapas en la filosofía de Montaigne. Villey señala tres momentos: una primera fase estoica, una crisis escéptica y finalmente una asunción del epicureísmo. Como consecuencia de ello, en primer lugar se ha planteado el debate de qué peso relativo ostentan cada uno de estos elementos en el pensamiento de Montaigne. De esta forma, Skinner, por ejemplo, sostiene que es el estoicismo el motivo esencial de la filosofía del autor de los *Ensayos*. La posición de Montaigne ha de verse como una respuesta a las guerras de religión que asolaron Francia durante el siglo XVI en los desarrollos medievales y que se remonta hasta Ockham (Skinner 1979, p. 279-280).
No obstante, la postura mayoritaria en este debate es la que privilegia el escepticismo con respecto al estoicismo y al epicureísmo. Y aquí se sitúan las interpretaciones de Merleau-Ponty (1960) y Horkheimer (1961). Mientras que para Horkheimer el escepticismo de los *Ensayos* es un problema epistemológico, es decir, centrado en la incapacidad del ser humano para conocer la verdad, para

Merleau-Ponty se trata más bien de un asunto relativo a la propia naturaleza de la verdad, y por tanto podríamos decir que en su caso tiene valor ontológico. Y la distinta caracterización del escepticismo de Montaigne, ya sea como posición ontológica o epistemológica, es precisamente la principal controversia que se encuentra actualmente en la literatura al respecto.
Por otro lado, el debate entorno a la política de Montaigne también se encuentra muy polarizado. Muchos son los investigadores que ven en los *Ensayos* un artefacto de conservadurismo político, mientras que no son pocos los que afirman encontrar una política de la apertura, de promoción de la diferencia.
Así, el objetivo de esta comunicación será demostrar cómo la toma de partido por un escepticismo epistemológico conlleva una interpretación conservadora de la filosofía de Montaigne, mientras que aquellos que ven un escepticismo de tipo ontológico defienden una política de tipo progresista.

Beltrán Jiménez Villar. Graduado en Filosofía y Máster en Filosofía Contemporánea por la Universidad de Granada. Durante el año 2017, gracias a una beca de investigación, trabajó en el Centro Superior de Investigaciones Científicas, en el marco del proyecto de investigación "El legado filosófico del exilio español de 1939: razón crítica, identidad y memoria". En marzo de 2018 se incorporó al Departamento de Filosofía II como investigador en formación, donde realiza una tesis doctoral que tiene como objeto la noción de sujeto en los *Ensayos* de Montaigne, bajo la dirección del profesor D. Óscar Barroso Fernández. Además, pertenece al grupo de investigación "La imagen barroca del mundo" y al proyecto de investigación "La herencia del último Foucault: biopolítica y política de la literatura". Ha participado en diversos congresos nacionales e internacionales y sus intereses van desde la filosofía del Renacimiento hasta la filosofía de la diferencia.
E-mail: beltranjimenez@ugr.es

Bernhard Sylla
(Universidade do Minho, PT)

Leituras ambientalistas da obra de Heidegger. Uma análise crítica

Pretendo apresentar uma revisão crítica da interpretação da obra de Heidegger como precursora de uma filosofia ecológica. Parto de um artigo recentemente publicado (2014) de Vincent Blok que resume os principais desafios e problemáticas desta interpretação de Heidegger, tomando em consideração autores como Seidel, Zimmerman, Padrutt, Sheehan, Foltz, entre outros.
A minha análise será articulada em três etapas: (i) Segundo Blok, os autores mencionados concordam no que diz respeito à identificação de um dilema substancial quando se quer interpretar Heidegger como precursor de um movimento ecológico radical. Por um lado, Heidegger sustentaria que é necessário um novo início que implicaria o surgimento de um novo ethos não tecnológico e oiko-lógico, por outro lado defenderia que não é possível sair do Gestell (da com-posição) por este se ter tornado total. Relativamente a este ponto (i), argumentarei que não se trata necessariamente de um dilema. Deixar cair a premissa de que se trate aqui necessariamente de um dilema tem a vantagem de abrir novas perspetivas sobre o suposto ecologismo de Heidegger. (ii) Blok considera que pode resolver o suposto dilema ao interpretar Heidegger com base na teoria das affordances de James Gibson. Uma característica fundamental desta solução é a defesa de um ponto de vista marcadamente antidualista que pretende superar oposições como a oposição entre homem e natureza ou entre sujeito e objeto. Embora se possa, sem dúvida, associar à obra de Heidegger uma tal tendência para superar as referidas oposições, pretendo mostrar que a solução apresentada por Blok não é convincente. (iii) Na parte final da análise pretendo mostrar que os problemas discutidos nesta análise restrita se revelam bastante interessantes no âmbito mais vasto dos debates recentes sobre o Antropoceno. A associação da minha análise a este tema não é arbitrária. Para além do facto de o próprio James Gibson ser considerado um dos mais importantes impulsionadores desta nova corrente de pensamento, parece-me de grande relevo que o 'paradigma' do antidualismo seja adotado, sob as mais variadas facetas – incluindo aquelas sustentadas por Gibson e Blok –, pela maioria dos autores que cunharam o debate sobre o Antropoceno. Restringir-me-ei a apontar para

alguns problemas e 'perigos' que, a meu ver, o paradigma antidualista suscita. Situar as análises desenvolvidas nas etapas (i) e (ii) no horizonte da etapa (iii), terá a vantagem de fornecer um novo ponto de partida para avaliar não só as propostas de Blok e Gibson, mas também a de Heidegger.

Bernhard Sylla é Professor auxiliar no Departamento de Filosofia da Universidade do Minho, Vice-Presidente do Instituto de Letras e Ciências Humanas da mesma universidade, e Vice-Presidente da AFFEN. Leciona Filosofia da Linguagem, Ontologia e Filosofia Contemporânea e é membro e colaborador dos dois centros de investigação da Universidade do Minho, o Centro de Ética, Política e Sociedade (CEPS) e o Centro de Estudos Humanísticos (CEHUM). Desenvolve os seus trabalhos de investigação sobretudo nas seguintes áreas: Filosofia da Linguagem (tradições analítica e continental), Fenomenologia (especialmente Heidegger) e Filosofia da Tecnologia (autores como Anders, Sloterdijk, Blumenberg, Latour). Publicou dois livros sobre a tradição continental da Filosofia da Linguagem, uma antologia de textos clássicos da Filosofia da Linguagem (2017), é editor de dois livros sobre fenomenologia e autor de numerosos artigos científicos.
E-mail: bernhard@ilch.uminho.pt

Bianca Machado

(Universidade de Brasília, BR)

Um estudo sobre Adorno e a apropriação crítica da dialética hegeliana

Theodor Adorno defende que uma racionalidade subjetivista, que confere neutralidade ao método científico e toma a realidade enquanto redutível a um sistema interpretativo – paradigma de conhecimento legado à filosofia sobretudo a partir de Descartes – desconsidera a historicidade dos conceitos e os valores que estes sustentam intersubjetivamente. Este é o núcleo da crítica adorniana da modernidade filosófica. Para Adorno, a lógica subjetivista que universaliza o método das ciências da natureza e quantifica o real também justifica ideologicamente sistemas econômicos exploratórios e políticas totalitárias e promove os recorrentes episódios de barbárie vistos na contemporaneidade.
Buscando fundamentar uma *práxis* capaz de intervir na realidade social, de modo a pensar condições reais de liberdade e emancipação, Adorno aponta o potencial da dialética de G.W.F. Hegel. Este, ao descrever os momentos que a consciência percorre no exercício de formulação de juízos e objetificação do real, também evidencia que conceituar – e todo conhecimento, para Hegel, é conceitual – é um processo de seleção determinante e delimitante entre positivo (conceitual) e negativo (o que não se insere naquele conceito específico), que revela as contradições entre o que se acreditava conhecer e o que se supunha haver conhecido. Disto decorre que contradições não são evidências de falhas de raciocínio, mas sinais de que a própria realidade se desdobra de maneiras diferentes e antagônicas.
Contudo, o potencial para uma crítica imanente do pensamento moderno, que Adorno encontra em Hegel, tem a falha de apresentar uma espécie de *síntese totalizante*. Hegel elabora um sistema filosófico que, segundo Adorno, revela uma primazia do conceito sobre a contradição. Segundo Adorno, Hegel, tentando superar a ingenuidade da metafísica tradicional, acaba por identificar a verdade com a totalidade das determinações particulares do pensamento – o conjunto de particulares contraditórios em processo de supressão. Adorno vê nisso uma coerção do pensamento sobre a coisa, que atribui verdade à totalidade e utiliza a negatividade, novamente, para eliminação do contraditório. Em contraposição à dialética hegeliana, que Adorno denominará como *positiva*. Adorno desenvolverá, portanto, um modelo de dialética que prioriza a negação determinada, a *dialética negativa*.

Bianca Machado é bacharela e licenciada em Filosofia pela Universidade de Brasília – UnB, mestranda na área de Ética e Filosofia Política pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UnB (2018) e docente na mesma área. Interessa-se por Teoria Crítica das Ciências Humanas e Sociais, sobretudo pelos desdobramentos da crítica dialética da modernidade e seu desenvolvimento por Theodor W. Adorno. Foco nas áreas de Teoria

Crítica das Ciências Humanas e Sociais, História da Filosofia Moderna e Contemporânea, Estética e Filosofia da Arte.
E-mail: byanca_machado@hotmail.com

Brena Paula Magno Fernandez

(Universidade Federal de Santa Catarina, BR)

Viés androcêntrico na teoria da escolha racional? Uma crítica feminista

Tanto o feminismo quanto a teoria da escolha racional influenciaram diversas escolas de pensamento dentro das ciências sociais. Grosso modo, fazer boa pesquisa para as feministas significa incorporar o gênero como categoria analítica, a fim de gerar *insights* que possam ser usados para resolver um conjunto de problemas deixados em aberto em diversas disciplinas sociais. Não devendo ser confundido com sexo biológico, gênero é um termo relacional que envolve uma hierarquia entre os distintos papéis socialmente atribuídos a mulheres e homens. Ele permitiria entender como as relações sociais estão hierarquicamente estruturadas numa dada sociedade, desvelando como e por que determinadas relações de poder subjugam e/ou impedem a atividade autônoma das mulheres pela atribuição de menos valor a características, conceitos e comportamentos associados ao universo 'feminino'.
Para os teóricos da escolha racional, por outro lado, ganhar um conhecimento melhor do mundo envolve prestar atenção às maneiras pelas quais os agentes fazem as suas escolhas sujeitas a restrições – incluindo projeções sobre as escolhas prováveis dos outros agentes – para explicar uma ou várias soluções de equilíbrio, assim como os seus desvios. Em suma, pode-se dizer que a teoria da escolha racional é baseada em quatro suposições principais, nomeadamente, os indivíduos são egoístas, a comparação interpessoal de utilidades é impossível, gostos são imutáveis e exógenos à teoria e os indivíduos são racionais no sentido de que, dados os meios necessários para atingir os seus objetivos, sempre tentarão maximizar a sua utilidade esperada.
A divisão entre feminismo e teoria da escolha racional foi notada e discutida em uma série de disciplinas relacionadas, incluindo filosofia (Anderson 2001; Cudd 2001), sociologia (England 1989), economia (Ferber e Nelson 1993; England 1993; Sen 1990) e ciência política (Driscoll e Krook, 2012).
A comunicação propõe-se a fazer uma revisão das quatro principais suposições da teoria da escolha racional supramencionadas à luz da crítica feminista. Uma das principais questões a serem exploradas diz respeito à tendência da teoria da escolha racional em separar as qualidades humanas em dicotomias antitéticas: racional / emocional; egoísmo / altruísmo; competitivo / cooperativo; independente / dependente; objetivo / subjetivo – o assim chamado *separative-self model*. A cultura ocidental associa a masculinidade a idéias de racionalidade, competição, lógica, objetividade, fatos concretos, numa palavra, rigor; ao passo que a feminilidade está relacionada aos seus pólos opostos. Como uma das teorias mais proeminentes dos nossos dias, a teoria da escolha racional reproduz esse padrão. A crítica feminista afirma que, ao fazê-lo, ela deixa muitas experiências humanas fora do seu escopo de explicação.

Brena Paula Magno Fernandez. Possui Doutoramento em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (2004), Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2000), Especialização em Filosofia Econômica pela Fundação Getúlio Vargas – RJ (1993), Especialização em Lógica, Filosofia Prática e Filosofia Econômica pela Johann Wolfgang von Goethe Universität – Frankfurt (1995) e Graduação em Economia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1991). Atualmente é professora associada do Departamento de Economia e do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina.
E-mail: brena.fernandez@ufsc.br

Brisa Paim Duarte

(Universidade de Coimbra, PT)

***Pensamento jurídico, racionalidade prática e juízo estético – o aproveitamento do binómio* phronēsis-aisthesis *no contexto das decisões judiciais: um* diálogo cruzado**

Propõe-se uma reflexão acerca dos modos de aproveitamento-reinvenção de categorias típicas da filosofia prática, no seu sentido clássico-aristotélico, como as da *phronēsis* e *aisthesis*, a partir dos discursos que se propõem a reconstituí-las, no pensamento jurídico contemporâneo, sob o filtro de relevância do problema da jurisdição (no sentido «interno» delimitado por Castanheira Neves) e na perspectiva das decisões judiciais. Neste contexto, e em linhas grossas, partindo-se da concertação entre as referidas modalidades clássicas e outras expressões mais contemporâneas, com o privilégio das recentes orientações argumentativas e narrativistas, o binómio *phronēsis-aisthesis* tem sido especialmente convocado para a construção do sentido «metodológico» que irriga o centro dos discursos jusliterários e jusestéticos que, no interior daquele pensamento, se articulam, procurando-se, por esta via, favorecer as tentativas de (re)fundação do apelo por novas formas de racionalidade jurídica, por ultrapassagem tanto do tradicional abstracionismo hipostasiado no racionalismo e no formalismo moderno-iluministas e que marca o normativismo jurídico do século XIX, como do reducionismo tático do pragmatismo técnico-instrumental que, nos dias atuais, vai conduzindo o direito à sua progressiva funcionalização. Uma (re)fundação que se propõe, então, e por oposição a esses dois polos, a desaguar na constituição final de modos alternativos capazes de promover o reencontro, axiologicamente orientado, entre a normatividade jurídica e a singularidade que irrompe nos microuniversos problemáticos que institucionalmente convocam a aludida normatividade enquanto o seu momento crítico-regulativo ou positivo *tertium comparationis*. Tudo isso, contudo, sem deixar de suscitar o problema adicional que se forja a partir da dinâmica operada entre as distintas dimensões ou patamares de inteligibilidade (do político, do ético, do estético, do jurídico) que se vão continuamente entretecendo: aquele que se pergunta, no plano dos critérios que regem as decisões concretas, pela natureza dos fins que aquela axiologia orienta, bem como pela extensão dos compromissos práticos que, correlativamente, o jurídico se vê autorizado a assimilar.

Brisa Paim Duarte. Assistente Convidada da Secção de Ciências Jurídico-Filosóficas da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, ministrando as aulas práticas de Introdução ao Direito e Introdução ao Pensamento Jurídico Contemporâneo, no âmbito do curso de Licenciatura em Direito. Investigadora do Instituto Jurídico da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, *corresponding member* da Italian Society for Law and Literature (ISLL) e membro da ATFD – Associação Portuguesa de Teoria do Direito, Filosofia do Direito e Filosofia Social. Mestre em Direito, na área de concentração Ciências Jurídico-Filosóficas, pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Candidata ao doutoramento na mesma Instituição. As suas principais áreas de investigação são filosofia e teoria do direito, metodologia do direito e pensamento jurídico contemporâneo, especialmente as vertentes críticas, direito & estética, direito & arte, direito & performance e direito & literatura, tendo participado, como oradora, de conferências nacionais e internacionais nesses campos.
E-mail: bpaim@fd.uc.pt

Cameron Wright

(University of South Florida, Tampa, US)

***Soteriology and Time in the Sarvastivada Buddhist Theory of* dharma**

In this paper I offer an account of the Sarvastivada school of Abhidharma Buddhism, who give an analysis of experience in terms of momentary events called *dharmas*. What distinguishes the Sarvastivada from the other schools is their view that all *dharmas* are real concurrently in all time periods: past, present, and future. *Dharmas* are characterized as discrete, impartite events. How is it

that each of these events which occur in the past and future exist concurrently with the events we experience at the present moment? Although this is an ontological commitment to certain types of events, the Sarvastivada are ultimately motivated by epistemological and soteriological concerns. The epistemological concerns address the possibility of cognizing both past and future states of affairs. They hold that if past and future are to be known, they must exist concurrently to be cognizable in the present. In this paper I set out to explain how the Sarvastivada give an account of the ontology of *dharmas*, and how these *dharmas* persist across the three time-periods. I then want to explain why soteriology is the primary motivation for this trans-temporal view of *dharmas*. The soteriological concerns address how the current or future karmic outcomes of past actions are possible without the immediate temporal succession from an action to its outcome. The persistence of *dharmas* across the three time-periods gives some explanation of how actions in the past can have the requisite causal efficacy to produce karmic outcomes in the future.

Cameron Wright. Department of Philosophy, University of South Florida **Education:** 2015-Present: University of South Florida. Philosophy. 2010-2013: Bachelor of Arts, University of South Alabama. Major: Philosophy. Minor: Geography. **Position:** Graduate Teaching Assistant. Department of Philosophy, University of South Florida. **Research interests:** South Asian Philosophy/Hindu & Buddhist Philosophy; Environmental Philosophy; Spinoza; Continental Philosophy. **Teaching experience:** Fall 2018: Critical Thinking – Instructor. Fall 2017: Critical Thinking – Instructor. Spring 2017: Intro to Philosophy – Teaching Assistant. Fall 2016: Early Modern Philosophy – Teaching Assistant. Critical Thinking – Grader. Spring 2016: Intro to Philosophy (online) – Teaching Assistant. **Paper presentations:** "Soteriology and Time in the Sarvastivada Buddhist Theory of *dharma.*" New Mexico – Texas Philosophical Society, 69th Annual Meeting. April 6-7, 2018. Houston, Texas. **Service:** Co-Vice President, Philosophy Graduate Student Organization (PGSO), University of South Florida – 2018-2019. Vice President, Philosophy Graduate Student Organization (PGSO), USF – 2017-2018. Conference co-organizer, 11TH Annual PGSO Graduate Student Conference – "Resistance and Love After Foundationalism."April 13-15, 2018. University of South Florida – Tampa, FL. Session Chair, 11th Annual PGSO Graduate Student Conference. April 13, 2018.
E-mail: cmwright2@mail.usf.edu

Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento

(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, BR; Universidade Estadual de Campinas, BR)

Retrospectiva sobre as ciências intermediárias

Em 2016 eu e um colega publicamos em edição eletrônica dois volumes de traduções e estudos (Vol 1: Estudos e textos, 410p.; Vol. 2: Estudos, 353p. – disponível em Saraiva e Google Store) sobre as ciências intermediárias, na terminologia de Tomás de Aquino, ou seja, as ciências que aplicam a matemática (aritmética e geometria) às coisas sensíveis, cujos exemplos mais notáveis eram a astronomia, a ótica, a harmonia e a mecânica.
A comunicação pretende traçar um breve balanço do que foi feito e sugerir uma possível tarefa ainda restante: por quais intermediários Galileu tomou conhecimento dessas ciências.

Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. Possui graduação em Filosofia e Teologia pela Escola Dominicana de Teologia (1961), mestrado em Estudos Medievais – Université de Montréal (1967) e doutorado em Estudos Medievais – Université de Montréal (1976). Atualmente é professor titular aposentado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em História da Filosofia, atuando principalmente nos seguintes temas: filosofia medieval (Abelardo, Tomás de Aquino, Rogério Bacon e João Duns Scot). Publicações: – *As ciências Intermediárias – Algumas sondagens históricas*. Em colaboração com Roberto Hofmeister Pich. Porto Alegre: Edipucrs; Phi, 2016. – *De Tomás de Aquino a Galileu*. Campinas: Unicamp-IFCH, 1998. – Tomás de Aquino, *Comentário ao Tratado da Trindade de Boécio, Questões 5 e 6*, Introdução e Tradução. São Paulo: Ed. Unesp, 2001. – *Las questiones de la primeira parte de la Suma de Teología de Tomás de Aquino sobre el conocimiento intelectual humano*. In: Bertelloni, F. E Burlando, G. (Orgs.). *La Filosofia Medieval* (Enciclopedia

Iberoamericana de Filosofia, 24_. Madri: Ed. Trotta, Cons. Sup. De Inv. Cient., 2002, p. 157-177. – *Para ler Galielu Galilei*. São Paulo: Educ, 2003. – *Um mestre do Ofício: Tomás de Aquino*. São Paulo: Paulus, 2011.
E-mail: carlosartnascimento@gmail.com

Carlos Bizarro Morais

(Universidade Católica Portuguesa, Braga, PT)

O virtual como categoria da experiência estética

Um dos aspetos que consideramos verdadeiramente marcantes da estética filosófica de Mikel Dufrenne é a sua elaboração de uma teoria pioneira sobre a categoria do *virtual*, nomeadamente a análise das suas incidências fenomenológicas na perceção estética e na constituição do objeto estético. A sua sistematização inicia-se com *Phénoménologie de l'Expérience Esthétique* (1953), percorrendo todos os seus trabalhos publicados ao longo da segunda metade do séc. XX, até *L'oeil et l'oreille* (1987), sua última obra onde a categoria do virtual ocupa um lugar de destaque.
À distância de pouco mais de vinte anos do seu falecimento (1910-1995), é oportuno iniciar uma avaliação crítica do alcance do contributo deste autor para o tema em análise, pelo menos sob dois ângulos de perspetiva que consideramos prioritários. Em primeiro lugar, quanto à competência e adequação do manuseamento da fenomenologia como teoria integrativa da categoria do virtual no fenómeno estético. Em segundo lugar, quanto à perspicácia de, como que premonitoriamente, Mikel Dufrenne ter antecipado um instrumento de análise das artes que, desde o último quartel do século passado, se vêm desenvolvendo precisamente sob a égide da categoria do virtual; se fosse necessário justificar a atualidade do tema, bastaria notar a importância da noção de virtual, não apenas na ciência e na técnica, mas no espaço social, comunicacional, estético e afetivo. Em pouco tempo, instalámo-nos na cultura do virtual, que investe e condiciona positiva e negativamente a experiência vivida e a própria constituição dos objetos.
O que hoje se passa no campo da criação artística, na produção e consumo de imagens digitais e de formas virtuais confere à estética um lugar privilegiado para observar, compreender e avaliar a relação do virtual com a realidade, e mais globalmente, a virtualização do mundo. No fundo, a pergunta pela realidade é sempre a que mais nos incomoda, pois é cada vez menos precisa e nítida a moldura disso a que chamamos "real", o seu contorno, a sua identidade, a sua natureza, a sua afinidade. É muito sintomático que passe a ser mais convidativa a experiência imersiva na realidade virtual do que a contemplação da natureza!
Mikel Dufrenne pressentiu, com muita acuidade, que o problema do "novo" virtual exigia transvasar a doutrina filosófica, clássica, da dualidade «*potência*|*acto*».
É em ordem a esta tarefa de avaliação crítica, centrada nos dois objetivos enunciados que planeamos a nossa comunicação.

Carlos Bizarro Morais é Doutor em Filosofia (Estética) pela Universidade Católica Portuguesa. Professor da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da UCP e Investigador integrado do Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos. Investiga os temas: experiência estética, estética fenomenológica, filosofia da arte, artes visuais e pedagogia, história da filosofia. Publicações mais recentes em Estética: – «Da radicalidade da experiência estética» in Alcaraz Léon, M J; Moura, V (Eds.) *Conceitos Estéticos / Conceptos Estéticos*, Famalicão: Húmus, 2017, pp. 97-120. – «Riscos tanatológicos da arte. Para uma leitura dufrenniana da morte da arte na contemporaneidade» in Pinto, A P; Morais, C B [et al] (Orgs.) *Do Reino das Sombras: Figurações da Morte*. Braga: Aletheia – Associação Científica e Cultural, 2014, pp. 519-534. – «A Arte ao Sabor da Moda? Elementos de Crítica da Moda na Perspetiva de Mikel Dufrenne» in *Revista Portuguesa de Filosofia*, 70, fasc. 2-3, 2014, pp. 603-612. – «O pensamento "neobarroco" e a crise da (pós-)modernidade» in Oliveira, A. de [et al] (Coords.), *O Barroco em Portugal e no Brasil*, Maia: Edições ISMAI e CEDTUR, 2012, pp. 383-392. – «Para uma aproximação da estética à metafísica» in *Revista Portuguesa de Filosofia*, 67, fasc. 3, 2011, pp. 579-590.
E-mail: cmorais@braga.ucp.pt

Carlos F. D. Bubols

(Universidade Federal de Santa Maria, BR)

Da discordância à identificação entre o viver e o narrar: a noção de* entrecruzamento *entre a vida e a narrativa no pensamento de Paul Ricœur

Diante do problema da relação entre a experiência e as narrativas, algumas tradições filosóficas (existencialismo e o narrativismo) aventaram posições antagônicas acerca do tema. Neste trabalho, pretende-se apresentar essas duas tradições e oferecer o pensamento de Paul Ricœur como hipótese de superação dos problemas acarretados por elas. A primeira perspectiva a ser examinada, a saber, o existencialismo, compreende que a vida não possui de antemão uma estrutura inteligível, cabendo aos narradores a união de pontos atomizados que, sozinhos, não possuem qualquer finalidade ou sentido. Este tópico tem como ponto de partida o problema posto por Sartre sobretudo na obra literária *A Náusea* (1938), e formalizado no ensaio filosófico *A Transcendência do Ego* (1936). Para o filósofo, vida e narrativa são mutuamente excludentes: "[...] é preciso escolher: viver ou narrar" (SARTRE, 2015, p. 50). O pensamento sartriano tem como resultado a formulação de uma ideia de consciência destituída de um *eu* que garanta alguma perenidade identitária. Na tradição narrativista, por sua vez, compreende-se o prestígio do "narrado" sobre o "vivido", de modo que os sujeitos singulares, isoladamente, restariam ininteligíveis, encontrando sentido apenas quando circunscritos por uma estrutura prévia de relações. Segundo esse pensamento, a própria experiência já ocorre segundo uma forma narrativa. Já o pensamento de Paul Ricœur, por seu turno, encontra-se no terceiro plano de análise deste trabalho, propondo uma relação dialética entre os dois polos anteriores, de modo que sua teoria é tomada aqui como hipótese para a superação do antagonismo gerado pelo existencialismo sartriano e algumas posições atomistas ou episódicas em relação à identidade pessoal e à escrita da história, de um lado, e pelo reducionismo das concepções narrativistas e comunitaristas que advogam em favor de uma estrutura narrativa prévia na vida, de outro. Busca-se, neste trabalho, apontar para uma possível solução dos problemas anteriormente mencionados, de modo que, por um lado, as narrativas não sejam tratadas como meras ficções ou falsificações da experiência, enquanto que esta, por seu turno, não seja simplesmente redutível a estruturas narrativas pré-determinadas, mas sim que se assuma uma compreensão narrativa em que as duas dimensões sejam coadjuvantes uma da outra, colaborando na formação e na elaboração da própria vida.

Carlos F. D. Bubols. Graduado em Filosofia – Licenciatura Plena, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Atualmente é mestrando em Filosofia pela mesma universidade. Graduação em andamento em História – Licenciatura Plena e Bacharelado (UFSM). Atua como pesquisador nas áreas de Fenomenologia, Hermenêutica e Teoria da História, e desenvolve pesquisa sobre o entrecruzamento entre história e ficção no pensamento de Paul Ricoeur.
E-mail: carlosbubols@gmail.com

Carlos Manuel Jorge Alves

(Universidade Nova de Lisboa, PT)

O Pensamento Crítico na época do Pós-Verdade

O cenário de 'pós-verdade' atual, assenta numa mundividência enviezada, baseada na popularização de crenças falsas e do menosprezo da verdade objetiva (cada vez menos influente na formação de opinião pública) à distância de um *tweet*, de uma publicação no *Facebook* ou no *Instagram*. O Pensamento Crítico permite atingir níveis superiores de entendimento e compreensão, desdobrando-se em duas atividades: 1) capacidade de processar e gerar informações e crenças rigorosas e 2) usar essa capacidade como guia para a ação. Direcionado para a tomada de boas decisões, para fazer escolhas adequadas e decisões acertadas, é uma ferramenta fundamental para

a formação de cidadãos empenhados com a verdade, ao permitir uma avaliação da fiabilidade das crenças com que contactam, reconhecer, mitigar ou evitar os enganos, erros, falácias que proliferam no dia-a-dia e separar a fundamentação das meras opiniões acríticas.
A ligação natural entre este e a Filosofia não deve servir para o estudo desta ficar refém do engodo mercantilista vendendo, sem fundamento, os efeitos performativos, práticos, inerentes, publicitando os méritos comercializáveis do seu ensino, nomeadamente as alegadas melhorias transformativas, das capacidades analíticas e do pensamento em si, cuja transversalidade, aumentará as hipóteses de sucesso profissional.
Cultivar o Pensamento Critico é essencial, na medida em que a educação na capacidade crítica é imprescindível para formar cidadãos autónomos, conscientes, empenhados e aptos para evitar a uniformização e o conformismo e enfrentar a injustiça. Uma ferramenta fundamental para uma cidadania atenta às consequências de algoritmos procurando semelhanças de ponto de vista, proporcionando concordâncias ao utilizadador, fugindo ao contraditório, fundamental para uma reflexão crítica.
É necessário revitalizar um ensino motivado pela ambição kantiana de não ensinar filosofia (menos, ainda, a que promete mudanças repentinas no potencial reflexivo e crítico), mas a filosofar. Educar, estimulando a curiosidade, para a assertividade do pensamento e a atitude crítica e questionante, visando um entendimento do mundo distanciado da verdade absoluta e da veracidade mascarada mas, também, do preconceito, da superstição e menosprezo pelos factos. Mais do que nunca esta atitude continua, no pós-verdade, fundamental para analisar e avaliar a consistência dos raciocínios e das afirmações, tornando acessível uma dimensão de autonomia e liberdade avessa a aceitar tacitamente qualquer teoria ou autoridade como certa e indubitável. A valorização das humanidades em geral e o ensino da Filosofia em particular, valorizando o Pensamento Crítico, ontem como hoje continuam essenciais.

Carlos Manuel Jorge Alves. FCSH-UNL – IPRI – Instituto Português de Relações Internacionais. Professor e investigador. Licenciado em Filosofia, Mestre em Filosofia, na especialidade de Filosofia Política, com a Tese de Mestrado "Sobre a Possibilidade de Uma Sociedade Justa na Filosofia Política de John Rawls". Doutorando em Ciência Política (Teoria e Análise Política) na FCSH/NOVA. Tem centrado a sua investigação nos movimentos sociais, políticas de contestação, participação política e sociedade civil. Áreas de Investigação: qualidade da democracia, movimentos sociais, cidadania, participação política, teorias da Justiça.
E-mail: carlosmjalves@gmail.com

Catarina de Brito Carreira Tello de Castro
(Universidade Católica Portuguesa, PT)

Poderes e poder em Hobbes: uma análise liberal do autoritário

O *Leviatã* não nos oferece apenas uma dialética da necessidade da força unilateral, como expõe, talvez de modo ambíguo ou subtil, a possibilidade humana de manifestar poder sem que esse lhe seja concedido. Aquilo a que chamamos *poder* é comumente atribuído como propriedade a certos indivíduos ou entidades, normalmente minoritários num todo social. Esta visão do *poder* é apenas política, mas não deixa de surgir de partículas distintas e mais finas, e de ser merecedora de uma análise da dinâmica de que surge e que cria. Hobbes abre uma caixa de Pandora quando apoia a mão férrea do Soberano para o controlo dos inevitáveis atos bárbaros, como da mesma maneira milita a favor de direitos inatos. Podem observar-se então duas barricadas de poder no mundo complicado de Hobbes e, uma vez existentes, de onde vêm elas? Qual é a natureza de cada uma?
Aceitamos neste ensaio que *poder* é primariamente uma categoria ontológica – não sendo política, numa primeira análise – desfazendo-se em subcategorias que assumem caráteres distintos. Ao encarar a definição de poder político, encontramos a dificuldade de definir um conceito que se transforma conforme os contextos. Neste sentido, assumimos a análise hobbesiana de *poder* que surge sobretudo a partir do capítulo décimo do *Leviatã*, como veremos, passando pelo décimo-

quarto e, finalmente, pelo vigésimo-primeiro capítulos. O primeiro olhar sobre a obra procura uma definição básica ou geral do conceito, incluindo já –embora talvez nas entrelinhas – a presença do conceito de liberdade como obrigatório para a teoria do poder e da ação hobbesiana. Esta abordagem indica, pela sua generalidade, a localização do Estado de Natureza (EN) onde Hobbes constrói uma antropologia filosófica de onde deriva as condições de possibilidade e legitimidade da ação desse sujeito, que lhe serão ou não retiradas na transição para o Estado Social (ES): *jus naturalis* e *lex naturalis*. Já neste plano, iremos olhar para os formatos de *poder* possíveis que o autor nos oferece a partir da distinção anteriormente indicada, chegando à bifurcação de Poder Explícito (PE) e Poder Implícito (PI). Estas referem, neste olhar, duas diferentes atitudes de manifestação de poder onde PI (o que é governado) aceita secundarizar-se em relação a PE (o que governa), abrindo uma possibilidade para uma relação constantemente tensional entre os dois.
Estas duas subcategorias do conceito de *poder* e a sua articulação individual e mútua será um *framework* para a formação de uma maior sensibilidade política, sabendo que o *poder* continua a ser um conceito transversal do ponto de vista histórico.

Catarina de Brito Carreira Tello de Castro. Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa (Mestrado); Praxis (CFUL).
E-mail: catarinatellodecastro@gmail.com

Celia López Alcalde

(Universidade do Porto, PT)

Quem se conhece a si próprio e como? O problema do autoconhecimento nas obras atribuídas a Pedro Hispano

O *De anima* de Aristóteles tem como tema fundamental a natureza da alma, a descrição das suas ações e a possibilidade de esta ser conhecida. Estes problemas são retomados nos tratados e comentários medievais sobre esta obra, acrescentando-lhe novos problemas.
A maioria dos autores concordam que é possível um conhecimento objetivo e certo sobre a alma, segundo a conceção de ciência de Aristóteles no *De anima*. A questão de um conhecimento da alma por si mesma, geralmente também aceite na tradição latina, apresenta, no entanto, algumas variações. De acordo com as visões alternativas recebidas de outras tradições, por exemplo a neoplatónica, é introduzida mesmo a possibilidade de um conhecimento direto da alma por si mesma, que encontra algum eco no comentário ao *De anima* III, 4 (429b) e nas respetivas interpretações.
A nossa comunicação foca-se no problema do autoconhecimento da alma nas obras psicológicas atribuídas a Pedro Hispano, nomeadamente *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II Aristotelis* e a *Scientia libri de anima*, procurando também estabelecer paralelismos ou divergências que permitam aprofundar a discussão do problema da autoria destas duas obras.

Celia López Alcalde. Investigadora com bolsa de pós-doutoramento da Fundação de Ciencia e Tecnologia no Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, com um projeto de edição e estudo das obras de psicologia atribuídas a Pedro Hispano. Licenciada em Filosofia e Filologia Clássica. Tese de Doutoramento sobre a obra de psicologia de Ramon Llull, *Liber novus de anima rationali*. É investigadora nuclerar do projeto "Critical Edition and Study of the Works Attributed do Petrus Hispanus – 1" (Ref. FCT: PTDC/MHC-FIL/0216/2014), no Instituto de Filosofia da Universidade do Porto.
E-mail: celialopez@letras.up.pt

César Ortega Esquembre

(Universidad de Valencia, ES)

De la distorsión de la comunicación a la distorsión del reconocimiento. Axel Honneth y la nueva fundamentación normativa de la Teoría Crítica

Desde sus primeras formulaciones en el pensamiento de Marx, el proyecto de una teoría crítica de la sociedad ha ido siempre acompañado de la pretensión de transformar, en la praxis, una realidad social considerada previamente por la teoría como *patológica*. Semejante proyecto se vio obligado desde sus comienzos a aportar, ya sea de forma explícita o implícitamente, una descripción de la sociedad racional a cuya contraluz normativa el orden social criticado pudiera aparecer como efectivamente patológico. Ya fuera en la crítica de la alienación practicada por el joven Marx, donde el modo productivo capitalista violentaba la relación originaria del ser humano con el producto de su trabajo; en la apelación a una apropiación mimética y no instrumental de la naturaleza, con la que Adorno y Horkheimer anticiparon contrafácticamente un ideal de sociedad racional alternativo a la sociedad administrada; o en la reivindicación de un desarrollo no represivo de la libido, desde el que Marcuse creyó posible criticar la sociedad tardocapitalista; en todos estos casos la Teoría Crítica se apoyó en una determinada comprensión normativa de la sociedad emancipada.

El tratamiento de esta cuestión, que podemos denominar "el problema de la fundamentación normativa de la Teoría Crítica", sólo se hizo explícito no obstante con la irrupción de Jürgen Habermas. *Teoría de la acción comunicativa* representa el gran intento por ofrecer de forma sistemática una renovación de la antigua fundamentación normativa de la crítica, para lo cual se opera con el conocido diagnóstico de una colonización del mundo de la vida por parte de imperativos sistémicos. Este diagnóstico sólo pudo ser crítico, y no meramente descriptivo, en tanto descansaba en una anticipación de la sociedad emancipada, que Habermas remitió a la idea de una eliminación de las distorsiones del entendimiento.

A la vista de algunos de los problemas teóricos a que se vio enfrentado el intento habermasiano, Axel Honneth ha tratado de ofrecer una fundamentación alternativa de la Teoría Crítica. La antigua idea de una comunidad de comunicación exenta de coacciones es sustituida, de la mano de Hegel, por la anticipación normativa de una sociedad en que se ven satisfechas todas aquellas relaciones de reconocimiento recíproco que garantizan una identidad no violentada. La presente comunicación tiene como objetivo reconstruir este último tránsito en la historia de la normatividad subyacente a la Teoría Crítica. Para ello se defenderá en primer lugar que sin una proyección normativa de la sociedad emancipada, la Teoría Crítica queda diluida en una sociología descriptiva impotente para motivar acciones de resistencia. Tras definir brevemente el significado de *Teoría de la acción comunicativa* desde el punto de vista de esta fundamentación, se reconstruirá en tercer lugar el intento de fundamentación alternativa realizado por Honneth, desde los tempranos textos en términos de "lucha por el reconocimiento" hasta las actuales apelaciones a la libertad social ya institucionalizada.

César Ortega Esquembre. Personal Investigador en Formación en el Departamento de Filosofía de la Universidad de Valencia. Programa de Formación de Profesorado Universitario (FPU) del Ministerio de Educación español. Áreas de especialización: filosofía social, política y moral. Formación académica: 2008 – 2013: Licenciatura en Filosofía. Universidad Complutense de Madrid y Universidad de Valencia. 2013 – 2014: Máster en Ética y Democracia. Universidad de Valencia y Universidad Jaume I de Castellón. 2014 – actualidad: Doctorado en Ética y Democracia. Universidad de Valencia. Estancias de investigación: Septiembre 2016 – Diciembre 2016: Columbia University (NYC). Septiembre 2017 – Diciembre 2017: Columbia University (NYC). Participación en proyectos de investigación: "Juicio moral, justicia y democracia en perspectiva neuroética" (01/01/14 – 31/12/16, Ministerio de Economía y Competitividad). "Neuroeducación moral, democracia deliberativa y políticas de desarrollo humano sostenible" (01/01/17 – 31/12/19, Ministerio de Economía y Competitividad). "Retos actuales de la enseñanza de la filosofía" (curso 2016 – 2017, Universidad de Valencia). Publicaciones: "¿Naturalizar la idea de justicia? Una respuesta crítica desde la teoría moral de Habermas". *Pensamiento*, 72 (273), 2016, 827-848. "Habermas y Marcuse contra la ideología tecnocrática". *Daimon*, 71,

2017, 47-62. "¿Naturalismo blando? En torno al estatuto epistemológico de la teoría moral de Jürgen Habermas". *Anuario Filosófico*, 51 (1), 2018, 135-159. "La recepción del pensamiento de Marx en el joven Habermas". *Ideas y valores*, 67 (167), 2018, 13-36.
E-mail: cesar.ortega@uv.es

Chrysi Rapanta – Andri Christodoulou

(Universidade Nova de Lisboa, PT – University of Southampton, GB)

Walton's Types of Argumentation Dialogues as Classroom Discourse Sequences

Argument-based research in education focuses either on interventions guided by the researchers or on argument-based teaching studies in which participant teachers are the core elements of carrying out significant changes in the current educational practices. Our research is situated in the second trend, with a special focus on discourse as implemented in classroom-based interaction with the general goal of persuading about the contents taught and discussed with the students. Drawing on previous research both in the areas of science education (i.e. Berland & Reiser, 2009) and classroom discourse studies (i.e. Michaels, O'Connor, & Resnick, 2008), our particular interest is to identify criteria that can be established a priori which guide teachers-student discourse into one direction or another. To do this, we define argumentative interaction as any kind of dialogic interaction emerging in the classroom in which some type of construction or co-construction takes place regarding an epistemic issue, meaning a particular concept, problem or solution to be cognitively addressed.

Our main research goal is to operationalize a framework of dialogue types akin to emerge in any context of genuine teacher-students interaction. To do that, we are based on a tool proposed by the argumentation theorist Doug Walton. For Walton (1989), any dialogue can be argumentative as long as it appeals to the dialectic mechanics of shifting the burden of proof from one party to another. In this sense, educational dialogue is always argumentative, from a simple teacher-guided inquisition in regards to the contents learned to a more complex negotiation of meanings and co-construction of the best theory between teachers and students. Identifying which type of dialogue sequence is enacted at a certain moment of interaction and how and why it shifts to another is important, if we want to give a more concrete argumentative orientation to the activity type, in Levinson's terms, generally called "lesson". This identification achieved through the definition, refinement and exemplification of criteria allows for a more systematic and top-down definition of how to transform a simple or argument-free lesson to a gradually more argumentation-based one.

By developing a framework of teacher-student interactions based on the types of dialogues they engage in and the interlinking and sequencing of these types within classroom settings, we argue that we can better understand how teachers focus students' thinking on particular ideas or phenomena, and we can support teachers in developing their instructional skills of attending to student thinking by engaging with them in productive forms of discourse.

Chrysi Rapanta (PhD in Communication sciences, University of Lugano, Switzerland) is a postdoctoral researcher by FCT working at the Institute of Philosophy of Language of the Universidade Nova de Lisboa since 2012. Before that she was Assistant Professor of Communication at Zayed University, Dubai. Her research interests lie in-between education, argumentation, and professional communication in different fields. She has published in internationally recognised journals in the fields of Philosophy and Education such as Informal Logic, Review of Educational Research, and British Journal of Educational Technology.
E-mail: crapanta@fcsh.unl.pt

Cláudia Maria Fidalgo da Silva

(Universidade do Porto, PT)

O conceito de esperança na filosofia moral kantiana

O nosso principal objetivo é apresentar uma abordagem ao conceito kantiano de esperança <*Hoffnung*>. Ter-se-á como ponto de partida três orientações diversas que, em última análise, se intersetam intimamente: 1) esperança na nossa própria felicidade; 2) esperança no nosso próprio aperfeiçoamento moral; 3) esperança no aperfeiçoamento moral do género humano como um todo. Apresentemos, mais detalhadamente, cada uma das orientações.

1) Kant afirma, no "Cânone da razão pura", que "toda a *esperança* tende para a *felicidade*" (KrV, A 805/ B 833). Contudo, a esperança na felicidade encontra-se profundamente relacionada com a conduta do ser humano, que deve ser digno dela (KrV, A 809/ B 837). Kant sugere a existência de uma *conexão necessária* entre a lei moral e a esperança humana na felicidade, na qual Deus possui um papel essencial (cf., por exemplo, KrV, A 810/-811/ B 838-839).

2) Segundo o autor, o ser humano possui uma propensão para o mal, isto é, "ele é consciente da lei moral e, no entanto, acolheu na sua máxima a deflexão ocasional a seu respeito" (RGV, AA 06: 32). A tarefa do ser humano, como agente ético, é realizar um "renascimento", uma "transformação do coração" (cf. RGV, AA 06: 47), incluindo Kant a esperança pela assistência divina nesta mesma tarefa: "o que o homem, segundo a sua destinação, deve ser (…) é o que ele deve poder tornar-se, e se isso não é possível naturalmente mediante as suas forças, é-lhe permitido esperar que tal acontecerá graças à cooperação divina externa" (SF, AA 07: 43).

3) Uma paz futura, um aperfeiçoamento moral do género humano é também claramente um objeto de esperança na sua filosofia. Como Kant afirma, "a razão prático-moral expressa em nós o seu veto irresistível: *não deve haver guerra* (…) E mesmo que a completa realização deste objetivo (…) permaneça como um desejo irrealizável, não nos enganaremos decerto ao aceitar a máxima de agir continuamente nessa direção; é, de facto, um dever" (MS-RL, AA 06: 354-355).

Finalmente, pretender-se-á evidenciar que a esperança na ereção de um mundo moral, na qual as três orientações acima referidas parecem convergir, pode ser considerada um ideal regulador. Ainda que não a possamos *antever* como consumação empírica, podemos e devemos, porém, *vislumbrá-la*, fazendo, em vista dela e *esperançosamente*, preparativos, apostando, assim, num contínuo progresso e acercamento do soberano bem possível na Terra (RGV, AA 06: 135-136).

Cláudia Maria Fidalgo da Silva. Investigadora do Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de Doutoramento intitulada "Do agente individual ao género humano. Análise de uma problemática kantiana" (2017). Os seus interesses de investigação versam essencialmente sobre o seguinte: Kant, História da Filosofia, filosofia prática, educação. É autora de vários artigos, de entre os quais se poderão destacar os seguintes: "O conceito de felicidade na filosofia moral kantiana. Principais considerações" (2012); "O conceito de virtude nos Estóicos e em Kant. Uma abordagem ao seu paralelismo" (2013); "Valores e educação: Entre a facticidade e a idealidade" (2013); "A noção de responsabilidade na filosofia moral kantiana" (2014); "A educação como valor intemporal" (2014); "Uma abordagem ao sentimento moral na filosofia kantiana" (2014); "Entre os Estóicos e Kant: Os conceitos de virtude e de felicidade" (2016); "Kant – Uma educação para a humanidade" (2016); "Uma abordagem ao conceito kantiano de comunidade ética" (2017); "A noção de pessoa na filosofia moral kantiana" (2017).
E-mail: claudia-silva-07@hotmail.com

Claudia Tiellet

(Universidade Federal de Santa Maria, BR)

Segunda pessoa e casos-limite em Ricoeur

Nossa investigação parte do pressuposto de que Ricoeur identifica uma lacuna no tratamento da segunda pessoa da ética. Para ele, as duas maiores tradições da ética filosófica tratam a segunda

pessoa de forma obliterada. A corrente da ética teleológica, herdeira de Aristóteles, vê virtude cívica ou humanidade apenas na amizade (philia) entre homens, livres e iguais (excluindo as mulheres, as crianças, os negros, os estrangeiros). Sob a ótica de Aristóteles, portanto, as relações interpessoais só são possíveis ou razoáveis se os envolvidos forem predominantemente do sexo masculino, de uma mesma e mais elevada classe socioeconômica. A corrente da moral deontológica, inaugurada por Immanuel Kant, por sua vez, traz consigo o ideal moderno de sujeito autônomo que se choca constantemente com a exigência de reciprocidade na relação interpessoal. Além disso, num primeiro momento, não há o trato explícito da segunda pessoa. E apenas enquanto se está sob o amparo da lei parece haver alguma garantia de reconhecimento. A relação interpessoal só encontra aval, portanto, sob pano de fundo do legal instituído (códigos de ética profissionais, por exemplo). As lacunas de ambas as tradições acentuariam conflitos e cultivariam a inércia diante de tanta intolerância religiosa, de tanto preconceito com questões de gênero e de raça, diante de tanta violência banal nas relações interpessoais contemporâneas. Despertando para o sofrimento da segunda pessoa imersa nessas situações de desigualdade, Ricoeur aponta uma saída, advinda da articulação e complementariedade entre a teleologia aristotélica, a partir da noção de solicitude, e a deontologia kantiana, a partir da categoria do respeito. Destarte, tentaremos defender a tese de que Ricoeur corrige as deficiências do tratamento da segunda pessoa da ética, em conformidade com as premissas da solicitude e do respeito e a busca de articulação entre ética e moralidade. Nossa proposta será melhor compreendida a partir da análise do modo pelo qual nosso filósofo opera a deliberação em casos-limite.

Cláudio Alexandre S. Carvalho

(Universidade do Porto, PT)

Fenomenologia da vivência melancólica em Tellenbach

Nos sucessivos paradigmas médicos o referente somático da melancolia – o excesso de bílis negra, a anomalia cerebral ou desequilíbrio dos neurotransmissores – foi considerado insuficiente para compreender e cuidar aqueles que padecem de tal condição. Para isso contribui o facto de na vivência melancólica confluírem correlatos físicos, mas também disposições afectivas e cogitações que, contrariamente ao que ocorre noutros transtornos mentais, não são sintomas secundários, mas factores centrais da etiologia, do diagnóstico e do tratamento. É na obra de Husserl que boa parte da psicopatologia do século XX encontra os instrumentos teóricos para circunscrever a constituição do sentido na vivência melancólica.

Nas modalidades descritiva e genética, a fenomenologia contribuiu para estabelecer uma relação compreensiva permitindo distinguir a dimensão pré-intencional da *Stimmung* depressiva e os afectos que a mesma propicia. Ciente da riqueza fenoménica da melancolia, da sua irredutibilidade a uma categoria nosológica prévia, K. Jaspers não deixou de enfatizar a vocação científica da fenomenologia, notando que a mesma, dependente dos requisitos de neutralidade e simpatia, pode facultar o acesso aos factores distintivos da experiência daqueles que dela padecem. A Daseinsanalyse de L. Binswanger inspira-se em Heidegger para, tal como Minkowski, atentar no modo como a melancolia afecta a vivência temporal, evoluindo de uma fenomenologia descritiva para uma teoria da constituição transcendental da intencionalidade.

O modelo clínico e teórico de melancolia proposto por Hubertus Tellenbach é tributário daquelas psicopatologias de cunho fenomenológico e analítico-existencial, visando a resolução de algumas de suas aporias. No cumprimento de tal desiderato a noção de *endon* desempenha um papel crucial pois permite reconhecer aspectos ante-predicativos e pré-reflexivos da vivência melancólica ausentes dos modelos de causalidade somatogénica e psicogénica. Se as alterações do tempo vivido e da inserção no espaço continuam a ser essenciais para a compreensão do transtorno, ao investigar a fase prodromal das manifestações melancólicas, que vêm a conformar o *Typus melancholicus*, Tellenbach encontra constantes da relação constitutiva ao outro e às expectativas sociais. De acordo

com a doutrina exposta em *Melancholie* [1961], o melancólico se revela captivo da ordem e da conformidade, como atestam os relatos de defesa resoluta de princípios morais, o formalismo da conduta e a conformidade extrema às normas e às expectativas projectadas no Outro. Tellenbach esclarece que esses traços do melancólico são consistentes com uma estratégia de protecção face ao sentimento de vazio/perda existencial que adquirem significação e valor variáveis consoante a sociedade em que se manifestem. O colapso melancólico é propiciado por demandas heteronómicas contraditórias ou irrealizáveis que desencadeiam o "delírio de culpa". Contudo, esclarece que a tonalidade afectiva e as manifestações emocionais extremas, não devem ser entendidas unicamente como reacção a eventos, como ocorre na tristeza comum e depressão reactiva, tendo importância cimeira a alteração basal da vitalidade do sujeito nos processos endógenos. Veremos que para Tellenbach a melancolia revela o *Dasein* captivo numa necessidade parcialmente autoimposta que encontra saída por via simultaneamente meta-somática e transsubjectiva.

Cláudio Alexandre S. Carvalho é bolseiro de pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, integrando o grupo de investigação "Aesthetics, Politics & Knowledge" do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto. Desde a conclusão de seu doutoramento em Filosofia (Universidade de Coimbra, 2012), dedicou-se ao estudo das bases filosóficas da psicoterapia. No ano lectivo de 2016-7 desempenhou as funções de professor auxiliar convidado na Universidade da Beira Interior. O seu actual projecto de investigação visa a compreensão da constituição do *medium* terapêutico da sociedade moderna.
E-mail: kraftcasc@gmail.com

Claudio Arqueros V.

(Think Tank Fundación Jaime Guzmán, CL)

Condiciones de posibilidad de la concordia política en las sociedades fragmentadas; El rol del Estado subsidiario y los cuerpos intermedios

El esfuerzo medular de esta exposición estará em intentar establecer, a partir de una visión ética del «principio de subsidiariedad» que facilita la comprensión de la existencia del tejido social y los roles que ahí se conforman, las «condiciones de posibilidad» de su pertinencia en diversos tópicos de la vida contemporánea, como elemento que puede favorecer la concordia política en sociedades que tienden a fragmentarse debido a que la representación (tanto en sentido filosófico como también consecuencialmente en todos aquellos secundarios, incluyendo la esfera política) sufre un creciente rechazo.

Parte central de nuestro análisis se centrará en valorar la capacidad de las instituciones intermedias y del rol subsidiario del Estado para operar como enlazadores efectivos de la libre participación ciudadana y las tradiciones republicanas occidentales que reconocen un sentido unitario de la vida en sociedad (entendido como proyecto común posible y un bien común cognoscible), considerando el marco de los imaginarios sociales contemporáneos (fragmentación y debilitamiento de la concordia política, deconstrucción de la noción de persona, etc.). Expondremos nuestra convicción de que las sociedades intermedias y el Estado subsidiario pueden dar respuestas adecuadas a los distintos conflictos contemporáneos, dado que al permitir y fomentar este marco organizacional la posibilidad de realización y desarrollo de los diversos proyectos en libertad, sin perder de vista el fin general de la vida en sociedad, el espíritu que funda e impulsa al principio de subsidiariedad puede ser considerado un aporte o bien incluso parte constitutiva esencial de aquel.

Para esto, abordaremos críticamente las narrativas postmodernas que han fomentado el nihilismo como una «condición de época» y los relatos del multiculturalismo que abrazan la idea de la post-historia. Esto comprende refrendar los compromisos ontológicos y estándares axiológicos que hagan viable la pregunta por la sociedad mediante una «ética filosófica» que implica seguir la huella de las distintas formas de asociatividad de las comunidades humanas, en lo que actualmente reconocemos como «sociedades intermedias».

Claudio Arqueros V. Filósofo y Licenciado en educación de la Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación, Magíster en filosofía de la Universidad de Chile, Magíster y Doctor en filosofía por la Pontificia Universidad Católica de Chile. Actualmente se desempeña como director de formación de la Fundación Jaime Guzmán, profesor de la Facultad de Gobierno de la Universidad del Desarrollo, profesor del programa de magíster en comunicación política de la universidad de Chile, y columnista de la sección Voces del diario La Tercera. Ha publicado en Chile y el extranjero distintos artículos en revistas y libros sobre filosofía política, entre ellos: "Subsidiariedad en Chile"; "La promoción del desarrollo integral, un desafío del siglo XXI para América Latina"; "50 años de gremialismo"; "Persona, sociedad y Estado en Jaime Guzmán".

Claudio Marín Medina

(Universidad Alberto Hurtado, CL)

Los antecedentes spinocianos del monismo de doble aspecto

El Monismo de Doble Aspecto (MDA) es una teoría que se ha propuesto como respuesta a lo que Chalmers ha denominado el *problema difícil de la conciencia*. Dicha teoría sostiene que a nivel fundamental existe un único tipo de realidad que es tanto mental como física. Así, bajo ese marco, el problema de la conciencia tendría su respuesta al sostener que la conciencia se encuentra a un mismo nivel que lo físico pues, en última instancia, lo físico y lo mental constituyen una única y misma realidad.

Si bien esta teoría posee determinadas versiones en la actualidad, pocas dudas caben de que ella se remonta a, por lo menos, el debate cartesiano respecto de la relación entre la mente y el cuerpo. Incluso varios de sus defensores sostienen que ella posee claros antecedentes en la metafísica de Spinoza. Sin embargo, ninguno de ellos, quizás con la excepción de Galen Strawson, ha argumentado con claridad en qué sentido dicha metafísica podría ser un antecedente de la mentada teoría.

El presente artículo pretende clarificar dicha cuestión, argumentando que particularmente el MDA contemporáneo descansa en cierta medida en la noción de "atributo" desarrollada por Spinoza, la cual posibilitaría pensar un monismo que, sin embargo, a nivel fundamental pueda mantener una naturaleza dual. Dicha naturaleza dual a nivel último, no implicaría una dualidad a nivel sustancial, dado que la noción de atributo más bien denota diversidades cualitativas en *una realidad*, más no diversidades cuantitativas *entre realidades*. En otras palabras, lo que pretende mostrar el argumento es que la idea de "aspectos" del MDA operaría del mismo modo en que los "atributos" lo hacen en la metafísica de Spinoza.

Lo anterior no es menor, pues a partir de ello se puede fundamentar que el MDA es una teoría que se distingue de otras dos visiones con las cuales se le confunde regularmente. En efecto, así como los atributos constituyen una única y misma realidad en la metafísica de Spinoza, los aspectos en el MDA no constituirán realidades diversas, distinguiendo así al MDA de cualquier forma del dualismo, incluyendo al Dualismo de Propiedades. Además, así como en la metafísica de Spinoza la realidad a nivel fundamental es tanto mental como física, el MDA rechazará la idea de que la naturaleza última de la realidad posea un carácter neutro, es decir, que no se puede confundir al MDA con el Monismo Neutral.

Claudio Marín Medina. Doctor en Filosofía por la Universidad Alberto Hurado (Santiago, Chile), con la tesis "*La experiencia esquiva. El Monismo de Doble Aspecto frente al problema de la conciencia*". He participado en diversas versiones del *Coloquio Spinoza*, organizado originalmente por la Universidad Nacional de Córdova (Argentina) y dirigido por Diego Tatián. También he participado en diversos congresos y coloquios tanto nacionales (Chile) como internacionales, exponiendo artículos sobre filosofía de la mente, particularmente sobre el problema difícil de la conciencia, panpsiquismo y monismo de doble aspecto. Siendo el último de ellos en el *IX° Coloquio Internacional de Filosofía de la Mente*, en la Universidad Federal de Sao Joao (Sao Joao del Rei, MG, Brasil), con la presentación titulada "*El Monismo de Doble Aspecto no es un Dualismo de Propiedades y no es un Monismo Neutral*".

E-mail: cemm301073@gmail.com

Daniel Wolt

(Universidade de São Paulo, BR)

Kalokagathia *in Aristotle's* Eudemian Ethics

In *Eudemian Ethics* 8.3, Aristotle introduces a virtue which he calls *kalokagathia*, 'nobility-and-goodness'. It becomes clear that this virtue is meant to be quite important. In fact, Aristotle goes so far as to identify *kalokagathia* with "perfect virtue" (1249a17). This makes it all the more puzzling that there is no reference to *kalokagathia* as a virtue at all in the *Nicomachean Ethics*, a text that largely parallels the *Eudemian Ethics*. I argue that the reason for this has to do with the role that the intellectual virtue practical wisdom (*phronêsis*) plays in these respective treatises. The *Nicomachean Ethics*, I argue, makes use of a more expansive conception of *phronêsis* than does the *Eudemian Ethics*. Hence, the work that is done by *kalokagathia* in the *Eudemian Ethics* – crucially, accounting for what distinguishes a person who is good without qualification from someone who is good in some respect – is done in the *Nicomachean Ethics* by *phronêsis* (see NE 6.13 – a text which I argue is proper to the NE and not, as is commonly thought, at home in both treatises). For this reason Aristotle has no reason to posit *kalokagathia* as an additional virtue in the *Nicomachean Ethics*.

Daniel Wolt is a postdoctoral fellow at the University of São Paulo working mainly on Aristotle's ethics and theory of action. Before coming to USP, he received his PhD in philosophy from Princeton University.
E-mail: Woltdm@gmail.com

David Fernández Navas

(Universidad Complutense de Madrid, ES)

Maria Gabriela Llansol y María Zambrano: el sí profundo a la oscuridad

Maria Gabriela Llansol y María Zambrano. Dos escritoras o dos filósofas — si se admite el filosofar como ahondamiento profundo en lo real más allá del mero ejercicio de la razón discursiva, es decir: razón como *nous* y no sólo *dianoia* —, una portuguesa, otra española, contemporáneas, que no llegaron a conocerse, pero cuyas obras presentan importantes puntos en común y un centro aunador: el sí profundo, amoroso, a la otredad, a la oscuridad.

Ambas compartieron cierta reactividad ante su contexto. Preocupadas las dos por los derechos de lo sensible y lo invisible, oprimidos por la razón instrumental y calculante, el positivismo y la Historia con mayúsculas, podemos pueden entenderlas incardinadas en la estela de la fenomenología y la defensa del mundo de la vida. Su solución, al menos la que adoptaron hasta el fin de sus días, fue la escritura como forma de dar hálito, de salvar, eso silenciado, ese negror violentado por la dura luz de la razón.

En este compromiso con la otredad resulta clave Nietzsche. Llansol, que en sus libros, besa, lava y afeita al alemán, no puede igual que él permitir que el cuerpo sea humillado por la razón, que el mundo sea despreciado por el trasmundo. La carne, el negror, la inmanencia, no necesita un otro que lo fundamente, su dignidad está en sí misma. Zambrano, por su parte, también se revuelve ante la violencia del filósofo sobre las apariencias, sobre el devenir, esa cobarde búsqueda de un castillo de razones que le proteja de la incertidumbre del mundo. Es por ello que nos invita a la escucha de las entrañas, a descender a los infiernos. Es por ello que nada debe ser humillado.

Sin embargo, el sí a la oscuridad de las dos autoras se distingue del nieztscheano en que no es el sí de quien pretende alzarse, no es el sí de un sujeto trágico, sino el de quien se reconoce en su propia menesterosidad y ha sido atravesado por la experiencia del amor místico. Más allá de la voluntad de poder. Más allá de las rigideces de sujeto y objeto. Amor en vuelo. Y es que tan importante como Nietzsche serán para Llansol y Zambrano las figuras de Ibn ᶜArabī y San Juan de la Cruz. Ello permitirá que el sí de amor esté más allá de la posesión y del interés, que sea un verdadero sí profundo a la oscuridad.

David Fernández Navas. PhD Candidate in Philosophy in Complutense University of Madrid. Thesis about love on María Zambrano and Ibn ᶜArabī. Grade in Philosophy in University of Granada and Master on Philosophy in UNED. Member of the Muhyiddin Ibn Arabi Society Latina (MIAS Latina) and the research group SAUDADE (permanent interdisciplinaries studies seminar about luso-hispanic literature through Ibn ᶜArabī and María Zambrano). Currently he is researching in Universidade Nova de Lisboa with Dra. Maria João Neves about the relation of music and love in the works of María Zambrano, thanks to an Erasmus+ scolarship. He has been invited researcher in the Pompeu Fabra University (Spain), with an award from La Caixa to study the thought of spanish philosopher Eugenio Trías and its relation with akbarian sufism. He also has been researching in the David Ben Gurion University of the Neguev (Israel), with Dr. Haim Hames about interreligious perspectives on Ibn ᶜarabī's thought.
E-mail: dferna11@ucm.es

David Filipe dos Santos

(Universidade da Beira Interior, PT)

A* praxiologia *da igualdade na filosofia de Jacques Rancière

A igualdade é um conceito-chave na obra do filósofo Jacques Rancière. A igualdade surge no pensamento deste autor indissociavelmente relacionada com a democracia e a política; de tal forma, que os três conceitos se confundem num só, sintetizando termos comutáveis entre si que se estruturam historicamente em conjunto: a igualdade é a prática da democracia como acontecimento político, ou, ensaiando outra formulação pela comutação dos termos, a política é um evento que se desenrola por meio da reivindicação igualitária do *demos*. Em síntese, "a igualdade é a democracia é a política" (cf. Nick Hewlett, 2007).

Ao arrepio da compreensão política tradicional que encara a igualdade como um fim político a atingir, um valor civilizacional ou um princípio formal do Estado de Direito, para Rancière a igualdade é "processual", i. é, obriga os agentes a agir "como se" fossemos todos iguais no que respeita a faculdades elementares do ser humano. Rancière apropria-se do signo político da igualdade para o reformular enquanto princípio de ação e convivência comunitária. Reformulação que tem por efeito a subversão intelectual e prática da orientação hierárquica dos modelos sociais que estruturam as comunidades políticas. As consequências desta inversão no paradigma político clássico irão traduzir-se no decisivo questionamento das bases epistemológicas onde assenta o pensamento político dominante (seja de direita ou de esquerda). Contra todo o projeto da filosofia política que procura um fundamento último da política, Rancière contrapõe a verificação prática da igualdade no mundo da vida. Contra a reprodução das lógicas desigualitárias que a filosofia política e as modernas ciências sociais ensaiam e perpetuam, Rancière responde com a prática democrática segundo os princípios da "lógica igualitária" – que requer, para além da conformação subjetiva ao princípio da igualdade política em todos e em cada um, de todos perante todos, a verificação dessa igualdade na prática da vida. Perante o desafio que Rancière coloca à filosofia política – denunciando o móbil do seu projeto como essencialmente *anti-político*, logo, *anti-democrático* e *anti-igualitário* – urge trabalhar, prática e conceptualmente, aquilo que denominamos por "*praxiologia* da igualdade". Face ao quadro defendido por Rancière no que respeita ao relacionamento político da comunidade com o conceito de igualdade, torna-se premente descrever esse método singular que é o agir em conformidade com a potência política igualitária, nomeadamente, através da confrontação com exemplos históricos onde a igualdade foi social e politicamente problematizada sob a forma de polémica.

David Filipe dos Santos, doutorando em Filosofia pela Universidade da Beira Interior e membro da unidade de investigação Labcom.IFP no grupo de Filosofia Prática. Mestre em Ciência Política (2010/2012) pela mesma universidade com dissertação intitulada: *Orçamento Participativo: das condições de possibilidade à descrição e*

crítica. Licenciado em Filosofia pela mesma instituição (2007-2010).
E-mail: filsantos@live.com.pt

Denis Coitinho
(Universidade do Vale do Rio dos Sinos, BR)

O problema da sorte moral e a punição

O objetivo central desta apresentação é investigar o fenômeno da sorte moral e sua relação com o problema da justificação da punição legal. Após esclarecer o que é sorte moral e seus diferentes tipos e mostrar qual é o problema para a justificação da punição, defenderei que a estratégia de assimetria entre censura e elogio parece resolver o problema da sorte circunstancial e constitutiva. Posteriormente, apontarei que a concepção conativa de censura parece solucionar o problema da sorte resultante. Por fim, estipularei que o uso de um padrão normativo intersubjetivo se mostra mais consistente para enfrentar este complexo problema, a saber, em que aspectos aleatórios ao controle do agente influenciam na censura moral e legal recebida.
O fenômeno da sorte moral parece nos apontar para um certo paradoxo, uma vez que censuramos e responsabilizamos moralmente alguém pelas escolhas e ações que estão sob seu controle; mas, em certos casos, censuramos os agentes, ou os censuramos com maior intensidade, por determinadas ações que estão ligadas a certas condições aleatórias que vão muito além da escolha inicial tomada. Por exemplo, o resultado da ação, as circunstâncias históricas na qual o agente escolhe, bem como a constituição de personalidade e temperamento que é a base mental da escolha (Nagel, 1979, p. 27). E o problema que a sorte moral parece nos colocar para quando tentamos justificar a punição legal é que ela parece exigir ou uma justificação do porque esses elementos aleatórios ao controle do agente não seriam levados em conta para atribuição da penalidade ou uma mudança no sistema penal, com a equalização de certas penas, ou mesmo com a atenuação ou aumento de outras. Por exemplo, como justificar que a pena atribuída para um ato imprudente (como o de beber e dirigir) com vítima seja substancialmente maior que a do ato imprudente sem vítima, considerando que ambos foram igualmente culpados da imprudência ou que a pena atribuída para o crime de fato realizado seja maior que a do crime apenas planejado?
Para tal, inicio com a utilização de uma concepção de agente mais pedestre que parece comportar adequadamente uma assimetria entre elogio e censura moral, com foco na virtude da integridade, que parece resolver os problemas da sorte circunstancial e constitutiva (Walker, 1993, p. 247). Posteriormente, utilizo a concepção scanloniana de censura que parece resolver o problema da sorte resultante. Scanlon defende que a censura é mais do que uma avaliação negativa do caráter do agente e que ela não envolve nenhum tipo de sanção ou punição. Ao contrário, ela estaria ligada às expectativas e intenções que seriam modificadas em razão de uma certa ação errada que foi feita por um agente (Scalon, 2010, pp. 128-129).

Denis Coitinho é professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos e bolsista de produtividade do CNPq. Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com Pós-Doutorado no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP/SP) e na London School of Economics and Political Science (LSE). Foi Professor Visitante na Harvard University. Publicou os livros *Os Sentidos da Justiça em Aristóteles* (Edipucrs, 2001), *Ensaios sobre Ética* (Editora UFPel, 2008), *Justiça e Coerência: ensaios sobre John Rawls* (Loyola, 2014) e *Contrato e Virtudes: por uma teoria moral mista* (Loyola, 2016).
E-mail: deniscs@unisinos.br

Diana Neiva

(Universidade do Minho, PT)

Filosofia através do cinema: entre uma posição deflacionária e uma posição ousada

Recentemente, um interesse considerável por parte de filósofos em filmes e séries televisivas com potenciais ligações a ideias filosóficas emergiu. Apesar deste interesse, e desta possibilidade de haver "cinema como filosofia" (*film as philosophy*), existe um debate mais sério em Filosofia do Cinema sobre a possibilidade de filmes serem meios através dos quais se pode, de facto, fazer filosofia, de modos comparáveis aos meios tradicionais, como textos ou diálogos. Assim, uma hipótese inspirada nas ideias de Gilles Deleuze e Stanley Cavell sobre potenciais filosóficos no cinema, passou a ser fervorosamente debatida a partir dos anos 2000, principalmente como resultado da publicação da obra de Stephen Mulhall, *On Film* (2001). Nesta obra, Mulhall veio defender que os filmes podem fazer filosofia "exatamente das mesmas formas" que os filósofos. Perante esta hipótese explicitamente declarada por Mulhall, imediatamente surgiram objecções contra ela.

A primeira objecção tem conexões com outros argumentos contra o cognitivismo literário. A objecção da generalidade feita principalmente por Bruce Russell (2002) declara que a filosofia procura fazer afirmações universais e, já que os filmes são apenas casos particulares, estes não poderão filosofar. Além de estarem circunscritos à sua narrativa particular, os filmes não poderiam ser generalizados com o risco de fazer argumentos baseados em generalizações precipitadas a partir de ficções.

As respostas a esta objecção oferecidas por Thomas Wartenberg (2007) e Noël Carroll (2017) usualmente recorrem ao uso de experiências mentais na filosofia para mostrar como esta nem sempre se preocupa em fazer afirmações universais, fazendo uso de casos particulares imaginários. Nesta medida, alguns filmes poderiam ser considerados experiências metais. No entanto, esta resposta não satisfaz determinantemente outros desafios. Paisley Livingston (2006) colocou a designada objecção da racionalidade de inspiração Hegeliana que questiona por que devemos utilizar filmes para fazer filosofia, quando temos textos que são meios reconhecidamente eficazes para fins filosóficos. Assim, mesmo que defendamos uma posição deflacionária a favor do cinema como filosofia, que seja apenas defensiva relativamente à objecção da generalidade, continuamos sem saber, no caso, porquê utilizar filmes para fazer experiências mentais em vez de textos. A resposta a esta questão poderá ser mais do que uma defesa que deflaciona a tese; esta questão poderá ser uma oportunidade para defender uma tese ousada (*bold thesis*) que procura explorar as potenciais vantagens que o cinema poderá ter em relação a textos para fazer filosofia.

Esta apresentação terá como objetivos expor e analisar a objecção da generalidade e a objecção da racionalidade, bem como as respostas que se poderão dar, em particular uma resposta que realça o papel que experiências mentais feitas através do cinema poderão desempenhar na defesa do cinema como filosofia. Deste modo, defender-se-á que é possível defender esta tese de modo deflacionário (defendendo a tese contra objecções, mantendo que os problemas colocados ao cinema como filosofia poderão ser colocados da mesma forma a textos), mas que é também possível defender de modo ousado argumentado porque é que o cinema pode ser um melhor meio para filosofar do que meios tradicionais.

Diana Neiva. Estudante de Doutoramento em Filosofia com especialização em Estética na Universidade do Minho, está a trabalhar sobre a hipótese de experiências mentais através do cinema. Mestre em Filosofia Contemporânea pela Universidade do Porto com uma tese sobre a hipótese do cinema como filosofia. Estagiou no Departamento de Filosofia da Universidade de Warwick onde trabalhou sobre os filmes *Scream*, de Wes Craven, como experiências mentais sobre a hipótese da hiperrealidade. Tem trabalhado, também, na defesa da abordagem analítica à hipótese do cinema como filosofia em conjunto com Tom McClelland (Warwick). Co-editora do livro *Philosophy and Film: Bridging Divides* a ser publicada pela Routledge em 2019. Áreas de interesse actuais: cinema como filosofia; filosofia do cinema analítica; experiências mentais; Wes

Craven.
E-mail: diananeiva@live.com.pt

Dioclézio Domingos Faustino
(Universidade de São Paulo, BR)

Moral e cuidado de si em Foucault

No célebre artigo "Le dernier Foucault et sa moral", Paul Veyne assinala expressamente o caráter problemático de uma moral de estirpe foucaultiana. Veny escreve que "a elegância antiga foi secretamente para Foucault a imagem de uma arte de viver, de uma moral possível (...). Só que Foucault tinha da moral uma concepção tão particular que, ao final das contas, se coloca o problema: é possível, no interior de sua filosofia, uma moral de Foucault?" . Nessa apresentação não pretendo, evidentemente, dar uma resposta à questão posta por Paul Veny, quero apenas oferecer alguns elementos para compreendermos a noção e o problema da moral em Michel Foucault e, ao final, apresentar algumas indicações da interpretação do filósofo Gilles Deleuze para esse problema. Utilizarei, principalmente, dois textos de Foucault: um texto do Capítulo X, O homem e seus duplos, de "As palavras e as coisas" e um outro da Introdução ao volume II da "História da Sexualidade". Pretendo mostrar, ao menos, que a noção de moral deve ser buscada na compreensão da noção de "pensamento" e "história" desenvolvidas nestes textos por Foucault, bem como as próprias investigações históricas que o filósofo desenvolveu sobre o problema do "cuidado de si", em especial no curso "A hermenêutica do sujeito".

Dioclézio Domingos Faustino. Universidade de São Paulo (Brasil) / Aluno de doutorado do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo. O tema de minha pesquisa de doutorado é o problema da ética na filosofia de Michel Foucault. Interesso-me também por ética, filosofia política e pela filosofia francesa contemporânea em geral.
E-mail: dioclezio.faustino@gmail.com

Diogo Carneiro
(University of Warwick, GB)

Objectividade e reflexão crítica em Thomas Nagel

Thomas Nagel, em *The View From Nowhere*, defende uma concepção de objectividade como uma perspectiva que pode ser adoptada por qualquer indivíduo, perspectiva essa que implica graus de distanciamento diferentes de posições subjectivas conforme as áreas do conhecimento a que se aplica. Todavia, ao criar esta divisão, Nagel terá formulado, na realidade, dois modelos diferentes de objectivação, segundo Jonathan Dancy e Alan Thomas.
Partindo das interpretações destes dois autores, mas delas divergindo, argumentarei, nesta comunicação, que os dois modelos são mais semelhantes do que aparentam. O elemento chave para esta conclusão é o conceito de 'reflexão crítica' e o seu significado em cada um dos modelos. Do meu ponto de vista, a natureza deste conceito impossibilita a coexistência de um conceito de objectividade que inclua perspectivas subjectivas. Deste modo, como fundamentarei, não existindo qualquer diferença no significado de 'reflexão crítica' entre os dois modelos, a perspectiva objectiva, em Nagel, passa a requerer distanciamento absoluto de crenças subjectivas, independentemente da área de conhecimento.

Diogo Carneiro. Doutorando em Filosofia na Universidade de Warwick, a desenvolver investigação no âmbito da filosofia moral e política, especificamente na área da justiça social. Mestrado em Filosofia, Política e Economia (PPE) pela Universidade de York, com dissertação sobre o conceito de equidade como possível

fundamentação moral de uma teoria de justiça. Licenciatura em Economia pela Nova – School of Business and Economics.
E-mail: d.carneiro@warwick.ac.uk

Dina Mendonça
(Universidade Nova de Lisboa, PT)

A Filosofia para Crianças e o aprofundamento dos processos de aprendizagem – o diálogo filosófico e as capacidades argumentativas

O artigo mostra de que forma a Filosofia para a Infância é uma das práticas mais adequadas para preparar e educar os cidadãos para as sociedades democráticas (Nussbaum 2010: 57) ao promover o pensamento e reflexão mais aprofundada que, por sua vez, permite cultivar um conjunto de capacidades como o questionamento, a mudança inteligente de opinião e saber pensar integrado numa comunidade. Por isso, os teóricos da Filosofia para as Crianças argumentam que cultivar o pensamento desta forma permite que as pessoas se tornem mais conscientes do significado de seus pensamentos e ações e mais capazes de participar da vida democrática porque reforça a educação de caráter, da imaginação moral e razoável (García-Moriyon 1993, Gardner 2012, Hannam & Echeverria 2009), já que o programa ajuda as crianças a "tornarem-se mais pensativos, mais reflexivos, mais considerados e mais razoáveis" (Lipman et al., 1980: 15).
As sessões de filosofia para crianças são sessões de pensamento de tipo filosófico que aumentam a consciência porque complementam a educação, incentivando os alunos a pensar por si mesmos, enquanto pensam com os outros em uma comunidade de investigação e, consequentemente, tornam os participantes abertos a mudar de opinião quando o diálogo traz uma visão que antes havia estado opaca. O resultado solidifica a sua capacidade de argumentar bem sozinhos e bem com outros contribuindo para o fortalecimento dos processos de comunicação e cooperação (Vansieleghem & Kennedy 2012: 171). Assim, a Filosofia para as Crianças fornece uma compreensão mais profunda e abrangente das habilidades e propósitos de argumentação e contribui para uma concepção da argumentação que vai para além da metáfora da argumentação como guerra e mostra como a argumentação é um processo colaborativo que pode ser descrito por várias outras metáforas como explica David Cohen (Cohen, 1995). Uma das formas de identificar o efeito teórico e prático da Filosofia para Crianças é verificar como a sua prática releva como a concepção minimalista de mudar a mente está incompleta (Walsh & Johnson-Laird, 2009: 630), ao mesmo tempo que complementa o processo pedagógico ao ensinar a pensar no interior de uma comunidade de investigação, já que os participantes descobrem que o tema em discussão é muito mais complexo e profundo e identificam inconsistências e complexidades de pensamento que seriam muito mais difíceis e trabalhosas de identificar individualmente (Walsh & Johnson-Laird, 2009: 624).

Dina Mendonça, Ph.D. Membro do Instituto de Filosofia da Nova da Universidade Nova de Lisboa desenvolve investigação sobre Filosofia das Emoções e Filosofia para Crianças (http://www.ifilnova.pt/pages/dina-mendonca). Licenciou-se em Filosofia pela Universidade Católica Portuguesa, com Mestrado em Filosofia para Crianças pela Montclair State University, sob a supervisão de Matthew Lipman e Ann Margaret Sharp. Doutorada em Filosofia com tese sobre "A Anatomia da Experiência – uma Análise do Conceito de Experiência de John Dewey" pela *University of South Carolina*. Desenvolve uma abordagem Situada Das Emoções (Situated Approach to Emotions) que analisa as emoções como ocorrências situacionais dinâmicas e ativas e permite explorar e identificar a complexidade do nosso mundo emocional. Dedica-se também à investigação e aplicação da Filosofia para Crianças promovendo e criando material original para a aplicação da filosofia em várias etapas e contextos da educação. Tem participado e desenvolvido vários projetos na área da Filosofia para Crianças trabalhando na divulgação e formação (Projecto Escola Escolar do Serviço Cultural e Educativo do Centro Cultural de Cascais 2005-2014, Projecto Pedagógico 10x10 da Fundação Calouste Gulbenkian), assim como na concepção e experimentação de material pedagógico original ("Brincar para Pensar, Manual de Filosofia" para crianças ", Plátano, 2011; "Poemas para Bocas Pequenas", de Margarida Mestre e António-

Pedro, 2015).
E-mail: md@fcsh.unl.pt

Diogo Santos – Ricardo Miguel
(Universidade de Lisboa, PT)

Asymmetrical Attitudes Towards Non-existence: a present interests bias

Our attitudes towards the moment of our death usually range from concern to right out fear. However, generally speaking, we do not display the same range of negative attitudes towards the moment of our birth; quite on the contrary, the latter is usually met with indifference. We worry about becoming non-existent, but not about our non-existence before becoming. But both non-existences are relevantly similar, hence we should display symmetric attitudes towards them. This is roughly the Mirror Image Argument presented by Lucretius (1997). For views, like ours, in which having such asymmetric attitudes is in order, the challenge is to explain in what way are the two non-existences relevantly dissimilar.
Brueckner and Fischer (1986) present one of the most prominent attempts to justify the attitudinal asymmetry. They do this via a general temporal principle about experiencing goods which states that "we are indifferent to past pleasures and look forward to future pleasures." (p. 219) Against this, we argue that the principle is insufficiently explanatory, for it does not cover the cases in which being born earlier increases the actual value of one's life and in which the asymmetry persists. Brueckner and Fischer's explanation does not work here because, if we do not hold the actual value of life fixed, prenatal non-existence also deprives us of future pleasures. So, something else must be at play. We conclude by sketching what it is. The attitudinal asymmetry results from a difference in motivational distance – the distance between, on the one hand, the motivation of presently held interests and, on the other, of past or future interests. The idea is that, assuming that interests involve motivation to satisfy them, then this motivation decreases with the temporal distance to the individual's present interests. In other words, since past or future interests are not presently held, for this to change, that is, for them to become present interests, some motivational cost is involved. Therefore, since for most cases of possible later deaths or earlier births, the former imply less motivational costs – because our future interests are closer to our present ones –, in general, people reasonably have some sort of negative attitude towards postmortem non-existence but not towards prenatal non-existence.

Diogo Santos is a Ph.D. student with a grant from the University of Lisbon (UL studentship BD/453/2015). He is working on Philosophy of Language and Metaethics. He is a member of LanCog Research Group. Recent Publications: Santos, Diogo (2017). How to Dispel the Asymmetry Concerning Retraction. *Phenomenology and Mind* 12:74-82. Santos, Diogo & Miguel, Ricardo (2017). Como Não Devemos Discriminar com Base na Espécie. *Revista Portuguesa de Filosofia* 73 (3-4):1495-1516.

Ricardo Miguel is a Ph.D. student with a grant from FCT (SFRH/BD/107907/2015). His thesis is about the moral status of animals and the problem of replaceability. Besides Ethics and the Teaching of Philosophy, Ricardo is also interested in Philosophy of Logic and Philosophy of Mathematics. Recent Publications: Miguel, Ricardo (2017). Como não defender o vegetarianismo enquanto obrigação moral. *philosophy@Lisbon* 6: 13-23. Santos, Diogo & Miguel, Ricardo (2017). Como Não Devemos Discriminar com Base na Espécie. *Revista Portuguesa de Filosofia* 73 (3-4):1495-1516.

Edmilson Menezes

(Universidade Federal de Sergipe, BR)

Memória e inteligibilidade em Descartes

A filosofia cartesiana fará uma avaliação da memória, classificando-a entre as potências intelectivas cujo papel é coadjuvante frente às demais faculdades do espírito. A memória envolve mecanismos que são atinentes ao corpo e à alma. A teoria da memória exposta aqui deve, portanto, ser entendida na problemática cartesiana da união da alma e do corpo. A essência da memória é o reconhecimento da impressão passada, não a sua preservação sob a forma de um traço material; por conseguinte, há memória quando há reconhecimento em uma impressão atual de uma impressão já sentida no passado. Desta forma, reconhecer uma memória é trazê-la de volta à sua origem. O mecanismo da memória recai sobre o sentimento do novo que acompanha a primeira inscrição de uma impressão. Para completar a ciência, é preciso passar em revista uma a uma todas as coisas que se ligam ao nosso fim, por movimento de pensamento contínuo e sem interrupção, para admitir como certas as verdades que são deduzidas dos princípios primeiros. Com efeito, isto se faz, por vezes, por um encadeamento tão longo de consequências que, depois de termos alcançado essas verdades, não é fácil lembrarmo-nos de todo o percurso que aí nos conduziu; é por isso que falamos que é preciso atenuar *a fraqueza da memória* por uma espécie de movimento sucessivo do pensamento. O papel da memória na epistemologia cartesiana é problemático sob vários aspectos. O uso daquilo que pode ser denominado memória conceitual (há, também, em Descartes, uma memória corpórea, fisiológica) parece necessário para que seja possível qualquer tipo de cognição. Mas, o filósofo estabelece uma distinção entre o tipo de cognição denominada intuição, em que o conteúdo de uma proposição se faz diretamente atual à mente, e por outro lado, a dedução, em que uma longa cadeia de inferências está envolvida. Para minimizar a possibilidade de lapsos de memória que contaminasse este último processo, Descartes advoga percorrer certo número de vezes, por uma espécie de movimento ininterrupto da imaginação – a qual vê, de uma só vez, cada objeto em particular ao mesmo tempo em que passa aos outros –, até ter aprendido a passar da primeira relação à última com a rapidez suficiente, que não restasse à memória praticamente função alguma, a fim de ver o todo simultaneamente por intuição. Essa formulação terá implicações diversas e importantes no âmbito da ciência moderna. O objetivo, então, da comunicação é apresentar alguns aspectos da teoria cartesiana da memória bem como o impacto da formulação de um discurso filosófico que entende os setores ligados à memória como um conhecimento menos redutível às normas da inteligibilidade e sem interesse quanto a um investimento racional mais sólido.

Edmilson Menezes é Professor Titular de História da Filosofia Moderna no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe, Brasil. Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), trabalha, principalmente, com os seguintes temas: Modernidade Filosófica, Ideia de história no século XVII.
E-mail: ed.menezes@uol.com.br

Eduardo Castro

(Universidade da Beira Interior, PT)

Laws of Nature and Explanatory Circularity

If laws of nature are Humean regularities, then they face a problem of explanatory circularity. For the Humean, "it is a law that all *F*s are *G*s" means that "all *F*s are *G*s". "All *F*s are *G*s" is logically equivalent to "all observed *F*s are *G*s and all unobserved *F*s are *G*s". On the one hand, "all unobserved *F*s are *G*s" does not seem to explain why "all observed *F*s are *G*s", because unobserved *F*s do not seem capable of explain anything about *G*s. On the other hand, "all observed *F*s are *G*s"

does not seem to explain why "all observed *F*s are *G*s", because it is circular. Part of the content of the *explanans* is the proper *explanandum*. Therefore, the Humean conception on laws does not seem to have resources to explain the Humean mosaic.

Some recent literature has argued that the non-Humean conceptions of laws of nature face a same problem of explanatory circularity: "Humeans and anti-Humeans should agree that law statements are universal generalizations (…) If we're right about this much, anti-Humeans are vulnerable to a *tu quoque*" (Hicks and Elswyk 2015, 435); "[The problem of explanatory circularity] applies just as well to non-Humean accounts that say that laws are generalizations" (Bhogal 2017).

In this presentation, I will detail and analyse two versions of the explanatory circularity problem: the metaphysical explanatory circularity problem (Armstrong 1983, 40; Maudlin 2007, 172) and the semantic explanatory circularity problem (Shumener forthcoming). I will defend that some non-Humean conceptions of laws of nature (e.g. Armstrong conception on laws) are invulnerable to these two versions of the explanatory circularity problem.

References:

Armstrong, David. 1983. *What Is a Law of Nature?* Cambridge: Cambridge University Press.

Bhogal, Harjit. 2017. 'Minimal Anti-Humeanism'. *Australasian Journal of Philosophy* 95(3): 447–60.

Hicks, Michael Townsen, and Peter van Elswyk. 2015. 'Humean Laws and Circular Explanation'. *Philosophical Studies* 172(2): 433–43.

Maudlin, Tim. 2007. *The Metaphysics Within Physics*. New York: Oxford University Press.

Shumener, Erica. Forthcoming 'Laws of Nature, Explanation, and Semantic Circularity'. *The British Journal for the Philosophy of Science*.

Eduardo Castro. Assistant professor at Dep. of Mathematics, Universidade da Beira Interior. Member of LanCog, Universidade de Lisboa.

Edvan Tito Carneiro Guerra

(Universidade Federal de Pernambuco, BR)

Ensino de Filosofia, teatro e* ação *arendtiana em diálogo

O pensamento de Hannah Arendt (século XX) vem ao longo dos tempos sendo base para discussões em todo o mundo. Defensora dos direitos individuais e da liberdade, se opôs aos regimes totalitários. Em sua obra encontramos elementos que contribuem para emancipação e autonomia do indivíduo que procura transpor limites 'impostos" pela construção histórico-social. Suas considerações acerca dos mais diversos temas tornou-a uma das principais figuras e voz feminina de maior expressão em seu tempo.

Em meio a tantas investidas didático-pedagógicas que possam desoprimir a educação, podemos facilmente compreender a necessidade de investigações que ultrapassem as fronteiras daquilo que temos em atividades filosóficas para o ensino de filosofia. Mesmo frente às inacabadas respostas, é urgente tentarmos nos aproximar de práticas amistosas motivadas pelas composições que o professor consegue através das interações com seus alunos em sala de aula.

O intuito de nossa proposição é o aproveitamento do teatro no ensino de filosofia, sob a luz do conceito de *ação* em Hannah Arendt*,* exposto no capítulo V de sua obra *A Condição Humana*, mais precisamente, onde são abordados aspectos sobre a revelação do agente no discurso e *ação*. Neste estudo sugerimos a reflexão do conceito de *ação* como consciência motivadora para as aulas de filosofia, investindo em práticas teatrais na sala de aula que aproximem os estudantes do conteúdo filosófico-disciplinar. Acreditamos que ensinar filosofia, além de ser um constante convite à reflexão, é também um estímulo à liberdade humana que pode ser impulsionada pela engenhosidade de atividades filosóficas mais estimulantes.

Com base em nossas experiências na rede pública e privada de ensino, apresentaremos algumas reflexões a favor da pluralidade de ideias que favorecem as perspectivas do ensino da filosofia ao

filosofar na sala de aula. A relação entre o pensamento filosófico e o fazer teatral instiga-nos à investigação de melhores aproveitamentos para educação, tendo como base o senso crítico e a experimentação, elementos que caracterizam tanto o pensamento filosófico quanto o fazer teatral.

Edvan Tito Carneiro Guerra. Professor e ator. É professor com experiência na rede pública e privada de ensino no Estado de Pernambuco. Estudou Teatro no Teatro Escola Macunaíma e atuou profissionalmente em diversos espetáculos teatrais na cidade de São Paulo. Possui Licenciatura Plena em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru (FAFICA). Atualmente é mestrando em Filosofia pela UFPE – Universidade Federal de Pernambuco, e bolsista CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Desenvolve uma pesquisa de mestrado com ênfase no ensino de filosofia, teatro e o pensamento de Hannah Arendt sob a Orientação do Prof. Dr. Flávio Henrique Albert Brayner e Coordenação do Prof. Dr. Junot Cornélio Matos.
E-mail: titoguerra.arte@outlook.com

Edward Duván Orozco Pereira – Andrés Botero Bernal
(Universidad Industrial de Santander, CO)

Validez jurídica y moral de la justicia transicional desde la filosofía de Schopenhauer

Hablar hoy de justicia transicional desde una perspectiva filosófica no carece de justificación. Mucho menos si lo que buscamos es determinar la validez moral o jurídica de estos mecanismos de justicia y resolución de conflictos desde posturas o sistemas filosóficos. Estos abordajes a problemas actuales no solo nos permiten un análisis teórico pormenorizado, sino que enriquecen y aclaran algunas ideas presentes en el debate cotidiano que se forma alrededor de estos temas.
Es por esto que este trabajo busca analizar la justicia transicional, en sus generalidades teóricas, desde la filosofía moral, política y del derecho del filósofo alemán Arthur Schopenhauer, específicamente desde su obra magna *El mundo como voluntad y representación* (1818). Esto nos permitirá discernir la validez moral y jurídica de estos mecanismos desde una perspectiva filosófica que dilucidó ampliamente la relación entre moral y derecho, su relación con el Estado y la fundamentación y validez del derecho penal.
La realización de este objetivo nos llevará a través de varias fases. En un primer momento, definiremos y expondremos los aspectos más importantes de la teoría y práctica de la justicia transicional y su transformación a través de la historia. Seguido a esto, revisaremos y esquematizaremos los planteamientos fundamentales de la filosofía moral, política y del derecho del filósofo alemán, especialmente aquellos referidos a la justicia, el derecho, la pena y el Estado. A partir estos contenidos, realizaremos el análisis propuesto y, además, contribuiremos al reconocimiento de la importancia de estos procesos de transición en la búsqueda del bienestar social.
A modo de conclusión, cabe destacar que, si bien en el enfoque holístico de la justicia transicional puede enmarcarse debidamente las posturas políticas, morales y jurídicas de Schopenhauer, este enfoque de la justicia de transición va mucho más allá de la postura del filósofo alemán. Si bien prioriza en la consecución de unas mejores condiciones políticas y, por ende, centra su actuar en el futuro y el bienestar de los ciudadanos, añade otros valores que en la actualidad son importantes en relación a estos procesos: la reparación material y simbólica de las víctimas, el perdón, la reconciliación, el esclarecimiento de la verdad y la resocialización de los victimarios en la vida en sociedad, entre otros. Igualmente, creemos que hay dos interrogantes que Schopenhauer creería fundamentales a la hora de determinar la validez jurídica de estos acuerdos: primero, ¿fueron las víctimas tenidas en cuenta en la realización del acuerdo? Una respuesta negativa implicaría la instrumentalización de las víctimas para conseguir fines políticos, lo cual correspondería a una negación de su voluntad y, por ende, a una injusticia. Y, segundo, ¿los castigos instaurados en la justicia transicional satisfacen las necesidades de venganza por parte de las víctimas? Si no es así, la

estabilidad política y jurídica que persiguen estos acuerdos flaquea y lo que se cree que será la solución a un problema será solo el surgimiento de otro más.

Edward Duván Orozco Pereira. Universidad Industrial de Santander (UIS), Bucaramanga (Colombia). Filosófo y estudiante de la Maestría en Filosofía de la Universidad Industrial de Santander. Asistente Editorial de la *Revista Filosofía UIS*.
E-mail: Edwardorozco09@hotmail.com

Andrés Botero Bernal. Universidad Industrial de Santander (UIS), Bucaramanga (Colombia). Profesor titular de la Universidad Industrial de Santander. Doctor en Derecho de la Universidad de Buenos Aires y Doctor en Derecho de la Universidad de Huelva.
E-mail: Botero39@hotmail.com

Eleonora Lombardo

(Universidade do Porto, PT)

Ensino e pregação nos sermões de Pedro Hispano OP

Os sermões são meios pelos quais os pregadores, especialmente os das Ordens regulares, transmitem doutrinas e ensinam não só as pessoas comuns, mas também os leitores da suas obras homiléticas. São mesmo usados como meio de instrução prática dos futuros pregadores. Como a prática homilética está estritamente relacionada com a Teologia e a doutrina, conseguem através dela transmitir indicações para o ensino e a aprendizagem da Bíblia e da Sagrada Escritura.
As obra homiliéticas atribuídas a Petrus Hispanus, OP, são textos que, apesar de baseadas na prática pastoral, têm como objetivo a aprendizagem de assuntos e meios para a boa pregação. O autor mostra-se muito atento à educação dos jovens irmãos / pregadores e fala sobre isso quer nos relatos de vida vivida, quer dando indicações práticas sobre o ensino e a pregação que os ouvintes devem dirigir aos auditores do futuro. Também pretende censurar as condutas que não correspondem ao ideal de vida religiosa cristã, mas sobretudo tenta ensinar aos ouvintes como fazer uma boa pregação e viver na verdadeira fé.
A exposição centra-se em sermões (do século XIII) atribuídos a Petrus Hispanus, tratando-se o ensino e sua relação com a homiliética. Embora o argumento esteja bem presente nessa coleção de sermões para os domingos do ano, sobretudo durante o advento e a época de Natal, algumas perícopes evangélicas são consideradas pela tradição *topoi* para esse assunto. Seguindo esses lugares particulares na série principal de sermões, a mais extensa e intensa, procuraremos compreender as posições doutrinas que o autor transmitiu aos jovens estudantes e ouvintes futuros.

Eleonora Lombardo. Instituto de Filosofia – Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É historiadora da Idade Média, especialista em sermões e pregação dos séculos XII-XIV. Obteve o doutoramento em História das Igrejas e dos cristianismos na Universidade de Padova com uma dissertação sobre as primeiras coleções de sermões franciscanos. Em 2010 ganhou uma bolsa de pós-doutoramento FCT para estudar os sermões sobre santo António de Pádua /Lisboa na Idade Média. Em 2015 ganhou uma outra bolsa FCT (SFRH/BPD/1143/2015), em curso, para o estudo e a edição dos sermões atribuidos a Pedro Hispano. Autora de numerosos ensaios sobre a pregação medieval, colabora com revistas especializadas na aréa do franciscanismo e da pregação. Entre as suas obras mais recentes: E. Lombardo (ed.), *I sermones de sancto Anthonio*, Ed. Il Messaggero – Centro Studi Antoniani, Padova, no prelo; *Svuotare la pancia per riempire lo spirito. Digiuno e quaresima in alcuni sermoni per il mercoledì delle ceneri tra XII e XIII secolo*, in P. Delcorno – E. Lombardo – L. Tromboni (eds.), *I sermoni quaresimali: digiuno del corpo, banchetto dello spirito*, pp. 17-42; *Preaching and Sermons in Medieval England. John of Peckam and p.s. William of Ockam*, in *Franciscans in England in the Middle Ages*, ed. Michael Robson, Brill, Leiden – Boston 2017, pp. 193-213; *Models of Virtues. The role of virtues in sermons and hagiography for new saints' cult (XIII - XV cent.)*, ed. Eleonora Lombardo, Centro Studi Antoniani, Padova, 2016. É investigadora nuclerar do projeto “Critical Edition and Study of the

Works Attributed do Petrus Hispanus – 1" (Ref. FCT: PTDC/MHC-FIL/0216/2014), no Instituto de Filosofia da Universidade do Porto.
E-mail: elombardo@letras.up.pt

Elvis Pachêco

(Universidade Federal de Santa Catarina, BR)

A dialéctica-ontológica de Mário Ferreira dos Santos

O filósofo brasileiro Mário Ferreira dos Santos (1907-1968) é autor de um conjunto de obras organizadas sob o título de *Enciclopédia de Ciências Filosóficas e Sociais*, das quais publicou pelo menos três dezenas nos últimos quinze anos de sua vida e cujos volumes são dispostos em três séries − síntese, análise e concreção – em que as fases inicial e derradeira respeitam a uma seqüência matemática correspondente às dez leis pitagóricas, por ele desenvolvidas em livros como Pitágoras e o Tema do Número e A Sabedoria das Leis Eternas. A série sintética, iniciada por Filosofia e Cosmovisão, é encimada por Filosofia Concreta, em três volumes, obra fundamental, coroa da exposição daquilo que designa como filosofia positiva e concreta.

Filosofia Concreta consiste num tratado de axiomática que, ao partir de uma intuição iluminadora inicial e através das operações lógicas mais variadas e complexas, extrai juízos virtuais contidos nos juízos anteriores, interligados por um "nexo de necessidade". De um *ponto arquimédico*, uma verdade evidente por si mesma, imediata e indemonstrável, mas mostrável, desenvolve-se nesse tratado de matemática ontológica, de metamatemática, que não se estriba nos recursos da matemática de cálculo, *Logistikê* para os pitagóricos, mas numa de grau superior e propriamente metafísica. Parte do axioma alguma coisa há e o nada absoluto não há e deriva 327 teses, acompanhadas das devidas confrontações dialécticas e demonstrações lógicas. Propugna uma metodologia de "raciocinar tríplice": um ascendente, um estabilizador e um descendente; e a dialéctica-ontológica é justamente o método ascendente, que sobe à cata de verdades que valham para todo o sempre.

Ela busca juízos de necessidade e até de exclusividade, aqueles que nos deem certeza do conhecimento de algo, universalmente válidos e apodíticos. Incontornavelmente, essa metodologia impõe-se uma nova fundamentação da Metafísica, provando que ela não é uma disciplina vã e nem tampouco vagabundeio de idéias. Mário Ferreira não adere a nenhum ismo, mas se sente perfeitamente confortável como continuador das linhas sólidas da filosofia clássica grega, e também daquilo que considera o cume do pensamento ocidental: os séculos XIII e XIV e a filosofia ibérica do século XVI.

Referências: Santos, Mário Ferreira dos. *Filosofia Concreta*. 3 ed. São Paulo: Logos, 1961. 3 v; Idem, *Origem dos Grandes Erros Filosóficos* (Erros crítico-ontológicos). São Paulo: Matese, 1965; Idem, *A Sabedoria das Leis Eternas*. Introdução, edição de texto e notas de Olavo de Carvalho. São Paulo: É Realizações, 2001; Idem, *Dialéctica Concreta*: *Uma Metodologia da Ciência*. Inédito.

Elvis Amsterdã do Nascimento Pachêco é aluno do mestrado em Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação do Professor Dr. João Eduardo Pinto Bastos Lupi. Como professor substituto, já trabalhou na Universidade Federal do Maranhão, na Universidade Estadual do Maranhão e no Instituto Federal do Maranhão. Seu principal interesse é a filosofia brasileira em particular e como essa filosofia se relaciona com suas raízes ibéricas e com a tradição greco-latina. Para conclusão da licenciatura em filosofia, redigiu a monografia *A Axiomática de Mário Ferreira dos Santos* e atualmente prepara a dissertação *A dialéctica-ontológica de Mário Ferreira dos Santos*, ao mesmo tempo em que coordena o Grupo de Estudos de Filosofia Ibero-Brasileira. Como projeto futuro, pretende perfectibilizar sua compreensão da teoria dos juízos virtuais, bem como aplicar os ensinamentos de Mário Ferreira dos Santos nos diversos setores da filosofia de modo a provar a efetividade, o vigor e a eficiência de seu pensamento.
E-mail: elvis_amsterda@yahoo.com.br

Emilio Martínez Navarro

(Universidad de Murcia, ES)

"Aporofobia" (desprecio y rechazo al pobre): una actitud corrosiva

El término "aporofobia" es de reciente creación por parte de Adela Cortina, pero la idea de que existe un sentimiento moral de rechazo y desprecio a las personas pobres ya aparece en la *Teoría de los sentimientos morales* de Adam Smith. Este autor considera que esta actitud es corrosiva de los sentimientos morales. Me propongo exponer y analizar esta afirmación de Adam Smith poniéndola en relación con las realidades contemporáneas, en las que la aporofobia es una lacra bastante extendida, contra la cual es preciso establecer medidas educativas basadas en argumentos éticos y políticos bien fundamentados. Frente a la corrosión moral de la actitud aporófoba, es preciso cultivar la compasión, el reconocimiento mutuo de la dignidad humana y el compromiso con los valores de una renovada ilustración basada en la *razón cordial* (Adela Cortina).

Emilio Martínez Navarro. Catedrático de Filosofía Moral y Política en la Universidad de Murcia. Ha publicado más de un centenar de trabajos científicos y divulgativos sobre temas de su especialidad. Entre ellos, cabe destacar los siguientes libros: *Solidaridad liberal: la propuesta de John Rawls*, Granada, Comares, 1999; *Ética para el Desarrollo de los Pueblos*, Madrid, Trotta, 2000; *Ética profesional de los profesores*, Bilbao, Desclée de Brouwer, 2010; Edición, traducción y notas de la obra de John Locke, *Carta sobre la tolerancia (1689) y Extractos de la Tercera carta para la tolerancia (1692)* Madrid, Tecnos, 2017. Obtuvo el doctorado en *Filosofía y Ciencias de la Educación* en la Universidad de Murcia en 1994 con Premio Extraordinario de Doctorado. Ha sido investigador visitante en universidades norteamericanas (Harvard, Montclair y Notre Dame) y profesor invitado en numerosas universidades de México, Chile, Ecuador, Uruguay, Colombia, Argentina, Puerto Rico, Costa Rica e Italia. Es miembro, entre otras, de la *Asociación Española de Ética y Filosofía Política*, de la *Asociación Internacional de Ética del Desarrollo (International Development Ethics Association, IDEA)*, de la *Fundación ÉTNOR (Ética de los Negocios y las Organizaciones)* y de la *Asociación de Bioética Fundamental y Clínica*.
E-mail: emimarti@um.es

Encarnación Ruiz Callejón

(Universidad de Granada, ES)

El tratamiento de las pasiones en Madame de Staël y la negación de la voluntad en Schopenhauer

En 2018 se cumple el segundo centenario de la publicación del primer volumen de *El mundo como voluntad y representación* de Arthur Schopenhauer, aunque apareció con fecha de 1819. En el Libro IV y luego más tarde, en el ensayo presentado a la Sociedad Danesa de las Ciencias, en los *Complementos* y también en la última obra, *Parerga y Paralipómena*, el autor aborda numerosas cuestiones interrelacionadas y de distinto calado sin perder un hilo conductor: cómo interpretar la existencia y cómo hacer frente al sufrimiento y al sinsentido teniendo en cuenta que el fundamento metafísico es la voluntad. En el verano de 1817 había muerto Anne-Louise Germaine Necker, Madame de Staël, a la que el jovencísimo Schopenhauer había conocido fugazmente en el viaje con sus padres por Europa tras el cual, el futuro filósofo, siguiendo el proyecto paterno, parecía destinado a formarse como comerciante para tomar algún día las riendas de los negocios familiares. Madame de Staël, que también se dedicó a la literatura como la progenitora de Schopenhauer y compartía con ella el gusto por la vida de salón en la que por otra parte se había formado, tenía sin embargo, un planteamiento filosófico que anticipa en un sentido el del filósofo. Se enfrentó antes que él a lo que será luego el hilo conductor de la propuesta de éste: el pesimismo respecto a la posibilidad de ser felices y el papel de la compasión. También los une la búsqueda de instrumentos y medios para tratar las pasiones en un caso; en otro, para tratar más bien aquello de lo que las pasiones forman parte y que Schopenhauer denomina voluntad. Madame Staël, sobre todo en *De la influencia de las pasiones en la felicidad de los individuos y las naciones*, había articulado un

diagnóstico sobre las pasiones y un posible tratamiento. El objetivo de mi comunicación es, pues, comparar ambas propuestas como contribuciones a la filosofía de las pasiones. En el caso de Schopenhauer, y como complemento a la línea de investigación más extendida y que se centra en el pesimismo y en las vías de negación de la voluntad, analizo si es posible y en qué sentido hablar de otras opciones de tratamiento de las pasiones en su obra.

Encarnación Ruiz Callejón. Full-time professor (Profesora Contratada Doctora) accredited as University Professor (Profesor Titular de Universidad). Teaching and Research in *History of Medieval and Renaissance Philosophy. Spanish-Muslim Philosophy. History of Philosophy in the 19th Century. Philosophy of Religion.* My main research interests are: Schopenhauer and Nietzsche, nihilism and crisis of values, Islam, and Feminism. Some recent papers: 2015: "Qasim Amin y John Stuart Mill: las razones de la esclavitud femenina". 2016: "La pasión del filósofo y la reflexión sobre la interculturalidad: tres perspectivas medievales". En Sonia París, A. & Comins Mingol, I. (Eds.), *Humanismo global. Derecho, religión y género*. 2016: "La experiencia místico-estética en un contexto intercultural y posmetafísico". En Valderrama Santomé, M., Gaona Pisonero, C., Beatriz Peña Acuña, B. (Eds.), *Experiencias y manifestaciones culturales de vanguardia.* 2017: "De la terapia del «Gran médico» a la tribulación del sabio: las meditaciones de Tomás Moro y Boecio sobre la experiencia de Dios y el sufrimiento". 2018: ¿Recuperar lo sagrado en un tiempo de desencanto?: ¿ateísmo religioso, anateísmo o pesimismo de la Fortaleza? En Requeijo Rey, P. & Vega Baeza, M. R. (Eds.), *La Universidad y nuevos horizontes del conocimiento*.
E-mail: ruizencarnacion@ugr.es

Fabrizio Macagno

(Universidade Nova de Lisboa, PT)

Discursive and Probative Relevance in Educational Argumentation

In education, the concept of relevance is commonly related to the study of classroom dialogue, and more specifically to the analysis of the quality of students' argumentation. However, argumentation can be regarded both as a process and as a product, thus leading to a twofold account of relevance. On the one hand, it concerns how an argument is constructed, namely whether and how the premises can support the conclusion. This aspect is usually analyzed using the TAP model (Erduran, Simon, & Osborne, 2004). On the other hand, relevance accounts for the relationship between an argument and the topic and purpose of the dialogue. Kuhn & Udell (2003) classified the quality of arguments considering their function in addressing the problem under discussion. These two dimensions are related to each other (Macagno, 2016); however, the problem is to provide a model of relevance that can account for both dialogical and structural relevance.

This paper intends to contribute to the methodology used in educational argumentation advancing an approach to relevance in terms of inferential distance. Relevance will be presented as a relation between discourse moves that can be represented as a chain of inferences linking a concerned move with the goal of the conversation or the goal of the previous move. This approach allows accounting for both dimensions of relevance (probative and discursive), and assessing whether a move is relevant, and how relevant it is. The inferences underlying relevance are evaluated considering a) their number; b) the premises that they require to be added to make the inferential step possible; and c) their defeasibility. The three criteria are interrelated, based on the assumption that pragmatic inferences are non-demonstrative, and thus defeasible. However, some inferences are more defeasible than others, and argumentation schemes can be used to assess the acceptability of the conclusion by providing a set of critical questions to evaluate the inference. Therefore, the higher the number of inferences needed to bridge two moves, the higher the possibility that the relevance relation is subject to default (due to lack of available information to support the inference or the availability of contrary information). These three factors determine the inferential distance of a move to another or to the conversational goal.

This theoretical approach will be illustrated through the analysis of a corpus of teacher-student dialogues, and the criteria for adapting this account to educational purposes will be advanced by outlining a coding scheme for relevance.

Fabrizio Macagno. ArgLab – Instituto da Filosofia da Nova (IFILNOVA), Universidade Nova de Lisboa. (Ph.D. UCSC, Milan, 2008) works as a FCT researcher and invited auxiliary professor at the Universidade Nova de Lisboa. He is author of more than 80 papers on definition, presupposition, argumentation schemes, and dialogue analysis published on major international peer-reviewed journals such as *Journal of Pragmatics*, *Intercultural Pragmatics*, *Argumentation*, and *Philosophy and Rhetoric*. His most important publications include the books *Argumentation Schemes* (CUP 2008), *Emotive language in argumentation* (CUP 2014), and *Interpreting straw man argumentation* (Springer 2017). His research interests include the relationship between argumentation and pragmatics, and the application of the tools of argumentation theory to professional communication (education and medical interviews).
E-mail: fabrizio.macagno@fcsh.unl.pt

Fabio Alves Gomes de Oliveira

(Universidade Federal Fluminense, BR)

Os animais não-humanos e a filosofia política contemporânea

A obra *Zoopolis: a Political Theory of Animals Rights*, de Will Kymlicka e Sue Donaldson apresenta uma proposta que não se restringe às tradicionais abordagens da ética e dos direitos animais. Kymlicka e Donaldson desenvolvem uma teoria política aplicada aos animais não-humanos e defendem que os interesses dos indivíduos de outras espécies devem ser levados em conta na determinação dos bens comuns da sociedade. Ou seja, os autores propõem uma concepção de cidadania que incorpore os animais não-humanos. Neste trabalho, procuro investigar os alcances da obra *Zoopolis*, ressaltando sua importância no preenchimento de uma lacuna existente na filosofia política contemporânea, qual seja: a de pensar uma teoria da justiça que incorpore os animais enquanto cidadãos da *demos*. Estaríamos, portanto, diante de uma proposta conceitual de cidadania aplicada aos animais não-humanos que os reconhece como co-partícipes das sociedades em que vivemos, nos mais diversos setores e círculos. Admitindo que estes são seres com os quais estamos em relação moral, mas também política, nos caberia investigar princípios capazes de regulamentar essa relação, fazendo com que os animais não-humanos passassem a ocupar não somente um lugar na comunidade moral, mas na comunidade política.

Fabio Alves Gomes de Oliveira é professor de Filosofia da Universidade Federal Fluminense, onde coordena o Laboratório de ética ambiental e animal. É membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva da UFF e colaborador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFRJ. Possui pós-doutorado em Bioética, pela UFRJ e Filosofia, pela Universidade de Valladolid, Espanha. Publicou a obra "Responsabilidade Individual Frente às Mudanças Climáticas Globais" em 2015, e organizou a obra *Ética Animal: Um Novo Tempo*, em 2018. É ativista pelo fim da exploração humana e não-humana.
E-mail: fabioagoliveira@gmail.com

Fátima Regina Évora

(Universidade de Campinas, BR)

A controvérsia acerca da relação entre natureza e movimento nos corpos elementares: Aristóteles e Filopono

O objetivo deste artigo é analisar a concepção de Filopono com respeito à relação entre natureza e movimento nos corpos elementares presente, especialmente, nos fragmentos sobreviventes do tratado *De Aeternitate Mundi contra Aritotelem*, obra escrita entre 530 e 533/4. Esta concepção é

desenvolvida, por Filopono, ao longo da sua crítica da tese aristotélica com respeito à eternidade do mundo e está estreitamente relacionada na sua crítica ao conceito de matéria prima (*proto hylê*). Embora Filopono concorde com Aristóteles que os movimentos sejam devido à 'natureza', como princípio de movimento, disso não segue, segundo ele, que corpos, cujos movimentos são diferentes em espécie, possuam naturezas diferentes. Segundo Filopono, se corpos simples cuja natureza não é da mesma espécie (como terra e água) movem-se com movimentos da mesma espécie (retilíneo para baixo), então é razoável supor que existam corpos simples de mesma espécie e que se movam com movimentos que são diferentes em espécie. Ou seja, não se deve concluir que aquilo que se move naturalmente em um círculo (como corpos celestes) e aquilo que se move naturalmente em linha reta (corpos terrestres) deveriam possuir naturezas diferentes. Filopono, portanto, opõe-se à ideia aristotélica de uma quinta essência, o éter (puro, eterno, inalterável e incorruptível), a única para a qual o movimento circular seria natural. De acordo com Filopono, abstraindo as formas de todas as coisas, evidentemente só restará a sua extensão tridimensional, em virtude do que nada distingue os corpos celestes dos corpos terrestres. Ou seja, por que as coisas celestes e as coisas terrestres são ambas extensões tridimensionais, nada distingue uma da outra. O mundo, segundo Filopono, é materialmente uniforme, todos os corpos, sejam terrestres ou celestes, estão igualmente sujeitos à geração e corrupção. Neste artigo, a discussão será feita, principalmente, a partir do comentário de Filopono à *Física* de Aristóteles, que data de 517, do *De aeternitate mundi contra Proclum*, obra escrita por Filopono em 529, e dos fragmentos sobreviventes do tratado *De aeternitate mundi contra Aritotelem*, obra da maturidade de Filopono, escrito provavelmente entre 530 e 533/4.

Fátima Regina Rodrigues Évora. Filiação institucional: Professora Associada II – MS-5.2 do Departamento de Filosofia – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Campinas SP. Breve CV: Docente do Departamento de Filosofia-UNICAMP, onde desenvolve pesquisas desde 1987 nas áreas de história da filosofia e história da filosofia da natureza, com ênfase principalmente nos seguintes temas: Aristóteles, Filopono, história da filosofia antiga e medieval, história da física e da astronomia. Doutora em filosofia pela USP, com tese "A evolução do conceito de inércia: de Filopono a Galileo" (1996). Desde 2011 é livre docente pela UNICAMP. Visiting Scholar in the Department of Philosophy of Princeton University – EUA, with Prof. Daniel Garber, June to August/2016. Fez estágio de pós-doutoramento no Centre de Recherche sur la Pensée Antique "Bibliothèque Léon Robin" (Université de Paris IV et CNRS) (2004 e 2008) e no Department of Philosophy-Princeton University (2009 e 2014). Presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia – ANPOF de 2000 a 2002 e Secretária Geral da ANPOF de 1996 a 1998 e de 1998 a 2000. Foi editora, de 1993 a 2013, dos Cadernos de História e Filosofia da Ciência, e, desde 2006, é diretora associada da coleção de livros Philosophia/Analytica. É bolsista de produtividade de pesquisa do CNPq, nível 1B, com o projeto "A recepção latina do conceito de matéria de Filopono no início da Filosofia Moderna" e membro do Projeto Temático FAPESP "Teorias da Causalidade e Ação Humana na Filosofia Grega Antiga".
E-mail: faevora@uol.com.br

Fernando Furtado

(Universidade de Lisboa, PT)

S5-denying Approach to Relativized Metaphysical Modality

Nathan Salmon (1989) argued (following Hugh Chandler (1976)) that things that are possible may be merely *contingently* possible instead of *necessarily* possible. Employing the possible world vocabulary, Salmon claims that what is possible may *vary* depending on which possible world is being taken into consideration. According to Salmon's account, it is quite natural to suppose that several things that are impossible from a possible word w_1 are entirely possible from the perspective of a different possible world w_2. This is equivalent to saying that things which qualify as *viable possibilities* from a possible world w_1 might be different from the viable possibilities from a possible world w_2. In this sense, possibilities (and also necessities) are *relativized* to which possible world is

being taken into consideration. According to the most straightforward interpretation of the relativization, it is is incompatible with the widespread consensus that the logic for metaphysical modality should not be weaker than the S5 modal logic system. Since Salmon's semantics does not validate S5 (contrary to the consensus), philosophers may not have found motivations to take Salmon's theory as seriously as it deserved. In a recent paper, however, Adam Murray and Jessica Wilson (2012) considered Salmon's central insights seriously and proposed an interpretation of it which, if successful, can eventually deliver all the benefits of a relativized description of metaphysical modality without encountering Salmon's problem. Hence, if they can successfully achieve their goal, then they will be able to provide an essentialist S5-friendly theory for relativized metaphysical modality. Unfortunately for the S5-friends, I shall argue, they do not achieve their goal. Therefore, if I am right, they cannot provide an essentialist S5-friendly theory for relativized metaphysical modality.
This talk is organized as follows: firstly, I present Salmon's theory of modality (which I call 'S5-denying approach') and compare it with the standard interpretation of modality. Secondly, I explain Murray and Wilson's 'two-dimensional S5-friendly interpretation of relativized metaphysical modality' or '2D-interpretation' (I focus on only one of its implementations; the one with non-overlapping subspaces). Thirdly and most importantly, I put forward a few arguments against Murray and Wilson's proposal. Generally speaking, in this talk I argue that if one wants to hold an essentialist theory for relativized metaphysical modality, then one's best option in the market right now is to stick with Salmon's proposal, which (I shall argue) is a genuine essentialist interpretation of relativized metaphysical modality.

Fernando Furtado is a PhD student at the University of Lisbon. He has been rewarded with a PhD student grant by CAPES Foundation – Brazil, which has been supporting his work since then. He is a student member of the LanCog Group subordinated to the Centre of Philosophy, School of Arts and Humanities, University of Lisbon. He is also a member of the Brazilian Society for Analytic Philosophy and the Portuguese Society for Analytic Philosophy. His main publications are in metaphysical of modality, epistemology of argumentation and philosophy of language.
E-mail: fernandofurtado@campus.ul.pt

Fernando M. F. Silva

(Universidade de Lisboa, PT)

Kant on poetic representations

The aim of the present article is to investigate an apparent contradiction, presented by Kant in § 49 of his third Critique: namely, the incongruence according to which poetry, the expression of an enlivening spirit, is constituted by representations for which the understanding has no concept, "for which there is no example in nature", "which no language can fully grasp nor render understandable" – something which is therefore "inexpressible" or "ineffable"; and that, however, precisely these representations of poetry must come to be, through language, "universally communicable" – i.e., that despite everything, they are to be fully understandable and expressible, in likewise manner, in every spirit – under penalty of poetry not being poetry. Now the aim is to show that not only there is no incongruence here, but the previous formulation suggests a *superior congruence – the unique logic – of poetic genius*; a suggestion according to which genius, or *spirit*, is in itself the "fruit" of a unique proportion between the faculties of knowledge, and therefore the ineffability and/or universal communicability of poetry depends on, and is to be resolved in, a singular *play* between the faculty of imagination and the faculty of judgment, to which other faculties – both inferior and superior – also concur. This proposal, as well as the resolution of its apparent incongruence, shall be presented as they are primarily displayed in Kant's Lectures on Anthropology, as well as in the text "Entwurf zu einer Opponenten-Rede", and finally consummated here, in the *Critique of the Faculty of Judgment*.

Fernando Manuel Ferreira da Silva, b. 1981. Post-Doctoral fellow and member of the Centre of Philosophy, University of Lisbon. PhD in 2016, on Novalis' critique of identity, as expounded in the «Fichte-Studien». Chief concerns: Kantian Aesthetics and Anthropology, German Idealism and Romanticism, in authors such as Baumgarten, Kant, Fichte, Novalis, Fr. Schlegel or Hölderlin, having published on and translated several of them. Main publications: *'The poem of the understanding is philosophy'. Novalis and the art of self-critique*, Mimesis Verlag, Germany (t.b.p. in 2019); «"Das Unsterbliche mit dem Sterblichen zu verbinden". Sobre o pensamento principal da filosofia de Platão segundo Schelling», *Anales del Seminario de Historia de la Filosofía*, 2017; «Um "*secreto procedimento da alma dos homens*": Kant sobre o problema das representações obscuras», *Con-textos Kantianos*, 2017.
E-mail: fmfsilva@yahoo.com

Filipe Nobre Faria

(Instituto de Filosofia da Nova, PT)

Soberania Individual e Política: Uma Avaliação Evolutiva

Há um crescente conjunto de dados derivados das ciências naturais que permitem clarificar a base evolutiva da moralidade. Este fenómeno levou à expansão de áreas como a ética evolutiva e a biopolítica, tendo induzido vários filósofos a reivindicar uma naturalização progressiva da ética e da política. Portanto, seguindo o projecto original de Aristóteles, é cada vez mais possível compreender o nosso sentido normativo desenvolvendo uma ciência da ética. Uma tal ciência baseia-se na filosofia natural e, mais especificamente, no estudo das origens biológicas da moralidade.
Consonante com esta perspectiva naturalista, esta apresentação almeja um entendimento do conceito de soberania de uma perspectiva evolutiva. Em particular, mensura o valor ontológico da soberania por meio de um apuramento da sua função na natureza, quer ao nível individual quanto político. A apresentação problematiza por que razão a soberania é um conceito tão importante no sistema evolutivo, mormente relacionando a sua manifestação social com a expansão da aptidão (*fitness*). Por outras palavras, é importante averiguar como a soberania pode ter impacto no incremento do destino evolutivo de indivíduos e dos grupos, e sobretudo descortinar os seus limites normativos. É possível ser verdadeiramente um soberano? Se sim, como? Ao abordar a interdependência dos humanos enquanto seres vivos que partilham naturalmente interesses biológicos e culturais, esta apresentação determina os limites das pretensões normativas a favor da soberania enquanto em simultâneo enfatiza a sua adequação contextual. Para atingir este objectivo, recorre aos mais actualizados modelos de evolução cultural e biológica, tais como a "co-evolução de cultura e genes", a "selecção de níveis múltiplos", e a "aptidão inclusiva".

Filipe Nobre Faria trabalha actualmente como investigador de pós-doutoramento em ética e filosofia política no Instituto de Filosofia da Universidade Nova de Lisboa (IFILNOVA). Ademais, leciona sobre assuntos de sua especialidade na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Nova. Anteriormente, ele obteve seu doutoramento em Teoria Política (2016) pelo King's College London e seu mestrado em Filosofia, Política e Economia (2011) pela Universidade de East Anglia. Ele leccionou também nas áreas de teoria política e economia política no King's College London. Seu principal interesse de investigação está em aplicar o conhecimento das ciências comportamentais e evolutivas às questões de filosofia social e política.
E-mail: filipefaria@gmail.com

Flavio Comim

(Universitat Ramon Llull, ES)

Aporofobia y plutofilia

En su libro *Aporofobia, el rechazo al pobre*, la Profesora Adela Cortina trata de los delitos de odio al pobre y de la pobreza y exclusión. En mi presentación intento relacionar el concepto de aporofobia al concepto de plutofilia, entendido como 'amor al dinero y la riqueza'. *La teoría de los sentimientos morales*' de Adam Smith es un buen punto de partida para una comparación entre aporofobia y plutofilia. En el final se sugiere en que puede cambiar nuestro entendimiento del desarrollo humano a partir de esa discusión.

Flavio Comim. Profesor da Business School del IQS/Universitat Ramon Llull y Profesor Afiliado de la Universidad de Cambridge. Ha hecho su doctorado en la Universidad de Cambridge y un pos-doctorado en la Universidad de Harvard. Ha trabajado muchos años para las Naciones Unidas, como para el PNUD y PNUMA.
E-mail: flavio.comim@iqs.url.edu

Flavio Williges

(Universidade Federal de Santa Maria, BR)

Adela Cortina e o papel das emoções altruístas na superação da aporofobia

Em seu último livro "Aporofobia: el rechazo al pobre, un desafio para la democracia" (2017), Adela Cortina identifica e articula uma descrição do fenômeno do desprezo e ódio aos pobres, a *aporofobia*. Ela também examina as causas e condições éticas, políticas e sócio-econômicas necessárias para estados democráticos superarem tal fenômeno. No plano moral, do repúdio à aporofobia e consolidação de uma cultura cordial e mais igualitária, as idéias de dignidade e compaixão estão no centro de seu projeto: sustenta que, para proteger os pobres dos perigos do ódio e desprezo, o Estado e suas instituições devem inculcar nos cidadãos, por um lado, uma profunda preocupação empática (compassiva) com o outro e, por outro, o respeito pela dignidade da pessoa concreta. Ela defende que a criação de uma cultura mais igualitária, de compaixão e dignidade, que evite o repúdio e os delitos de ódio aos pobres, deve ser levada a cabo através de um projeto mútuo que contemple a educação familiar, na escola, nos meios de comunicação e no conjunto da vida pública.

O objetivo de minha apresentação será discutir a cultura moral centrada nas emoções altruístas, como a compaixão, para a conformação de um modo mais respeitoso e bondoso de pensar e atuar em relação aos pobres. Eu argumentarei que estimular uma cultura pessoal e pública centrada na compaixão, no cuidado amoroso pelo outro e generosidade é um passo importante para responder à aporofobia. Ao mesmo tempo, argumentarei que emoções "duras" como a indignação moral têm um importante papel na motivação moral que leva agentes a combater diferentes formas de injustiça e os sentimentos que as envolvem. A conclusão será que um conjunto complexo de emoções que envolve a compaixão, mas não se restringe a ela, nos motivam a comunicar e marcar publicamente o significado degradante de certas enfermidades sociais, como a aporofobia, clamando os outros a fazerem uma apreciação negativa e a rejeitar os sentimentos que as alimentam.

Flavio Williges é doutor em Filosofia pela UFRGS e foi bolsista de pós-doutorado da Capes na University of California, em Davis, entre julho de 2017 a julho de 2018. Atualmente é Prof. Associado do Departamento de Filosofia da UFSM. Nos últimos anos tem se dedicado ao estudo do papel das emoções na moralidade e na cognição. Está finalizando, juntamente com David Copp (University of California at Davis) e Marcelo Fischborn (UFSM), a edição do livro *O papel das emoções na ética e na metaética*, que será publicado pela Editora da Universidade Federal de Pelotas e reúne artigos de pesquisadores nacionais e internacionais sobre a natureza e papel das emoções na moralidade.

E-mail: fwilliges@gmail.com

Gabriele de Angelis

(Universidade Nova de Lisboa, PT)

Soberania económica e legitimidade política na União Económica e Monetária

A União Económica e Monetária (UEM) da União Europeia, com a qual foi introduzida a moeda única, assenta em uma transferência de poderes muito mais abrangente do que aconteceu nas anteriores fases de integração do continente europeu. Na medida em que se trata de poderes que afectam dois dos núcleos centrais da soberania dos estados membros, ou seja a autonomia orçamental e a política monetária, a UEM coloca questões profundas acerca do papel da soberania nacional da legitimidade das instituições supranacionais no contexto europeu e global atual.

No que diz respeito à primeira, a questão principal é a relação entre soberania de jure e soberania de facto. O processo de integração europeia avançou como resposta à interdependência criada pelos processos de integração económica internacional e promoveu, por outro lado, esta mesma interdependência. A transferência de soberania visava preservar um espaço comum de intervenção política no governo da globalização e na transnacionalização dos processos económicos, assumindo a impossibilidade de assegurar um tal governo ao nível das instituições nacionais. A impossibilidade de garantir uma soberania de facto dentro das fronteiras nacionais levou a uma transferência de soberania de jure dos governos nacionais para as instituições supranacionais, na tentativa de recuperar através da cooperação internacional o que foi perdido ao nível nacional. Em consequência da crise da dívida soberana e face aos riscos e aos desenvolvimentos indesejáveis da UEM, a questão a colocar é se e como seria possível regressar a formas mais completas de soberania nacional no âmbito económico, como as estratégias de saída da moeda comum pretenderiam.

Mais interessante de um ponto de vista da filosofia é, contudo, uma questão menos empírica, ou seja a questão da forma de legitimidade que as instituições supranacionais deveriam ter para substituir com êxito o exercício nacional da soberania económica, e qual forma um tal exercício poderia tomar no contexto supranacional. As instituições políticas nacionais justificam-se através da possibilidade de os cidadãos escolherem entre opções diferentes – opções que incluem a alocação diferente de bens publicamente geridos e portanto também a questão da justiça distributiva. Também as instituições políticas supranacionais alocam bens. Qual esquema de alocação satisfaria as concepções de justiça política vigentes nos contextos democráticos que nos são conhecidos na nossa qualidade de cidadãos?

A comunicação propõe um modelo para responder a esta questão. Em síntese, o modelo prevê que a legitimidade política das instituições internacionais será satisfeita por esquemas de decisão política mais parecidos com os que caracterizam as organizações internacionais (e que na arquitectura da UE correspondem ao nível intergovernamental de governança) na medida em que a alocação de bens pode ser gerida através de "sistemas de regras" (rule-based systems), como é no mercado comum, independentemente do grau de cedência de soberania efetuado pelos países membros. Vice-versa, a legitimidade política das instituições internacionais será satisfeita por esquemas de decisão política mais parecidos com os que caracterizam os estados federais na medida em que o espaço de discrição política aumenta e os sistemas de regras são menos aplicáveis.

Gabriele de Angelis (Ph.D. Sant'Anna School of Advanced Studies, Pisa, Italy, 2003; Grundständige Promotion, Ruprecht-Karls-Universität Heidelberg, 1999) is a political theorist, and works as a researcher at the Universidade Nova de Lisboa. His current research is focused on the reform of the economic governance in the European Union, especially with regard to normative aspects. He is author of several papers, monographs, edited volumes, and special issues of international journals on political legitimacy in national and supranational contexts and on the history of political thought. His articles have appeared in journals such as *European Politics and Society*, *Journal of Classical Sociology*, *History of Political Thought*, *Critical International*

Review of Social and Political Philosophy.
E-mail: gabriele.deangelis@fcsh.unl.pt

Gianfranco Ferraro
(Universidade Nova de Lisboa, PT)

Teologia económica e subjectivação democrática: o problema Michel Foucault

Toda uma vertente do pensamento filosófico contemporâneo, representada em particular pelas últimas obras de Giorgio Agamben e de Roberto Esposito, focada na noção de "teologia económica", tentou re-interpretar a questão da secularização, assim como estudada por Max Weber, Carl Schmitt, Walter Benjamin, Jakob Taubes e Hans Blumenberg, à luz do trabalho desenvolvido por Michel Foucault entre os anos '70 e '80. Tal como a teologia política postulava uma re-legitimação do Estado a partir da presença de conteúdos teológicos no âmbito do direito, a teologia económica tenta estudar como também o âmbito económico, e em particular o âmbito das condutas de vida estruturadas no interior de um determinado horizonte económico, mesmo que secularizado, continua a conter um problema ligado ao horizonte teológico e, em particular, à salvação. Nesse sentido, os sujeitos de um horizonte económico ficam, tal como Max Weber predisse na sua *Ética protestante e o espírito do capitalismo*, como que aprisionados numa rede de aço da qual se torna difícil sair.
Por outro lado, Foucault, nos últimos cursos no Collège de France, mostra também uma possível linha de fuga a essa forma de subjectivação, esclarecendo como os sujeitos têm a possibilidade de ir ao encontro da linha de corte que, quer no âmbito propriamente ético, quer no âmbito político, pode empenhá-los numa reactivação da possibilidade de resistências e de verdade. O estudo da parrêsia, sobretudo no que se diz respeito à noção de democracia, mostra assim, em Foucault, todas as possibilidades de compreensão dos mecanismos pelos quais um sujeito pode mostrar uma verdade e, para além disso, mostrar as condições de subjectivação, a partir de uma confrontação com um limite, um risco. A questão posta por Foucault nos últimos escritos é também devedora da tentativa de re-leitura que o próprio Foucault fez, por si mesmo e através de Georges Bataille, da questão do limite e das condições que uma vida "verdadeira" tem que satisfazer para adquirir as condições próprias de autonomia e de independência.
Esta comunicação tentará explorar, por um lado, as duas "técnicas" de sujectivação – a da teologia económica e a da parrêsia no último Foucault – mostrando como esta última se encontra em radical incompatibilidade com a primeira, abrindo, assim, o problema de uma subjectivação democrática radicalmente contraposta a uma subjectivação "económica". Neste sentido, o horizonte democrático, e também o problema da crise democrática contemporânea, irá aparecer não simplesmente como um problema de crise institucional, mas como um problema de "subjectivação verdadeira", isto é, como um exercício inquieto que só através de um dramático enfrentamento do sujeito consigo mesmo e com o próprio estilo de vida, pode conseguir chegar até à criação de novas instituições.

Gianfranco Ferraro é bolseiro FCT e investigador pós-doutoral no Instituto de Filosofia (IFILNOVA) da Universidade Nova de Lisboa, onde desenvolve um projeto sobre a arqueologia da subjectividade em Nietzsche, Pessoa, e Deleuze: "O Teatro do si: Nietzsche, Pessoa e a escrita como prática inquieta da subjectividade". No Ifilnova ele é membro dos grupos de investigação do Culturlab "Arte, crítica e experiência estética" e "Questões de Subjectividade: Filosofia e Literatura". Na Universidade Nova de Lisboa é responsável pelo Italian Thought Network. É também membro do Seminário Permanente Nietzscheano (Centro Colli-Montinari, Itália) e do grupo "Genealogia e crítica" (Brazil). É director da revista de Filosofia e Ciências Sociais "Thomas Project" e autor de muitos ensaios e artigos sobre Nietzsche, a filosofia política e a teoria da literatura ("Os rostos do si", Vendaval: Lisboa, 2018). Entre os seus principais interesses de investigação a filosofia alemã do século XX, e particularmente a influência de Friedrich Nietzsche, as origens das ciências sociais, as utilizações da abordagem arqueológica de Michel Foucault a alguns problemas teóricos e políticos (o

Self, a cidadania), a história dos modelos utópicos e proféticos de pensamento, a história do republicanismo, a ontologia da imanência.

Giuseppa Maria Spenillo

(Universidade do Porto, PT)

Henri Lefebvre e o direito à cidade como uma possibilidade de resistência

Ver resumo da sessão temática em **Paula Cristina Pereira**.

Giuseppa Maria Spenillo. Professora Associada da Universidade Federal Rural de Pernambuco/Brasil. Doutorada em Sociologia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/Brasil, com pós-doutoramento no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Investigadora Integrada do RG Philosophy & Public Space do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto.
E-mail: gspenillo@sapo.pt

Guelfo Carbone

(Independent Researcher)

Alien, Crisis, Home. Patočka's phenomenological critique to Eliade

Together with a phenomenological analysis of a number of exemplary religious rituals and symbols, Mircea Eliade's 1957 masterpiece titled *The Sacred and the Profane* provides several important statements about both the "nature of religion" (as the entire title of the essay reads), and the behavior of what the author calls "*homo religious*." Among these, a crucial thesis is to be found at the very end of the essay, when Eliade claims that every existential crisis puts in question both the reality of the world and man's presence in the world. This means that the existential crisis is, finally, religious, as he explicitly states, since on the archaic levels of culture, *being* and *the sacred* are one. According to such a fundamental thesis, the author concludes that religion is the paradigmatic solution to every existential crisis.

The present paper aims at illustrating Patočka's phenomenological critique to Eliade's position. The main argument is that Patočka's phenomenology of the three movements of lifeworld represents the critical response to Eliade's idea on existential crisis and the Sacred/Profane as ultimate dichotomy. According to Patočka, who directly calls into question Eliade's essay, the relationship between Sacred and Profane is to be phenomenologically further founded on the basic structures of lifeworld, which are elicited by the analysis of the three movements of existence, which are rooting; protection-and-preservation; openness.

Particularly focusing on the essay on space, where Patočka's reading of Eliade comes up explicitly, on the notions of "home" and "household" in the *Heretical essays*, and on the three movements theory in the *Supplement to the Natural World* essay, the paper points out that Patočka's phenomenological move – against Eliade's idea for which every existential crisis is a religious crisis (and therefore the solutions to crisis are religious, too) – is to include the Sacred/Profane dimension in the broader horizon of the givenness of being, that is to say, the phenomenality of being jointed to human existence's basic structures: alien-and-home, danger-and-safety, concealment-and-manifestation.

Guelfo Carbone. Independent researcher. Guelfo Carbone holds a PhD in Philosophy and History of Philosophy (Sapienza, University of Rome). His research draws on Phenomenology, Modern Philosophy, Ethics and Philosophy of Religion. His recent book (Mimesis Edizioni, 2017) revisits Heidegger's early lectures (1919-1923), focusing on the notion of lifeworld. He is member of the editorial board of the philosophical Journal "Pólemos. Materials of philosophy and social criticism", and also member of the editorial board of

"Postfactum: A Transdisciplinary Journal", and collaborates with various cultural institutions.
E-mail: guelfo.carbone@gmail.com

Henrique Jales Ribeiro
(Universidade de Coimbra, PT)

National and Transnational Philosophies and Philosophical Traditions in the 21st Century

The problem of the existence of national philosophies deserved the attention of different European and western countries for much of the 20th century, and it continues to do so, albeit less markedly than in the past due to the impact of globalisation and post-modernity from the 1960s onwards. Therefore, we no longer talk about a philosophy that would, for example, be typically "Portuguese", "Italian" or "German"; by contrast, the emphasis is now laid on the universality of philosophy. A possible interpretation for the problem of the existence of such philosophies entails assimilating them to ideological and sociological representations and constructions, seeing that this problem, which dates back to the late 19th century, is inseparable from the problem of the political and cultural identity of the nation-State to which each of those philosophies belongs. However, another path, exactly that of post-modernity, with the assimilation and reduction of philosophy itself to a cultural product or artefact, led to the rehabilitation of national cultures and philosophies, and, surprisingly, it became possible to talk about those philosophies in new, reinvigorated terms. All of this can be applied, *mutatis mutandis*, to transnational philosophies and to philosophical traditions. Analytical philosophy, notably, is a transnational philosophy *and* a philosophical tradition, both of which have clearly flourished since the second half of the 20th century to the present. Considering that the two are not natural entities but rather constructs developed over time, the problem of their existence is not less ideological that that of national philosophies. On the other hand, philosophical traditions are, both by origin and by vocation, essentially national (German absolute idealism, French spiritualism, British empiricism, American pragmatism, etc.); they correspond to more or less specific and programmatic conceptualizations produced by specific communities with specific aims, and, as a rule (though not necessarily, as the analytical case shows), they tend to erode away with time. In principle, their importance should have been questioned when the importance of national philosophies as such was also called into; but, for reasons that have already been mentioned and which have to do with post-modernity and contemporary cultural relativism, that did not happen. In this presentation, I will be developing a detailed interpretation of all the topics mentioned from a philosophical and sociological perspective.

Henrique Jales Ribeiro is Associate Professor at the Faculty of Letters, University of Coimbra, Portugal, where he teaches logic and argumentation theory. His main publications in recent years include: Ribeiro, H. J., "Perelman et la philosophie analytique", in B. Frydman & M. Meyer (eds.), *Chaïm Perelman: 1912-2012: De la Nouvelle Rhétorique à la Logique Juridique* (PUF, 2012); Ribeiro, H. J. (ed.), *Inside Arguments: Logic and the Study of Argumentation* (Cambridge Scholars Publishing, 2012); Ribeiro, H. J., "Towards a general theory on the existence of typically national philosophies: The Portuguese, the Austrian, the Italian, and other cases reviewed", in J. Braga & Ch. Möckel (eds.), *Rethinking Culture and Cultural Analysis (Neudenken Von Kultur und Kulturanalyse)* (Logos Verlag, 2013); Ribeiro, H. J. (ed.), Aristotle and Argumentation Theory, vol. 27 of *Argumentation: An International Journal on Reasoning* (Springer, 2013); Ribeiro, H. J. (ed.), *Systematic Approaches to Argument by Analogy* (Springer, 2014); and Ribeiro, H. J., *Retórica, Argumentação e Filosofia: Estudos Sistemáticos e Histórico-Filosóficos* (English translation of the Portuguese title: *Rhetoric, Argumentation, and Philosophy: Systematic and Historico-Philosophical Studies*), (Minerva Coimbra, 2016).
E-mail: jalesribeiro@gmail.com

Iara Velasco e Cruz Malbouisson

(Universidade de Campinas, BR)

Verstehen ist missverstehen: *Nietzsche e uma doutrina antropológica do equívoco*

Tematizado de forma contundente, o problema de ser ou não ser compreendido, assim como as figuras de leitores bons e ruins, acompanham as reflexões de Nietzsche sobre o sentido e as possibilidades de recepção de sua obra. A questão da compreensibilidade (*Verständlichkeit*) relaciona-se intimamente com temas centrais de sua filosofia – tais como o problema do valor da verdade, a genealogia da linguagem e a relação desta com a filosofia, entre outros – na medida em que Nietzsche atrela o desejo de ser universal e univocamente compreendido, bem como a pressuposição de que uma tal compreensão seja possível, com o 'egipcismo' da filosofia metafísica, que "tem a seu favor cada palavra, cada frase que falamos" (CI, III). Neste contexto, Werner Stegmaier identifica em Nietzsche o surgimento e a maturação de um projeto de superação da compreensibilidade. Para ele, em seus escritos tardios (sobretudo *O Anticristo* e *Ecce Homo*), Nietzsche opera uma inversão radical da questão da compreensibilidade, atribuindo relevância cada vez maior à noção de "mal-compreender" (*missverstehen*). Em sua filosofia, "não há mais lugar para uma compreensão universal e para uma teoria sobre uma tal compreensão"; qualquer reflexão sobre o que significa 'conhecer' (*erkennen*), em Nietzsche, deve levar em conta, portanto, também esta "situação" da "comunicação em geral". Em nossa apresentação, pretendemos expor e analisar esta interpretação da filosofia nietzschiana fazendo-a dialogar com a noção de "equivocação controlada" que o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro propõe como modelo para a compreensão antropológica, dada sua tarefa de 'traduzir' conceitos e discursos 'nativos'. Distinta da noção de 'falsidade" – uma vez que o oposto do 'equívoco' não é a verdade, mas sim o "unívoco, enquanto afirmação da existência de um significado único e transcendental" – a equivocação é colocada por Viveiros como a condição limítrofe de todas as relações sociais, dentre as quais as relações interculturais seriam apenas casos extremos, nos quais os "jogos de linguagem divergem de modo máximo". Abandonando a suposição de uma univocidade subjacente à equivocidade da linguagem, o "método da equivocação controlada" permite a Viveiros reconceitualizar problemas clássicos da antropologia, abrindo caminhos inauditos para seu teorizar. Pretendemos, assim, costurar e explorar uma interlocução entre esta problemática antropológica, pensada enquanto uma doutrina do equívoco, e a leitura de Stegmaier, segundo a qual os aforismos de Nietzsche traçam "círculos de cultura", limites e "margens de manobra" para a compreensão e incompreensão, uma vez que, na filosofia nietzschiana, compreender é mal-compreender.

Iara Velasco e Cruz Malbouisson. Graduada em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). No mestrado, concluído em 2011, estudou o pensamento do filósofo medieval francês Nicole Oresme (1323?-1382), sobretudo suas obras de filosofia da natureza, procurando interpretar seus tratados originais e seu progressivo afastamento, no contexto intelectual do século XIV, de uma concepção aristotélica de ciência enquanto saber demonstrativo e necessário. Atualmente, é aluna de Doutorado em Filosofia pela UNICAMP, com pesquisa voltada para a filosofia de Friedrich Nietzsche, interessando-se particularmente pelas bases, conexões e consequências antropológicas de seu pensamento.
E-mail: iaravcm@gmail.com

Inés Moreno

(Universidad de la República del Uruguay, UY; Consejo de Formación en Educación de La Administración Nacional de Educación Pública, UY)

Francis Hutcheson: la autonomía y especificidad de la experiencia de lo bello y su problemática extensión al arte

La doctrina de la autonomía estética concebida por los filósofos de la primera modernidad, sigue presente en las propuestas puristas de las vanguardias del siglo XX y en la estética analítica de la segunda mitad del siglo XX. La idea de especificidad, autonomía y pureza de la belleza, que surge en el siglo XVIII, fue clave en el desarrollo posterior de la teoría estética y la filosofía del arte. El carácter autónomo del valor del arte se convirtió en la consigna de las vanguardias del XX y ha tenido amplia repercusión en el pensamiento posterior; esta defensa de la autonomía es uno de los aspectos más discutibles de la perspectiva dominante en las teorías de las artes visuales que, entre todas las artes, son precisamente las que, en mayor medida, han estado al servicio de funciones religiosas, políticas, pedagógicas y de distinción social, entre otras muchas. Esta dependencia de fines heterónomos explica las profundas transformaciones que se dan en el arte a lo largo de su historia y la imposibilidad de una definición abarcadora. Analizaré el origen de la idea de autonomía estética en el siglo XVIII y alguna de sus repercusiones más significativas tanto en los manifiestos vanguardistas como en la filosofía del arte contemporánea. Voy a centrarme en la teoría estética del filósofo irlandés Francis Hutcheson, tal como fue formulada en su obra principal: *Inquiry into the Original of our Ideas of Beauty and Virtue* (1725) por ser la primer explicación filosófica de la belleza y el arte, de la historia de la filosofía; por tratarse de la primer teoría que intenta dar cuenta, sistemáticamente, del fenómeno de la autonomía de la belleza y, en tercer lugar, por la influencia directa e indirecta que ejerció en la estética y filosofía del arte posterior. Mi hipótesis general es que el origen de la anómala situación actual de las artes visuales – tanto en su teoría como en su práctica – se encuentra en el equívoco que han generado las ideas estéticas impuestas en el siglo XVIII – el llamado “siglo del gusto” regido bajo la consigna de la *autonomía* y *especificidad* de la experiencia estética, de la belleza en general y del arte, en particular.

En las últimas décadas la filosofía del arte se ha dedicado de manera dominante a la discusión sobre la definición del arte; en la búsqueda de un rasgo específico que permita identificar a las obras de arte como pertenecientes a una misma categoría, a pesar de la ostensible diversidad de las “obras de arte”. La inadecuación de las operaciones perceptivo-sensoriales para diferenciar el objeto de una obra de arte se vuelve un asunto central – un criterio que aún la teoría que acompaña las primeras vanguardias mantiene. Tanto los esteticismos como los Institucionalismos, conducen, inevitablemente, a un callejón sin salida por ser hijos, ambos de las tesis heredadas del siglo XVIII que conciben las obras de arte como entidades autónomas y ajenas a la historia.

Inés Moreno. Sección de Estética del Instituto de Filosofía de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de la Udelar – Uruguay. Consejo de Formación en Educación de la ANEP – Uruguay. Doctora en Filosofía Contemporánea por la Udelar; Profesora de Filosofía por el Instituto de Profesores Artigas CFE – ANEP. Docente de Estética en Instituto de Filosofía de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de Udelar. Profesora de Estética en Profesorado en Filosofía – Instituto de Profesores Artigas-CFE-ANEP. Coordinadora Académica del Departamento Nacional de Filosofía. CFE-ANEP.
E-mail: ins.moreno@gmail.com

Inês Salgueiro

(Universidade Nova de Lisboa, PT)

Confrontando Hume: a ética transcendental de Kant

Esta comunicação examina o impacto do problema da causalidade na filosofia de Kant, mais especificamente a influência de Hume na visão kantiana sobre o transcendental. Como é bem conhecido, Kant considera que Hume foi responsável por despertá-lo de seu "sono dogmático" (*Prolegomena*, A 13). Em *An Enquiry Concerning Human Understanding* Hume procura examinar as estruturas cognitivas da mente humana, enfatizando a existência de dois tipos fundamentais de conhecimento: "questões de facto" e "relações de ideias". O domínio do empírico excede o que é meramente dado pelos nossos sentidos, envolvendo uma série de inferências que dependem da relação causa-efeito. Hume argumenta que não podemos saber apenas por meio das nossas capacidades intelectuais que efeito um evento particular trará sem uma base empírica. A causalidade, portanto, equivale apenas a um hábito, que não tem fundamento epistémico seguro. Esse é o primeiro problema levantado por Hume, ao qual Kant dedica grande parte de sua *Crítica da Razão Pura*. O segundo problema humeano tem a ver com a questão da liberdade. Trata-se do dilema do determinismo, que consiste em saber se as nossas ações são ou não consequência do nosso livre arbítrio. Kant, despertado por Hume, procura dar resposta a este segundo problema na sua filosofia moral. A *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* e a *Crítica da Razão Prática* são as obras que tentam responder à segunda pergunta que é feita ainda na Primeira Crítica. O conceito de "transcendental" é a pedra angular para a resposta não só ao problema teórico da causalidade como também ao problema prático da liberdade, problemas que, na filosofia kantiana, estão interligados. O meu objetivo específico nesta comunicação é analisar alguns resultados de um caso de estudo que nos ajuda a ver como o conceito de transcendental opera nas suas primeiras manifestações empíricas. Concentrar-me-ei na aplicação do conceito de transcendental à relação mãe-bebé. Tentarei mostrar que desde os primeiros meses até ao segundo ano de vida já existe uma atividade transcendental, uma unidade sintética que pode ser encontrada quando o bebé começa a perceber-se a si mesmo como causa das suas ações. Assim, através das capacidades adquiridas nesse período, exploro a aplicação do transcendental ao universo do bebé, ou seja, ao seu desenvolvimento cognitivo, linguístico, afetivo, emocional e moral.

Inês Salgueiro é licenciada e pós-licenciada em Filosofia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde é actualmente investigadora no Instituto de Filosofia da Nova. É também investigadora no Centro de Investigação Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão. A sua produção académica inclui publicações em Portugal, na Alemanha e em Espanha. Os seus interesses científicos centram-se presentemente na dimensão normativa do pensamento ético kantiano.
E-mail: inesdsalgueiro@gmail.com

Inês Sousa

(Universidade do Porto, PT)

Evidência, crença, alucinação. O conceito de alucinação em Fernando Gil

O principal objectivo desta comunicação é demonstrar que o conceito de alucinação, tal como tematizado por Fernando Gil, possui um valor epistémico. A evidência é um modo alucinatório de doação do sentido, cujo fundamento é uma crença na realidade anterior a todo o acto de predicação: eis a nossa hipótese principal. Começaremos por (i) propor que a filosofia giliana da evidência, apoiada nas teses de Freud, Bion e de Erwin Straus, defende que a alucinação pertence à estrutura da consciência. No *Tratado da Evidência*, Fernando Gil formula a hipótese de que a alucinação é o suporte da crença. Para Fernando Gil, a percepção – a estrutura natural da evidência – possui um fundo alucinatório. Uma posição que se demarca da tese de Henry Ey, segundo a qual

«a alucinação não é um fenómeno elementar primitivo, mas sim a resultante de uma condição patológica essencialmente negativa» (§140). A tese de H. Ey associa a alucinação à negação da realidade; ora, segundo Fernando Gil, nada poderia ser mais contrário à evidência lógica do que a negação da realidade. (ii) Defenderemos que a alucinação revela o fundo pulsional (energético) da evidência – a crença no fundamento –, e que uma tal função conduz a uma sua necessária dissociação por relação à psicopatologia. (iii) A análise da definição, por Fernando Gil formulada, da alucinação como operador da evidência (§§141-150) dará conta da participação da alucinação na fabricação dos objectos de crença. A evidência consiste numa posição de sentido que dispensa a prova, ela corresponde a uma presentificação da verdade como índice de si mesma (*index sui*). Não possuindo um valor intrínseco de verdade, a evidência estrutura, no entanto, a relação com a verdade (§9). A evidência, por um conjunto de operações de natureza alucinatória, apropria-se do sistema percepção-linguagem operando uma reconstrução do sensível, que permanece – e este é o aspecto que importará sublinhar – a sua referência constitutiva. A alucinação converte em verdade a percepção e a significação. (iv) Discutiremos como esse parece ser sentido em que para Fernando Gil «a prova da realidade ordena-se segundo a alucinação originária» (§ 143). Mais fortemente, «a alucinação continua a primar sobre a percepção na e depois da prova da realidade» (§143). (v) Proporemos que a alucinação é portadora de realidade. Concretamente, avançaremos que a posição compulsiva de sentido que ela opera corresponde à posição do fundamento, que molda a relação do sujeito com cada conteúdo de conhecimento. (vi) Reflectiremos, finalmente, sobre como o modo alucinatório de doação do sentido remete para o problema metafísico da proto-posição da positividade. A evidência, segundo o modo da alucinação, reenvia para uma posição de sentido anterior à negação e afirmação da realidade, uma positividade prévia aos actos de juízo, tal revelando o estrato arcaico de crença sobre o qual assenta o conhecimento.

Inês Sousa é membro do Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (grupo de investigação: *Aesthetics, Politics and Knowledge*), onde desenvolve a sua investigação no âmbito de uma bolsa de doutoramento atribuída pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/104335/2014). A sua investigação é subordinada à temática da inteligibilidade no pensamento de Fernando Gil, na qual se inserem os artigos: "Realismo da interpretação. A legitimidade da representação em Fernando Gil" (2017), "Inteligibilidade, Dualidade. O sentimento de inteligibilidade em Fernando Gil" (2018). Os seus interesses de investigação centram-se no pensamento de Fernando Gil, e na relação deste com os domínios da Epistemologia, Filosofia do Conhecimento e Filosofia da Mente. Possui Mestrado Integrado em Psicologia (2011), pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
E-mail: ineslribeirosousa@gmail.com

Jane Rodrigues Guimarães

(Universidade de Évora, PT)

A máquina e a questão da tecnologia em Deleuze e Guattari

Ao nos depararmos com conceitos como os de *"máquina desejante"*, *"máquina de guerra"*, *"máquina abstrata"* de Deleuze e Guattari em *L'Anti-Œdipe* e em *Mille Plateaux*, poder-se-ia pensar que a palavra "*máquina"* usada pelos autores fosse simplesmente uma metáfora para a construção de seus conceitos. Também seria possível pensar que Deleuze e Guattari não se referem à máquina propriamente dita, à máquina técnica, ou que esses conceitos nada poderiam dar a ver no que se refere as questões levantadas pela tecnologia.

Este trabalho tem por objetivo mostrar que o conceito de *máquina*, proposto por Deleuze e Guattari, tem grande relevância para as questões relativas à filosofia da tecnologia e em que termos isso se daria.

Em *L'Anti-Œdipe* – obra de 1972 que ficou conhecida por afirmar o conceito de desejo como produção em detrimento do conceito de desejo compreendido como falta, por criticar o conceito de projeção, de fantasma, de castração – há uma discussão profícua em relação à existência das

máquinas que parte principalmente, mas não unicamente, do tema da projeção. A projeção, ao modo como observam Deleuze e Guattari, é um conceito que antes de estar circunscrito à psicanálise derivaria do modo como a relação entre os humanos e máquinas é compreendida.
O conceito de máquina em *L'Anti-Œdipe* não aparece como o artifício que substitui o trabalho do homem. Tampouco o conceito de máquina proposto na referida obra tem afinidade com a ideia de que a máquina visa potenciar ou prolongar as capacidades do homem. O conceito de máquina se define, portanto, como algo que "compõe" com o humano. Essa perspectiva alicerça-se em uma não dissociação da esfera humana da dimensão técnica, ponto onde é possível perceber que Deleuze e Guattari são devedores de Leroy Gourhan e Simondon.
Nessa acepção onde não encontramos separação entre natural e artificial, homem e máquina, Deleuze e Guattari chegam ao conceito de mecanosfera. Este conceito implica que homem, animal, ferramenta, são peças que se integram para formar uma máquina. Máquina que não é mecanicista e também não funciona por adaptação, mas por resolução em sistema supersaturado, ao modo como afirma Simondon em *A individuação à luz das noções de forma e informação*; ou por estabilizações intensivas, "*plateau"*, conceito emprestado de Bateson do qual fazem uso Deleuze e Guattari.

Jane Rodrigues Guimarães. Graduada em Filosofia (2008) pela Universidade Federal de Ouro Preto. Desenvolveu, como bolsista de iniciação científica – PROBIC/FAPEMIG – pesquisa versando sobre os signos da arte a partir da obra de Gilles Deleuze. Possui mestrado em Educação – Filosofia da Diferença (2012) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente é bolsista da CAPES, doutoranda em Filosofia na Universidade de Évora, com o tema da tese versando sobre a questão da tecnologia com Deleuze, Guattari e Simondon.
E-mail: janerodriguesguimaraes@gmail.com

Janilce Silva Praseres

(Universidade da Beira Interior, PT)

A ideia da fenomenologia em Michel Henry

Michel Henry (1922-2002), filósofo francês, ao refletir sobre a fenomenologia histórica e ao ordená-la perante a análise da sua própria definição, de seu conceito, a saber, enquanto método e por conseguinte pelo seu objeto, estabelece que se a fenomenologia é a ciência da essência dos fenômenos, i.e., da sua fenomenalidade pura, e não somente descrição dos fenômenos, esta fenomenologia «urge ser mais radical», possui a tarefa de aprofundar o sentido de como se dá a própria doação, de compreender como se manifesta a manifestação pura, a essência da manifestação. De tal modo que, a crítica direcionada por M. Henry a fenomenologia é, neste sentido, condição de possibilidade da sua própria fenomenologia, nomeada de Fenomenologia Material ou Fenomenologia da Vida. Assim, o que propomos neste trabalho é uma análise do texto «*O Começo cartesiano e a Ideia de Fenomenologia*». Percebemos já no título que a ressonância ao título de umas das principais obras husserlianas não é mero acaso, além de «expressar» uma adição a um Começo cartesiano, o qual vai se ocupar de uma leitura fenomenológica do *cogito cartesiano* e de «compreender o pensamento cartesiano a partir de um outro que chegou mais tarde.», i.e., de um último Descartes, o das *Paixões da Alma*.

Janilce Silva Praseres. Universidade da Beira Interior, sendo bolsista Capes do Programa Doutorado Pleno no Exterior. Investigadora do Centro de Estudos de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa – CEFi/UCP e no LabCom.IFP: unidade de investigação da área de Comunicação, Filosofia e Humanidades da Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior.
E-mail: janilcesilva310@gmail.com

Jesús Conill

(Universidad de Valencia, ES)

"Aporofobia": una palabra para transformar la realidad

La palabra "Aporofobia", que significa el rechazo del pobre, designa una patología social. Mediante tal palabra lo que se pretende es llamar la atención de una dolorosa realidad, diagnosticar las causas y las motivaciones que la provocan, a fin de proponer medidas que contribuyan a erradicar tal patología. Por tanto, se trata de una palabra transformadora, no de un término meramente descriptivo, sino cargado de contenido axiológico.

La capacidad transformadora empieza por la innovación que introduce para ver la realidad e interpretarla a partir de la experiencia real. A continuación, su virtualdidad transformadora conduce a descubrir tendencias y motivaciones ínsitas en el ser humano, que habitualmente han quedado ocultas y que, sin embargo, hay qe desvelar si se quiere llegar a la raíz del problema y buscar las soluciones más pertinentes. Lo cual exige replantear la concepción de la sociedad, el sentido de la economía y la política, pero también las metas de la educación en nuestras sociedades.

Jesús Conill. Catedrático de *Filosofía Moral* de la Universidad de Valencia. Estudió en las Universidades de Valencia y München. Catedrático de Filosofía de I.N.E.M. en 1976. Investigación en las Universidades de München, Bonn, Frankfurt, St. Gallen y Notre Dame. Miembro la Fundación ÉTNOR (Ética de los Negocios y de las Organizaciones) y del Seminario de Investigación Xavier Zubiri. Entre sus publicaciones cabe destacar los siguientes libros: *El crepúsculo de la metafísica* (Barcelona, Anthropos, 1988), *El enigma del animal fantástico* (Tecnos, Madrid, 1991), *El poder de la mentira. Nietzsche y la política de la transvaloración* (Tecnos, Madrid, 1997), *Horizontes de economía ética. Aristóteles, Adam Smith y Amartya Sen* (Tecnos, Madrid, 2004), *Ética hermenéutica. Crítica desde la facticidad* (Tecnos, Madrid, 2006).
E-mail: Jesus.Conill@uv.es

Joana Rita da Silva Sousa

(filocriatiVIDAde – filosofia e criatividade, PT)

Kant e o "imperativo categórico" da prática da investigação filosófica

"Kant called for an education that would get children to think for themselves instead of parroting their elders; he even contributed to the design of the reflective model by referring to what he was advocating as "the practice of philosophical inquiry". But, again, no one knew how this was to be done, so it was largely forgotten." (Naji, S., Hashim, R. (ed.) History, Theory and Practice of Philosophy for Children, Brave old subject, brave new world, Routledge: London and New York, 2017, p. 12).

Associar o nome de Immanuel Kant à filosofia para crianças parecia-nos improvável até começarmos a nossa investigação em torno da estética transcendental e da filosofia para crianças. (Re)descobrimos o filósofo alemão, conhecido pela sua postura metódica, em diferentes aspectos da sua vida.

Na nossa apresentação pretendemos debruçar-nos sobre a ideia kantiana de educação, para a humanidade; nomeadamente a uma das máximas kantianas: o "aprender a pensar por si próprio".

Pretendemos reflectir em conjunto com o filósofo de Königsberg sobre o papel da investigação filosófica na educação do ser humano. Iremos focar-nos na dimensão dialógica dessa investigação, bem como no papel a) da razão, b) da criatividade e c) da moralização nesse mesmo processo.

Joana Rita da Silva Sousa. Licenciada em Filosofia. Facilitadora e formadora filocriatiVIDAde – filosofia e criatividade. Mestre em Gestão de Recursos Humanos. Aluna de mestrado em Filosofia para Crianças. Facilitadora e formadora nas áreas da filosofia para crianças e criatividade. TedxLisboa Speaker. Membro da Sociedade Portuguesa de Filosofia. Membro honorário da Federação Mexicana de Filosofia para Crianças.

Fundadora dos encontros Sentir Pensamentos | Pensar Sentidos, em parceria com Celeste Maria Machado.
E-mail: info@joanarita.eu

Joana Serrado
(Universidade do Porto, PT)

Slave Subjectivities: The Trafficked Philosophy of the Black Rosa Maria, Egipcíaca

Rosa Maria Egipcíaca was an enslaved woman from Brazil, brought from West Africa at the age of nine. She later became a nun under the direction of a Franciscan priest, and founded a religious house herself (Recolhimento do Parto) in Rio de Janeiro. The major source remaining of Rosa and her theological teaching is through her condemnation in the processes of inquisition. There and in the one against her confessor Rosa Maria was perceived in engaging in bodily and mental healing rituals, saving men and women before and in the afterlife.
The historical anthropologist Luíz Mott and most recently the performance theorist Rachel Spaulding have devoted major studies to this religious woman who is believed to be the first black-slave-writer from Brazil. Both point out the possibility of the crossing of early modern Catholicism and Candomblé from Yoruba traditions.
In this paper, I would like to reflect upon diverse themes that constitute a 'slave subjectivities'.
– The process of inquisition as an memory of archive for the 'slave subjectivity' and test this textual artifact as a product of negotiating ideas.
– The 'poaching' (Certeau, 1988) or trafficking tactics that are used back and forth from the mystical and scholastic tradition
– Mystical practices and teachings of healing which put at stake or / enhance her role as black and woman (thus the Egyptian title, following the hermitic tradition of the mothers of the Church).
References: Luiz R. B Mott, *Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana No Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993; Rachel Spaulding, *The Word And The Flesh: The Transformation From Female Slave Subject To Mystic Agent Through Performance In The Texts Of Úrsula De Jesús (1604-1666), Teresa (Chicaba) De Santo Domingo (1676-1748) And Rosa Maria Egipcíaca (1719ca-1771)*, (Phd The University of New Mexico Albuquerque, New Mexico) 2005; Michel de Certeau, *The practices of Everyday Life*, trans. Steven Randall (Berkeley, CA: University of California Press, 1988), 29-44, 165-176.

Joana Serrado (BA, Coimbra 2001, MA, Porto 2005, Phd Groningen 2014) is currently researcher at the Instituto de Filosofia, University of Porto. Previously she was the Gordon Milburn Junior Research Fellow in Mysticism at the University of Oxford (2013-2017) and Fulbright Fellow at Harvard Divinity School (2010). Her research focus on medieval and early modern history of ideas, philosophy and theology, in dialogue with in feminist theory, Serrado´s work has appeared at *Early Modern Women* and *Medieavalia: Textos e Estudos* and is forthcoming at the series "Other Voices in Early Modern Europe" and Routledge. Her doctoral thesis on anxiousness in the Cistercian Joana de Jesus (1617-1681) was singularly included in the 6th volume of Bernard McGinn´s *History of Christian Mysticism.*
E-mail: joana.serrado@fulbrightmail.org

João Batista Farias Junior
(Universidade Federal de Goiás, BR; Instituto Federal do Piauí, BR)

A responsabilidade pelo mundo: algumas considerações a partir de Hans Jonas e Hannah Arendt

Desde o totalitarismo até o uso de armas de destruição em massa, o século passado conseguiu comportar extremos em diversos aspectos da história da humanidade. Chegamos a um nível de conhecimento e desenvolvimento científico tal que o cosmos se tornou explorável e a natureza algo

manipulável, ao mesmo tempo, moral e politicamente nos encontramos nus e indefesos diante de assustadoras barbáries. Hans Jonas foi bem sucedido na formulação de um projeto moral atinente à sociedade tecnológica contemporânea. Partindo de uma análise a respeito da natureza do agir humano que, segundo Jonas, foi modificada pela técnica moderna, ele promove uma crítica ao que denomina de éticas tradicionais (ética kantiana, utilitarismo, ética cristã, entre outras). Da caracterização de um cenário de iminente perigo e diante da dificuldade de outras éticas em lidarem com as questões a respeito do agir humano potencializado pela técnica, Jonas erige seu princípio moral ancorado no conceito de responsabilidade. A responsabilidade da qual fala Jonas diz respeito a todos os sujeitos capacitados a agir no mundo e a causar modificações perigosas para continuidade da humanidade. A questão que aparece como problema diz respeito ao que Jonas escreveu sobre a transferência de seu princípio da responsabilidade para o cenário das discussões políticas. Empenhado na avaliação dos limites e possibilidades de sua ética nos sistemas políticos liberal e marxista, Jonas aponta este último como melhor cenário para o florescimento de uma ética para o futuro, deixando, no entanto, lacunas em sua análise e, sobretudo, uma questão delicada: o filósofo, em um tom pessimista, aponta para uma possível "necessidade" de recorrermos a um tipo de ditadura caso venhamos a falhar em nosso papel de responsáveis pelas condições básicas para a existência da humanidade futura. A problemática do presente trabalho parte, então, dessas questões deixadas por Jonas e ruma a um diálogo com a obra de Hannah Arendt a fim de apresentar uma reflexão a respeito dos aspectos morais e políticos de nossa responsabilidade pelo mundo e pelas gerações futuras. Considerando isso, colocamo-nos a questão: de que modo devemos reagir política e moralmente em prol da preservação destes? Nosso leitmotiv é o interesse por responder à seguinte questão: de que forma a responsabilidade, trabalhada como um conceito político por Hannah Arendt, e como conceito ético por Hans Jonas, pode e deve aproximar essas duas reflexões e ser apresentado como um princípio político-moral para a civilização contemporânea?

João Batista Farias Junior. Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás – UFG (Brasil). Professor de filosofia do Instituto Federal do Piauí – IFPI (Brasil). Com mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí com pesquisa a respeito da teoria ética de Hans Jonas. Atualmente pesquisa sobre as obras de Hannah Arendt e Hans Jonas.
E-mail: joaobfariasjunior@gmail.com

João Diogo R. P. G. Loureiro
(Universidade de Coimbra, PT)

Espinosa e a razoabilidade do gesto revolucionário

Pretendemos na nossa apresentação explorar o que Espinosa tem a dizer sobre a resistência ao poder e isto sob três ângulos: o legal, o factual e o ético/racional. Concentrar-nos-emos sobretudo nestes dois últimos, dado serem aqueles em que a originalidade e dificuldades do pensamento espinosano mais se manifestam. Interessa-nos reconstituir a cadeia de afectos que funda o gesto revolucionário mas também perceber por que é que Espinosa o censura. Destacaremos ainda os argumentos históricos (e outros) de que o filósofo se serve para persuadir até aqueles que, não estando por dentro do seu sistema, não podem assentir nas suas teses pelas razões próprias. A nosso ver, é importante realçar a posição «conservadora» de Espinosa nesta matéria como forma de moderar o «entusiasmo» por parte de uma certa esquerda com a figura do filósofo judeu.
A correcção da lição de Espinosa tem de ser hoje questionada, no rescaldo das experiências totalitárias do século passado. Dada a extraordinária coerência do sistema espinosano, evitar esta conclusão pode até obrigar-nos a abandonar porções significativas do mesmo. A defesa da irracionalidade de toda a desobediência ao poder põe ainda pressão sobre quanto o filósofo escreve acerca da liberdade de expressão, da qual é vulgarmente apresentado como um campeão. Parece-nos que o seu ensinamento acerca deste tema é mais nuanceado do que sói admitir-se. Propomo-

nos, pois, revisitá-lo, ainda que brevemente, num segundo momento da nossa comunicação. Pretendemos mostrar que este é atravessado por tensões várias que só uma abordagem prudencial ao assunto permite, de algum modo, minorar (seguimos, nisto, Henri Laux).
Queremos com o nosso *paper* estimular a reflexão acerca de um ponto assaz problemático no pensamento político de Espinosa, pensamento pelo qual nutrimos genuína admiração, mas que, por isso mesmo, mais obrigação temos de interrogar sem complacência. Uma consideração mais profunda do tema exigira mais tempo - haveria que falar, por exemplo, da ideia, por ele glosada com alguma atenção, de Estado total e indagar até que ponto este é eficaz na prevenção de qualquer dissidência -; nas circunstâncias que nos são dadas, cremos que aquilo que pretendemos apresentar será suficiente para estimular um debate profícuo.

João Diogo R. P. G. Loureiro. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra. Mestre em Cultura Clássica com uma tese dedicada ao *Político* de Platão, prepara-se actualmente para as suas provas de doutoramento, em que defenderá publicamente o seu trabalho acerca da ideia de felicidade e suas consequências políticas no pensamento de Aristóteles, São Tomás e Espinosa, o culminar de uma investigação que beneficiou do financiamento da FCT. Integra a equipa responsável pela tradução integral dos comentários dos Conimbricenses, bem como a que labora, já desde há alguns anos, numa nova versão portuguesa da obra de Diógenes Laércio. Tem como áreas principais de interesse académico a filosofia política e a filosofia antiga.

João Emanuel Diogo

(Universidade de Coimbra, PT)

A liberdade é a possibilidade do isolamento: a escolha da eutanásia

Desde há algum, tempo tem surgido na sociedade europeia e americana, sobretudo, a discussão sobre a eutanásia. O parlamento português, por exemplo, voltou recentemente a essa discussão, aberta anteriormente por uma proposta do PAN, a que se seguiu um grupo de trabalho e diversas audições e novos projectos de legislação do PS, BE e PEV.
Também o Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida manteve uma série de debates, descentralizados, sobre a questão, com pensadores de vários quadrantes.
Num e noutro caso sobressai o pensamento médico e o pensamento jurídico como estruturantes de uma decisão.
É nosso entendimento que em grande medida a discussão pública da Eutanásia tem estado invertida: é certo que há aspectos da medicina e do direito que teremos sempre de abordar. No entanto, antes desses aspectos poderem ser debatidos, há um aspecto necessariamente filosófico, que os permite e enquadra: que concepção de homem temos, no século XXI? Qual a concepção de morte e de doença podemos daí extrair?
E é nestas questões, que abarcam respostas a outras inquietações humanas, que o debate se deve fundamentar.
Assim, abriremos uma discussão entre duas posições sobre o homem, uma propriamente ontológica, centrada no conceito de ser, e outra existencialista, centrada no conceito de estar. Estas duas posições revelam dois homens diferentes, e determinam escolhas legais diferentes. Que poderão elas dizer quando falamos de doença, de incapacidade total, da dor (física e psíquica) e da estrutura societal que daí extraímos?Ainda que herdeiros de duas linhas de pensamento marcadamente idealistas – a ontologia e o pensamento judaico-cristão, procuraremos pensar aquém de qualquer delas, isto é, sublinhando o carácter imanente, corpóreo, eventual do humano, em que autonomia e liberdade são os pilares de qualquer escolha, mesmo quando é uma escolha social.
É a partir dessa interpelação que passaremos em revista alguns dos problemas levantados pela Eutanásia, e neles os problemas bio-médico-legais que hoje se debatem.

João Emanuel Diogo. Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, investigador do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, colaborador do

Policredos – Observatório da Religião no Espaço Público. Coordenou o livro *Crescer nos Afectos*, e entre outros publicou os artigos *Atomismo ético de Demócrito e Leucipo*, *A cartografia da humanidade: o corpo em Homero*, *Epicuro: A tranquilidade da prudência*.
E-mail: joaoediogo@gmail.com

João Freitas Mendes

(Universidade de Lisboa, PT)

Desculpem a redundância: a justiça material como fundamento político da Administração Pública

Nos séculos XII e XIII, a doutrina de jurisdição papal sobre as monarquias obrigou o Rei a prosseguir a justiça na administração do reino, sob pena da sua destituição como nos casos de Sancho II (declarado por isso "*rex inutilis*") e Ricardo II de Inglaterra. Segundo cremos, residem aí fundadas razões históricas, que já remontavam à Roma antiga através da "jurisdictio", para crermos que a administração da coisa pública está sujeita a um padrão de justiça sob pena de ilegitimidade da actuação administrativa, por estar a actuar contra a sua razão de ser. Mas que justiça é esta?
Encontrei a noção de justiça material no papel de fundamento do campo político (e jurídico); mas já não no neo-clássico "*suum quique tribuere*", que os mais conservadores jurisprudentes têm feito por manter intocada – ou agrilhoada? Diversamente, incorporei os contributos contemporâneos de J. Rawls e A. Sen; reli Stuart Mill e Rousseau; revi os poemas de Sophia e o Mr. Bartleby de Melville.
Cheguei à conclusão de que o chamado princípio da justiça tem afinal um âmbito enorme – histórico, político, social, ético –, de que está o campo político, jurídico, administrativo muito carente:
– Como reparador das desigualdades económicas e das injustiças humanas e sociais, criadas "legal e democraticamente", por exemplo ao abrigo do preceito ancestral segundo o qual a "ignorância da lei não aproveita a ninguém", de que o capitalismo se tem aproveitado para mortificar a democracia jurídica, social e económica?
– Que papel para a Administração Pública, senão impassível carrasco da lei "democrática" fabricada nas sociedades de advogados?
Uma resposta passará por atender à nova escola anglo-saxónica que introduz condições de justiça material-distributiva como resposta à burocracia administrativa ("New Public Service").
Serei levado a pensar numa alternativa de justiça material que responda ao liberalismo administrativo, isto é, à privatização (da decisão administrativa e política) do que é público?

João Freitas Mendes. Licenciado em Direito (2014) na FDUL, dá aulas (de Português e Filosofia) a alunos de ensino básico e secundário em "part-time" para se dedicar ao Mestrado, desde 2015. Foi assistente de investigação, advogado-estagiário, jurista-estagiário na Comissão Nacional de Eleições, Tutor da FDUL, representante estudantil, membro da Comissão de Redacção da Revista Jurídica da AAFDL e fundador da Sociedade de Debates Académicos de Lisboa. Concluiu a dissertação de Mestrado Científico (2018) em Direito Administrativo na Universidade de Lisboa, cujo título é "*Justiça Material e Administração Pública: o princípio da justiça com fundamento do Direito Administrativo*", que aguarda defesa pública. Deseja investigar e dar aulas na Universidade nos próximos meses, antes de iniciar Doutoramento. Trabalha atualmente em diversos artigos para submeter a publicação em revistas.
E-mail: jtfreitasmendes@gmail.com

João Luís de Lemos e Silva Cordovil

(Universidade de Lisboa, PT)

Necessita o Realismo Estrutural Ontológico estar comprometido com Fundamentalismo Metafísico?

Tal como Steven French formula, o Realismo Estrutural Ontológico (REO) é motivado por "dois conjuntos de problemas que o realismo "tradicional" enfrenta. O primeiro tem a ver com aparentes mudanças ontológicas associadas às transições entre teorias ao longo da história da ciência. O segundo está associado às implicações – novamente ontológicas – da física moderna" (French, 2010). Precisamente a literatura do REO enfatiza o fato de que a física moderna implica a queda ou, pelo menos, é incompatível com a metafísica tradicional de objetos (MTO). Em oposição a esta última, o REO é frequentemente apresentado como a visão ontológica, segundo a qual, no nível fundamental da realidade, existem ou estruturas de relações, segundo a versão radical (= R-REO), ou estruturas de relações e objetos, na versão moderada do REO (= M-REO).

Assim, na literatura do REO, todas características da TMO, foram rejeitadas, revistas ou, pelo menos, colocadas em questão. Todas, excepto uma: a suposição de que existe um nível fundamental.

Mas precisa o REO de estar comprometido com o fundamentalismo metafísico? Mais especificamente, existe uma base naturalista para a reivindicação fundamentalista do REO? Pode um REO não fundamentalista ser desenvolvido?

A partir das recentes preocupações com o fundamentalismo levantadas principalmente por Schaffer (2003, 2010), Markosian (2005), McKenzie (2012, 2013, 2014, 2015, 2016) e Tahko (2018), mostrarei, em primeiro lugar, como as duas versões principais do REO estão comprometidas com o fundamentalismo metafísico. Em seguida, irei caracterizar o fundamentalismo metafísico e tentarei argumentar que, tanto a partir da relação mereológica quanto da superveniência, o REO tem sérias dificuldades para sustentar a tese fundamentalista. Então, tentarei mostrar que existem diferentes formulações não-fundamentalistas que podem funcionar tanto no quadro do R-OSR, como no quadro do M-OSR.

Referências: Esfeld, M. and Lam, V. (2010), "Ontic Structural Realism as a Metaphysics of Objects" in Alisa and Peter Bokulich (eds.): *Scientific structuralism*. Dordrecht: Springer 2010, pp 143-159;

McKenzie, K. (2012), *Physics without fundamentality* (unpublished Ph.D. thesis); McKenzie, K. (2013), "Priority and Particle Physics: Ontic Structural Realism as a Fundamentality Thesis", *Br J Philos Sci* (2014) 65 (2): 353-380; McKenzie, K. (2014), "On the Fundamentality of Symmetries", *Philosophy of Science* 81, no. 5 (December 2014); McKenzie, K. (2015), "Relativities of Fundamentality", *Studies in History and Philosophy of Modern Physics*, 2015; McKenzie, K. (2016), "Looking forward, not back: Supporting structuralism in the present", *Studies in History and Philosophy of Modern Physics*, 2016; Ladyman, J. and Ross, D. (2007), *Everything must go: Metaphysics naturalized*, Oxford: Oxford University Press; Schaffer, J. (2003), "Is There a Fundamental Level?", in *Noûs* 37.3 (2003), pp. 498-517; Tahko, T. (2018), "Fundamentality and Ontological Minimality" in Ricki Bliss & Graham Priest (eds.): *Reality and its Structure*. Oxford University Press: 237-253 (2018).

João Luís de Lemos e Silva Cordovil is a PhD in History and Philosophy of Science by the University of Lisbon. He is PhD integrated member of the Centre for Philosophy of Sciences of the University of Lisbon, where he works mostly in issues pertaining to the Metaphysics of Science, Ontic Structural Realism and Philosophy of Physics.

João Maria Pires

(Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, BR)

Ensino de Filosofia: *construindo espaços dialógicos em sala de aula, na perspectiva do pensar crítico-criativo*

A ocidentalização do mundo e o rápido movimento de globalização, gerou na sociedade contemporânea um descompasso com implicações diretas na educação: a exigência em compreender a lógica da racionalidade técnica e científica e rapidamente adequar-se para dar respostas ao mercado econômico financeiro. Todo esse processo, além de perverso, exige da própria sociedade o amadurecimento do seu maior investimento: a razão humana. Tal investimento requer tempo para fundamentação lógica e epistemológica do pensar e do fazer, planejada e bem articulada, teórica e metodologicamente, para atender à formação de jovens ansiosos e angustiados, que se movem entre certezas e incertezas em torno de um futuro em mutação constante. Na escola, o ensino de filosofia, com muita dificuldade, questiona, discute e gera possibilidades de inserção do jovem na sociedade contemporânea. Seu foco discursivo está no cruzamento do ser no mundo, com o mundo do ser, através do incentivo ao pensar reflexivo, crítico e criativo. Neste sentido, faz-se necessário criar espaços na sala de aula para desenvolver um trabalho de resgate, atualização e incorporação dos fundamentos filosóficos e científicos que modelem a postura do pensar e do fazer. Espaços teóricos e metodológicos que estimulem a observação, o rigor lógico, a sistematização, a criticidade e a criatividade, como componentes da atitude investigativa. As ações didáticas e pedagógicas do ensino de Filosofia, por serem direcionadas para a formação crítica e criativa do pensar, exigem que o professor vá além do referencial teórico atualizado, que ele simplesmente aponte os princípios lógicos e epistemológicos que oferecem coerência e consistência ao pensar, mas, também que ele escolha e aplique uma metodologia instigante, dinâmica e atrativa ao jovem iniciado nos caminhos da filosofia e da ciência. Temos clareza que não estamos dizendo ou propondo algo novo dentro da perspectiva pedagógica, mas, apenas reforçando e acrescentando a criatividade ao espírito crítico da filosofia. A problematização e a discussão do jogo teórico e prático do ensino e da aprendizagem, deverá fazer a ponte entre o que penso e o que faço, incorporando estratégias investigativas capaz de gerar a práxis crítica e criativa. Neste sentido, nossa proposta "quebra" com o modelo tradicional e se aproxima das metodologias ativas que se apresentam como estratégias diferenciadas para o desenvolvimento de conteúdos e atividades pedagógicas que colocam o foco no aprendiz, envolvendo-o na aprendizagem problematizadora, em que se projeta a razão investigativa em busca de descobertas e possibilidades para resolução de problemas. As metodologias ativas incentivam o aluno em todas as etapas do processo de aprendizagem, com orientação do professor. Em tese, reforçamos a possibilidade do Ensino de Filosofia, que vá além da mera transmissão e adequação dos conteúdos formais da estrutura curricular. Um exercício teórico-metodológico que estimule o pleno exercício do pensar dialético, que viabilize a construção e a desconstrução das ideias que modelam o modo de ser, viver e pensar na sociedade contemporânea.

João Maria Pires. Professor de Filosofia na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Natal, RN.

João Marques Martins

(Universidade de Lisboa, PT)

Rule-following Paradox e Regras Jurídicas

A presente reflexão prossegue duas pretensões. A primeira consiste em ponderar se o comumente designado *rule-following paradox* proposto ou inspirado por Wittgenstein é aplicável às regras jurídicas. Concluindo afirmativamente ou, na dúvida, admitindo essa possibilidade, cabe realizar a segunda pretensão: perceber se o modo como a Ciência Jurídica resolve esse paradoxo coincide ou diverge dos métodos avançados na filosofia da linguagem.

Em *Investigações Filosóficas* (201), Wittgenstein observa que "*uma regra não pode determinar uma forma de ação, porquanto qualquer forma de ação é conciliável com a regra*". Logo, segue Wittgenstein, "*(…) se qualquer forma de ação é conciliável com a regra, então também qualquer forma de ação contradiz a regra*".

Será a regra jurídica permeável a este aparente paradoxo? Intuitivamente, a resposta é positiva; procurar-se-á ilustrá-lo com dois exemplos.

No primeiro, supor-se-á uma regra com o seguinte conteúdo: "*É proibida a entrada de animais de estimação em estabelecimentos comerciais*.". Um indivíduo que pretenda entrar com o seu cão numa pastelaria (com fabrico próprio) a quem esta regra seja oposta poderá contra-argumentar que o seu cão não é um animal de estimação, mas um amigo, acrescentando que a pastelaria não é um estabelecimento comercial, mas industrial. Concluirá que, segundo a sua interpretação dos factos relevantes, não está a contrariar a regra. Conquanto se possa considerar caricata esta argumentação, afigura-se duvidosa a existência do fundamento último e irrebatível da sua *invalidade*.

O segundo exemplo reflete o paradoxo em termos porventura inultrapassáveis. O artigo 1207.º do Código Civil estipula: "*Empreitada é o contrato pelo qual uma das partes se obriga em relação à outra a realizar certa obra, mediante um preço*.". Face a este preceito, que é uma regra jurídica definitória, mas determina o âmbito de aplicação de regras de conduta, tem-se perguntado: a obra intelectual pode ser objeto do contrato de empreitada? Se respondermos negativamente, cumprirá definir o conceito "obra intelectual" com o fito de delimitar o âmbito da exclusão. Todavia, ninguém discordará de que toda a obra é uma realização do intelecto; logo, todas as obras intelectuais são objeto (possível) do contrato de empreitada.

Cabe então perguntar: que solução se pode propor para estes problemas e em que medida essa solução se aproxima das que têm sido sugeridas para o *rule-following paradox*?

Optando por uma de muitas vias possíveis, os juristas observarão que, depois de detetada interpretativamente a *intenção normativa* do preceito, os obstáculos suscitados por estes exemplos são (facilmente) ultrapassáveis. Com este passo estarão, possivelmente, a apelar a um entendimento generalizado vigente numa entidade de contornos difusos a que chamarão comunidade jurídica. Dir-se-á: a prática social no seio daquela comunidade e o uso que nela se faz daqueles conceitos permite obter a intenção normativa do preceito e, consequentemente, determinar se em dado caso a regra foi ou não observada.

João Marques Martins. Licenciado (2004) e Doutor (2016) em Direito, é Professor Auxiliar do grupo de Ciências Jurídicas da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Publicou artigos nas áreas da Responsabilidade Civil, do Direito Processual Civil e da Bioética. Publicou o livro "Prova por Presunções Judiciais na Responsabilidade Civil Aquiliana" (2017), correspondente à sua dissertação de doutoramento. É advogado desde 2006.
E-mail: jjmarquesmartins@fd.ulisboa.pt

João Pinheiro

(Universidade de Lisboa, PT)

Three consequences of evolutionary theory for the nature of moral norms, justification, and values

A research programme in Moral Evolution assumes *moral truths* to be grounded in facts about cooperation [e.g. Brosnan 2011, Sterelny and Fraser 2016, Copp 2007 & 2009], and that «[t]here are (…) objective facts about the practices and norms that would promote stable cooperation» [Sterelny and Fraser 2016:5]. By equating payoffs with fitness values and strategies with behaviours according to norms, evolutionary game theoretical approaches [cf. Hammerstein 2012] predict which moral practices will become evolutionary stable strategies in specific environments. This has allowed the naturalist-realists to avoid the traditional "Street-style" [Street 2006] forms of evolutionary debunking of moral beliefs and justification [cf. Copp 2008 & Kahane 2011], but it remains to be

shown whether «in favourable cases there is a reliable causal connection between moral opinion and these facts» [Sterelny and Fraser 2016:17] about which behavioural strategies are evolutionarily stable.
Assuming this research programme, we'll investigate some further consequences of its own that call for a revision of some core assumptions in normative Ethics.
1) This programme assumes some form of (naturalist) moral *functionalism* [cf. Verbeek & Morris 2018] according to which norms, reasons, sentiments, and values, are «produced by variations in psychological predispositions, driven by an evolved need to develop behavioural strategies that are successful in highly heterogeneous, (…) social environments» [Dean 2012:13].
2) Insofar as humans maximize fitness, and insofar as normal behaviours are being judged right or wrong by their ability to maximize fitness, evolutionary evaluations of any and all normative buildings are of a *consequentialist* kind, even for typically and strictly non-consequentialist ethics (e.g. deontology). Viable functionalist theories must be circumstantially reduced to more general normative models of fitness maximization because societies' cooperative relations only serve biofunctions insofar as they keep on maximizing (or at least preserving) individuals' fitness [cf. Enoch 2010].
3) Owed to *extrinsicality* of fitness [cf. Brandon 1990:39], an evolutionary theory of biofunctions entails at least some measure of pluralism about norms (though not necessarily about *all* norms). This is because, being extrinsic, the functionality of norms depends on their environment, *viz*. norms ought to be understood as environment-relative (purported) solutions to problems, where the environmental feature to which they constitute a solution might not be universal, nor repeatable, given that different evolving populations are subject to partially different and changing environments. The resulting picture is one where moral truths are objective/"ind-independent" (albeit not necessarily universal), and environment-relative (including socio-cultural sensitivity) [e.g. Wong 1995].

João Pinheiro currently awaits the viva that will conclude his Master's degree in Philosophy at the University of Lisbon, and is a research fellow at the Centre for Philosophy of Sciences of the University of Lisbon, where he works mostly in issues pertaining to epistemic-cognitive evolution, the metaphysics of Science, and Cosmopolitanism, while editing the Centre's Journal, *Kairos*. He currently pursues two lines of research: the first is concerned with the import of cognitive and sociocultural evolution to the metaphysics of Science; and the second has to do with the possibility of setting the parameters for moral and political Cosmopolitanism on the basis of a naturalistic theory of autonomy. His most recent publication (forthcoming) is entitled «Phenomena of Worldwide Interdependency and Existential Risk as Natural Reasons of Cosmopolitan Morality».
E-mail: joaopinheiro@hotmail.com

João Rebalde

(Universidade do Porto, PT)

Natureza e provas da existência da alma na* Scientia libri de anima *atribuída a Petrus Hispanus

Na *Scientia libri de anima*, uma das obras de psicologia atribuídas a Petrus Hispanus, o autor defende a imaterialidade e a separação da potência intelectiva da alma, procurando conjugá-la com o conjunto de relações que estabelece com o corpo através das potências vegetativa e sensitiva. Esta conceção permite explicar diferentes aspetos do ser humano, desde as funções ligadas ao corpo até ao domínio estritamente intelectual e espiritual. No seguimento desta questão, o autor procura vias para que se possa conhecer a alma e faculta um conjunto de provas da sua existência que evidenciam a influência de Avicena.
A nossa comunicação incide precisamente sobre o modo como o autor define a natureza e atividade próprias da alma, o conjunto de provas que faculta neste contexto e o estudo da influência de Avicena.

João Rebalde é doutorado pela Universidade do Porto e membro integrado do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto. As suas principais linhas de investigação são a Filosofia Medieval e a Escolástica Ibérica, no âmbito das quais tem publicado e apresentado comunicações. É bolseiro de investigação doutorado do projeto É investigadora nuclerar do projeto "Critical Edition and Study of the Works Attributed do Petrus Hispanus – 1" (Ref. FCT: PTDC/MHC-FIL/0216/2014), no Instituto de Filosofia da Universidade do Porto.
E-mail: jrebalde@letras.up.pt

João Ribeiro Mendes

(Universidade do Minho, PT)

A Tecnosfera do Antropoceno: um exame da conceção de Peter Haff sobre a tecnologia

Peter Haff – atualmente Professor Emérito de Geologia e Engenharia Civil e Ambiental na estadunidense Duke University – tem vindo a desenvolver, desde 2012, uma fecunda reflexão sobre o conceito de "Tecnosfera".

Ela articula-se em torno das seguintes ideias: (a) a hipótese de Crutzen & Stoermer (2000) de que estamos já no Antropoceno – um novo capítulo na história de Terra marcado pelo poder da espécie humana para intervir e modificar o sistema terrestre ser equivalente ao de uma força natural, eventualmente há uns dois séculos – é verosímil; (b) o que designa por Tecnosfera constitui o sistema que suporta o Antropoceno, no sentido em que ambos são coevos e evoluem a par; (c) a Tecnosfera representa, em sentido literal, uma esfera geológica emergente para além das principais esferas geológicas conhecidas – litosfera, hidrosfera, biosfera e atmosfera – uma vez que comunga das mesmas propriedades básicas delas; (d) dentre essas propriedades, as que suscitam mais preocupação são as da autonomização do seu funcionamento em relação aos seus criadores e da sua sustentabilidade por depleção excessiva dos recursos materiais e energéticos dos quais necessita e da ineficiente reciclagem que faz dos mesmos.

Serão propósitos da minha apresentação: (a) analisar a conceção de Peter Haff sobre a Tecnologia no seu estado atual (=Tecnosfera); (b) e explorar criticamente a perspetiva de um destino conjunto da espécie humana e da Tecnologia contemporânea ou, noutros termos, se, em última instância, a vigência do Antropoceno depende da subsistência da Tecnosfera e se esta tem razoáveis probabilidades de permanecer em funcionamento.

Referências: Crutzen, P. & Stoermer, E. (2000). The Anthropocene. *Global Change Newsletter*, 41: 17–18; Haff, P. (2017). Being human in the Anthropocene. *The Anthropocene Review* 4(2): 103-109; Haff, P. (2016). Purpose in the Anthropocene: Dynamical role and physical basis. *Anthropocene* 16: 54-60; Haff, P. (2014). Humans and technology in the Anthropocene: Six rules. *The Anthropocene Review*, 1: 26–36; Haff, P. (2014). Technology as a geological phenomenon: implications for human well-being. In: Waters, C.N., Zalasiewicz, J., Williams, M., Ellis, M.A., Snelling, A. (Eds). *A Stratigraphical Basis for the Anthropocene*. *Geological Society* (pp. 301-309). Londres: Special Publications 395; Haff, P. (2014). Maximum entropy production by technology. In R.C. Dewar, C.H. Lineweaver, R.K. Niven, K. Regenauer-Lieb (Eds.). *Beyond the Second Law: Entropy Production and Non-equilibrium Systems* (pp. 397-414). Heidelberg: Springer; Haff, P. (2012). Technology and human purpose: The problem of solids transport on the Earth's surface. *Earth System Dynamics* 3(2): 149-156; Haff, P. (2010). Hillslopes, rivers, plows, and trucks: Mass transport on earth's surface by natural and technological processes. *Earth Surface Processes and Landforms* 35(10): 1157-1166.

João Ribeiro Mendes é Professor Auxiliar (com nomeação definitiva) do Departamento de Filosofia da Universidade do Minho (UM), Braga, Portugal. Leciona regularmente em cursos de graduação e pós-graduação Epistemologia, Filosofia da Ciência, Filosofia da Tecnologia e Ciência, Tecnologia e Sociedade. É vice-diretor do Departamento de Filosofia da UM. É também investigador e atual diretor do Centro de Ética, Política e Sociedade na UM. É editor da revista *Ethics, Politics & Society*. É o investigador principal do projeto de pesquisa "SFIDA-Soluções Filosóficas Inovadoras para o Desafio Antropoceno" (2018-2020).

E-mail: jcrmendes@ilch.uminho.pt

João Teodósio

(Universidade da Beira Interior, PT)

Contributos para uma aprendizagem experiencial da disciplina de Filosofia no Ensino Secundário

A publicação do documento *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, que deu origem ao Despacho n.º6478/2017 de 26 de julho, apresenta as principais linhas de força a considerar na estruturação da Educação para o século XXI e aí são indicados os princípios, a visão, os valores e as competências-chave. O documento vem, aliás, na sequência da apresentação, em 2015, da visão global da UNESCO para a Educação que evidencia implicações no sentido de preparar os alunos para as competências e saberes-fazer do século XXI. Sublinha-se a necessidade absoluta de se alterar o paradigma da Educação ainda vigente e considera-se que as aulas orientadas por modelos tradicionais não se adequam à visão que se pretende para a Educação, sendo necessário preparar os alunos, para além de para os saberes, para competências essenciais: a promoção da criatividade, a capacidade de comunicação, o pensamento crítico, a inovação e a capacidade de resolver problemas através da cooperação. Esta proposta implica necessariamente "alterações de práticas pedagógicas e didáticas de forma a adequar a globalidade da ação educativa às finalidades do perfil de competências dos alunos".

A partir destas referências tem vindo a ser desenvolvido pelo autor um trabalho de investigação e reflexão que sugere, sempre que possível, a possibilidade de uma aprendizagem experiencial da disciplina de Filosofia ancorada em três dimensões: a valorização das experiências pessoais dos alunos na consolidação dos conteúdos, a aplicação prática dos conteúdos da disciplina em atividades experimentais e, finalmente, a promoção do envolvimento dos alunos em projetos de valor construídos com base nas aprendizagens e reflexões ocorridas na disciplina. Pretende assim contribuir-se para que os alunos possam formar-se no âmbito dos princípios, visão, valores e competências-chave defendidos no *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, sem perder de vista o treino das operações intelectuais fundamentais da Filosofia: a concetualização, a problematização e a argumentação, bem como o trabalho de análise, interpretação e comentário de um texto escrito e respetiva dissertação.

Concluindo, a comunicação pretende também apresentar-se como um apelo à necessidade de inovar na didática da Filosofia tendo em vista os valores que, de acordo com o documento citado, os jovens devem ser encorajados a pôr em prática: a responsabilidade e integridade; a excelência e exigência; a curiosidade, reflexão e inovação; a cidadania e participação e a liberdade.

João Teodósio. Licenciou-se em História e Filosofia (ensino de), em 1991, na Universidade dos Açores. Desde essa data tem vindo a exercer funções docentes nas disciplinas de Filosofia e História. Atualmente é professor no Agrupamento de Escolas do Fundão onde também tem coordenado alguns projetos europeus. Para além disso, é mestrando em "Ensino da Filosofia" na Universidade da Beira Interior.
E-mail: joao.teodosio@ubi.pt

Joaquim Escola

(Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, PT)

A construção da cidadania digital numa civilização tecnológica

Ver resumo da sessão temática em **Paula Cristina Pereira**.

Joaquim Escola. Professor na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Vila Real, investigador integrado do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto.

Jorge Gonçalves

(Universidade Nova de Lisboa, PT)

Fatores motivacionais no delírio

A fenomenologia encara o delírio como sendo um estado de consciência que se diferencia da chamada "atitude natural" e do sonho. A sua abordagem é sobretudo descritiva procurando captar o delírio como ele aparece. No entanto, quando se trata de explicar a sua ocorrência os fenomenologistas apoiam-se na psiquiatria neurocognitiva. Contudo, diversos investigadores têm sustentado que alguns delírios, encarados sobretudo como sendo crenças falsas, só podem ser explicados se se fizer entrar fatores motivacionais. Os delírios não são apenas déficits, pois podem ter a função de aliviar um estado psicológico. A ideia remonta a Freud que via no delírio uma forma de autocura. Contudo, a cientificidade das explicações psicanalíticas tem sido colocada em causa, sobretudo depois que se identificou com sucesso as alterações neuronais de alguns delírios (ex: Capgras). A estratégia a adotar consiste então em selecionar algumas teses psicanalíticas sobre o delírio e submetê-las a uma verificação experimental, dispensando a aceitação da teoria como um todo. Deste modo, o delírio pode ser encarado como um caso extremo de autoengano. Neste reconhecemos algo que nos é desagradável e negamo-lo substituindo-o por um mais favorável. Todos fazemos isto de vez em quando e, dentro de certos limites, é considerado um processo normal de adaptação. No entanto, o sujeito delirante vai muito mais longe verbalizando crenças que os outros reconhecem como sendo não só falsas, mas bizarras e extravagantes. Nega a realidade a ponto de criar uma realidade alternativa, dentro da qual se sente melhor. A diferença com o autoengano penso ser de grau, mas em termos de adaptação social essa diferença pode ser decisiva. Como explicar então que o sujeito delirante não se fique pelo autoengano? A melhor interpretação será a de que há em todo o delírio uma alteração neurológica combinada com os referidos factores motivacionais. Um modelo dessa alteração poderá ser o de Gerrans, segundo o qual os delírios são produzidos pela actividade no *default mode network* (DMN) não supervisionado por redes cerebrais requeridas para um processamento de informação descontextualizado. Em termos psicológicos significa que o sujeito não controla as ideias delirantes que lhe ocorrem verbalizando-as socialmente. Nesta perspetiva os fatores motivacionais só causam delírio se o cérebro não estiver a funcionar plenamente. Por outro lado, sem a presença dos referidos fatores motivacionais o cérebro não seria capaz de produzir delírio.

Jorge Gonçalves. Bolseiro Pós-doutorado pela FCT no IFILNOVA, Universidade Nova de Lisboa; Doutoramento em Filosofia FCSH (2007); Mestrado em Filosofia FCSH (2002). Licenciatura em Filosofia FCSH (1997); Licenciatura em Psicologia ULisboa (1988). Empregado como Psicólogo entre 1990 e 2002. Participação em Projectos (IP) "Cognitive Foundations of the Self" Fundação para a Ciência e Tecnologia. Publicações: Livros (editor): (forthcoming) Eds João Pereira, Valeria Bizarri, and Jorge Gonçalves. *The Neurobiology, Psychotherapy, Pharmacology Intervention Triangle: the need for integration in 21st Century mental health*. Vernon Press. (2018) (Eds) Hipólito, I. & Gonçalves, J. & Pereira, J. G. *Schizophrenia and Common Sense: explaining the relation between madness and social values*. Springer Mind Brain Studies. (2015) Fonseca, J. & Gonçalves, J., (eds.) *Philosophical Perspectives on the Self.* Peter Lang. (2014) Gerner, A. & Gonçalves, J. (eds) "Altered Self and Altered Self-Experience" Norderstedt. Artigos: (2018) Why are delusions pathological? in (Eds) Hipólito, I. & Gonçalves, J. & Pereira, J. G. *Schizophrenia and Common Sense: explaining the relation between madness and social values*. (2018) Diogo Telles-Correia, Sérgio Saraiva, Jorge Gonçalves. (2018) "Mental disorder – The need for an accurate definition", in Frontiers in Psychiatry, section Psychopathology. (2016) "On understanding the self of the schizophrenics", *Journal of Evaluation in Clinical Practice*.
E-mail: jorgalvesenator@gmail.com

José Alves Jana

(Clube de Filosofia de Abrantes, PT)

Por um novo paradigma de acesso à Filosofia

1. O ensino da filosofia mantém-se, passados 2.500 anos, no paradigma platónico: o saber, o mestre, a escola, o aluno.
2. Hoje, o mundo é muito diferente. A menor presença da Filosofia na escola e os novos desafios que se colocam a cada dia no mundo, pedem uma nova forma de acesso da filosofia à vida e da vida à filosofia. Para lá da escola.
3. Há, pois, que experimentar e avaliar novas modalidades de mediação entre as pessoas, as organizações e a sociedade geral e a filosofia. E perspetivar o papel da filosofia na vida das pessoas, das organizações e da cidade.
4. Há já experiências produtivas, nomeadamente em Portugal, que importa conhecer e multiplicar. E ainda explorar outras hipóteses. É necessário pensar um novo paradigma do acesso à filosofia.
5. Não se trata de substituir a filosofia na escola, ou de substituir o paradigma da filosofia escolar, mas de pensar um paradigma complementar. A filosofia na escola sai reforçada se for maior e mais eficaz a presença da filosofia na cidade dos homens e das mulheres.

José Alves Jana. Doutorado em Filosofia, Univ. Coimbra (2011) (Mestrado 1993, licenciatura 1980). Professor do ensino secundário e superior, aposentado. Dirigente associativo e animador cultural. Autor da revista digital "Filosofalando" e da rubrica radiofónica com o mesmo nome Fundador e coordenador do Clube de Filosofia de Abrantes desde a fundação (2012).
E-mail: jalvesjana@gmail.com

José António Domingues

(Universidade da Beira Interior, PT)

O criticismo do ensaio

Esta comunicação propõe uma análise sobre a essência criticista do ensaio.
Por um lado, no *Prólogo Epistemológico-Crítico* [1925], de Walter Benjamin, visa encontrar-se nos traços essenciais da alegoria, numa história crítica da filosofia da arte, elementos de uma composição ensaística que é uma relação entre a realidade micrológica e a escala do todo. Trata-se da relação da realidade fragmentada com uma concepção de fundo de realidade completa. É uma relação – isto significa que é um movimento, aspiração a uma referência, resposta, que possibilita a descoberta de uma razão para a condição de pensar e escrever. É essa ligação com a própria condição de pensar e escrever que é a essência criticista do ensaio em Sílvio Lima. Permite-se aqui a comparação, relação, semelhança do modo de ser da ideia com o processo criativo da composição ou da *dispositio* retórica e a sua fuga em direcções divergentes (como um perfume que se expande).
Por outro lado, para o efeito da dinâmica de ritmo do ensaio, Adorno escreve a obra *O Ensaio como Forma* [1954]. Acham-se no teor do ensaio as figuras da transição – livre associação de conceitos, ambiguidade das palavras, omissão de sínteses finais. É por os raciocínios ensaísticos serem transições que as deduções conclusivas estão retiradas nelas e a matéria é, então, uma apresentação de conexões transversais entre os elementos, os conceitos, sem essa imagem de unidade fixa a estabelecer a ligação. Desvio científico? O ensaio não utiliza significações equívocas, simbólicas, alegorias, para fazer desaparecer a definição de paradigmas epistemológicos, mas porque não aparecem neles os seus estados múltiplos. Essa definição não permite com a proliferação de sentidos das palavras que as palavras diversas possam ser, na verdade, uma unidade, ainda que oculta, porque apaga precisamente isso que se descobre na própria palavra. Porque se detém a exposição dinâmica do ensaio, que Adorno aproxima da música. A lógica da composição musical conduz à essência da escrita de ensaio – sem conceitos de transição, da narração. É neste

sentido que o ensaio na sua lógica composicional é propagação, tensão entre exposição e exposto. A fim de ficar claro como o ensaio é forma de filosofia crítica.

José António Domingues. Mestre e Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade da Beira Interior e Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica Portuguesa, Lisboa. É Professor Auxiliar no Departamento de Comunicação e Artes da Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior, sendo responsável pela direcção do curso de Ensino de Filosofia no Ensino Secundário. É Vice-Coordenador do LabCom.Ifp e coordenador neste da colecção de livros *Ta Pragmata*-Livros de Filosofia Prática. Entre 2010 e 2017 foi Presidente do Conselho da Faculdade de Artes e Letras. A sua investigação centra-se nas áreas do ensino da filosofia e nas da problemática da religião e violência.
E-mail: domingues@ubi.pt

José Barrientos-Rastrojo

(Universidad de Sevilla, ES)

A criação privada do eu e a solidariedade pública com os outros na Filosofia para as Crianças. Uma aproximação à disciplina desde Richard Rorty

La Filosofía para/con Niños se ha vinculado con diversos autores a lo largo de su historia: John Dewey, Paulo Freire, Immanuel Kant o Martha Nussbaum son algunos de los más conocidos. Cada uno establecen fundamentos para el avance de la disciplina en aspectos particulares: el pensamiento crítico, las raíces pragmáticas, las bases analíticas o el compromiso con una educación democráticas, entre otros. Sin embargo, se han realizado muy escasamente aproximaciones arraigadas en un autor que, como defenderemos en este trabajo, recoge el espíritu liberal de la propuesta lipmaniana: Richard Rorty.

Rorty describe la filosofía como un proceso de "redescripción". Con ello, incentiva la libertad creativa y conjura los peligros de la violencia y la crueldad que el dogmatismo impositivo ha provocado. Asimismo, subraya dos misiones para el filósofo: la creación del sí mismo en el ámbito privado y la solidaridad en el público. La primera promueve la construcción de sistemas e ideas cuya fuerza y despliegue se produce en el universo personal y, por tanto, no pretende imponerse a nadie. Este objetivo es inherente a grandes filósofos como Heidegger o Nietzsche, quienes diseñaron filosofías útiles para sus propias existencias. El segundo objetivo vacuna de la imposición dogmática de tales sistemas, pues (1) fomenta la libre circulación de ideas en lo público y (2) esta segunda esfera antepone la solidaridad y el entendimiento sobre cualquier imposición de los sistemas privados aludidos más arriba.

La redescripción se atestigua en las sesiones de Filosofía para Niños en la medida en que sus participantes resemantizan ideas y contextos por medio del diálogo. De esta forma, se relativizan posturas absolutas y se contribuye al diálogo y la escucha, ideal lipmaniano por antonomasia. Este escenario conecta con la solidaridad hacia el diferente, que nuevamente, crea puentes entre Rorty y la Filosofía para/con Niños. Ahora bien, esto no destruye la posibilidad de generar sistemas propios: la Filosofía para Niños se centra en el proceso de razonamiento (desarrollo del pensamiento crítico, creativo y cuidadoso) y sus participantes diseñan sistemas ubicables en la "creación de sí mismo" rortyano.

En suma, nuestra exposición se centrará en las conexiones de Rorty y la FpN/FcN mediante las categorías de redescripción, creación de sí mismo y solidaridad.

José Barrientos-Rastrojo. Profesor Titular de la Universidad de Sevilla que se ha desempeñado en el campo de la Filosofía con Niños (FcN) y la Filosofía Aplicada (FA) en los últimos veinte años; de hecho, ha dirigido más de una docena de trabajos de fin de carrera, Master y Doctorado sobre esta temática. Actualmente, es el director de la *Revista Internacional de Filosofía Aplicada HASER* y del grupo de investigación universitario internacional "Experiencialidad". Dirigió el *8th International Conference on Philosophical Practice* y el primer proyecto empírico de Filosofía Aplicada en el mundo. Actualmente, dirige el proyecto *BOECIO*, que analiza la eficiacia de

la implementación de talleres de Filosofía Aplicada en cárceles en Iberoamérica, y el proyecto *SÉNECA*, que estudia el mismo asunto con ancianos en riesgo de exclusión social en México. Barrientos-Rastrojo ha investigado en reconocidas universidades como Harvard, Princeton, Chicago, Cambridge o la UNAM, entre otras. Posee más de doscientas publicaciones, ha impartido las conferencias de aperturas de varias licenciaturas y doctorado y cursos de doctorado y docentes en varias universidades extranjeras. Su aproximación a la FA y la FcN se basa en el desarrollo del concepto "experiencia" desde varias tradiciones de pensamiento, especialmente, occidental, oriental y mesoamericana.
E-mail: barrientos@us.es.

José Higuera Rubio

(Universidade do Porto, PT)

Liber naturalis de rebus principalibus naturarum: *aspectos médicos e astrológicos*

O breve opúsculo atribuído a Petrus Hispanus contém conceitos alquímicos, mas apresentados no contexto de outras disciplinas. Isto ocorre, por exemplo, com a expressão *quinta essentia* que significa a influência dos corpos celestiais nas relações dos quatro elementos na configuração elementar – da alma e do corpo – durante a gestação e o nascimento. Assim, a relação dos elementos é descrita segundo os quatro humores da tradição galénica e os movimentos celestiais. O estudo dos planetas e das constelações segue a autoridade do *De naturis planetarum* de Alchandrus, citado pelo próprio autor, um tratado de astrologia com uma longa tradição e difusão na Idade Média. O *Liber naturalibus* é um tratado médico-astrológico que concilia a composição elemental do carácter humano com a influência do movimento celestial. O texto *Liber naturalibus* tem alguns pontos em comum com o comentário ao *De animalibus*, também atribuído a Petrus Hispanus, como quando discute a composição elementar dos humores. A comparação entre os dois textos poderia oferecer uma nova perspectiva acerca da presença da tradição galénica na discussão acerca da natureza "material" da alma.

José Higuera Rubio. Investigador integrado e bolseiro de Pós-doutoramento no Instituto de Filosofia da Universidade do Porto. Investigador principal do projeto "From Data to Wisdom" (UP-FCT/2018-2021) no mesmo Instituto. Publicou: *Física y teología* (IEM-Barcelona, 2014); editou os colóquios: *Knowledge, Contemplation and Lullism* (Brepols 2015), *Em torno a Raimundo Lulio* (Porto, 2017); e o Book-App: *Las artes de Ramon Llull*» (https://www.ucm.es/apps). É investigador do projeto "Critical Edition and Study of the Works Attributed do Petrus Hispanus – 1" (Ref. FCT: PTDC/MHC-FIL/0216/2014), no Instituto de Filosofia da Universidade do Porto.
E-mail: jrubio@letras.up.pt

José Manuel Beato

(Universidade de Coimbra, PT)

O mistério do instante: do tempo kairológico à metacronologia em Vladimir Jankélévitch

A noção de instante é central em toda a reflexão de Vladimir Jankélévitch. Assim o observamos no vasto arco que se estende da metafísica do tempo à ética das virtudes. O instante é a aresta vertiginosa entre o ser e o não ser, o faiscar da intuição entrevendo a "quodidade" do que é, a dimensão ucrónica e utópica da criação. O instante é a pulsão e mutação súbita propulsando o devir, o ponto evanescente mas hiperdenso do acontecimento, o futuro em instância de presente. Ele é ainda a ocasião única e irreversível da acção moral, a pulsação da vontade e da intenção virtuosa, a impossível cronologia do "puro amor". "Fulguração", "faísca", "emergência", "subitaneidade", "pulsatilidade" tais são as marcas deste instante proteiforme enquanto "salto qualitativo" do agir e do criar e posição "quoditativa" do ser, mas também "súbito apocalipse" niilizante em torno do qual, de modo "misterioso", ou seja, "meta-problemático", se adensa a pergunta sobre o tempo.

O instante assume uma tríplice incidência: gnosiológica, metafísica e ética, tendo como pano de fundo a questão do tempo. Resta saber como conceber o "instante" para fazer dele uma categoria temporal, pois que em larga medida, ele, paradoxalmente, não releva da morfologia do "momento" nem da "duração", nem sequer equivale ao "presente". Na esteira do "*exaiphnes*" platónico, o instante jankelevitchiano "está fora do tempo" (Parménides: 156d9). E mesmo se, quase ilicitamente, o aproximarmos do "*nun*" aristotélico, a aporia mantem-se, pois já o Estagirita afirmava que "o tempo não é constituído de instantes" (Física: IV, 218a8-10).
Todavia, Jankélévitch pensa a temporalidade a partir das duas categorias correlativas do devir e do instante. A continuação do devir apenas é possível pela descontinuidade do sobrevir dos instantes. Assim, de Bergson, Jankélévitch não reteve a "intuição da duração" como modo de compreender o tempo mas, apesar disso, pretende manter-se fiel o seu mestre para além de um certo "bergsonismo". Tudo consistiria em "conjugar o salto descontínuo de Kierkegaard com a continuidade bergsoniana". Há, em Jankélévitch, inequivocamente, uma "intuição do instante" e uma "dialéctica da duração", mas não no sentido que Gaston Bachelard quis dar a estas noções na sua oposição ao autor da "Evolução Criadora".
É nosso propósito tematizar a noção de "instante" em Jankélévitch como possível ponto de inserção no conjunto de toda a sua filosofia, mas sobretudo no contexto da sua reflexão sobre o tempo e a temporalidade.

José Manuel Beato. Membro do "Instituto de Estudos Filosóficos" e membro colaborador "Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos", unidades I&D da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Bolseiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia entre 2014 e 2018.
E-mail: Jose.beato71@gmail.com

José Meirinhos

(Universidade do Porto, PT)

Apetite sensitivo e vontade intelectiva na* Scientia libri de anima *de Petrus Hispanus Portugalensis

Na *Scientia libri de anima* são apresentadas com detalhe as causas da ação humana (*virtutes motivae*), sistematizando em tratados distintos as potências motoras sensitivas (tr. VIII) e as potências motoras intelectivas (tr. XI), como parte de uma complexa a ampla teoria das faculdades da alma. Nesta comunicação contrapõem-se as explicações sobre o apetite sensitivo característico dos animais, e o apetite intelectivo que caracteriza a ação voluntária humana. A proposta da tripla vontade (natural, sensual, activa) e a distinção entre emoções ou paixões sensitivas e paixões intelectivas constituem elementos característicos da posição deste autor sobre a ação livre, que importa dilucidar. Também se procura compreender por que razão e com que consequências Petrus Hispanus distingue e integra na teoria das potências motoras intelectivas três outras faculdades, a sindérese, a theophilosia, o livre arbítrio. Estas três faculdades integram elementos de origem teológica, que dão um carácter distintivo a esta obra, que pretende organizar (e não discutir) uma doutrina constituída e definitiva sobre tudo o que diz respeito à alma humana e à compreensão do fim último do homem.

José Francisco Preto Meirinhos é professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Diretor do Departamento de Filosofia. Presidente da Sociedade Portuguesa de Filosofia (desde 2017) e Presidente da Sociedad de Filosofía Medieval (desde 2016). Desde 2013 é diretor da revista *Mediaevalia. Textos e estudos*. Autor e editor de obras e estudos sobre Filosofia Medieval, sobre Pedro Hispano publicou os livros *Metafísica do homem. Conhecimento e vontade nas obras de psicologia atribuídas a Pedro Hispano (século XIII)* (Ed. Afrontamento, Porto 2011) e *Bibliotheca manuscripta Petri Hispani. Os manuscritos das obras atribuídas a Pedro Hispano* (FCT-Gulbenkian, Lisboa 2011). É investigador principal do projeto "Critical Edition and Study of the Works Attributed do Petrus Hispanus – 1" (Ref. FCT: PTDC/MHC-FIL/0216/2014).
Email: meirinhos@letras.up.pt

José Ronaldo de Oliveira Marques

(Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, BR)

A crítica habermasiana do modelo de espaço público de natureza burguesa e o novo projeto de democracia deliberativa

O presente estudo tem como finalidade investigar o conceito de espaço público ou *Öfenlichkeit* em Habermas, como principal foco a análise e a crítica da política burguesa que, segundo o autor, reordenou o modelo de poder e de economia na sociedade Ocidental, como também a ideia de publicidade. Assim o desenvolvimento dessa reflexão se situa a partir do próprio esforço que Habermas fez em sua obra inaugural sobre o espaço público: Mudança Estrutural da Esfera Pública (2003), desenvolvendo uma genealogia e um conceito de espaço público que ampliou a ideia de democracia. Habermas investigou também a natureza do espaço público político burguês que conquistou poder e ascensão social. A análise habermasiana da esfera pública diz respeito ainda às mudanças politicais, sociais e econômicas que desenharam uma nova estruturação da sociedade entre os séculos XVIII e XX, principalmente com o advento da burguesia. Tal estruturação levou a um novo ordenamento jurídico do espaço público com leis que garantiram não só a circulação de mercadorias, mas de ideias. Com efeito, o deslocamento do poder para a burguesia gerou também mudanças na divulgação de outras ideias. No entanto, a publicidade burguesa recebeu nuances tendenciosas fazendo da imprensa um veículo de manipulação das massas. Partindo dessa reflexão, analisou-se a publicidade como fomentadora de uma ideologia burguesa que recebeu críticas do autor. Falar de espaço público é falar também do papel do cidadão de estado que, de acordo com filosofia kantiana, é visto a partir da ideia de concordância pública, em Hegel com a opinião pública. Já em Marx o papel do cidadão se dá pela emancipação política do proletariado. O papel do cidadão no modelo de espaço burguês fica fragmentado, pois ele perde suas capacidades comunicativas, devido ao sistema nele ser muito forte. O sistema com os subsistemas do dinheiro e do poder colonizam o mundo da vida, trazendo como consequência a perda de comunicação. A publicidade, neste sentido, fica ao serviço do sistema. Não mais possuindo isenção, mas serve aos interesses políticos e econômicos de corporações e partidos políticos. A grande imprensa e a grande mídia são parte desses interesses, atuando na opinião pública conseguindo influenciar as eleições, tratando a política como poder de barganha. Por fim, uma ideia de esfera pública livre e independente é central para a democracia deliberativa que tem como princípio resguardar as capacidades comunicativas dos cidadãos com o intuito de chegar a ideia de bons argumentos.

José Ronaldo de Oliveira Marques. Possui graduação em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, Graduação em Teologia pela Faculdade Católica de Fortaleza e Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é professor efetivo de filosofia na E.E.E.F.M. Prof. Luiz Gonzaga De Albuquerque Burity e aluno de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Filosofia na Universidade Federal da Paraíba. Contém estudos na área de Filosofia Política e Teologia Política.
E-mail: j.ronaldomarques@gmail.com

Juan Antonio Testón Turiel

(Universidad de Santiago de Compostela, ES)

El concepto de* Ontonomía *en la Filosofía de la Ciencia de Raimon Panikkar

Raimon Panikkar es uno de los pensadores más versátiles y multidisciplinares de la filosofía española del siglo XX. Con sus estudios en Ciencias, Filosofía y Teología abarcó un amplio campo de reflexión filosófica, estableciendo puentes entre las diversas ciencias. En sus primeras investigaciones intenta poner en conexión Filosofía y Ciencia. Ejemplo de ello es su doctorado en Ciencias defendido en 1958 y que lleva por título: *Algunos problemas limítrofes entre ciencia y filosofía*. Sobre el sentido de la ciencia natural, será publicado con el título de *Ontonomía de la ciencia*. *Sobre el sentido de la*

ciencia y sus relaciones con la filosofía. Las ideas que analiza en esta investigación las irá desarrollando a lo largo de toda su obra intelectual. Así el concepto de *Ontonomía* por el diseñado será una las ideas fundamentales de su pensamiento.
Raimon Panikkar parte de la necesidad de un reencuentro entre científicos y filósofos. Esta separación provocó en tiempos pasados problemas cosmológicos y metafísicos. Parte del convencimiento de que una civilización puramente científica y técnica comporta graves peligros, de ahí nace su crítica a la ciencia y a la tecnología. Aporta como solución la necesidad de una colaboración entre filósofos y científicos, ya que ambos tienen como objetivo perfeccionar al ser humano. Ciencia y Filosofía son dos métodos diferentes que intentan estudiar dos estratos diferentes de una misma realidad, ni una ni otra captan la totalidad de la realidad. Incluso la Teología completaría la visión global de toda la realidad. Aquí se encontraría la raíz de toda su investigación.
El objetivo de la presente comunicación es realizar un acercamiento al conjunto del pensamiento científico pero desde la clave filosófica antes descrita. Para ello analizaremos los conceptos de naturaleza, técnica, tiempo y las diversas cosmologías que estudia Raimon Panikkar. Todo ello lo realizaremos desarrollando el concepto de *Ontonomía* como elemento vertebrador que puede aclarar todos los conceptos antes descritos y la relación existente entre Filosofía y Ciencia. Con el concepto de *Ontonomía* se pretende una visión armónica de todas las esferas de la realidad, que supera toda actitud individualista y visión monolítica del ser. La *Ontonomía* considera el universo como una realidad interdependiente y busca una armonía universal que sostenga todas las cosas. El concepto de *Ontonomía* pone en conexión Ciencia y Filosofía y vertebra una nueva visión de la realidad. Aquí encontramos los elementos fundamentales que estructuran la Filosofía de la Ciencia de Raimón Panikkar.

Juan Antonio Testón Turiel. Titulaciones: Licenciado en Estudios Eclesiásticos por la Facultad de Teología de Burgos. Licenciado en Sagrada Teología (ID.). Doctor en Sagrada Teología (ID.). Doctor en Historia por la Universidad de León. Doctorando en Filosofía de la Universidad de Santiago de Compostela. Actividad docente: Profesor invitado en Instituto Teológico Compostelano. Profesor invitado del "Plan Regional de Estudios Monásticos". Profesor invitado en la Universidad Eclesiástica de San Dámaso. Profesor de Cursos de Verano de las Universidades de León y Burgos. Publicaciones: "*El Monacato en la Diócesis de Astorga en por periodos Antiguo y Medieval: La Tebaida Berciana*". "*San Genadio y el Monasterio de San Salvador de La Bañeza*". "*Historia y Espiritualidad de la Regla de San Fructuoso de Braga: Una legislación monástica para los monjes del Bierzo*". "*La vivencia monástica en las tradiciones regulares de san Isidoro de Sevilla y san Fructuoso de Braga: Origen y diferencia de una doble corriente espiritual en la Antigüedad Tardía Hispana*". "*El monacato hispano en la Antigüedad Tardía y su influjo en la Edad Media*". Comunicaciones en Congresos y Jornadas: "*Un acercamiento al pensamiento intercultural de Raimon Panikkar*". "*La relación de Oriente y Occidente en el pensamiento de Raimon Panikkar*". "*La relación Filosofía y teología en el pensamiento de Raimon Panikkar*".
E-mail: testonturiel@hotmail.com

Kamil Cekiera

(University of Wroclaw, PL)

The Epistemic Status of Philosophical Intuition – What Is the Controversy?

One of the most vibrant debates in contemporary metaphilosophy concerns the epistemic status of intuition. It is often claimed that analytic philosophers seeking answers for conceptual "truths" rely on intuition. However, it remains unclear what exactly intuitions are. Intuition is defined as a spontaneous judgment on whether some particular case is an instance of the analyzed concept. Popularly, philosophers construct thought experiments which are supposed to yield some specific intuition. Thus, for example, when Edmund Gettier famously attacked the classical concept of knowledge as justified true belief, his argumentation contained nothing but two thought experiments and appeal to intuition that those cases do not present the instance of knowledge. Intuitions, then, are treated as evidence in formulating philosophical theory. This alleged evidential

weight of intuition led to the discussion between naturalists and nonnaturalists in analytic philosophy. The first group (e.g. Goldman, Kornblith) has struggled how to "naturalise" intuition and find the place for it in the naturalistic picture of philosophy. The second (e.g. Bealer, BonJoure) argued that intuition can be understood as a form of *a priori* insight into the nature of concepts (and corresponding entities). The debate on the epistemic status of intuition became even more interesting when so-called experimental philosophers tested empirically whether or not folk intuitions are appropriately similar to those of the professional philosophers. The results obtained by them posed serious challenge to the traditional philosophical methodology since it has been suggested that intuitions are sensitive to irrelevant factors that may influence people's judgments. Among those factors we find e.g. the cultural background, social-economical status, gender or the order in which questions are stated. There are two ways of responding to that challenge. The first one is an attempt to undermine reasonableness of testing folk intuitions. Just as physicists are not interested in folk intuition about physics *because* they are experts and therefore their intuitions are more reliable, it is argued, philosophers should not be worried by folk philosophical intuitions because professional philosophers are experts in their field. The second way (Cappelen, Deutsch) is to simply deny that philosophers *in fact* rely on intuition in formulating philosophical claims. Philosophy, on that view, is a matter of arguments, not intuitions. Therefore (as Cappelen puts it) experimental philosophy is simply a big mistake. In my presentation I would like to outline the debate, present the most important arguments for every position and argue why this contention remains inconclusive.

Kamil Cekiera. PhD student at the University of Wroclaw (Poland), Institute of Philosophy, preparing a thesis on the role and the nature of intuition in contemporary analytic philosophy. His main interests concern metaphilosophy, epistemology, metaethics and philosophy of language.
E-mail: kamil.cekiera@uwr.edu.pl

Karine Salgado – Raul Salvador Blasi Veyl

(Universidade Federal de Minas Gerais, BR)

A contribuição medieval para a formação do Estado: considerações acerca do poder em João de Quidort

João de Quidort nasceu em Paris, em 1255 e se tornou um dos mais relevantes e controvertidos filósofos a se debruçarem sobre as correlações entre poder temporal e espiritual. Tal debate, desenvolvido no Baixo Medievo e especialmente vinculado a uma filosofia política capaz de fornecer respostas aos problemas de época que lhe eram impostos, tornou-se mais popular principalmente após Tomás de Aquino e teve como expoentes, além de Quidort, Marsílio de Pádua, Guilherme de Ockham e Dante Alighieri.

Envolto em um contexto de redescoberta dos textos de Aristóteles, do surgimento das universidades medievais e de maior ebulição política na disputa entre o poder temporal e o espiritual, João de Quidort desenvolve sua filosofia em um momento de vital importância para os rumos da história do Ocidente. Nesse sentido, o objetivo do presente trabalho é explorar as contribuições do filósofo, e, principalmente, de sua obra mais célebre, *Sobre o Poder Régio e Papal*, no movimento de formação do Estado Moderno.

Partindo de seu posicionamento acerca da necessidade de convívio na comunidade, bem como da sua defesa de um governo orientado pelas noções de bem comum e de realização da paz na cidade, torna-se possível perceber a relevância que as questões mundanas ganham no pensamento de Quidort. Observa-se, portanto, algumas reflexões acerca do Poder e, principalmente, de suas intersecções com a vida terrena, o que, de certa forma, influi nos caminhos de formação e consolidação do Estado.

Entretanto, não se abandona a ideia segundo a qual a vida terrena é apenas uma passagem à vida espiritual. Nesse sentido, Quidort admite a afirmação do papado como superior em dignidade ao reinado, haja vista que o reino só é constituído em razão da necessidade de garantir uma vida virtuosa, orientado para o bem comum da comunidade. Ademais, ao endereçar críticas à teoria dos dois gládios de Bernardo de Claraval, Quidort dá uma resposta peculiar ao conflito entre poder temporal e espiritual. Em sua perspectiva, Deus os teria delegado de maneira independente a cada uma das autoridades, política e eclesial. Dentro dessa lógica, Quidort traça interessantes aproximações acerca da possessão de bens pela Igreja Católica, bem como sobre a possibilidade de deposição do papa, cenário no qual o povo passa a ocupar um importante papel. Está, aqui, exposta uma das mais contundentes críticas às pretensões universais da Igreja, bem como à disputa entre os dois gládios.

Nesse sentido, seja nos importantes passos galgados em direção à secularização do poder, seja nas relevantes contribuições acerca de elementos imprescindíveis à formação do Estado Moderno, Quidort apresenta-se como um dos mais importantes e característicos autores do Baixo Medievo, explicitando o influxo de ideias e a tenuidade das barreiras entre o Medieval e Moderno.

Karine Salgado. Professora associada da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais.
E-mail: karine.salgado@gmail.com

Raul Salvador Blasi Veyl. Graduando em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais. Pesquisador em sede de Iniciação Científica Voluntária, sob orientação da Profa. Dra. Karine Salgado. Bolsista da PROEX/UFMG.
E-mail: raulveyl@gmail.com

Láira Melo de Oliveira – Larissa Alana Marinho das Almas

(Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, BR – Universidade Federal da Bahia, Campus Anísio Teixeira, BR)

Fenomenologia e cognição corporalizada: A influência de M. Merleau-Ponty em F. Varela

O objetivo deste estudo é analisar a influência da *Fenomenologia da Percepção* de Maurice Merleau-Ponty nos trabalhos do biólogo e filósofo Francisco Varela junto a Evan Thompson e Eleanor Rosh, como em *A mente corpórea*. Merleau-Ponty, ao pôr em questão algumas concepções científicas de sua época sobre o campo perceptivo e suas relações com o funcionamento cerebral, abriu caminhos para uma *nova* ciência, que Varela denominará de *Ciências da Tecnologia e Cognição*. Ea se utilizará, sem receio de o admitir, de descobertas feitas pela Fenomenologia para obtenção de resultados práticos e até comprovações empíricas. Deste modo, esses estudos acabam confirmando alguns pressupostos da Fenomenologia, principalmente a questão da corporeidade em Merleau-Ponty.

A percepção será considerada um dos nossos contatos primários com o mundo, abandonando um idealismo intrincado e um empirismo exacerbado, e incluindo a experiência humana vivida na compreensão da relação entre corpo e consciência, só assim, as ciência cognitivas alcançarão um escopo mais abrangente. O princípio da *enação*, trabalhado por Varela em *A mente corpórea*, trará consigo a retomada desses termos colocando a cognição como uma ação guiada pela percepção. A atitude corpórea desemboca numa concepção desvinculada de preconceitos objetivistas, sobretudo no que diz respeito à percepção e ao sensível. Há, também, aliada a isso, uma predominância da ação sobre a representação, onde o homem estará melhor situado no mundo, através de sua atuação.

Tendo em vista seu vasto campo multidisciplinar, estando nele, a psicologia cognitiva, inteligência artificial, neurociência, linguística entre outros, buscar-se-á aqui obter um diálogo direto entre um desses campos, a psicologia cognitiva, junto à cognição corporalizada, proposta por Varela e seus colaboradores. A psicologia cognitiva utilizará métodos em que analisa-se a história de vida do sujeito para formular a origem de seus pensamentos automáticos e crenças, para assim, construir a forma com que esse sujeito lida com as adversidades impostas a ele cotidianamente. A ênfase dada

nas teorias da psicologia cognitiva é de que o meio influenciará a ação do sujeito; sua construção e historicidade estarão, portanto, refletidas em sua maneira de agir.

Láira Melo de Oliveira. Graduanda em Filosofia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Vinculada ao Núcleo de Estudos sobre Imaginário e Linguagem entre 2017 e 2018. Bolsista de Iniciação Científica Pibic-Uesb do projeto intitulado *Existência e Ciências: abordagem fenomenológica ao comportamento científico*.
E-mail: lairamoliv@gmail.com

Larissa Alana Marinho das Almas. Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia Campus Anísio Teixeira – UFBA IMS CAT em intercâmbio na Universidade do Minho, Braga – Portugal.
E-mail: larissaalana65@gmail.com

Leila Athaides da Rosa

(Universidade Federal do Paraná, BR)

A relação entre a produção filosófica no ensino médio e o impulso lúdico em Friedrich Schiller

Nesta abordagem procuraremos demonstrar que a utilização de elementos lúdicos e artísticos no processo de ensino aprendizagem de filosofia no ensino médio pode contribuir para um maior interesse dos alunos nos conteúdos filosóficos estudados em sala de aula. Para tal pressuposto, nos apoiaremos no pensamento do filósofo Friedrich Schiller. Segundo o filósofo, o jogo e a beleza, são elementos fundamentais para um equilíbrio entre as capacidades racionais e sensíveis do homem. Esse equilíbrio nos elevaria a uma condição de "liberdade humana". O interesse despertado nos estudantes com um dinamismo maior durante as aulas de filosofia se relaciona com essa liberdade no sentido de que uma vez que o impulso lúdico (nome dado por Schiller ao equilíbrio entre as competências formal e sensível) é provocado, esses estudantes tendem a se sentirem mais atraídos pela proposta de aula, pois eles experimentam nessa aula de caráter lúdico-artístico, uma possibilidade maior de liberdade e com isso podem se interessar ainda mais pelos conteúdos filosóficos. O interessante é que embora haja uma liberdade maior entre os estudantes no desenvolvimento da aula, os conceitos filosóficos são rigorosamente mantidos, levando os estudantes a perceberem a importância da filosofia em seu cotidiano e os seus aspectos não utilitaristas.

Leila Athaides da Rosa. Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (2007) e atualmente é mestranda do curso de Filosofia da Universidade Federal do Paraná. Atua como docente de filosofia na rede pública estadual desde o ano de 2004.

Léo Peruzzo Júnior – Bortolo Valle

(Pontifícia Universidade Católica do Paraná, BR)

Realidade e Cognição na Ciência: sobre aspectos do Realismo em Wittgenstein

O Realismo é uma questão significativa na epistemologia contemporânea. A ciência como atividade produtora de verdades objetivas reivindica um afastamento de tudo aquilo que pode caracterizar-se como notas de subjetividade na expressão, pela linguagem, de suas verdades. Este estudo explora a interface entre a noção de jogo e suas implicações no que se refere às pretensões cognitivas da ciência em produzir um tipo de crença com estatuto de verdade justificada. Para além de uma imagem exclusiva típica dos Realismos se defende que a melhor imagem científica é, de fato, uma imagem difusa do real. Wittgenstein afirmou que: "Poder-se-ia dizer que o conceito de "jogo" é um conceito de contorno pouco nítido (*verschwommenen Rändern*). Mas um conceito pouco nítido é ainda um conceito? É um retrato difuso (*unscharfe*) ainda a imagem de um homem? Pode-se sempre

substituir com vantagem uma imagem difusa por uma imagem nítida? Não é muitas vezes a difusa aquela que nós precisamos?" (IF, §71). Neste compasso, a descrição científica poderia ser concebida ainda como um jogo epistêmico com pretensões de explicação suficiente da realidade? Ou ainda, de que modo uma concepção de realidade pode ser satisfeita quando se considera a noção de jogo conforme *Investigações Filosóficas*? Argumenta-se que *Investigações Filosóficas* e *Da certeza*, obras tardias de Wittgenstein, se estendem para além de um possível realismo que pode ser encontrado no Tractatus.

Léo Peruzzo Júnior. Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, do Departamento de Filosofia da FAE Centro Universitário e da Faculdade Vicentina – FAVI. Editor da *Aurora Journal of Philosophy*.
E-mail: leo.junior@pucpr.br

Bortolo Valle. Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, da UNICURITIBA e Faculdade Vicentina – FAVI.
E-mail: bortolo.valle@pucpr.br

Liliane Barreira Sanchez

(Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, BR)

Filosofando com as crianças: uma proposta de formação para uma cidadania crítica e criativa

Foram muitos os filósofos que refletiram sobre a importância da educação, em diferentes períodos da história da humanidade e em diferentes contextos sociais. Considerando esse elo que a Filosofia sempre teve com a educação, enfatizamos nesse trabalho alguns de seus aspectos mais significativos para a formação cidadã: a construção de um espírito investigativo, a reflexão sobre o instituído, o questionamento crítico sobre o senso-comum e os dogmas, a criação e estruturação de conceitos, dentre outros. Se a Filosofia tem o poder de nos auxiliar a entender a realidade, a pensar o mundo, a ampliar nossas perspectivas, conjecturamos, então, a importância da ampliação de seu alcance dentro do espaço escolar, um espaço, por excelência, de formação. Seja como disciplina específica ou como possibilidade de atividade transdisciplinar, contribuindo para enriquecer o currículo escolar, valorizando o processo de ensino-aprendizagem e a produção de conhecimentos significativos. Foi pensando nessas possibilidades que na década de 1960, o filósofo norte-americano Matthew Lipman sistematizou um programa de ensino de filosofia para crianças com o qual pretendia reformar o sistema educacional americano, a seu ver até ali incapaz de promover o desenvolvimento adequado do raciocínio e da capacidade de julgar dos alunos. Para tanto, segundo Lipman, a prática da filosofia seria indispensável. Além de buscar fundamentar teoricamente o papel da filosofia na educação das crianças, o autor desenvolveu uma metodologia e um currículo específicos destinados às escolas. Sua proposta chegou ao Brasil na década de 80 e é atualmente aplicada em vários países do mundo, tendo inspirado críticas e alternativas. Da mesma forma, muitos estudos a que deu origem pretendem hoje questionar suas bases, metodologia e práticas. O que pretendemos com este trabalho é apresentar uma experiência formativa com a filosofia no nível da educação fundamental, que vem sendo realizada numa escola da rede pública do município de Seropédica, no estado do Rio de Janeiro, no Brasil. Nossa intenção não é tratar a filosofia como algo inatingível, reservada apenas para pouco privilegiados, dotados de genialidade ou qualquer outra característica sobre-humana, nem tampouco banalizá-la. Também não é esgotar a pluralidade de interpretações acerca de suas definições, nem a limitar a uma única. Mas, lidar com ela em suas múltiplas possibilidades formativas. Com isso, acreditamos oferecer uma contribuição, ainda que provisória, para aquilo que vem sendo o principal objeto de nossa preocupação: a formação humana numa perspectiva crítica e criativa.

Liliane Barreira Sanchez. Mestra e Doutora em Educação, Bacharel e licenciada em Filosofia. Atua como professora associada na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, nas areas de Filosofia da Educação, Formação de Professores, Ética, Formação Humana, Ensino de Filosofia, Filosofia com Crianças, Epistemologia. É também Professora Pesquisadora do Programa de Pós graduação em Educação Agrícola e Coordenadora do projeto de extensão "Os Filósofos mirins: Oficinas de Filosofia na Educação Básica". É vice-coordenadora do Laboratório de Práxis Filosófica e tem vários artigos e capítulos de livros publicados nas áreas de atuação mencionadas.
E-mail: lilianesanchez@gmail.com

Lola S. Almendros

(Consejo Superior de Investigaciones Científicas, ES)

Política en tiempos de Big Data

Al giro computacional y digital le ha sucedido el informacional, terminado de evidenciar un cambio de paradigma. La filosofía de la información (FI) de Luciano Floridi estudia este cambio como un proceso de "re-ontologización" y "re-conceptualización", y presenta tres conceptos fundamentales que van a ser el punto de partida para reflexionar acerca de las condiciones de posibilidad del desarrollo de mecanismos de resistencia sociopolítica en la era informacional. El concepto "infoesfera" representa la realidad como (eco)sistema informacional, "inforg" supone una redefinición de la idea de sujeto y agencia. Por último, el concepto "onlife" indica el modo de vida en el ecosistema informacional e indica la superación de la dicotomía online-offline. Los inforgs (humanos y no humanos) están integrados de manera vital (simbiótica) en un ecosistema cuya estructura es informacional. Así, la FI puede entenderse como una nueva filosofía de la naturaleza que deriva en una antropología que no es antropocéntrica ni antropológica, y una ética acorde a una forma de relación en la que la agencia no es algo (solo) humano.
Las relaciones de poder también se han transformado dando lugar a nuevos modos de subjetivación. Mi objetivo es mostrar las ventajas de la aplicación del modelo teórico del filósofo italiano para la comprensión de las relaciones sociopolíticas y caracterizar así vías de resistencia sociopolítica innovadoras y efectivas. Para ello, en primer lugar, describiré el proceso de re-ontologización y re-significación que se sigue del giro informacional.
Al pensar la topología de la infoesfera, Floridi no considera lo axiológico. Ello supone la apariencia de una neutralidad estructural que implica que en los procesos y dinámicas informacionales hay conflictos dependiendo solo de las actuaciones. El dinamismo se asociaría (y restringiría) así a la capacidad de agencia, sin considerar las constricciones para su funcionamiento, ejercicio y desarrollo. Estas constricciones constituyen las formas de poder en la actualidad. La información tiene valor y se valora, por ello la infoesfera no es un ecosistema neutral. Para finalizar, explicaré por qué conviene añadir a la metodología y análisis de la filosofía de la información una perspectiva que atienda a los valores e intereses que engranan y dinamizan la infoesfera, poniendo así de manifiesto su carácter político.

Lola S. Almendros. Investigadora predoctoral en el Dpto. Ciencia, Tecnología y Sociedad del IFS – Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Doctoranda en el programa interuniversitario en Lógica y Filosofía de la Ciencia (especialidad Estudios Sociales de la Ciencia y la Tecnología) de la Universidade de Salamanca. Graduada en Filosofía por la UCM, y Máster Internacional en Filosofía, Ciencia y Valores por la UPV-EHU y la UNAM. Su línea de investigación está centrada en los estudios CTS y la filosofía de la información. Su tesis doctoral estudia las consecuencias sociopolíticas de la instauración del ideario de transparencia, en los problemas jurídico-políticos y de privacidad presentes en el desarrollo de las redes sociales, y en las posibilidades para el desarrollo tecno-político de prácticas democráticas en entornos sociales digitales. También colabora en los proyectos de investigación "El desván de la razón: cultivo de las pasiones, identidades éticas y sociedades digitales" (PAIDEOC, FFI2017.82272-P) y "Voces múltiples, saberes plurales y tecnologías biomédicas" (VOSATEC, FFI2015-65947-C2-1-P).
E-mail: lola.s.almendros@gmail.com

Luís Aguiar de Sousa

(Universidade Nova de Lisboa, PT)

A leitura merleau-pontyana de Husserl e o sentido e alcance da fenomenologia

É sabido que Merleau-Ponty via a sua própria filosofia como o continuar do projecto fenomenológico de Husserl, sendo que, ao mesmo tempo, a ideia que perfilha de fenomenologia parece ser bastante heterodoxa relativamente à do seu antecessor. Nesta comunicação, proponho, precisamente, apurar quais os elementos de continuidade e de ruptura entre Merleau-Ponty e Husserl, tomando como fio condutor a leitura merleau-pontyana de Husserl. Para compreender esta leitura e a natureza da relação entre os dois filósofos, vou apresentar a ideia de que há uma diferença entre o que Merleau-Ponty vê como sendo a filosofia explícita de Husserl e o sentido "secreto" e "subterrâneo" que a anima, aquilo que Merleau-Ponty chama o "impensado" de Husserl. Assim, enquanto a filosofia explícita de Husserl pode ser caracterizada como transcendental e idealista, Merleau-Ponty compreende a lógica do seu desenvolvimento interno como apontando já para uma filosofia "existencialista" *avant la lettre*. Por outras palavras, a filosofia de Husserl conteria já, implicitamente, o germe da sua própria superação e Merleau-Ponty compreende a sua própria filosofia como culminar da tendência implícita no desenvolvimento da filosofia husserliana.
Pretendo concretizar esta ideia através da análise da transformação que o filósofo francês opera nas noções de *epoché fenomenológica* e *sujeito*, em particular tal como aparece na *Fenomenologia da percepção*. Nesta obra, Merleau-Ponty defende, como é sabido, que não é possível realizar completamente a *epoché*. A despeito disto, a sua fenomenologia envolve também uma forma de redução fenomenológica. Esta consiste, não na redução ao domínio do "eu transcendental", mas sim ao domínio do que Husserl designou como *Lebenswelt*. Este mantém-se como ponto de referência último de todo o empreendimento filosófico fenomenológico. A fenomenologia para Merleau-Ponty continua a referir-se a mim próprio, à minha experiência vivida na primeira pessoa. No entanto, este sujeito do *Lebenswelt* não é o eu transcendental, mas sim o meu corpo, como corpo vivido na primeira pessoa, que se encontra precisamente a existir no *Lebenswelt*. Este inclui não só o domínio da experiência pré-científica da natureza, mas também os "sedimentos" do mundo cultural e histórico "depositados" no mundo da percepção, onde encontro também os outros corpos-sujeito. Por último, vou concluir que Merleau-Ponty vê o sentido último da fenomenologia na superação da filosofia transcendental, na medida em que concebe o sujeito primariamente corpo e considera que o domínio do sujeito transcendental, da reflexão, pressupõe já o domínio do corpo vivido e o seu enraizamento pré-reflexivo no mundo.

Luís Aguiar de Sousa. Instituto de Filosofia da Nova da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Doutorou-se em 2013 pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa com uma tese intitulada "O autoconhecimento da vontade: um estudo sobre o conceito de subjectividade no sistema filosófico de Schopenhauer". É ainda, desde 2010, investigador e membro do "Instituto de Filosofia da Nova" da mesma faculdade, onde participou em vários projectos em torno da filosofia de Nietzsche. Encontra-se, neste momento, a desenvolver um projecto de pós-doutoramento dedicado à reformulação e crítica que Merleau-Ponty faz da fenomenologia de Husserl. É autor de vários artigos sobre Schopenhauer, Nietzsche e Merleau-Ponty.

Luis Alexandre Ribeiro Branco

(Universidade de Lisboa, PT)

O pessimismo nacional à moda brasileira

Esta apresentação é inspirada na pequena obra de Manuel Laranjeira, *O pessimismo nacional: ou de como os portugueses procuram soluções* (Lisboa: Padrões Culturais, 2008). A obra de Manuel Laranjeira impressiona por sua atualidade, bem como com algumas das semelhanças sofridas pelo

povo português no início do Séc. XX e que tanto se parece com aquilo que se vive hoje no Brasil do Séc. XXI. Nesta apresentação, extraiu-se de Manuel Laranjeira muito da ideia do jovem médico-psiquiatra, poeta, dramaturgo, ensaísta, crítico e articulista, bem como do seu pessimismo que serviu de inspiração para a presente proposta. Esta reflexão tem o intuito de despertar os participantes, em especial o cidadão brasileiro e os estudiosos, sobre a sociedade e política brasileira para a necessidade de uma maior consciência cívica, indignação quanto aos desmandos da classe dirigente e o incentivo ao desejo de mudança para um país melhor.

Luis Alexandre Ribeiro Branco. Licenciado em Estudos Bíblicos e Teologia (BA), Mestre em Administração Eclesiástica e Liderança (MA), ambos pelo Trinity Seminary em Newburgh, Indiana, EUA, possui o Grau de Doutor Honoris Causa em Ministério (D.Min.) pelo Centre For Contemporary Christianity do John Stott – The London Institute for Contemporary Christianity em Bangalore, India, é Doutorado em Filosofia e Apologética (PhD) pelo Trinity Seminary em Newburgh, Indiana, EUA, é Pós-doutorado em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Portugal. É investigador do Centro de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigador no Instituto de Cristianismo Contemporâneo (CICMER) do Departamento de Ciências da Religião da Universidade Lusófona. É membro da Sociedade Portuguesa de Filosofia, da Associação Portuguesa de Poetas, da Academia de Letras e Artes de Portugal, da Academia de Letras e Artes Lusófonas, da Academia Luminescência Brasileira e da Academia Poética Brasileira. Trabalhou na Índia, Nova Zelândia, Noruega e Brasil, o que proporcionou-lhe uma significativa experiência transcultural. Possui obras publicadas nas áreas de espiritualidade, teologia, filosofia, poesia e participação em diversas antologias.
E-mail: branco@campus.ul.pt

Luís Filipe Fernandes Mendes
(Universidade da Beira Interior, PT)

Kant e Arendt sobre a natureza do juízo moral

Arendt defrontou-se com o problema de saber como foi possível alguns indivíduos preservarem a capacidade de distinguir o bem do mal em plena sociedade nazi, sem o apoio das regras socialmente aceites, ou mesmo contra elas. Tratava-se de encontrar uma explicação que prescindisse de referências externas.
Segundo Kant, a faculdade do juízo relaciona particular e universal. Quando parte do universal e subsume neste o particular, o juízo é determinante. Quando só dispõe do particular e tem de encontrar o universal que lhe corresponde, é reflexivo. Um exemplo de juízo reflexivo é o estético. Por sua vez, o juízo moral é determinante. Embora, para aplicar uma regra a casos particulares, o sujeito precise de discernir a adequação destes à regra, o juízo moral enquanto tal é determinante: os casos são subsumidos em regras (que, por sua vez, são subsumidas no imperativo categórico).
Portanto, o juízo moral consiste na aplicação de regras a casos particulares, mas estas não provêm do exterior. Só a razão (prática), ao dispor de regras universais objectivas, serve de critério moral. Assim, o juízo moral assenta em regras internas que não dependem de quaisquer regras externas. Destarte, mesmo numa sociedade nazi, o sujeito estaria em condições de julgar moralmente.
Contudo, Arendt opõe-se a esta cristalização da ética porque torna as pessoas dependentes de regras e, por isso, incapazes de ponderar as situações concretas. Por exemplo, ao proibir incondicionalmente a mentira, a ética kantiana não pondera a situação do sujeito que precisasse de mentir para salvar um judeu perseguido pelos nazis. De resto, a prontidão para agir segundo regras é, em si mesma, perigosa, pois vincula o sujeito, não tanto ao conteúdo das regras, mas sim à posse de regras. Segundo Arendt, as pessoas que mais firmemente se agarravam às regras antigas foram as que mais facilmente adoptaram as novas regras nazis.
Assim, Arendt não procura assegurar a autonomia da faculdade de julgar recorrendo a regras morais (internas), distintas das regras sociais (externas). Pelo contrário, sugere que o pensamento, pelo seu poder para destruir todas as regras (independentemente da sua proveniência), é capaz de libertar a

faculdade de julgar de factores determinantes. Esta, uma vez libertada das regras, está apta a julgar o particular directamente («isto é correcto», «isto é errado»), à semelhança do juízo estético («isto é belo», «isto é feio»).
De facto, a proposta de Arendt é devedora de Kant, mas adapta a noção (kantiana) de juízo reflexivo (estético) ao âmbito moral. Assim, o sujeito não precisaria de regras para preservar a capacidade de distinguir o bem do mal. Aliás, esta só pode ser assegurada, justamente, quando extirpada de regras que a determinem.

Luís Filipe Fernandes Mendes. Licenciado e Mestre em Filosofia, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa. Doutorando de Filosofia, na Faculdade de Artes e Letras, da Universidade da Beira Interior. Investigador na Unidade de Investigação Comunicação, Filosofia e Humanidades (Labcom.IFP-UBI). Bolseiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/133923/2017).
E-mail: luisffmendes@gmail.com

Luís Garcia Soto

(Universidade de Santiago de Compostela, ES)

Saudades e queixumes

A investigação é feita sobre o livro: Eduardo Pondal, *Queixumes dos pinos*, A Voz de Galicia, A Coruña, 2017 (QP). É reprodução facsimilar da edição original de 1886, também publicada pela Voz de Galicia.
Antes e depois de Pondal, a experiência da saudade tem sido conceptualizada e descrita muito diversamente: como sentimento ligado à solidão, como movimento anímico de lembrança e esperança, como expressão de solidão, saúde e saudação, tendo além disso, conteúdos vários, principalmente a terra e o amor, ou conteúdo indefinido.
Na nossa análise e interpretação, teremos em conta esses traços, mas como pano de fundo. Não os vamos procurar em QP: tentaremos ver como aparece a saudade. Para isso, vamos salientar e explorar as presenças explícitas e aquelas implícitas mais significativas. As formas implícitas serão assinaladas pela sua analogia ou a sua vinculação com outras explícitas. Mas, é necessário atuar com prudência.
Em QP abundam marcas, temáticas ou não, que caberia relacionar com a saudade. Assim, saem com frequência a "soidade": do lugar, de si, a dois. Também, numerosos poemas são ou contêm "saudacións". Enfim, abunda o vocabulário típico da experiência saudosa: recordação, lembrança, sonho, pensamento, esperança, desejo, ideal, propósito. Não devemos considerar, e não consideraremos, que em todas essas ocorrências, nem nas "saudacións" nem nas "soidades", há saudade. Ater-nos-emos às formas explícitas, aquelas assinaladas pela palavra "suidades" e similares, e às aparições implícitas relacionadas ou relacionáveis com aquelas.

Luís Garcia Soto é licenciado em Direito (1978) e em Filosofia (1979) pela Universidade de Santiago de Compostela (USC). Doutor em Filosofia (USC, 1986) e doutor em Direito (Universidad Autónoma de Madrid, 2010). Desde 1989 é professor titular de Filosofia Moral na Faculdade de Filosofia da USC. Redator do Código Ético da USC. Além de artigos em revistas espanholas e estrangeiras, e em obras coletivas, publicou os livros: *Outramente Barthes* (Nova Renascença, Porto, 1988); *Paz, guerra e violencia* (Espiral Maior, A Coruña, 2003); *Aristóteles* (Baía Edicións, A Coruña, 2003); a tradução a galego de G. Hottois e J. N. Missa (dirs.), *Nova enciclopedia de bioética* (USC, 2005), premio "Mellor libro do ano 2005"; *Paz, guerra y violencia* (Espiral Maior, A Coruña, 2006); *O espírito da letra* (Espiral Maior, A Coruña, 2008); *Teoría de la justicia e idea del derecho en Aristóteles*, (Marcial Pons, Madrid-Barcelona-Buenos Aires, 2011); *O labirinto da saudade* (Laiovento, Santiago de Compostela, 2012), Premio Carvalho Calero 2012; *Barthes filósofo* (Galaxia, Vigo, 2015), Premio Ramón Piñeiro 2014; *Meditação sobre a saudade* (Zéfiro, Sintra, 2015); e a tradução a galego de H. Heine, *O Mar do Norte. Die Nordsee* (Espiral Maior, A Coruña, 2015).
E-mail: luisg.soto@usc.es

Luís Lóia

(Universidade do Porto, PT)

A via estética para a Origem

Propomo-nos demonstrar como, em Eudoro de Sousa, a tese da complementaridade de horizontes – aquém, além e extremo – implica uma renovada compreensão da Filosofia e da Arte que nos possibilitará uma adequada aproximação à Origem. Se o aquém-horizonte é o horizonte próprio da Filosofia, da objetividade, no além-horizonte entramos já no plano da trans-objetividade e também da trans-subjetvidade, entramos já no âmbito da simbólica, da estética. Será por esta via que nos poderemos aproximar, tanto quanto possível, desse extremo-horizonte, desse *Mysterium Tremendum*, de onde se projeta o mítico em "Fulgurações Ofuscantes", como pulsão ou dinamismo de e para todas as formas e modos que podem e que vêm a ser.
O mistério, é incomensurável e indefinível, daí nada se conhece ou pode conhecer diretamente ou objetivamente, a não ser o mítico que dele brota, é Origem. O além-horizonte é onde se dá a presença ou vivência do mítico, primeiro no drama (indiferenciação do mito/rito) e, depois, no poema. O poema, que é já relato, embora contenha a dimensão simbólica, permite o subsequente trânsito para a alegoria, instituindo, assim, a Mitologia, entendida como "biografia dos deuses". A mitologia, assim entendida, encerra uma Teologia, uma Cosmologia e uma Antropologia que será ponte para a emergência do discurso filosófico que é, inerentemente, dia-bólico. O acesso ao limiar do além-horizonte, que é liminar do extremo-horizonte, far-se-á por via sim-bólica.

Luís Lóia é Licenciado em Filosofia, Pós-graduado em Educação para a Cidadania e Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais, pela Universidade Católica Portuguesa (UCP). É Professor Área Científica de Filosofia da Faculdade de Ciências Humanas (FCH) da UCP e Assessor Científico do seu Centro de Estudos de Filosofia (CEFi). Nas suas funções docentes nesta Universidade é também Representante dos Docentes de Filosofia na Comissão Pedagógica da Faculdade de Ciências Humanas, Tutor do Curso de Licenciatura em Filosofia, em regime de b-learning. Tem também funções docentes na Universidade Europeia, em Lisboa, e no Colégio Manuel Bernardes. É Vice-diretor da Revista *Nova Águia: Revista de Cultura para o século XXI* e Membro do Conselho Fiscal do MIL – Movimento Internacional Lusófono. Tem como principais áreas de interesse académico a Filosofia Antiga, a Ética e a Ciência Política e o estudo da Filosofia Portuguesa, com particular incidência no pensamento de Padre António Vieira, Fernando Pessoa, Agostinho da Silva e Eudoro de Sousa, áreas onde tem lecionado, investigado e publicado. Atualmente, é investigador no Instituto de Filosofia da Universidade do Porto onde prepara o seu Doutoramento com uma tese intitulada *Philosophia* e *Philomythia* em Eudoro de Sousa.
E-mail: luisloiaucp@gmail.com

Luiz Carlos Pereira

(Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, BR)

Ecumenism: a new approach to conflicting logics

If logical eclecticism is the position that the use of different and possibly incompatible logical systems depends on the different domains and aims with respect to which logic is put to use, eclecticism is not a conceptual position available to an intuitionist mathematician / logician "of faith". The classical mathematician/logician may be eclectic, for he may clearly consider the intuitionist position quite interesting, since constructive proofs, though generally longer, tend to be more informative than classical indirect proofs, since they have an algorithmic nature and satisfy interesting computational properties, such as the disjunction property and the property of the existential quantifier. According to a widely accepted classification, classical logic and intuitionist logic are rival logics: there are principles of classical logic whose unrestricted validity is questioned by intuitionism, and hence, the intuitionist does not accept some proofs, considered correct by the classical logician. In 2015 Dag Prawitz proposed the idea of an ecumenical system, a codification in

which the classical logician and the intuitionist logician could coexist “in peace”. The main idea behind this logical codification is that the classical and the intuitionist would share the constants for conjunction, negation, absurdity, and for the universal quantifier, but each would have its own disjunction, implication, and its own existential quantifier. Although these non-shared operators have distinct meanings, the classical logician and the intuitionist logician share the same framework for their semantic explanations. The aims of this paper are: [1] To present the proof theory for Prawitz' ecumenical system, [2] to compare Prawitz’ system with other ecumenical approaches, and [3] to propose the ecumenical system as a plausible alternative to bilateralism.

Luiz Carlos Pereira possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio (1976) e doutorado em Filosofia pela Universidade de Estocolmo (1982). Atualmente é professor adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e professor assistente da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio. Áreas de interesse: Wittgenstein, Lógica, Teoria da Prova, Dedução Natural e Construtivismo.
E-mail: luiz@inf.puc-rio.br

Luiz Felipe Xavier Gonçalves

(Universidade Federal de Pernambuco, BR)

Para uma Filosofia do Direito em Nietzsche:Direito em perspectiva genealógica

Em alguns textos, tais como *Genealogia da moral*, Nietzsche se mostra interessado em apresentar uma resposta à questão sobre o surgimento e origem do direito e do Estado. Em um fragmento póstumo do verão de 1883, Nietzsche explicita brevemente o que em sua concepção seria o campo de investigação e o método de uma *filosofia do direito*. Realizando uma análise do próprio texto percebemos que, logo de início, Nietzsche pontua uma crítica à filosofia do direito tradicional: é uma ciência que ainda não conseguiu conhecer seus próprios princípios, seus fundamentos. Então, quais seriam esses princípios e fundamentos sob os quais se deveria construir a ciência do direito e, consequentemente, a filosofia do direito? Para nosso autor, de modo geral, “enquanto a ciência do direito não estabelecer para si uma nova base, quer dizer, a história e o estudo comparado dos povos, ela continuará sendo esta triste luta de abstrações fundamentalmente erradas que são tomadas hoje como sendo a ‘filosofia do direito’” (Nachlass/FP Sommer 1883 8 [13], KSA 10.334). Ou seja, é a ciência do direito que, adotando novos fundamentos (história e estudo comparado dos povos) renovará a compreensão acerca da filosofia do direito. A título de exemplo, o próprio Nietzsche reclama que “não se conhece absolutamente [...] a mais antiga *significação* da punição” (Nachlass/FP Sommer 1883 8 [13], KSA 10.334). Sabemos que o tema da punição é amplamente abordado por Nietzsche em diversos momentos de sua obra. É, inclusive, tema central na construção da segunda dissertação de *Genealogia da moral*, como ponto basilar de sua argumentação sobre o surgimento da culpa, da má consciência e – em nosso entendimento – do Estado. Nesta comunicação, abordamos a crítica de Nietzsche à tradicional acepção sobre a filosofia do direito, indicando que o autor possui uma concepção *heterodoxa* acerca da disciplina e que ela deve ser vista em perspectiva genealógica. Para tanto, articulando os principais textos em que Nietzsche fala sobre o direito e também aqueles que falam sobre a genealogia, propõe-se uma indicação da resposta nietzschiana sobre a renovação da filosofia do direito e, nesse sentido, acerca do problema da origem do direito e do Estado.

Luiz Felipe Xavier Gonçalves é mestrando pelo departamento de Filosofia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e aluno do curso de Bacharelado em Direito pela Faculdade de Direito do Recife (FDR), da mesma instituição. É Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e Licenciado pelo Centro Universitário Claretiano. Atualmente é professor do ensino médio numa instituição privada. É membro do GEN (Grupo de Estudos Nietzsche) – Recife. Tem interesse nos

estudos sobre Nietzsche e também nos da área de ética, filosofia política e filosofia do direito.
E-mail: felipexter@hotmail.com

Magda Costa Carvalho

(Universidade dos Açores, PT)

A Filosofia para Crianças* con-quista *a Filosofia

Em 1982, o filósofo Stephen Toulmin afirmou, num artigo bastante provocatório, que a partir do final da década de 60 do século XX a biomedicina salvara a vida da ética filosófica. O autor referia-se sobretudo à tradição anglo-saxónica que até então recusava a entrada da casuística na argumentação moral e, com isso, encarcerava a ética em debates de feição abstracta e puramente analítica (*metaética*). Com a chegada de complexos dilemas colocados pelo extraordinário avanço biotecnológico, os filósofos perceberam que seria a aproximação à prática a única forma de revitalizar o seu saber.

A nossa proposta de reflexão parte deste artigo de Toulmin para repensar a partir dele a relação entre a Filosofia para Crianças (FpC) e a Filosofia. Passaram-se mais de 40 anos desde que M. Lipman e A. Sharp deram início ao programa curricular que haveriam de apelidar de "Filosofia para Crianças", e hoje esta designação alargou-se ao ponto de se referir a uma área de conhecimento, dentro da própria Filosofia, reconhecida por todo o mundo.

Para além da dimensão prática que assume, a FpC traz para a Filosofia uma novidade que inevitavelmente a desconcerta: permitir a entrada das crianças nos seus claustros. Quando a Filosofia já se tinha afirmado como saber altamente reputado, cuja história de vinte séculos constituía prova cabal de uma maturidade indiscutível, é invadida pelo questionamento infantil. Trata-se de uma *conquista*: no sentido mais direto da palavra enquanto "ganhar ou obter algo através de esforço", mas também num sentido de enamoramento e atração (o amor, que também habita a própria Filosofia) ou numa linha etimologicamente mais profunda, enquanto "procurar ou perguntar com" (*con-quaerere*).

Estamos, então, num momento crítico para pensarmos este movimento de conquista da Filosofia pela FpC. Que impactos se desenham neste cenário? Saberá a Filosofia reencontrar, na irreverência que a tem marcado ao longo de tantos momentos, pontos em comum com uma infância que a quer revitalizar?

Magda Costa Carvalho teaches at the University of the Azores, Portugal, and is a research member of NICA: Interdisciplinary Center for Childhood and Adolescence, University of the Azores. She holds a Ph.D. on Henri Bergson's concept of Nature and her research focuses are on Philosophy for Children, as well as on environmental philosophy. She holds Levels 1 and 2 of SAPERE's P4C training. She coordinates a master course in Philosophy for Children (University of the Azores) and offers Philosophy for Children sessions in a public school.
E-mail: magda.ep.teixeira@uac.pt

Manoel Coracy Saboia Dias

(Universidade Federal do Acre, BR)

A Filosofia Ricoeuriana da Política

A presente comunicação tem como objetivo apresentar uma proposta de filosofia política em Paul Ricœur, no campo da Filosofia Prática, a partir da tradição fenomenológica e hermenêutica, cujo enfoque contribui para a revitalização e reorientação da reflexão sobre a política e sobre o político, privilegiando as "leituras" de Paul Ricœur nas quais parece ser possível aceder à sua filosofia política a partir de diferentes ângulos ou perspectivas, por meio de diferentes estilos ou estratégias, a saber:

a primeira consistiria em buscar a reflexão teórica que geralmente acompanha textos que podemos chamar de "circunstanciais" sobre o pacifismo, o compromisso cristão, os acontecimentos de Budapeste, a guerra da Argélia etc.; a segunda seria dada pela análise de suas leituras sobre os grandes nomes e obras da filosofia política como Éric Weil, Hannah Arendt, Jan Patočka, Karl Jaspers, John Rawls e a clássicos como Hegel, Kant ou Marx; a terceira também pode ser elaborada a partir dos elementos estritamente políticos de sua filosofia; a quarta e última, diz respeito aos textos em que a filosofia política é explicitamente abordada, tais como: "O paradoxo político" (1957) ou "Ética e política" (1983). Em seu conjunto, a comunicação procura demonstrar que é possível reconstruir hermeneuticamente esses elementos e propor uma filosofia ricœuriana da política, essencialmente, plural, aberta, mas não dispersa, e que se nutre de fontes antropológicas, metafísicas e religiosas.

Manoel Coracy Saboia Dias. Universidade Federal do Acre. Manoel Coracy Saboia Dias é Licenciado Pleno em Filosofia pela Universidade Federal do Pará (Belém, PA, BRASIL), Bacharel em Filosofia pela Universidade Federal do Pará (Belém, PA, BRASIL), Bacharel em Direito pela Faculdade da Amazônia Ocidental (Rio Branco, AC, BRASIL), Bacharel em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Internacional UNINTER (Curitiba, PR, Brasil), Bacharel em Ciência Política pelo Centro Universitário Internacional UNINTER (Curitiba, PR, Brasil), Especialista em Filosofia Política pela Faculdade de Teologia e Filosofia Sinal (Rio Branco, AC, Brasil), Especialista em Psicopedagogia pela Faculdade de Educação Acriano Euclides da Cunha (Rio Branco, AC, BRASIL), *Master in Business Administration* (Especialização) em Gestão Pública, com ênfase em Controle Externo, pela Faculdade Internacional de Curitiba (Polo Rio Branco, AC, Brasil) e Doutorado (em andamento) em Filosofia pela Universidade de São Paulo (São Paulo, SP, Brasil). É Professor Adjunto IV da Universidade Federal do Acre (Rio Branco, AC, Brasil) e membro da Associação Ibero-Americana de Estudos Ricoeurianos (ASIER).
E-mail: manoel.coracy.saboia.dias@gmail.com

Manuel António Monteiro Da Cruz
(Universidade do Porto, PT)

Desobediência civil em democracia sob o ponto de vista ético e político

Os recentes acontecimentos relativamente ao movimento independentista catalão servem de mote para uma reflexão sobre a desobediência civil em democracia.
Desde da sua formulação por Henry D. Thoreau (*Desobediência Civil*) que esta prática se caracteriza pelo uso de meios ilegais para atingir fins morais, como foi a sua recusa em contribuir com um imposto que contribuía para suportar a guerra entre os EUA e o México.
Contudo, a problemática mantém-se: quando é legítimo desobedecer à lei? Quais os fins moralmente justificáveis? Como se resolve o conflito entre o dever da obediência e o dever da desobediência? Estas questões apresentam soluções de John Rawls (*Uma Teoria da Justiça*) e Peter Singer (*Ética Prática*), no sentido de delimitar o uso da desobediência e de justificar quando as instituições democráticas se encontram desvirtuadas. Esta surge, assim, como mecanismo de promover maior justiça e equidade na sociedade democrática.
É fundamental, ainda, analisar sob o ponto de vista político comparando-a com os métodos não violentos, concluindo sobre a sua eficácia em cumprir o objetivo político (Gene Sharp, *Da Ditadura à Democracia*).

Manuel António Monteiro Da Cruz. Doutorando em Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (licenciado e mestre em Filosofia Ética e Política pela mesma faculdade) e membro do Instituto de Filosofia. Com comunicações em congressos de Filosofia Política ("Pensar a Democracia") e outros ("Congresso António Braz Teixeira" e "Medinfor IV"), assim como artigos publicados ("Revista de Filosofia" e "Pensar a Democracia"). Fora do âmbito filosófico, publicação do livro de poesia "Ex Libris" e fundação da *Revista Alegre* (revista dos estudantes da FLUP).
E-mail: manueldacruz@outlook.com

Marcela da Silva Uchôa

(University of Coimbra, PT)

The Concept of Justice as Equity in Hannah Arendt

Although philosopher Hannah Arendt did not systematize a theory of law, she has in many of her works problematized very important questions about human rights and the concept of law. We will then try to demonstrate the conception of law in Arendt from her critique of the Declaration of Human Rights, thinking the law by a republican bias, that connects politics to an active and responsible citizenship that presents itself as a condition for the possibility of an Equitable Justice. By equity is understood the adequacy of the Right to justice as legitimacy. The approach to the concept of justice as equity in Arendt is based on the analysis of totalitarian regimes, especially the Nazi regime, which did not have to change the laws of the country to implement its regime, but did not use them. Justice for Arendt contains the elements of legal support that enable action. In this vein, the concept of Justice in Hannah Arendt is linked to her proposal of the need for an ethics of responsibility that is based on the human being who participates in the community, whose dignity does not come from birth, but from its entrance into the world as a being human. The world, therefore, is a creation, the law being the instance that delimits the public and political space, allowing equality in plurality, respect for difference, because in this way the human is understood as the holder of dignity exclusively for being human, and it is in this bias that Arendt defends the most elementary dimension that is the right to have rights.

Marcela da Silva Uchôa has a degree in law and philosophy, a master in political philosophy, is a professor of ethics and philosophy of law and human rights. Currently a PhD student in philosophy at the University of Coimbra, with emphasis on postcolonial studies, he is a collaborating member of the Institute of Philosophical Studies IEF, specialist in Hannah Arendt and Frantz Fanon.
E-mail: maruchoa@gmail.com

Marcelo Bonhemberger

(Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, BR)

Engelhardt:arquétipo da bioética secular

Este trabalho apresenta como tema central o enfoque da bioética secular a partir de Engelhardt, bem como as tensões constitutivas dessa realidade que estimula a olhar para dimensões mais complexas do ser humano e da vida. O objetivo é oferecer referenciais de cunho prático-conceitual para ponderar questões bioéticas. A metodologia baseou-se em uma revisão bibliográfica, por meio do método hermenêutico-interpretativo. O princípio fundamental é a autodeterminação que representa o resultado irrepreensível do raciocínio crítico acerca da plausibilidade de encontrar um acordo racional em questões morais substanciais. Tal figuração adquire vínculo procedimental no que diz respeito às escolhas autônomas dos sujeitos morais no que tange à história pessoal desses indivíduos. Tem-se, portanto, uma autêntica defesa da liberdade individual – autonomia – como valor e não somente como condição colateral, porquanto reconhecida no princípio de permissão e no uso emancipado no reconhecimento de que a autoridade moral secular deriva da legítima permissão dos envolvidos, procurando acompanhar e compreender esforços comuns.

Marcelo Bonhemberger. É Professor Adjunto da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, atua como Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Comunitários desde 2017. Doutor em filosofia pela Universidade Pontifícia Salesiana de Roma, possui Mestrado pela mesma universidade e graduação em Filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Especialista em Gestão de Pessoas e Marketing pelo Centro Universitário Franciscano. Tem experiência nas áreas relacionadas à bioética, ética e direitos humanos.
E-mail: mbonhemberger@gmail.com

Marcelo da Costa Maciel

(Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, BR)

Os Limites do Cognoscível: Um Estudos das Afinidades entre Max Weber e o Ceticismo Grego

Esta comunicação tem como objetivo demonstrar a presença de algumas afinidades entre as reflexões empreendidas pelo Ceticismo Grego e pelo sociólogo alemão Max Weber acerca do problema dos limites e possibilidades do conhecimento humano. Sem pretender aduzir a tese de que Weber possa ser considerado um pensador cético ou mesmo que tenha sido influenciado por esta tradição de pensamento (dada a absoluta falta de referência ao Ceticismo em seus escritos), o presente estudo adota o método da análise conceitual a fim de identificar e expor determinados núcleos de reflexão a partir dos quais é possível propor, apesar do anacronismo, um diálogo entre Weber e o Ceticismo Grego.

A comunicação encontra-se dividida em duas partes: a primeira aborda privilegiadamente a questão da relatividade do conhecimento e pretende demonstrar que tanto Weber quanto os céticos antigos ressaltam a inevitabilidade da atuação de circunstâncias que afetam o sujeito e o objeto cognitivos; a segunda parte trata da questão das finalidades do conhecimento e realiza uma abordagem comparativa das expectativas de Weber e dos céticos com relação ao modo de investigação dos fenômenos e aos resultados dessa investigação. Em sua conclusão, o estudo sugere que Weber e os céticos antigos aderem a uma mesma concepção de ciência, a qual, definida como *techné* e, assim, despojada de qualquer fundamentação ontológica extrafenomênica, consiste em um meio pelo qual os homens submetem o mundo da experiência a seu benefício e comodidade.

Ao demonstrar a possibilidade de aproximação entre linhas de pensamento tão distantes no tempo e inseridas em contextos intelectuais tão distintos, a comunicação pretende contribuir para a ampliação das possibilidades de pesquisa acerca de tais linhas de pensamento. Certos aspectos do pensamento de Weber são interpretados à luz de preocupações típicas da tradição cética e, com isso, é possível ter uma noção da presença, mesmo que implícita, de tais preocupações na formulação de um dos mais importantes paradigmas da moderna ciência social. Por outro lado, o arsenal argumentativo cético, com seu questionamento radical de toda pretensão ao conhecimento, passa a ser visto não apenas como característica distintiva de uma corrente filosófica historicamente dada, mas como um permanente exercício crítico e autocrítico capaz de ampliar e enriquecer as discussões epistemológicas e metodológicas das ciências sociais.

Marcelo da Costa Maciel. Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestre em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro e Doutor em Ciência Política pelo mesmo Instituto. Atualmente, é Professor Associado I da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, onde é Coordenador do Curso de Graduação em Ciências Sociais, Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Suas principais áreas de interesse são: 1) Filosofia Moral e Política; 2) Ceticismo Antigo e Moderno; 3) Estudos sobre Max Weber.
E-mail: marcelocmaciel@bol.com.br

Marcelo de Sant'Anna Alves Primo

(Universidade Federal de Sergipe, BR)

Educação, democracia e laicismo: algumas aproximações entre Condorcet e Holbach

Na "Primeira memória: natureza e objeto da instrução pública" das *Cinco memórias sobre a instrução pública*, Condorcet considera a educação em sua totalidade, afirma que ela está para muito além de uma instrução positiva, pois abrange todas as opiniões sejam de cunho político, moral e religioso. A liberdade de proferir determinadas opiniões acerca desses assuntos seria uma quimera à medida que a sociedade fosse o parâmetro do que as gerações seguintes devessem

acreditar. Aqueles que ingressam em um meio social trazem consigo as opiniões que lhes foram fornecidas pela educação e não são mais livres, transformando-se em meros reprodutores de seus mestres. Em seu escrito *A Moral Universal*, o barão de Holbach alinhar-se-á às teses de Condorcet sobre qual lugar deve ter o ensino religioso na educação pública. Defendendo que sob a tutela de autoridades políticas tirânicas, a educação só poderá ensinar aos guardiões das leis que estas sejam entregues aos caprichos da tirania, aos favores e às violências do poder, denuncia o oportunismo dos ministros da religião em ensinar a moral e imprimir os seus preceitos aos mais jovens. No que concerne à Filosofia e ao seu ensino, o diagnóstico do Barão não é nada consolador: em contextos educacionais anti-democráticos e de desnaturalização pedagógica do homem, deliberadamente a Filosofia é proscrita, excluída da educação pública, ficando isolada, enlanguescendo-se à medida que é desprezada.

Marcelo de Sant'Anna Alves Primo. Universidade Federal de Sergipe (UFS), Brasil. Bolsista de Pós-doutorado PNPD-CAPES/UFS, professor colaborador do departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe.
E-mail: marceloprimo_sp@hotmail.com

Márcio Benchimol Barros

(Universidade Estadual Paulista, BR)

Reflexão sobre o papel da dissonância na experiência estética da música segundo Schopenhauer

No segundo tomo de sua obra máxima, Schopenhauer distingue a música das outras artes pelo fato de que ela, segundo suas próprias palavras, "… age (*einwirkt*) diretamente sobre a Vontade, ou seja, age sobre os sentimentos, as paixões e as emoções do ouvinte de maneira que ela rapidamente os aumenta ou, senão, altera-os". Tal afirmação, porém, parece encontrar-se em flagrante contradição com um princípio básico da estética schopenhaueriana: o da serena inamovibilidade da Vontade como condição da experiência estética. Em minha opinião, o impasse só pode ser contornado se levarmos em conta que o silenciamento, ou aquietamento da Vontade pressuposto nessa experiência surge exatamente quando o objeto belo deixa de agir *como motivo* sobre a vontade individual de seu contemplador, o que deixa em aberto a possibilidade de uma sua afecção de outra natureza. Estaria então a experiência estética vinculada a alguma forma de afecção da Vontade diversa daquela despertada pelos *motivos*? Em meu trabalho respondo de forma afirmativa a essa questão para o caso específico da música. Para tanto, parto de uma interpretação particular da conhecida afirmação do filósofo segundo a qual a música *representa a Vontade* e de uma análise da experiência do sublime, para então empreender uma reflexão sobre o lugar ocupado pela *melodia*, enquanto *bela forma*, na filosofia schopenhaueriana da música, levando em consideração o papel que essa filosofia atribui ao fenômeno da *dissonância* na percepção melódica.

Márcio Benchimol Barros é docente do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual Paulista (UNESP), sediado na cidade de Marília (São Paulo, Brasil).
E-mail: benchimolbarros@gmail.com

Margarida Teixeira Neves

(Universidade de Coimbra, PT)

A técnica como porta de entrada para a música – discussão crítica com a noção adorniana de "interpretação musical dialéctica"

A comunicação apresentará um estudo, no âmbito da Filosofia da Música, que explora a problemática da relação entre partitura ou texto musical, intérprete e interpretação.

Posicionaremos a nossa reflexão do ponto de vista da técnica (*métier*, *tekhne*), aqui entendida enquanto destreza, perícia ou capacidade para realizar as acções específicas que a execução de um texto musical determina.
A relevância da questão técnica, quando se trata de estudar filosoficamente a tensão constitutiva da relação entre intérprete e texto musical, é aqui tomada como basilar. Colocamos a hipótese da *técnica como porta de entrada* para essa relação entre intérprete e partitura. Hipótese que será considerada discutindo com o pensamento filosófico de Theodor W. Adorno a respeito da música. A noção adorniana de "interpretação musical dialéctica", bem como a estrutura do seu mecanismo, uma e outra apresentadas nas notas, rascunhos e esquemas que Adorno deixou para uma teoria da interpretação musical, serão particularmente prestáveis ao nosso estudo. Assim, à dialéctica entre medida, idioma e gesto, proposta pelo filósofo alemão para pensar a interpretação musical de uma partitura, articularemos a particularidade da questão da técnica nessa interpretação.
Por um lado, parece-nos importante esta reflexão dialógica com Adorno pois a questão da técnica (no sentido aqui utilizado) é fugaz no seu pensamento filosófico sobre música. Apesar de apresentar a técnica como "constitutiva para a arte" na sua *Teoria Estética*, as referências de Adorno à técnica quando estuda a especificidade da interpretação musical são escassas e acessórias. Por outro lado, pensar a técnica na relação entre músico e partitura é abrir caminho para reflexões mais amplas sobre a relação entre *o intérprete* e *o texto*. A técnica na leitura e no estudo de um texto filosófico, por exemplo, poderá ser menos aparatosa que a técnica do músico virtuoso, mas está tal-qualmente presente, em primeira instância, na relação entre o estudioso e o texto.
Argumentaremos assim, no estudo aqui proposto, que a relação técnica é a relação mais imediata entre músico e partitura (entre intérprete e texto) e reconheceremos as implicações desta asserção para uma "interpretação musical dialéctica". Com a comunicação aqui proposta, procuramos trazer um contributo ao pensamento que na Filosofia da Música se faz sobre a interpretação.

Margarida Teixeira Neves é doutoranda em Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob orientação do Professor Mário Santiago de Carvalho (U. Coimbra) e co-orientação do Professor Jorge Salgado Correia (U. Aveiro). É membro colaborador da Unidade de Investigação & Desenvolvimento do Instituto de Estudos Filosóficos (U. C.), com interesse nas áreas da Filosofia da Música, Estética, Filosofia da Arte e Interpretação. É flautista, licenciada em Música (U. Aveiro), licenciada em Estudos Artísticos (U. Coimbra) e mestre em Ensino de Música (U. Aveiro). O seu trabalho de investigação sobre a interpretação musical no contexto da *Western Art Music* articula o pensamento filosófico e a prática performativa da música.

Maria Adelaide Pacheco
(Universidade de Évora, PT)

Confrontação e cuidado na era da técnica

Tomaremos como referência para pensar o tema enunciado no título dois grandes textos da filosofia contemporânea: a célebre narrativa que Hegel intitulou "Independência e dependência da consciência de si: Dominação e servidão" e inseriu como secção A do capítulo IV na *Fenomenologia do Espírito* e o ensaio "Construir, Habitar e Pensar", redigido por Heidegger em 1951 e publicado no volume 7 da *Gesamtausgabe*.
Tais textos, cuja leitura, parece, à primeira vista, apontar em sentido inverso, o primeiro proclamando a incontornável dimensão antropológica da confrontação, o segundo dizendo o ser do homem como destinado ao cuidado do habitar, têm em comum o facto de iluminarem duas facetas essenciais da experiência humana, e assim se instituírem a si mesmos como momentos fundamentais da tradição filosófica.
De facto, os dois pensadores instituíram categorias que mediatizam, quer queiramos quer não, a nossa relação com o presente e tais textos constituem um "ver prévio" que delimita as possibilidades de um ponto de vista sobre a técnica, que parece constituir o traço mais marcante da nossa época. Ela é pensada por Hegel como triunfo da vontade humana sobre a resistência da

matéria e promessa de emancipação e por Heidegger como *Ge-stell* ou "com-posição", que reduz o homem à sombria condição de *Bestand* ou fundo, mas o torna disponível para a esperança de salvação.
Deixando-nos conduzir por aquilo a que Ricoeur chamou a "flecha do sentido" de cada um desses grandes textos, queremos deixar aparecer as suas contradições essenciais, enquanto modos de pensar a técnica, mas também suscitar um diálogo entre eles e uma forma de negociação, fazendo aparecer explicitamente, como um terceiro interlocutor, o nosso próprio tempo.
De facto, o nosso tempo de leitores é o da velocidade que nos arrasta e envolve, criando a experiência do sem "distância"; todos estamos à mercê do tempo punctiforme e da descontinuidade das experiências fulgurantes que a "telemática" constantemente suscita. Proclamando-se a si mesmo como "fim da história", o nosso tempo apresenta-se como superação do tempo histórico e desarticulação da temporalidade da existência.
Queremos colocar à prova a nossa convicção de que os dois textos que constituem o objeto da nossa reflexão, na sua oposição, se constituem como poderosas reservas de sentido, sendo capazes de nos inspirar um "salto" em direção a nós mesmos e ao nosso tempo "próprio".

Maria Adelaide Neto de Mascarenhas Pacheco. Licenciatura em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; Mestrado em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; Doutoramento em Filosofia pela Universidade de Évora. Experiência profissional: 38 anos de lecionação de Filosofia e Psicologia no Ensino Secundário. Algumas publicações: Pacheco, Adelaide e Quadrado, Helga HooK (2008) trad. port. de Martin Heidegger, *Lógica. A pergunta pela Essência da Linguagem*; Lisboa, Gulbenkian. Pacheco, Adelaide (2015): *Linguagem, tradução e tradição. A recepção de Heidegger em português*, Lisboa, Nota de Rodapé Edições, Paris, 382 pp. [ISBN 978-989-20-5692-0, 382]. Pacheco, Adelaide (2008) "Linguagem e finitude: o ser para a morte em Heidegger", in Irene Borges-Duarte (org.), *A Morte e a Origem. Em torno de Heidegger e de Freud*, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. Pacheco, Adelaide (2014): Ciência, Técnica e Práxis, In Borges-Duarte, I. & Pardelha, I. (Org), *Fenomenologia e Ciência. Atas do IV Congresso Internacional da Affen-III Congresso Luso-Brasileiro de Fenomenologia*, pp 126-137, on-line em http://www.affen.pt/iv-congresso-internacional-da-affen.-iii-congresso-luso-brasileiro-de-fenomenologia.html. Pacheco, Adelaide (2015): "Facticidade e linguagem na leitura heideggeriana de Santo Agostinho", *Phainomenon – Revista de fenomenologia* (Lisboa), v. 24 (2012), Lisboa, FLUL.

Maria Alexandra Valadas

(Michigan State University, US)

"I am the world's wounds. My wounds become the world" – Vulnerability, Reflexivity, and Ontology

Vulnerability seems to be at the core of several philosophical discussions, which indicates the breadth and the complexity of the concept. However, contemporary debates on vulnerability usually underpin a negative interpretation of the term, focusing on one's susceptibility to harm and injury. In this sense, one's being is vulnerable in that one's existence is in question not just in the sense of being always open to some material destruction caused by uncontrolled physical forces, but also because one can fail to define oneself adequately, one can fail to achieve appropriate recognition from others, one can fall prey to domination from others, etc. But to be vulnerable is not always to be exposed to harm, but also to be open to becoming. This openness is a fundamental openness to oneself, to others, to the world. Vulnerability as openness can be uttered through the establishment of new meanings and relations, as an active process of engagement or entanglements based on our intercorporeality and interdependence as a fundamental feature of human subjectivity. To be vulnerable, then, is to be receptive to the impact and actions of otherness, but this receptivity is one in which the self is affected and affects the social world around. Thus, I will in this paper, particularly focus on how vulnerability is coextensive with our productive and creative openness to the world. Explicitly, I will maintain that vulnerability is not merely a property of subjectivity, but that both are

reflexively related through the intertwining and co-emergence of relations between self and other. By intricately relating subjectivity and vulnerability in a reflexive way, I reject the dualism that permeates the traditional articulation of both concepts. I will argue that vulnerability is inseparable from the capacity to do the things that are inherent to subjectivity, e.g., to define oneself, to gain recognition, to sustain freedom. Moreover, it is inextricably weaved with the ability to make sense of such processes. As such, it will be my contention that vulnerability operates in what are unavoidably contingent and changeable understandings of becoming and what is at stake within them – vulnerability is inseparable from the fact that we are always in the process of contestable interpretations of the world, of others, and of ourselves. We, as subjects, are composed through the relations we establish and the unknowing effects of these – *through becoming, we are vulnerable*. The ways we open ourselves to a complex and interdependent social world that marks us in acts of self-composition, imply repeated losses and consequent reconstructions – *through vulnerability we become undone and constituted again: we are*.
The social world, reflexively, will be affected, even if in a slight fold, a turn of a spiral, the smallest nuance, by the acts of the repetition of *Who 'am' I…How can I be recreated?* Vulnerability by being an unknowing openness of ourselves to some other creates an ontological insurgency that replaces a rigid perception of subjectivity.

Maria Alexandra Valadas is a Ph.D. candidate at the Michigan State University, USA, Fulbright scholar, whose research interest focuses on feminist theory, philosophy of risk and social and political philosophy informed by contemporary European philosophy. Her dissertation entitled *"More than my wounds" – Towards an ethics of vulnerability*, seeks to examine the relationship between vulnerability and risk, which charts new moral, political and epistemological terrains. Moreover, by placing different aspects of human vulnerability into context, she aims to develop an account of vulnerability that has import in applied settings, namely in medical frameworks. She has been awarded several fellowships, and her work has been presented at several international conferences.
E-mail: valadasm@msu.edu

Maria Assumpta Pimenta Dias Coimbra

(Universidade do Porto, PT)

Paradoxos e desafio(s) no modo de apropriação do espaço público na era digital

Ver resumo da sessão temática em **Paula Cristina Pereira**.

Maria Assumpta Pimenta Dias Coimbra é Doutorada em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Licenciada em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Mestre em Ciências da Educação e Pós-Graduada em Gestão da Formação e Administração Educacional pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Desde 2010 é investigadora integrada do Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (UI&D financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia) desenvolvendo a sua atividade de investigação, assim como o pós-doutoramento – *Interferência(s) das Tecnologias Digitais nos modos de existência humana* – no âmbito do GI "Philosophy and Public Space" (IF). Atualmente exerce o cargo de Diretora do Centro de Formação de Associação de Escolas Coimbra Interior.
E-mail: assumptacoimbra@gmail.com

Maria Constança Peres Pissarra

(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, BR)

A democracia em questão: um governo para um povo de deuses?

Na atualidade, a complexidade do significado da "democracia", cada vez mais nos oferece um vasto campo de reflexão na abordagem desse conceito a partir de autores muitas vezes opostos. Que há

uma democracia na Antiguidade e outra hoje, em termos cronológicos não há como negar. No entanto, não há apenas esses dois significados dessa forma de governo – o antigo e o contemporâneo – tampouco um único modo de empregar tal noção basta ver as controvérsias no uso diferenciado desse vocábulo em diferentes pensadores.
Assim, não proponho aqui percorrer a história do conceito, explorar suas descontinuidades e suas críticas mas, antes, fazer um recorte a partir do pensamento de um autor – Jean-Jacques Rousseau – defendendo a ideia de que ele pode nos guiar em uma reflexão sobre a democracia mesmo quando afirma que "*s'il y avoit un peuple de Dieux, il se gouverneroit Démocratiquement*" [Jean-Jacques Rousseau, *Du contrat social*, livro III, cap. IV, in *Oeuvres Complètes*, tomo III, 1964, p. 406]. Se uma primeira leitura poderia nos indicar um desinteresse pelo tema posto que a democracia não diria respeito aos homens, mas sim aos deuses, uma leitura mais atenta de dois dos seus conceitos, a saber, **soberania**, **vontade geral** e **interesse particular**, permite fundamentar a importância da contribuição do pensador genebrino a um tema ao qual não se dedicou explicitamente, mas muito pode nos auxiliar na compreensão dele. O primeiro, inovador, afirma a soberania como soberania do povo, o segundo afirma a liberdade política como obediência a vontade geral. E esse ideal inacessível aos homens – a democracia – distingue-se da soberania posto que é uma forma de governo.

Maria Constança Peres Pissarra. Professora do Departamento de Filosofia da PUC-SP. Vice-Diretora da ABES – Associação Brasileira de Estudos do Século XVIII. Presidente do CER – Centro de Estudos Rousseau do Brasil.
E-mail: mcpp@pucsp.br

Maria do Céu dos Santos Pires

(Universidade da Beira Interior, PT)

Aporofobia *e os desafios da ética* cordis *na era digital*

Em setembro de 2017 foi incluído no Dicionário da Real Academia da língua espanhola o termo *aporofobia*, que tinha sido cunhado, em 1990, por Adela Cortina. De facto, a filósofa espanhola pretendeu designar uma realidade cada vez mais presente: o medo e a aversão aos pobres, a rejeição de emigrantes e de refugiados, não por serem estrangeiros, mas por serem pobres. Esta forma de construção social discriminatória e intolerante expandiu-se nos últimos anos, como consequência da crise financeira e da ideologia neoliberal que destruiu o Estado social e culpabilizou os cidadãos, particularmente os pobres, pela sua situação. Incutiu-se na opinião pública a ideia de que a pobreza era resultado de "preguiça" e de mau uso de recursos, sendo inevitável. Deste modo, gerou-se antipatia, aversão e rejeição. Trata-se de uma patologia social, que se expressa num discurso de ódio face ao diferente, estigmatizando e destruindo, corrói a confiança e as relações interpessoais, e destrói as bases de uma sociedade equilibrada e justa.
Tendo como referência a obra de Adela Cortina *Aporofobia, el rechazo al pobre*. *Un desafío para la democrácia*, pretendo, nesta comunicação, refletir sobre as novas formas de pobreza cuja origem se associa à era digital. Tomarei como ponto de partida uma breve análise do contexto onde surge o discurso do ódio e das possibilidades de erradicar esta patologia para, posteriormente, indagar sobre o modo como os princípios da ética *cordis* poderão ser pertinentes para o enfrentar dos desafios que a era digital coloca.
As novas realidades da inteligência artificial, da robótica, do "mundo virtual", contêm, potencialmente promessas de bem-estar, mas não deixam de levantar suspeitas sobre novos desafios, nomeadamente acerca de novos excluídos, de "novos pobres" e, portanto, de mais indivíduos e grupos para quem se dirige o discurso de "*aporofobia*". Sobre tudo isto, é urgente lançar o nosso olhar reflexivo. Os princípios da ética *cordis*, tal como Adela Cortina os concebe, serão um bom instrumento de trabalho.

Maria do Céu dos Santos Pires. Licenciatura em Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; Professora de Filosofia no Ensino Secundário, desde 1984; Doutoramento em Filosofia na Universidade de Évora, com a Dissertação "Justiça e Cuidado em Adela Cortina – contornos da ética num mundo global". Tem publicados artigos científicos na revista *Philosophica*, na revista de *Ciências Sociais da Universidade de Coimbra* e na revista *ex aequo*. É cronista regular nos jornais *Brados do Alentejo* e *Tornado*. Participou nas seguintes obras coletivas: – "*A dicotomia política esquerda-direita: a problemática da sua validade e atualidade*" (org. Victor Correia), Fonte da Palavra, set, 2012. – "*Marginalidade e alternativa – vinte e seis FILÓSOFAS para o século XXI*", (Coordenação Maria Luísa Ribeiro Ferreira e Fernanda Henriques), Colibri, março, 2016. Autora das seguintes obras: – *Pão & Rosas – Exercícios de Cidadania*, Edições Colibri, 2012; – *Ética e Cidadania – um diálogo com Adela Cortina*, Edições Colibri, 2015; – *Mulheres (de) Coragem. Por um mundo mais justo*, Edições Colibri, junho, 2018. Colaboradora do Pólo de Évora do Centro de Investigação "PRAXIS – Centro de Filosofia, Política e Cultura" da Universidade da Beira Interior.
E-mail: ceupires@gmail.com

Maria Joana Vilela

(Universidade Nova de Lisboa, PT)

Ver as coisas como elas são – Wittgenstein: regras e naturalidade

Embora pesem, quando se procura compreender o que significa para o autor "ver as coisas como elas são", sobretudo os textos da segunda parte da obra de Wittgenstein, indentificar-se-ão algumas aproximações a esta forma de olhar da filosofia desde o *Tractatus*. Com efeito, se considerarmos, por exemplo, a última asserção do texto, "Acerca daquilo de que se não pode falar, tem que se ficar em silêncio" (*TLP*, §6.54), ou a descrição que Wittgenstein elabora em torno da estrutura lógica do pensamento e que faz, por via da *teoria pictórica da linguagem*, coincidir realidade e natureza (natureza como *quadro de referência*), dando margem para a interpretação de uma visão ontológica do conhecimento, podemos ver que uma perspetiva naturalista está presente desde muito cedo nas preocupações deste autor. Procurar-se-á mostrar que a aparente concepção ontológica não se confirma – até pelas asserções acerca do misticismo que encontramos no texto do *Tractatus* –, mas surge apenas como um momento no caminho do pensamento de Wittgenstein na compreensão do fenómeno da linguagem, mais concretamente como apresentação das "possibilidades dos fenómenos" e não dos fenómenos em si (*Investigações Filosóficas*, §90), o que subdetermina uma investigação gramatical dos conceitos a partir de uma "visão panorâmica" que permite "ver as conexões", como ele indica primeiramente nas *Observações sobre* O Ramo Dourado *de Frazer*. Argumentar-se-á a favor da tese de que esta virá a ser a principal ocupação da segunda fase da sua obra e, assim, o motor para o entendimento da linguagem como jogo social gramatical e como sistema de leis (naturais). Neste sentido, procurar-se-á delimitar os contornos da autonomia da linguagem no âmbito do pensamento wittgensteiniano, refletindo sobre o desenvolvimento antropológico e social que, nessas circunstâncias, se revela no seio da gramática, ponderando igualmente sobre os perigos do conceito de *lei natural* no âmbito conceptual de termos como *vontade (ação)*, *desejo (imaginação) e certeza* na filosofia de Wittgenstein, em comparação com determinações contemporâneas destes temas e assim, de algum modo, procurando apurar o contributo da proposta wittgensteiniana não só para um melhor exercício da filosofia mas também para um mais profícuo entendimento do conhecimento moral, estético ou científico.

Maria Joana Vilela é membro do núcleo de investigação do IFIL NOVA – Instituto de Filosofia da Nova, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa –, onde desenvolve a sua tese de doutoramento em Filosofia do Conhecimento e Epistemologia, sob orientação científica do Professor Doutor Nuno Venturinha e em torno do tema "Wittgenstein e as Possibilidades de uma Epistemologia Naturalista". O seu trabalho estende-se ainda ao encontro teórico com o exercício das artes (visuais), através da publicação de textos sobre o trabalho de alguns autores e sobre o fazer artístico ele mesmo, já que entende também a estética como um fenómeno a determinar-se no âmbito epistemológico no sentido em que o investiga.
E-mail: mariajoanavilela.filosofia@gmail.com

María José Guerra Palmero

(Universidad de La Laguna, ES)

De la invisibilidad social a la injusticia epistémica: la ausencia de reconocimiento en Axel Honneth y Miranda Fricker

En la ponencia me propongo tratar las distintas aproximaciones a la negación del reconocimiento desde las obras de Honneth y Fricker. Para ello se van a aislar los mecanismos por los que, en contextos de injusticias estructurales, tal como las llamaba Iris Marion Young, se perpetúan las asimetrías sociales. Encontramos, en primer lugar, que la percepción social está determinada por los esquemas axiológicos que prestan visión, conocimiento y reconocimiento a unas personas instaladas en unas posiciones sociales y no a otras. Honneth refiere, los mecanismos por los que los roles de asistencia o servicios y las personas que los desempeñan son borrados del campo de visión aunque, efectivamente, estén ahí. La construcción del clasismo, el sexismo y el racismo incorporan estos mecanismos. Cuando los sujetos destinados a no ser vistos se hacen oír, la irritación por haber transgredido la norma tácita de la invisibilidad y el silencio se hace manifiesta dando lugar a la estigmatización de las personas "marcadas" por clase, sexo o raza-etnicidad que no responden a las expectativas sociales sobre su comportamiento discreto, silente y mesurado, esto es, ajeno a cualquier protagonismo. En segundo lugar, enfrentamos el asunto de la credibilidad asignada a los testimonios por parte de los autorizados a escuchar y juzgar de la mano de la epistemología moral de Fricker. Su descripción de la injusticia testimonial y de la injusticia hermenéutica sirven para elucidar la pregunta que Gayatri Spivak lanzaba: "Puede el subalterno hablar?" Hablar, efectivamente, puede, pero ser tomado en serio como informante acreditado y sujeto de conocimiento no. Irreflexivamente operan esquemas discriminatorios instalados que coordinan nuestras percepciones con las injusticias estructurales. El reto de estos mecanismos es que están naturalizados y normalizados, esto es, incorporados como *habitus* perceptivos a nuestras subjetividades, tal y como los ha descrito Pierre Bourdieu al precisar su concepto de violencia simbólica. Finalmente, reconsideraremos las aportaciones anteriores desde el punto de vista de las ambivalencias que, desde la invisibilidad, la estigmatización y la falta de reconocimiento, sufren hoy los migrantes en un contexto de hostilidad generada por los estereotipos manejados por los discursos políticos y mediáticos como bien ha explicado Nira Yuval-Davis. El reconocimiento es una de las caras de la justicia como Nancy Fraser nos advertía. Desvelar sus formas truncadas o fallidas es un requisito para una política inclusiva y democrática.

María José Guerra Palmero es Catedrática de Ética y Filosofía Política de la Facultad de Humanidades de la Universidad de La Laguna y Presidenta de la Red Española de Filosofía. Asimismo, es la Subdirectora de Doctorado en su universidad. Es Investigadora Principal del Proyecto de investigación "Justicia, ciudadanía y vulnerabilidad. Narrativas de la precariedad y enfoques interseccionales" (FFI2015-63895-C2-1-R). Ha realizado estancias de investigación en la New School of Social Research (New York University, 1997), en el Center for European Studies (Harvard University, 1998) y en el Institute for Environment, Philosophy and Public Policy (Lancaster University, 2005-2006). Entre sus últimas publicaciones destacamos la edición, junto a Arantxa Hernández Piñero, de *Éticas y políticas de la alteridad* (Plaza y Valdés) y la publicación de *Habermas. La apuesta por la democracia* (2015). En 2017, junto a Genoveva Roldán y Nancy Pérez, editó *Las Odiseas de Penélope. Feminización de las migraciones y derechos humanos* (México, UNAM). Sus líneas de investigación incluyen la teoría ética y política contemporánea, los estudios de género y la teoría feminista y las éticas aplicadas.
E-mail: mjguerra@ull.es

Maria José Varandas

(Universidade de Lisboa, PT)

Sobre a consideração moral da natureza

Esta minha reflexão sobre a consideração moral da natureza inicia-se com dois argumentos clássicos da ética ambiental que, alertando para a escalada da pressão humana sobre o ambiente, mostram a necessidade de repensar a relação do humano com o mundo natural. A meu ver, a ética da terra de Aldo Leopold, secundada por John Baird Callicott e Holmes Rolston III, é a abordagem de ética ambiental que, ao postular uma compreensão mais alargada do universo de consideração moral, lança as bases para um novo paradigma ético, no qual o humano, como membro responsável da comunidade biótica, tem a obrigação de manter a sua integridade, equilíbrio e beleza.

Maria José Varandas. Doutoramento em Filosofia, na área de especialização de Filosofia da Natureza e do Ambiente, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Membro do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. Sócio Fundador da Sociedade de Ética Ambiental (2000); seu Presidente no período de 2010 a 2016 e, actualmente, membro da Direcção. Publicação de livros e artigos, entre outros referem-se: *O Valor da natureza*, (2003), Lisboa: Apenas livros. *Éticas e Políticas Ambientais*, (2004), coord. Beckert & Varandas, Lisboa: CFUL. *Ambiente: Uma questão de Ética*, (2009), Lisboa: Esfera do Caos. *A Natureza: solo de Conjunção da Ética e da Estética*, (2016), Berlim: Novas Edições Académicas. *Pensar para o Outro, Desafios Éticos Contemporâneos*, Varandas et al (ed.), (2017) Lisboa:CFUL. 'Dilemas de Ética Ambiental' (2012) in Serrão, A. V. (coord.), *Manual de Filosofia e Arquitectura da Paisagem*, pp. 221-238. Lisboa: CFUL. 'Ecocentrismo, o lugar do êthos' (2013) in Beckert, C.et al. (coord.), *Manual de Ética. Teoria e Prática*. 509-526. Lisboa: CFUL. "As Raízes Europeias do Ambientalismo Norte-Americano: Rousseau no Novo Mundo", *Revista Perspectiva Filosófica*, Vol.1, N.º 39 (2013), pp. 123-138. 'The Land Aesthetic: Holmes Rolston´s Insight'. *Environmental Values* 42, (May 2015), pp. 209-226. "A Percepção estética da Natureza: Encontro, Presença e Liberdade", *Revista Portuguesa de Filosofia*, Vol.73, n.º 1 (2017), pp. 405-416.
E-mail: mariajosevarandas1@gmail.com

Maria Teresa Santos

(Universidade de Évora, PT)

Em defesa das humanidades e da democracia. O elogio de Martha Nussbaum a Matthew Lipman

A academia, corporativamente defensora da territorialidade filosófica, tem criticado a correlação entre "filosofia" e "crianças", argumentando que as características da filosofia se ajustam a uma razão madura na busca intencional de uma realidade com sentido. A academia reage à mimética do exercício filosófico (que se entende ter sido introduzida e cultivada por Lipman), a que falta a imanência dum pensar vital. Com uma outra perspectiva, não excludente dos diversos momentos e modos introdutórios do exercício filosófico, Nussbaum refere-se elogiosamente a Lipman, em *Not for Profit: Why Democracy Needs the Humanities*, considerando-o como o guia de um novo percurso, restaurador dos valores da pedagogia socrática e que permite à criança ser "active, critical, curious, capable of resisting authority and peer pressure" (2010:72). A referência explícita de Nussbaum a Lipman e à Filosofia para Crianças [FpC] num livro que questiona o rumo da humanidade e da sociedade levanta uma questão que se pretende abordar neste texto: como é que FpC contraria a "crise silenciosa" gerada pela educação lucrativa?; ou seja, como contribui para o desenvolvimento humano e para a efectividade da democracia? O método e o *curriculum* concebidos por Lipman, a partir de Pierce e Dewey, poderão responder parcialmente à pergunta.

Maria Teresa Santos. Docente de Filosofia no Departamento de Filosofia da Universidade de Évora. Investigadora integrada no CIDEHUS / Universidade de Évora.
E-mail: msantos@uevora.pt

Maria Luísa Ribeiro Ferreira

(Universidade de Lisboa, PT)

Três questões sobre ensinar e aprender filosofia no Ensino Secundário

Nesta intervenção propõem-se à discussão as três questões seguintes:
1. O que é hoje ensinar/aprender filosofia no Ensino Secundário?
2. Será que os alunos do Ensino Secundário gostam de filosofia?
3. O que é hoje ser professor de filosofia?

Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Professora Catedrática aposentada da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Publicou extensamente no país e no estrangeiro sobre Filosofia Moderna, Ensino da Filosofia e Filosofia no feminino (ed., *Marginalidade e Alternativa. Vinte e Seis Filósofas para o Século XXI*, Lisboa, Colibri, 2016). Entre outros projetos coordenou no Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa o projeto "Ensino/ Aprendizagem da Filosofia", do qual resultou a série de livros que co-editou: (ed. com A. Teixeira) *Ensinar e Aprender Filosofia num Mundo Digital*, Lisboa, CFUL, 2014; (ed. com A.P. Mesquita) *Ensino Público da Filosofia. Perspectivas Programáticas e Ideológicas*, Lisboa, CFUL, 2014; (ed. com M.J.V. Pinto) *Ensinar Filosofia? O que dizem os filósofos*, Lisboa, CFUL, 2013; (ed.) *Ensinar e Aprender Filosofia num Mundo em Rede*, Lisboa, CFUL, 2012.
E-mail: luisarife@sapo.pt

Marina García-Granero

(Universitat de València, ES)

El concepto de "raza" en el pensamiento de Nietzsche

El objetivo de esta contribución es analizar el significado de "raza" (*Rasse*) en los escritos de Nietzsche. Una búsqueda rápida en www.nietzschesource.org nos revela que el vocablo "raza" y sustantivos compuestos tales como "mezcla de razas" (*Rassenmischung*) aparecen más de trescientas veces. Ahora bien, Nietzsche no comparte en ningún momento una definición explícita de lo que entiende por "raza". El método que emplearemos a lo largo de la comunicación consistirá en recurrir a los numerosos pasajes en que Nietzsche emplea el término "raza" en relación con otros conceptos e ideas como "cría", "doma", "bestia rubia", "el buen europeo", etc. El mapa conceptual de estos términos revelará el papel concreto del concepto de "raza" en Nietzsche y sus significados más frecuentes.

En *Más allá del bien y del mal*, Nietzsche habla de "razas latinas", "razas trabajadoras", e incluso de "una raza filosófica", todos ellos usos que podrían ser fácilmente reemplazados por "culturas". No habla de "raza" como lo hacemos hoy en día, sino que emplea el término en un sentido amplio que designa la forma fisiológica que resulta de practicar una moral y una forma de vida determinada. No hay un uso de "raza" como un fantasma fijista o como una identidad inmutable. De hecho, Nietzsche creía en la posibilidad del progreso a través de la mezcla de razas, defendía la apertura hacia los extranjeros, criticaba la idea de una raza alemana homogénea y abogaba por la formación de razas heterogéneas como los "buenos europeos".

Sin embargo, esto no significa que "raza" debe entenderse de una manera meramente cultural. Como hijo de su tiempo, Nietzsche incorporó tesis del lamarckismo y estaba convencido de la heredabilidad de los caracteres adquiridos: «No es posible en modo alguno que un hombre no tenga en su cuerpo las predilecciones de sus padres y antepasados: y ello, digan lo que digan las apariencias. Éste es el problema de la raza» (*Más allá del bien y el mal*, §264). De acuerdo con Nietzsche, del mismo modo en que el cuerpo influye la psique, también es posible trabajar en el sentido contrario, cultivar el espíritu para conseguir resultados fisiológicos: educar en una configuración fisio-psicológica que capacite para percibir y pensar de otro modo, y convertirse en una raza de señores de la Tierra.

Concluiremos que el concepto de "raza" en Nietzsche debe ser entendido como un concepto perspectivista, que conecta estrechamente lo biológico con lo cultural.

Marina García-Granero es investigadora predoctoral FPU-MECD en el Departamento de Filosofía de la Universidad de València (España), donde realiza su tesis doctoral bajo la dirección del catedrático Jesús Conill. Ha cursado el Máster Interuniversitario en Ética y Democracia de la Universidad de Valencia y la Universidad Jaume I de Castellón, obteniendo el Premio Extraordinario de Fin de Máster, y también el Máster en Estudios Feministas, de Género y Ciudadanía de la Universidad Jaume I de Castellón. Ha sido Becaria de Excelencia de la Generalitat Valenciana, Becaria JAE en el Instituto de Filosofía del Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC-Madrid), Becaria de Colaboración del Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, y Becaria de Iniciación a la Investigación en la Universidad de Valencia. Investiga principalmente sobre la filosofía de Friedrich Nietzsche y su pensamiento en torno a la elevación o mejoramiento del ser humano, con especial atención a conceptos como "cría", "doma", "raza", "autosuperación", "dominio" o "pathos de la distancia". También investiga sobre teoría política feminista, en concreto sobre la crítica feminista del neoliberalismo. Entre sus publicaciones cabe destacar el artículo "Nietzsche y el mejoramiento humano. Reflexiones en torno a la noción de vida" (revista *Isegoría*, nº 57).
E-mail: marina.garcia-granero@uv.es

Marina Martins – Rosária Justi

(Universidade Federal de Minas Gerais, BR)

Analysing the relationships between students' argumentative reasoning and their views on nature of science

In the last two decades, there has been a large number of studies investigating possible relationships between students' learning of and about science and their participation in scientific practices, like argumentation. In most of them, the units of analysis are the arguments expressed by students, that is, the product of argumentation. Moreover, studies that investigate the relationships between arguments and students' views on nature of science (NOS) tend to identify which NOS ideas (from previously taught lists of NOS tenets) are expressed in students' claims or justifications.
In our view, due to their restricted focus and methodologies of data collection and analysis, none of the currently published studies have shed light on how students build and use their views of NOS to build and use their argumentative reasoning when discussing a socio-scientific controversy. In this study, we discuss relationships between the analysis of students' argumentative reasoning expressed in a socio-scientific debate and the analysis of their views about science. The argumentative discourse was analysed from a novel analytical framework developed from Walton's ideas, but focused simultaneously on the content of all types of argumentative sentences (arguments, conclusions, explanations, and questions) and on how such sentences were organised to meet specific purposes in the debate. By so doing, we were able to characterise and represent the whole argumentative process.
The students' views of NOS were identified from the analysis of their argumentative sentences in the light of a recently developed framework based on the recognition of the important roles played by several disciplinary areas related to science (mainly history, philosophy, economics, cognition, sociology, and psychology of science).
The sample was constituted by 15-17 years-old students who were divided into two groups to participate in a debate of a socio-scientific controversy. The data were collected from video-recording of the activity. Among other results, the analyses and the establishment of relationships between them show that students integrated – in particular ways – aspects from distinct disciplinary areas of science (i) in argumentative sentences; and (ii) when connecting them for specific purposes in the argumentative dialogue (like to express a given idea in a convincing way or to attack a sentence or a group of sentences expressed by the other group). Our results also support the

discussion of the advantages and limitations of the integration of the analytical frameworks, as proposed in this study, to analyse regular educational contexts.

Marina Martins has a degree in Chemistry from the Federal University of Ouro Preto (UFOP), a Master in Education from the Federal University of Minas Gerais (UFMG), and is currently a Doctorate student in Education from the same university. She taught Chemistry in Brazilian high schools for four years. She is also a member of "REAGIR – Modelling and Science Education Research Group". Her themes of interest are: nature of science, argumentation, modelling and teachers' education.
E-mail: marina.r.martins@hotmail.com

Rosária Justi is a professor of Science Education at the Federal University of Minas Gerais, Brazil, where she coordinates the "REAGIR – Modelling and Science Education Research Group". She has a PhD in Science Education from the University of Reading, U.K. She is one of the Associate Editors of the International Journal of Science Education, and the Editor-in-Chief of the Brazilian Journal of Research in Science Education. Her current research interests are: modelling-based science teaching, scientific practices, history and philosophy of science in science education, and teachers' education.
E-mail: rjusti@ufmg.br

Mário Carneiro

(Universidade de Lisboa, PT)

Ética e Pensamento em Fidelino de Figueiredo

Fidelino de Figueiredo (1888-1967) nasceu e morreu em Lisboa. O seu imenso labor intelectual, em particular o de professor e de ensaísta, foi desenvolvido essencialmente em Portugal e no Brasil — ainda que tenha proferido conferências e leccionado em vários outros países, entre os quais: Estados Unidos, México, Cuba, Espanha e Checoslováquia.
Da sua extensíssima obra, que abarca e relaciona diferentes domínios, como os da Literatura, Filosofia e História, proponho-me abordar a relação que este autor estabelece entre ética e pensamento.
Será a partir da obra *O Dever dos Intelectuais*, de 1936, e da elucidação dos conceitos de *dever* e de *intelectual* que serão desenvolvidas considerações acerca do exercício do pensar, como era visto por Fidelino e como hoje poderá ser visto, na sua dimensão especulativa e na sua dimensão ética e práxica. O exemplo de Santo Agostinho servirá de arquétipo para esta reflexão.

Mário Carneiro. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. Investiga o pensamento filosófico português, com incidência nas obras de autores dos séculos XIX e XX. Tem livros e artigos publicados, em particular sobre o pensamento de Fidelino de Figueiredo, e integra o seu estudo no labor de análise e interpretação do pensamento filosófico produzido pela cultura portuguesa. Colabora com o Instituto de Filosofia da Universidade do Porto e com a Cátedra Fidelino de Figueiredo da Universidade do Estado da Bahia.
E-mail: mcarneiro@letras.ulisboa.pt

Mário João Rosas Rebelo Correia

(Universidade do Porto, PT)

Francisco Suárez e a suficiência das categorias

A questão da justificação da lista aristotélica de categorias é um dos assuntos nos quais se pode encontrar mais diversidade de opiniões na tradição escolástica. Nesta tradição, pelo menos desde Roberto Kilwardby que se verificam tentativas gradualmente mais sofisticadas de estabelecer critérios que mostrem que a lista aristotélica não é uma mera enumeração rapsódica. Muitas dessas tentativas instituem procedimentos análogos ao modo como Kant pretende fazer derivar categorias

de formas do juízo. A par destas tentativas, outras vozes pretenderam mostrar, por vezes, que a lista devia ser reduzida (Henrique de Gand, por exemplo); por outras, que há uma necessidade de distinguir as categorias enquanto predicáveis lógicos das categorias tomadas enquanto dez modos de ser irredutíveis (Duns Escoto, entre outros); por outras, que se trata de uma mera enumeração à qual se poderiam acrescentar outras no caso de haver a necessidade de um novo modo de predicar (João Buridano). Francisco Suárez, na disputação XXXIX das *Disputationes metaphysicae*, recebe a influência desta controvérsia riquíssima e tenta formular a sua própria resposta ao problema.
Com esta comunicação, pretende-se dar conta da resposta de Suárez em dois pontos: 1) de que maneira interpreta os autores que invoca; 2) que estratégias utiliza para estabelecer a suficiência do aparato categorial aristotélico. Suárez começa por mostrar que há uma diferença entre o modo de pensar as categorias a partir da conveniente disposição de um predicamento sob um género supremo, a saber, o modo lógico, e o modo de pensar as categorias enquanto *rationes* e essências próprias das coisas. De seguida, defende que num certo sentido a divisão do acidente em nove categorias não é imediata, uma vez que estas partilham propriedades entre si, levando a que seja possível agrupá-las; contudo, noutro sentido, pode afirmar-se que se trata de uma divisão imediata por terem uma diversidade primária entre elas. Depois de elencar problemas específicos de possíveis reduções da lista aristotélica e de apresentar uma história do problema desde o *Sofista* de Platão, passando por Simplício, Tomás, a tradição escotista, entre outros, Suárez observa que a chave do problema está no estabelecimento do grau de distinção necessário a um acidente para que este possa ser considerado primariamente diverso relativamente aos outros.
O tratamento de Suárez é um ponto de chegada de uma longa discussão. Assim, é mister compreender a sua posição para que se tenha uma imagem rigorosa do desenvolvimento do problema das categorias ao longo do pensamento escolástico.

Mário João Rosas Rebelo Correia é Mestre em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2015), com uma dissertação sobre Gomes de Lisboa que inclui a edição e tradução da *Questio perutilis de cuiuscumque scientie subiecto, principaliter tamen naturalis philosophie* de Gomes de Lisboa, entretanto publicada na coleção "Imago Mundi. Filosofia em texto e tradução", das Edições Afrontamento. É investigadro doo projeto «Edição Crítica e Estudo das Obras Atribuídas a Petrus Hispanus» e prepara na Universidade do Porto uma tese de doutoramento sobre o problema da suficiência e da derivação das categorias nas escolásticas medieval e tardia.
E-mail: mariojoaorrc@gmail.com

Masatoshi Sasaki

(National Institute of Technology, Kochi College, JP)

Die Möglichkeit der Dichtung im Zeitalter der Technologie

In der heutigen Zeit der Technologie bewegen wir uns überall und vor allem nach dem Prinzip der Nützlichkeit. In seinem Vortrag „Die Frage nach der Technik" sieht Heidegger den Menschen in der Struktur der modernen Technik ausschließlich dazu herausgefordert, das Wirkliche als „Bestand", d. h. Nützliches, zu bestellen. Mit anderen Worten: In der Struktur der modernen Technik wird das Wirkliche immer bloß als „Bestand" entborgen. Demgemäß hat der Mensch in der Struktur der modernen Technik keine andere Möglichkeit der Entbergung mehr, und er würde dann die Möglichkeit verlieren, sein eigenes Wesen zu erkennen, wonach er eigentlich etwas als solches entbergen kann. Darin hat Heidegger die Gefahr der modernen Technik aufgezeigt, und gerade dort hat er aber in der Kunst, vor allem in der Dichtung, eine Möglichkeit des „Rettenden", das den Menschen zum eigentlichen Entbergen erwecken kann, angedeutet.
Seinem Vortrag „Der Ursprung des Kunstwerkes" zufolge geschieht im Kunstwerk das Entbergen des Seienden, d. h. die Wahrheit des Seienden, und es zeigt sich das Wesen der Kunst als Dichtung im weiteren Sinne, d. h. als das lichtende Entwerfen der Wahrheit des Seienden. Da sich nun die Sprache als jenes Geschehnis zeigt, in dem für den Menschen jeweils Seiendes als Seiendes sich

erschließt, ist die Poesie als Dichtung im engeren Sinne, die sich in der Sprache ereignet, die ursprünglichste Dichtung im wesentlichen Sinne. Und der heideggerschen Erläuterung im Vortrag „Hölderlin und das Wesen der Dichtung" zufolge wird das Seiende in der Dichtung durch die dichterische Nennung mit dem wesentlichen Wort erst zu dem ernannt, was es ist. In der Dichtung wird das Seiende nämlich mit dem wesentlichen Wort als das Seiende als solches enthüllt.
Dieses Wesen der Dichtung können wir, meiner Interpretation nach, auch in der japanischen Dichtung *Haiku* erkennen. Obwohl seine Einstellung keine philosophische gewesen war, hatte der *Haiku*-Dichter Matsuo Basho (1644 – 1694) schon früher jenes Wesen der Dichtung, das Heidegger aufgezeigt hat, verstanden und selber in solcher Weise *Haiku*-Gedichte verfaßt. „Über die Kiefer soll man von der Kiefer als solcher lernen, über das Bambus soll man vom Bambus als solchem lernen." — Dieser Dichtungslehre Bashos nach soll ein *Haiku*-Dichter ein Ding unmittelbar anschauen und es mit eigenem, wesentlichem Wort ausdrücken und dadurch das Ding als solches im Gedicht entbergen. Mit anderen Worten: Ein *Haiku*-Dichter soll mit seinem eigenen Wort die Wahrheit des Dings im Gedicht verweilen lassen. Auch bei Basho zeigt sich die Dichtung qua poiēsis, wie Heidegger gesprochen hat, als die Entbergung, d. h. die Erkenntnis der Wahrheit des Dings bzw. Seienden.
In diesem Sinne könnte die Dichtung gerade im Zeitalter der Technologie, in dem man das Seiende bloß als Nützliches ansieht und es nicht als solches entbergen kann, zur Rehabilitierung der Möglichkeit der eigentlichen Entbergung des Seienden beitragen.

Masatoshi Sasaki. MA und Promotion (Universität Osaka, Japan). Studium der Philosophie an der Eberhard-Karls-Universität Tübingen (1996-1998), Assistent des Philosophischen Seminars an der Universität Osaka (2000-2002), Teilzeitbeschäftigter Lehrbeauftragter an Kobe College (2002-2005), Assistenzprofessor für Philosophie und Ethik an National Institute of Technology, Kochi College (seit 2005), Gastwissenschaftler an der Albert-Ludwigs-Universität Freiburg (2013).
E-mail: sasaki@gm.kochi-ct.jp

Matheus Malty Rubin

(Ruprecht-Karls-Universität Heidelberg, DE)

Pluralismo em conhecimento social. Uma análise da adoção do pluralismo em Helen Longino (2002)

Dentro da chamada guerra da ciência os partidos são vários. Porém, essa variedade não reflete uma boa razão. A filósofa Helen E. Logino vê uma dicotomia socio-racional na maior parte das discussões sobre filosofia da ciência, principalmente no que se trata sob o nome de sociologia do conhecimento científico e os debates ali centrados. Na tentativa de reconciliar ambos os partidos, Longino oferece em seu livro *The Fate of Knowledge* (2002) a sua tese de um conhecimento social, que quebra (entre outros) com o paradigma do *Sujeito* abstrato, ou universal, que se opõe a um abstruso objeto, uma proposição *p*, paradigma este que estrutura a dicotomia socio-racional. Levando em consideração tanto a normatividade conceitual de "conhecimento" (que difere-se de opinião), quanto as inegáveis contribuições pelo partido mais sociológico sobre a condição local da produção do conhecimento, Helen Longino amplia a área da filosofia da ciência com sua teoria do conhecimento não dicotômica, ao avançar a possibilidade de estudos científicos adotarem um método pluralista, sem infringirem o princípio unitário regulador da ciência.
Porém, a posição de Helen Longino com relação ao pluralismo me parece ser mais complexa do que um suporte expresso e irrefletido. Antes, em resposta à pressuposição de Philip Kitcher de que Longino defenderia um pluralismo tal, que possibilitaria as distinções e discussões sobre o papel de valores e interesses dentro da ciência, Longino replica que, uma vez a dicotomia socio-racional superada, passa a ser obseleta a adoção de um pluralismo ou monismo de forma normativa, ou seja, se *deve*-se adotar um ou outro. Porém, ao optar pelo caminho não dicotômico, uma das premissas (ou instantes constituintes deste caminho) é justamente pluralismo (p. 92). Como, então, podemos compreender ambas as alegações sobre pluralismo – um explícito descomprometimento, porém

também uma expressa adoção do pluralismo para superar a dicotomia – sem que implique-se aí uma contradição?

Matheus Malty Rubin. Estudante do primeiro ciclo acadêmico em Filosofia e estudos sulasiáticos na Universidade de Heidelberg Ruprecht Karls, Alemanha, desde 2014 conduz o bacharelado com focos abrangentes. Bolsista no programa PROMOS pela mesma universidade em Julho de 2018, agregou experiências em dois cursos de verão em áreas tão distintas quanto neurociência cognitiva e joguificação. Atualmente com interesse por filosofia da ciência, a gama do feminismo, filosofia indiana e, para além da filosofia, por suas intersecções, por exemplo, com estudos sobre pós-colonialismo, crítica literária, consciênica e experiências de transe.
E-mail: mt.malty@gmail.com

Mattia Riccardi

(Universidade do Porto, PT)

Há mesmidade para além da identidade. Uma defesa da leitura de "Um Objeto" do idealismo transcendental

A disputa acerca de como interpretar a distinção entre aparências e coisas em si permanece desde a publicação da Crítica da Razão Pura. As duas opções principais são as seguintes: (i) aparências e coisas em si são os mesmos objetos — leitura de "Um Objeto" (UO); (ii) aparências e coisas em si são objetos distintos — leitura de "Dois Objetos" (DO) (ver Ameriks 2003). Nas últimas décadas, a leitura UO tem ganho proeminência, sobretudo nas suas versões "metafísicas", como as de Langton (1997) e Allais (2004). Os defensores de UO costumam argumentar que aparências e coisas em si são os mesmos objetos na medida em que são numericamente idênticos. Recentemente, Walker (2010) e, em particular, Stang (2014) têm desenvolvido argumentos de grande impacto contra esta tese.
No meu artigo pretendo defender a leitura UO contra os argumentos de Walker e Stang. Vou assumir que tais argumentos conseguem mostrar que aparências e coisas em si não são numericamente idênticas. A minha estratégia consiste em mostrar que há um outro sentido, mais fraco do que a identidade numérica, em que aparências e coisas em si podem ser consideradas "as mesmas coisas". Vou desenvolver esta ideia por analogia com o caso da perceção. Vou concluir mostrando que a leitura proposta (i) bloqueia o argumento mais forte contra a leitura UO — o "argumento da identificação sincrónica" apresentado por Stang (2014) – e (ii) torna inteligível a aplicação da distinção kantiana em âmbito moral.

Mattia Riccardi é professor auxiliar no Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Desenvolve trabalho no âmbito da História da Filosofia Moderna e Contemporânea e da Filosofia da Mente. É investigadro integrado do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto.
E-mail: riccardi@letras.up.pt

Maximilian Kiener

(University of Oxford, GB)

Voluntariness and The Right to Withdraw Consent

It is axiomatic in medical ethics that individuals with the requisite decision-making capacities have the right to decide which available medical procedures to undergo. Informed consent is a means for exercising this right. It is a means by which individuals can grant their physicians permission to perform an otherwise illegitimate medical procedure. However, informed consent is only valid if it is given voluntarily. In this presentation, I will address the question as to which influences on a person's decision-making negate the voluntariness of her informed consent and, as a result, vitiate informed consent. Contrary to the majority view in the literature, I will claim that the extent to

which an influence affects a person's decision-making does not determine whether it negates voluntariness. Rather, as I shall argue, influences negate voluntariness if they are morally illegitimate according to a subset of the principles fundamental to the patient-physician relationship. I will support this novel approach to the voluntariness of informed consent with the following three-step argument based on the right to withdraw consent: (i) According to the right to withdraw consent, individuals are not obliged to continue to undergo a medical procedure they have consented to and are not liable to pay damages if they choose to end it. I will claim that the protection afforded by the right to withdraw consent is part of the requirement that consent be voluntary. Hence, influences compromising the right to withdraw consent also compromise the requirement that consent be voluntary. (ii) I will then argue that the extent to which an influence affects a person's decision-making does not determine whether it compromises the right to withdraw consent. (iii) Finally, I will infer from (i) and (ii) that the extent to which an influence affects a person's decision-making cannot, as a matter of consistency, determine whether it compromises part of the requirement that consent be voluntary. I will conclude by showing that what holds for part of the requirement that consent be voluntary also holds for this requirement as a whole and specify the significance of the moral legitimacy of an influence.

Maximilian Kiener. Currently reading for a DPhil (PhD) in Philosophy at the University of Oxford. Previously, completed the BPhil in Philosophy at the University of Oxford (graduate degree) and a BA in Philosophy and Public Law at the University of Regensburg. The main areas of interest are in moral and legal philosophy as well as the philosophy of action. Current research project focuses on consent and in particular on the requirement that consent be voluntary, also aims to explain voluntariness as a distinct category in the philosophy of action more generally. Over and above all the work in philosophy, is a Europaeum Scholar (www.europaeum.org) and interested in how to design the future institutional setup of the European Union.
E-mail: maximilian.kiener@philosophy.ox.ac.uk

Moisés Ferreira

(Universidade de Évora, PT)

Cultura e amadurecimento: E. Cassirer, D. Winnicott e a questão da construção de si

A comunicação proposta pretende elucidar algumas linhas de diálogo significativas entre a antropologia filosófica de E. Cassirer (1874-1945) e a perspectiva psicanalítica de D. Winnicott (1896-1971), atendendo em particular ao modo como ambos abordam o conceito de cultura.

A reflexão a elaborar começará, pois, por evidenciar a articulação entre as visões da cultura que Cassirer e Winnicott sustentam. De seguida, mostrar-se-á como a filosofia de Cassirer fornece à psicanálise de Winnicott uma base antropológica que lhe confere legitimação adicional do ponto de vista epistemológico. Essa base parte da posição segundo a qual, em resposta à questão kantiana "que é o homem?", Cassirer defende que do ser humano só se pode dizer que é um criador de símbolos, reconhecendo legitimidade unicamente à consideração filosófica da "função", e não já da "substância", na análise desse problema. De acordo com Cassirer, o homem encontra-se desde o início imerso no domínio do simbólico, antes de mais por intermédio da percepção, que consiste, segundo o seu ponto de vista, na primeira via de configuração simbólica da experiência. Através do conceito de "pregnância simbólica", o autor lança luz sobre aquilo a que chama o "valor de símbolo da percepção sensível". Esse primeiro nível de organização dos processos de simbolização será depois acrescido de um outro nível, no qual os mesmos se acharão já dependentes da mobilização da vontade e da deliberação. A cultura, em Cassirer, pode ser entendida como o resultado do entrelaçamento desses processos simbólicos de diversos graus de diferenciação e complexidade, inscritos naquilo que designa como "formas simbólicas".

Posteriormente, observar-se-á de que modo o conceito cassireriano de "fenómeno expressivo", referente à apreensão originária da realidade como algo interiormente animado, pode ajudar a compreender a descrição que Winnicott efectua do mundo mental do bebé no estádio da

dependência absoluta, dominado pela impossibilidade do estabelecimento de uma distinção entre realidade interna e realidade externa, entre eu e não-eu, e pela percepção daquilo a que Winnicott chama "objectos subjectivos".
Por último, desenvolver-se-á o argumento segundo o qual a teoria do amadurecimento de Winnicott, que valoriza a relação (em particular, a relação mãe-bebé) como factor impulsionador do desenvolvimento psicológico, permite perceber a ligação inextricável entre o factor relacional e os processos de criação simbólica, legitimando o primeiro como condição de possibilidade dos segundos. Partindo desse reconhecimento, tentar-se-á justificar a ideia de que a teoria do amadurecimento de Winnicott consegue, de maneira surpreendente, traduzir para o âmbito do desenvolvimento afectivo e identitário alguns dos conceitos fundamentais da antropologia filosófica de Cassirer.

Moisés Ferreira. Licenciado em Psicologia (2005), mestre em Criações Literárias Contemporâneas (2008) e doutor em Filosofia (2014) pela Universidade de Évora. Foi bolseiro de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (2009-2013), tendo desenvolvido no Instituto de Filosofia Prática/Pólo de Évora o projecto de doutoramento intitulado "A Liberdade do Sentido. O Simbólico nos Horizontes do Cuidar e do Curar". É, desde 2017, bolseiro de pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, realizando no LabCom.IFP com o projecto de investigação intitulado "Relacionalidade e Criação em Cassirer e Winnicott. Antropologia Filosófica e o Novo Paradigma em Psicanálise".

Monica Vasques Monteiro de Barros

(Universidade Federal de Juiz de Fora, BR)

A Filosofia do Direito sob a perspectiva fenomenológica

Apresentarei a Filosofia do Direito sob a perspectiva fenomenológica. O método fenomenológico busca descrever as essências objetivamente necessárias e as devidas conexões apriorísticas que ocorrem entre elas, assim no Direito investiga seu ser puro, independente de qualquer conceito jurídico posto. O Direito *a priori* é então uma descrição do ser do Direito, independente da subjetividade e do Direito positivo, é atemporal, puro, cognoscível apenas pela razão e independente de toda experiência, é condição de possibilidade do Direito positivo. Destacarei os trabalhos de dois fenomenólogos da primeira geração, membros do Círculo de Göttingen, estabelecendo assim as semelhanças e diferenças entre a conceito de Direito em *Os Fundamentos a priori do Direito Civil* de Adolf Reinach e os *Escritos filosóficos sobre o Estado* de Edith Stein. Tanto Reinach como Stein investigam a possibilidade de fundamentação do Direito a partir de uma atitude fenomenológica, buscando intuir sua essência. Reinach pretendeu demonstrar que as disposições legais, que pretendem definir um dever ser, são atos sociais governados por leis *a priori*. Stein começa pelo Eu em direção às relações sociais, a relação entre o Estado e o Direito, e amplia assim os horizontes filosóficos dessa temática, permitindo a introdução a uma das regiões ontológicas do mundo da vida. Embora Reinach e Stein apliquem ao Direito a teoria *a priori*, Reinach aprofunda sua pesquisa com maior destaque no âmbito do Direito Civil e Stein destaca a presença do Direito *a priori* na relação entre o Estado e o cidadão. Stein convida a examinar as distintas formas de convivência partindo do Eu, do Outro, da empatia, da massa, da comunidade, da sociedade e, enfim, do Estado e sua soberania. Acredita que a organização que respeita a pessoa se chama comunidade sendo esta uma forma estável que se estende à totalidade das formas possíveis de comportamento. A sociedade emerge da vida comunitária, onde indivíduos se reúnem para a realização de um fim e caracteriza-se pelo fato de seus membros assumirem responsabilidades recíprocas. O Estado é a consolidação dessas relações, uma realidade jurídica que cumpre atos livres, sendo este seu primeiro *direito puro*, o direito de legislar. A expressão 'direito' indica um 'estado de direito' que existe independentemente de qualquer ato de arbítrio e de ser reconhecido por alguém como direito vigente. Assim, a soberania surge como a condição *sine qua non* do Estado e a liberdade do indivíduo como condição que não pode ser dissolvida dessa relação.

Monica Vasques Monteiro de Barros. Mestranda na Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, Brasil. Áreas de interesse: Direito, Filosofia, Filosofia do Direito, Fenomenologia. Artigo: «Edith Stein e o Direito», *Revista Ética e Filosofia Política*, 2 (2017) 116-134. Apresentação de Trabalho-Comunicação: Adolf Reinach and the Idea of Law, 2018; Adolf Reinach e a ideia de Direito, 2017; Edith Stein e a ideia de Direito, 2017. Projetos de pesquisa: 2016-atual: Fenomenologia e Direito; 2017-atual: Realismo fenomenológico e filosofia prática.
E-mail: monicavasques37@gmail.com

Nélida Gentile – Rodolfo Gaeta – Susana Lucero

(Universidad de Buenos Aires, AR; Universidad Nacional de Lomas de Zamora, AR; Universidad Nacional de Luján, AR)

Naturalized Epistemology. Constructive Empiricism as a case study

The term “naturalism” appears with great frequency in contemporary philosophy. But the notion is applied to denominate so different views that it becomes difficult to precise its meaning. There is no consensus about whether it is a doctrine, a thesis, certain commitments, an attitude or an approach. It is usual to distinguish between ontological (or metaphysical) naturalism and epistemological naturalism. In this communication we will concentrate on the epistemological naturalism which is characterized as the thesis that philosophical research must pay attention to the methods and findings of sciences, such as psychology, anthropology and the neurosciences oriented by a cognitive and evolutionist perspective.

It is impossible to formulate necessary and sufficient conditions of applicability of the concept of epistemological naturalism, since there is a disparity of proposals on the subject. In the first part of this communication we try to identify a set of features that can provide a guide to use the concept. We believe that what marks the main differences among the authors is the kind of relationship between philosophy and science. Quine defended the idea of abandoning foundationalism, the ambition of justifying scientific knowledge upon philosophical principles: “Epistemology, or something like it, simply falls into place as a chapter of psychology and hence of natural science” (Quine 1969). His followers have defended naturalist thesis in several grades. Some prioritize science over philosophy (Maddy 2007); other seem to find a complementation between them (Kornblith 1999); and others hold a more moderate attitude, however, they still consider themselves naturalists (Goldman 1999).

The second part of the article is devoted to examining the relationship of van Fraassen`s Constructive Empiricism with Naturalism. He severely questions the thesis of some characterized naturalists but he agrees with other tenets of naturalism. In various articles he argues against the project of reducing philosophy to psychology and gives to philosophy the task of giving us an understanding of science. Nonetheless he recognizes some coincidences of his position with core ideas of naturalism, naming: a plain rejection of epistemological foundationalism and the adoption not a conception but a stance. We conclude that what brings him closer to naturalism is the conviction that only science can determine the scope of our sensory capacities and fix the notion of observability. So, in the debate between naturalists and non-naturalists van Fraassen`s philosophy may rescue the best of both worlds.

Nélida Gentile es Doctora en Filosofía por la Universidad de Buenos Aires (UBA). Profesora Titular Regular de Introducción al Pensamiento Científico en el Ciclo Básico Común (UBA), Profesora Adjunta Regular de Filosofía de la Ciencia en la Facultad de Filosofía y Letras (UBA) y Profesora Titular de Lógica y Metodología en la UNLZ. Es autora de artículos sobre temas de filosofía de la ciencia en revistas de la especialidad, co-autora de varios libros, entre ellos, *Modelos de explicación científica; Thomas Kuhn: de los paradigmas a la teoría evolucionista; Aspectos críticos de las ciencias sociales. Entre la realidad y la metafísica* y autora de *La tesis de la inconmensurabilidad: a 50 años de la Estructura de las Revoluciones Científicas*. Dirige proyectos de investigación subsidiados por la Universidad de Buenos Aires (UBA) y por la Agencia Nacional de Promoción

Científica y Tecnológica (ANPCyT). Ha sido *Visiting Scholar* en Department of Philosophy (Brown University) y ha realizado investigación en el Departamento de Filosofía I de la Universidad de Granada. Ha dictado conferencias y cursos de postgrado sobre problemas actuales de la Filosofía de la ciencia en varias universidades nacionales y extranjeras. Sus áreas de interés son la Filosofía de la Ciencia y la Historia de la Ciencia.
E-mail: nellygentile@gmail.com

Rodolfo Gaeta es Magister en Filosofía y Doctor en Filosofía. Es Profesor Emérito de la Universidad Nacional de Luján y Profesor Consulto por la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires. Se ha desempeñado como Profesor Titular de Filosofía de la Ciencia en la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires; Profesor Titular de Introducción al Pensamiento Científico en el Ciclo Básico Común de la Universidad de Buenos Aires y Profesor Titular en la Universidad Nacional de La Plata y en la Universidad Nacional de Luján. Dirige proyectos de investigación subsidiados por la Universidad de Buenos Aires (UBA), la Agencia Nacional de Promoción Científica y Tecnológica (ANPCyT) y la Universidad Nacional de Luján (UNLu). Es autor o coautor de numerosos artículos en revistas especializadas y de varios libros, entre ellos, *Nociones de Epistemología; Modelos de explicación científica; Lenguaje, identidad y necesidad; Thomas Kuhn: de los paradigmas a la teoría evolucionista; Imre Lakatos: el falsacionismo sofisticado y Aspectos críticos de las ciencias sociales. Entre la realidad y la metafísica*. Sus áreas de interés son la filosofía de la ciencia, la historia de la ciencia y la filosofía del lenguaje.
E-mail: rodygaeta@gmail.com

Susana Lucero es doctora en Filosofía por la Universidad de Buenos Aires. Actualmente se desempeña como investigadora en esta universidad y en la Universidad Nacional de Luján. Es además Profesora Extraordinaria Consulta de la Universidad Nacional de Luján (UNLu). Ha publicado numerosos artículos en revistas especializadas, nacionales e internacionales, así como capítulos de libros sobre temas de Epistemología, Metodología y Filosofía de la Ciencia. Es codirectora del proyecto de investigación "Representación, modelos científicos y el problema de la relación de las teorías con el mundo" (UNLu), Universidad Nacional de Luján e investigadora de proyectos subsidiados por la Universidad de Buenos Aires y por la Agencia Nacional de Promoción de la Ciencia y la Tecnología (ANPCyT). Es coautora de varios libros, entre ellos, *Modelos de explicación científica; Imre Lakatos: el falsacionismo sofisticado y Aspectos críticos de las ciencias sociales*. Sus áreas de interés son la Filosofía General de la Ciencia y la Filosofía de las Ciencias Sociales.
E-mail: susanalucero8@fibertel.com.ar

Nélio Gilberto dos Santos

(Université Paris 4 Panthéon-Sorbonne, FR)

Teleologia e Preservação na* Política *de Aristóteles

A noção de *Preservação* (σωτηρία), uma das ideias centrais – mas até aqui pouco tematizada por si mesma pelos estudiosos – na filosofia natural de Aristóteles, e particularmente na sua teleologia, é bastante presente na sua *Política* [na sua forma verbal e nominal: σώζω e σωτηρία]. Nesse estudo pretendemos pôr em evidência alguns desses textos a fim de chamar a atenção sobre a importância e pertinência desse conceito nesse domínio prático da filosofia de Aristóteles que é a política.
Uma primeira observação nas ocorrências da noção de *Preservação* nos textos da *Política* nos leva, com efeito, a perceber claramente que, apesar de aparecer em todos os livros, ela intervém de maneira decisiva em dois níveis fundamentais e distintos da argumentação do filósofo. Em primeiro lugar, ela é determinante em nada menos do que na ideia da sociabilidade natural que origina a cidade que Aristóteles trata no primeiro livro (I, 2, 1252a 31; I, IV, 1254 b 13); em seguida, a noção de *Preservação* aparece de maneira particularmente importante no estudo posterior acerca da πολιτεία, sobretudo nos livro V e VI, um estudo que toma como perspectiva justamente a sua *Preservação* (V, 1, 1301a 19-25), definida ali como a grande tarefa do homem político (VI, 5, 1319b 33-35).
Tendo em vista tal relevância para a argumentação política de Aristóteles, essa utilização da noção de *Preservação* deve suscitar uma reflexão aprofundada sobre o papel que ela está ali

desempenhando. Com esse fim, a partir da leitura desses mesmos textos, duas questões se impõem ao nosso questionamento e determinam o presente trabalho. Não seria a *Preservação*, com efeito, um fundamento do pensamento teleológico que perpassa todo o domínio político, e que nos ajuda a melhor entender a particular interação entre φύσις e νόμος, ou ainda entre o racional e o biológico, que caracteriza o pensamento político de Aristóteles? Por outro lado, pretendemos mostrar que nessa mesma ideia de *Preservação* temos uma das chaves da especificidade aristotélica na abordagem da grande aporia política da relação entre indivíduo e comunidade, entre a parte e o todo.

Nélio Gilberto dos Santos. Doutorando na Sorbonne Universités, Paris IV, Centre Léon Robin. Licenciado em Filosofia na Universidade de Lyon, realizou seu Mestrado na Sorbonne, Paris IV, onde cursa atualmente o quarto ano do Doutorado sob a direção do Prof. Marwan Rashed, no Centro Léon Robin.
E-mail: ngilberto.dossantos@gmail.com

Niall Kennedy
(Independent Researcher, GB)

The Intercessor or Heteronym in Gilles Deleuze and Fernando Pessoa

Fundamental to the definition of the Deleuzian author in philosophy, literature, or cinema is the relationship between that author and a significant persona or character known as the 'intercessor'. Yet recent scholarship has not adequately defined the nature and role of this intercessor – a term Gilles Deleuze borrows from Pierre Perrault – and its relation to other, similar concepts such as the 'conceptual persona', the 'aesthetic figure', or the 'Original'. Scholars such as Charles Stivale view the 'intercessor' as a philosophical interlocutor who challenges and extends our ideas and 'falsifies' the common-sense presuppositions we hold to be true. By contrast, and with particular reference to the study of literature and film, Ronald Bogue or Bill Marshall prefer to focus on the deliberate employment of the power of the false, as the passage between the several constructed roles of the 'intercessor' character challenges our notion of fixed and stable identities and thus truth itself.
I intend to read this concept of the Deleuzian intercessor in conjunction with the writings of Fernando Pessoa, specifically with regard to the latter's employment of 'heteronyms'. While Pessoa has been studied at length within French philosophy – by such figures as Alain Badiou and Judith Balso – they have not attempted an analysis of his work in connection to Deleuze. In the Portuguese context more attention has been paid to the relations between Deleuze and Pessoa – notably by José Gil – yet a sustained reading specifically of the 'intercessor' via the concept of 'heteronym' has not yet been undertaken.
In this paper I will bring Deleuze's essays on literature – notably his work on TE Lawrence – into a productive communication with the shorter prose pieces of Pessoa, including his philosophical writings. I will argue that Pessoa's heteronyms provide a productive model for our understanding of the Deleuzian 'intercessor', particularly as regards their relation with the 'impersonal' or bachelor author who creates them, and thus offers valuable philosophical insight into the process of artistic creativity itself. By bringing together the heteronym and intercessor, I hope to further our understanding of the basis for literary, philosophical and artistic creativity in these two thinkers.

Niall Kennedy. Originally from Glasgow, Scotland, Dr Niall Kennedy is a recent PhD graduate of the Centre for Research in Modern European Philosophy (CRMEP) at Kingston University, London. The topic of his PhD thesis was 'Deleuze and the Author'. He is currently working as an independent researcher and hopes soon to publish an article on Gilles Deleuze and the visual artist. He is also working on a monograph proposal for Edinburgh University Press, which will use Deleuze's work as a resource for reproblematising the question of authorship in late twentieth-century French thought. He has frequently presented his work internationally, most recently at the 24th World Congress of Philosophy, held in Beijing, China, in August 2018.
E-mail: niall dermotmichael@hotmail.com

Nilo Casares

(http://comisario.net)

***El arte poscontemporáneo linda al este con la* flat-screen *y al oeste con la* Flat Ontology**

Esta ponencia de carácter ontoestético investiga la nueva relación categorial que surge con la avenida del arte poscontemporáneo, demostrando que se ha rebasado el arte contemporáneo al haber perdido presencia la categoría de lo irónico, sobre la que giró todo el arte contemporáneo. Si, en la historia de la humanidad, la era moderna comienza con la circunvalación de la Tierra y la contemporánea con el urinario de Duchamp, la poscontemporánea puede fijarse alrededor de 2004, con la aparición de la Web 2.0 y las *flat-screens* de nuestros telefonitos, que nos devuelven a una Tierra tan plana como esas pantallas que hoy lo gobiernan todo y determinan nuestra presencia en la realidad.

Con el apoyo de la Historia de la Filosofía, desde la arcaica a la coetánea de la *Flat Ontology*, se define el nuevo eje categorial poscontemporáneo y se caracteriza como lo bonito no cursi, ni *kitsch*, sino comprendido como lo sublime con modestia, más que la belleza de puntillas, en una realidad domesticada por el hombre; y muy a pesar de saber que solo nos aguarda la segura contingencia de lo acósmico.

Si nos encontramos ante un arte poscontemporáneo es porque niega su centralidad a la categoría de lo irónico para reposar en lo bonito, como trasunto de lo sublime que fue trágico.

Nilo Casares. Polígrafo, colaborador en prensa, investigador ocasional en el área de estética y teoría del arte, comisario, crítico de arte, promotor de arte digital y arte público, coordinador y director de actividades culturales, conferenciante, asesor artístico y jurado en concursos y premios de arte. Numerosos comisariados realizados a lo largo de Argentina, Australia, Chile, Canadá, Corea del Sur, Dinamarca, España, Estados Unidos de Norteamérica, Finlandia, Grecia, Italia, México, Portugal, Singapur, Sudáfrica, Suecia, Turquía y Venezuela. Impulsor, fundador y comisario de red(e).ib. Autor de los libros: *Valija Diplomática Low Cost. Low Cost Diplomatic Bag* (Dir.), Ediciones del comisario. Valencia. 2015. netart_latino database (Dir.) — con Giselle Beigelman, Laura Baigorri, Brian Mackern, Lila Pagola y Gustavo Romano. meiac. Badajoz. 2010. *Del net.art al web-art 2.0*, Institució Alfons el Magnánim. Valencia. 2009. *De memoria* (con Francis Naranjo), Ediciones/Metales Pesados. Las Palmas de Gran Canaria. 2009. informe. Gas Editions. Las Palmas de Gran Canaria. 2007. *Casa de citas/House of words*, Gran Canaria Espacio Digital. Las Palmas de Gran Canaria. 2006. *La restauración del significado. Arte, otra vez*, Institució Alfons el Magnánim. Valencia. 2004. *niuistmos ou labirinto. çopyright*. Pensamento, Crítica e Criação em Galego-português, nº 27. A Corunha. 1997.
E-mail: nilo.casares@comisario.net

Nuno Ribeiro

(Universidade Nova de Lisboa, PT)

Fernando Pessoa, Pascal e Novalis: Estética do sonho e criação heteronímica

A presente palestra visa elucidar as relações entre as noções de estética do sonho e de criação heteronímica, tendo por base um confronto entre os pensamentos de Fernando Pessoa, Pascal e Novalis. Ao longo da obra de Fernando Pessoa encontramos um conjunto de reflexões acerca do sonho que permitem estabelecer a conexão com as teorizações filosóficas realizadas sobre essa temática na obra de Blaise Pascal e nos escritos de Novalis. Com efeito, o interesse de Fernando Pessoa pelos pensamentos desses dois autores constata-se, desde logo, nos livros presentes na Biblioteca Particular do autor português, onde existem diversas referências bibliográficas de e sobre Pascal e Novalis. Entre essas referências verifica-se a existência de uma edição da obra *Pensées* do autor francês, correspondente a uma re-edição da versão de Port-Royal (de 1670), bem como um volume em tradução francesa dos *Discípulos em Saïs* de Novalis seguidos de uma selecção de *Fragmentos* desse autor alemão, nas quais encontramos considerações acerca do sonho que viriam a ter reflexo ao longo da obra de Pessoa. Esses livros, que se encontram sublinhados pelo autor

português, apresentam, para além disso, inúmeros elementos relativos à tematização da relação entre a questão do sonho e o problema da despersonalização que estão na base de importantes considerações relativas ao desdobramento heteronímico presentes nos escritos de Fernando Pessoa. De facto, ao longo dos textos pessoanos de teoria heteronímica, bem como nos fragmentos em prosa do *Livro do Desassossego* acerca do sonho, encontramos inúmeros elementos que nos possibilitam comprovar a importância da leitura que Pessoa fez da obra de Pascal e de Novalis. Assim, tendo por base um confronto entre as obras de Pascal e Novalis e as reflexões pessoanas acerca do sonho presentes no *Livro do Desassossego* e nos textos de teoria heteronímica, a presente palestra procurará clarificar de que modo a leitura dos *Pensées* pascalianos e dos *Fragmentos* do autor alemão se configuram como elementos importantes para a constituição de uma estética do sonho em Pessoa, assim como para a subsequente a criação heteronímica pessoana.

Nuno Ribeiro. Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – IELT, Instituto de Estudos de Literatura e Tradição – FCT, Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Nuno Ribeiro é especialista no espólio de Fernando Pessoa e pós-doutorando do IELT (FCSH, UNL), com uma bolsa (SFRH/BPD/121514/2016) financiada pela FCT, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, ao abrigo do FSE. É autor de inúmeras edições e estudos sobre a obra de Fernando Pessoa publicados na Europa, no Brasil e nos Estados Unidos. Coordena, em conjunto com Cláudia Souza, a «Coleção Pessoana» na Apenas Livros.
E-mail: nuno.f.n.ribeiro@gmail.com; nuno.f.ribeiro@sapo.pt

Nuno Venturinha

(Universidade Nova de Lisboa, PT)

Epistemological Vertigo and Morality

In *On Certainty*, Wittgenstein criticizes the response given by Moore to the sceptic as involving a misunderstanding of the social character of our language. When Moore's sceptic observes a tree and claims that she cannot be sure about the tree she sees, Moore is obviously right in saying that she must *know* it. But Wittgenstein's insightful point is that Moore's argumentation presupposes the intelligibility of the claim made by the sceptic, as if it could be a question of truth or falsehood. What Wittgenstein makes clear is that such a claim does not admit to be true or false like other claims. Wittgenstein's strategy is to ask how it would be if the sceptic were right in her doubt, something we cannot represent at all. His lesson is that the sceptic only pronounces an ontological suspicion but cannot assimilate what it involves in her own life. And this happens because a suspicion of this kind violates logical grammar, which, more than constituting a theoretical framework, is practically or societally based. The most forceful sceptic could still riposte that my certainty of there being a tree, as part of a communal background of certainties, is something I merely assume, and even if it does not seem possible to deny this, I cannot ultimately go beyond the simple admission of my *belief* in it. In fact, I cannot prove that I did not take drugs and am currently in a medical state that I do not even notice that I may be wrong about what I see. That is why Duncan Pritchard highlights Wittgenstein's recognition of "the groundlessness of our believing", speaking about an "epistemic vertigo", a residuum of scepticism that, even against our will, we cannot dismiss. Now, we have all been taught rules of conduct. But how did we learn an ethical principle? When my conscience tells me that I should not do, or should not have done, such and such, I am never alone in existence, as if I were making use of a private language. I cannot be fair or unfair only to myself given that my actions have repercussions in the world. What I do, right or wrong, in good will or in bad, I do it to other people, to the planet, etc. My goal in this paper is exactly to show that in a moral scenario there is no room for an epistemological vertigo.

Nuno Venturinha is Assistant Professor in the Department of Philosophy at the Faculty of Social Sciences and Humanities of the Nova University of Lisbon (NOVA FCSH) and a member of the Nova Institute of Philosophy (IFILNOVA), where he coordinates the Ethics and Political Philosophy Lab (EPLab). He has taught as a visiting

lecturer at the University of Lisbon and as a visiting professor at the Universities of São Paulo and Valencia. He was also a visiting researcher on various occasions at the Universities of Bergen, Innsbruck, Oxford, Cambridge and Helsinki. His current work concentrates on a variety of issues in epistemology and philosophy of language. He is the principal investigator of the FCSH-funded project *Knowing How to Act: Current Challenges in Moral Epistemology* and the FCT-funded project *Epistemology of Religious Belief: Wittgenstein, Grammar and the Contemporary World*. He is the author of *Description of Situations: An Essay in Contextualist Epistemology* (Springer, forthcoming) and the editor of *Wittgenstein After His Nachlass* (Palgrave Macmillan, 2010) and *The Textual Genesis of Wittgenstein's* Philosophical Investigations (Routledge, 2013).
E-mail: nventurinha.ifl@fcsh.unl.pt

Pablo B. Sánchez Gómez

(Universidad Nacional de Educación a Distancia, ES)

La traducción imposible en(tre) Heidegger y Derrida

En esta ponencia se quiere abordar el modo en que Heidegger y Derrida consideran en sus textos la tarea de la traducción y plantear así una confrontación entre ambos.
La traducción ocupa un lugar fundamental en la obra de Heidegger, quien no deja a lo largo de su obra de "traducir" y "dialogar" con el griego a través de las "palabras fundamentales" ("Grundworte") tales como "aletheia" ("Wahrheit"), "deinon" ("Umheimlich") o "logos" ("Versammlung"). Es por esto que Heidegger puede afirmar: "dime lo que piensas de la traducción y te diré quién eres". Por su parte, Derrida centra ya sus primeros estudios en la traducción de términos tales como la "Bedeutung" en Husserl (que traduce por "vouloir-dire") o la "Aufhebung" hegeliana (que Derrida traduce por "relève"), siendo una constante en toda su obra: como señala Derrida, "la cuestión de la deconstrucción es de un extremo a otro la cuestión de la traducción".
De este modo, tanto Heidegger como Derrida pretenden distanciarse de una traducción comprendida como "paso" entre las lenguas, lo que Jakobson denomina "traducción interlingüística" o "traducción propiamente dicha". En definitiva, de cierto "idealismo" que comprendería la traducción como el cambio de los significantes en favor de la conservación del significado inmaterial. De este modo, la cuestión fundamental sería: ¿podrían traducirse entre sí los textos de Heidegger y Derrida? ¿Dicen ambos "lo mismo" en torno a la traducción? ¿Traduce Derrida al francés el pensamiento de Heidegger, o más bien éste sólo puede leerse correctamente precisamente desde la obra de Derrida?
Así, se comprueba cómo a través de la cuestión de la traducción se puede presentar una confrontación entre Heidegger y Derrida que aporte la diferencia entre ambos, la diferencia precisamente que convierte sus textos en intraducibles entre sí. Y, sin embargo, esto no deja de señalar el punto central del pensamiento tanto de Heidegger como de Derrida: la tarea de la traducción como verdadera y única tarea del pensamiento. Una traducción interminable, imposible, irruptiva y creativa.

Pablo B. Sánchez Gómez. Graduado en Filosofía por la Universidad de Valencia (UV), Máster en Filosofía Teórica y Práctica (UNED), actualmente cursando estudios de doctorado en esta misma universidad bajo la dirección de la profesora Mª Cristina de Peretti Peñaranda. A lo largo de esta formación ha participado en congresos especializados en pensamiento heideggeriano y en la obra de Jacques Derrida, de lo cual dan constancia las elaboraciones de artículos en medios académicos dedicados a la obra de estos dos autores, siendo asimismo miembro del grupo de investigación "Estudio sistemático de las lecturas heideggerianas de Jacques Derrida. Confluencias y divergencias".
E-mail: pabersg@gmail.com

Patrícia Calvário

(Universidade do Porto, PT)

Experiência corporal da luz incriada e divina na* Defesa dos hesicastas *de Gregório Palamas

Alicerçando-se na certeza da incarnação e ressurreição do Logos, a escola hesicasta defende que também o corpo humano participa na união transformante com o divino, que, justamente, a união hipostática do Logos divino com a natureza humana, na incarnação, veio possibilitar. Também o corpo será semelhante a Deus. De que forma isto acontece e que características terá o corpo quando deificado?

Gregório Palamas é ambíguo no valor que atribui ao corpo. Por um lado, o corpo é *capax deificationis*, é capaz de portar em si o divino (exemplo da Theotokos ou a lenda de S. Cristóvão), por outro lado, diferencia em qualidade o ser humano do divino. Palamas afirma que os anjos estão mais próximos de Deus precisamente por serem incorpóreos, porém o ser humano é imagem mais perfeita de Deus que as criaturas angélicas…

O sistema de pensamento cristão depara-se com a dificuldade de articular a ressurreição com o fim último: a *theosis*. A dificuldade relaciona-se com o princípio da ressurreição da carne. O que significa neste contexto a ressurreição da carne? Significa que também a carne se irá unir ao divino e contemplá-lo? Como pode o ser humano atingir um estado de plena visão do divino sendo um corpo, ainda que transfigurado? A matéria e o corpo implicam o espaço. Como pode existir espaço em algo absolutamente incorpóreo? Por outro lado, para o divino ser visto com os olhos corporais é necessário que se torne circunscrito, pois como podem os olhos ver algo infinito e ilimitado? Estas são alguns dos problemas que perpassam toda a reflexão acerca da *visio Dei* no corpo ressuscitado.

Palamas e a escola hesicasta defendem a visão de Deus no corpo *in via*, através da experiência da luz incriada e divina. Existe já em Santo Agostinho um pequeno esboço de uma reflexão acerca da possibilidade de o ser humano ser capaz de ver Deus com os olhos corporais *in patria*. O sistema hesicasta, no entanto, rompe o véu que separa a eternidade beatífica da vida que há-de vir da vida *in via*, através da convocação para já, aqui, nesta vida, do que os santos irão experimentar plenamente na ressurreição. O divino dá-se ao corpo humano desde a vida terrena. O que significa que a matéria começa a ser "tocada" pelo divino *in via* numa espiritualização que terá a sua culminância *in patria*. Gregório Palamas refere-se a este processo como «absorção». Palamas esbate assim a distância entre Deus e as criaturas, entre o espírito e a matéria. É o que se pode concluir da alegada experiência corporal da luz divina pelos hesicastas.

Propomos expor os argumentos de Gregório Palamas em defesa da visão corporal do divino *in via* e mostrar como só se podem compreender no âmbito de uma nova metafísica da luz.

Patrícia Calvário. Desenvolve uma tese de doutoramento sobre a luz no pensamento de Gregório Palamas no Programa doutoral em Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Bolseira de doutoramento da FCT, é membro do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto.
E-mail: pcalvario@letras.up.pt

Patrícia Fernandes

(Universidade da Beira Interior, PT)

O que tem a filosofia a dizer sobre a tecnologia do controlo?

A tecnologia constitui um fator estruturante da modernidade. A própria ideia de progresso, tão cara à modernidade, faz-nos recuar a Francis Bacon e ao nascimento do espírito científico, direcionado para conquistas civilizacionais ímpares. As revoluções industriais que se seguiram à revolução científica despertaram, não só na filosofia mas também no meio artístico, uma fé inabalável no progresso e na melhoria inquestionável da civilização humana.

Mas como acontece com qualquer discurso, também o discurso hegemónico de crença no progresso produziu contradiscursos, quer na linha de Rousseau e do romantismo, quer nos movimentos anti-iluminista e decadentistas. O século XX foi especialmente pródigo em despertar a sensação de desconforto e desconfiança em relação às promessas tecnológicas. Logo em 1917, Einstein escreve a um amigo: "O nosso muito louvado progresso tecnológico, e a civilização em geral, podem ser comparados a um machado na mão de um criminoso patológico." – um vaticínio muito acertado daquilo que o seu próprio esforço científico produziria. E o final da primeira guerra mundial marcará o espírito de derrotismo e decadência face ao projeto da modernidade, agravado pela segunda grande guerra e o desvelamento do outro lado da moeda tecnológica.

Ainda assim, a narrativa do progresso parece não ter sido beliscada, assumindo, pelo contrário, novo entusiasmo, considerados os desenvolvimentos ao nível da inteligência artificial e, em especial, da internet. Estas novas tecnologias representariam o quão perto estamos da terra prometida. E nem os avisos precoces de Jacques Ellul, nem a violência de Ted Kaczynski levantaram mais do que um leve interesse pelos mais preocupados com o perigo tecnológico. Iniciado agora mais um século, os perigos da tecnologia digital têm-se tornado de tal forma evidentes, que deixou de ser possível ignorá-los: não só no que diz respeito ao comportamento humano, com os avisos quanto aos perigos do facebook pelos próprios responsáveis da empresa, mas também em termos cognitivos, como tem feito Nicholas Carr. Mas seriam as eleições norte-americanas a colocar no centro do debate os seus efeitos sociais mais nocivos.

O nosso objetivo passa, em especial, por direcionar a nossa atenção para a dimensão totalitária da tecnologia – para o modo como dissolve as fronteiras entre esfera pública e esfera privada, de tal forma que a ameaça de um Estado de controlo absoluto da população não é mais uma ideia imaginada por George Orwell. Considerando o perigo de caminharmos para uma sociedade de controlo a partir desta tecnologia de controlo, não deverá a filosofia ter algo a dizer sobre o assunto?

Patrícia Fernandes. Licenciada em Direito, pela Faculdade de Direito da Universidade do Porto, e em Filosofia, pela Universidade do Minho, prestou provas de doutoramento em Filosofia Política com a tese intitulada "A *parole* violenta e a política: estudo sobre o poder revolucionário da linguagem", no ano transato. É professora na Universidade da Beira Interior. Os seus interesses versam sobre linguagem e discurso políticos, democracia, bioética e tecnologia.
E-mail: patriciafernandes@protonmail.com

Paula Cristina Pereira

(Universidade do Porto, PT)

Democracia, sociedade civil e movimentos sociais

Sessão temática: *Philosophy and Public Space.*

Face à crescente desconfiança em relação às instituições jurídico-políticas das democracias contemporâneas, os fenómenos de desobediência civil, nas figuras da resistência e dos movimentos sociais, têm vindo a ganhar um papel de relevo na Europa, nos Estados Unidos da América e também no mundo não ocidental, como foi o caso da Primavera Árabe. Movimentos como o *15M* em Espanha, o *Occupy* nos EUA ou o *Não vai ter Copa* no Brasil procuraram através de manifestações de rua e reivindicações políticas chamar a atenção para a crescente desigualdade económica e social que se vem agudizando entre os povos e, dentro deles, entre ricos e pobres. Como reitera Eduardo Romanos, analista político dos fenómenos de desobediência civil, os movimentos sociais são agentes de democratização, no sentido em que não defendem uma rutura *tout court* com o regime democrático, ou o seu fim total, mas exigem o seu aperfeiçoamento, transformando-o, por sua vez, em formas mais participadas de expressão e de discussão que poderão, assim, reescrever o espaço político e social, renovando a problemática do direito à cidade (Lefevbre) face à violência das ordens dominantes (Harvey).

A deliberação, veiculada pela acção comunicativa, pretende aproximar as preferências individuais ao bem comum de modo a alargar a discussão e a torná-la mais permeável à prossecução da justiça global (Habermas; Honneth). A proteção das preferências individuais entendidas como sagradas e inultrapassáveis, e não passíveis da intervenção do Estado segundo algumas versões de liberalismo político, deve abrir espaço, no modelo deliberativo de democracia, ao encontro colectivo dessas preferências discutindo-as abertamente. Essa é a exigência da maior parte dos movimentos sociais: o aperfeiçoamento do processo democrático passando por uma maior e mais participada deliberação em busca do bem comum. Importante também é discutir, neste contexto, o modo como as tecnologias digitais contribuem para a ascensão de redes sociais diversificadas e na disseminação dos movimentos sociais, prática de uma cidadania digital que necessita ser analisada dos pontos de vista político, económico e sociocultural, dada a sua crescente proliferação nas sociedades e culturas tecnológicas. Urge reequacionar a democracia substantiva face aos procedimentos técnicos, reequacionar a dimensão do encontro no espaço público e, aí, o debate em torno da reconstrução do comum (Hardt; Negri; Fraser).

Paula Cristina Pereira. Professora do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Directora do Programa Doutoral em Filosofia e IP do RG Philosophy and Public Space do Instituto de Filosofia (UI&D/502/FCT). Membro de Conselhos Editoriais e Científicos de várias revistas nacionais e internacionais; integra a Comissão Científica da Coleção Editorial Le Verità Provisorie, Casa Editrice Volta la carta di Ferrara; investigadora da Red Iberoamericana Vida Cotidiana, Ética, Estética, Educación y Política. Professora convidada em Universidades estrangeiras (Brasil, Espanha, Grécia, Itália, Moçambique) e membro externo do Conselho de Ética e Deontologia da Universidade de Aveiro. Publicações (referem-se apenas livros): *Amor e Conhecimento. Reflexões em torno da Razão Pedagógica*, Porto, Porto Editora, 2000; *Do Sentir e do Pensar. Ensaio para uma antropologia (experiencial) de matriz poética*, Porto, Afrontamento, 2006; *A Filosofia e a Cidade* (org.), Porto, Campo das Letras, 2008; *Condição humana e condição urbana*, Porto, Afrontamento, 2011; A Filosofia e a Cidade, vol. II (org.), Porto, Edições Afrontamento, 2010; *Espaço público. Variações críticas sobre a urbanidade*, (org.), Porto, Afrontamento, 2012; *Corpo e Pensamento. Espaços e tempos de afirmação da vida na sua potência criadora* (coorg.), S. Paulo: HUCITEC Editora, 2017.

Paula Oliveira e Silva

(Universidade do Porto, PT)

Três perspetivas sobre autonomia: Suárez, Kant e Inteligência Artificial

A comunidade académica presta cada vez maior atenção à obra e teorias filosóficas de Francisco Suárez. Esse facto deve-se não apenas à passagem, em 2017, de mais um centenário da sua morte, mas sobretudo à consciência que se tem vindo a apurar de que as teorias deste filósofo, bem como de outros deste mesmo período que podemos designar como pré-moderno, de facto influenciaram aqueles outros que, nos séculos XVII e XVIII, foram agentes de transformações sem retorno para os destinos da razão ocidental.

No caso de F. Suárez, estudos recentemente desenvolvidos mostram a originalidade da sua interpretação acerca da estrutura do agir humano. Em alguns aspetos peculiares, como os limites da razão humana perante o absoluto (Oliveira e Silva, 2014) e a afirmação de que apenas o agente humano é determinado a agir por fins (Oliveira e Silva & Colmenarejo, 2018), verifica-se uma proximidade entre Suárez e i) as teorias kantianas da natureza metafísica do homem, apenas viável no domínio da razão prática; ii) a conceção kantiana da autonomia do sujeito, o único que pode construir um reino de fins.

Neste paper exploro estas duas conceções acerca do humano, a de Suárez e a de Kant, evidenciando as correlações e eventuais afinidades das teorias deste com relação àquele. Com base nestas conceções do humano, descrevo o modelo de autonomia do sujeito que lhes está subjacente e exploro a ideia de humanidade que lhe corresponde.

Por último, contrasto este conceito de autonomia humana com a possibilidade da autonomia produzida artificialmente e transferida para o mundo da «internet das coisas» (IT). Contrasto dois paradigmas de autonomia, a humana e a artificial, e evidencio alguns desafios éticos e políticos que a imagem de homem contemporânea enfrenta (Floridi, 2014; Floridi, 2015).

Paula Oliveira e Silva é professora Auxiliar no Departamento de Filosofia da Universidade do Porto. Doutorou-se em Filosofia com a tese *Ordem e Ser. Ontologia da Relação em Agostinho de Hipona*. É membro do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto desde 2009 e atualmente Diretora/Coordenadora Científica desta Unidade de I&D. O seu domínio de especialidade é a filosofia medieval e do início da idade moderna, principalmente na área da ontologia e da metafísica do homem. Nestes domínios tem publicado resultados de investigação quer em autores de tradição agostiniana, quer autores do período da designada escolástica peninsular. Mais informação: http://ifilosofia.up.pt/members/paula-oliveira-e-silva.
E-mail: pvsilva@letra.up.pt

Paul Michael Whitfield

(San Francisco State University, US)

On the Place of Kantian Intuitions in Debates About Nonconceptual Content

This paper combines a brief literature review with an argument. I argue that Kantian intuitions are necessarily synthetically structured. Kant's famous transcendental doctrine employs intuition as a metaphysical and scientific theoretical posit: in *The Critique of Pure Reason*, intuitions are meant to explain how we come to represent objects as spatiotemporally structured. Moreover, I suggest that certain contemporary accounts of mental content might return to Kant for insight, the synthetic structure of intuition both the crux of his Copernican Revolution and a highly original way to talk about representational mental content. To contextualize my argument, I first introduce two debates in professional philosophy: one debate is about nonconceptual content generally, the other is about Kant's opinion. I pay close attention to similarities between the debates. This leads to a discussion of the relation between sensations and intuitions and an argument for a characteristic difference as epistemic salience. I then introduce Dennis Schulting (2017) and his new interpretation of Kantian intuitions. Schulting's view is useful because he and I agree about what Kant meant by his concept of "synthesis" in respects that emphasize my view of Kantian intuitions. Schulting argues that Kant held a stance toward intuitions he describes as a moderate conceptualism, and helpfully positions his argument in the context of some prominent views (McDowell 1994 opposite Hanna 2005 and Allais 2009). I present textual evidence against Schulting's view, arguing it has no uncontroversial support, and further ground my criticism by suggesting a counterfactual reading of key passages of the *Critique*. I then present a comparative argument against his view on grounds of parsimony, arguing that the interpretation of Kantian intuitions as necessarily synthetically structured not only has more textual support but is also a simpler approach to the critical philosophy. Nevertheless, I point out that Schulting has grounds to understand Kant as countenancing nonconceptual content, like others. I evaluate two plausible lines of thought: first, that, for Kant, such content is a matter of the type of synthesis Kant takes as forming the representation and so drawn along a line between what he calls *intellectual* and *figurative* syntheses; second, that such content is drawn along a line between intuitions and sensations. I conclude connecting the two debates and my interpretation in a wider look at how Kant's Copernican Revolution might bring insight to representationalism in the philosophy of mind. I suggest that, given Kant's claim about intuitions being less *about* objects than *of* them (e.g., A112 compared to A90/B123), it is at least controversial to interpret him as a straightforward sort of representationalist about mental content. Kant is less committed to the close affinity between intentionality and representation many contemporary accounts maintain, and this *because* of his account of both synthesis and intuitions, and this weaker commitment has plausible advantages.

Paul Michael Whitfield is an MA affiliated with the Department of Philosophy at San Francisco State University. His research interests focus on the exegesis and historiography of Kant scholarship, particularly in relation to the concepts "sensation" and "representation" and with an emphasis on the contemporary influence of Wilfrid Sellars, though he has many philosophical interests, from feminism to cosmology, from analysis to the continent. He has given presentations on Aristotle and Kierkegaard, and recently published an article about the concept of "hospitality". This last Spring, he presented on 20th-century Portuguese Modernist Fernando Pessoa at a literature conference in Kentucky. This was a year after presenting on Pessoa at the 2nd Portuguese Congress of Philosophy in 2016 in Porto, where he characterized Pessoa's Baron of Teive in relation to the work of Schopenhauer and Camus. He's very happy to join the Congress again this year.
E-mail: hsrc.pmw@gmail.com

Paulo Alexandre Lima

(Universidade de Lisboa, PT)

Nietzsche: um conto de duas tragédias

Em *O nascimento da tragédia*, aparecem duas concepções diferentes de tragédia. Uma delas consiste na apresentação explícita, por parte de Nietzsche, do modelo ideal da tragédia ática, com o seu processo de formação a partir do fenómeno musical, a sua decadência no drama euripidiano e na ópera renascentista, o seu ressurgimento com a música de Wagner. A outra concepção de tragédia não é expressamente indicada por Nietzsche, mas corresponde a algo que subjaz, sem que Nietzsche se aperceba disso, à própria narrativa de *O nascimento da tragédia*, nos termos da qual o processo de formação da tragédia ática, a sua decadência e o seu ressurgimento equivalem, cada um deles, a *acontecimentos trágicos* e, na relação que estabelecem entre si, aos diferentes momentos de um todo cujo ritmo e dinâmica revelam o movimento de progressão de uma *única e global tragédia*.

Por um lado, a tragédia ática surge em *O nascimento da tragédia* enquanto modelo que Nietzsche elabora no sentido de o propor como o critério a partir do qual toda a tragédia poderá ser avaliada na sua autenticidade em cada uma das suas manifestações históricas. Segundo a concepção nietzschiana, o modelo da tragédia ática é aquilo que permitirá ao próprio Nietzsche declarar que o drama euripidiano e a ópera do Renascimento consistem em manifestações decadentes do verdadeiro espírito da tragédia e que a música wagneriana equivale a um ressurgimento desse mesmo espírito.

Mas, por outro lado, a tragédia não representa um conteúdo que Nietzsche explicitamente elabore e que proponha como modelo de avaliação das formas trágicas ao longo da história da cultura ocidental. Esta segunda modalidade de tragédia, que Nietzsche parece ignorar e cujo estudo não tem encontrado adeptos junto dos seus intérpretes, constituiu antes *o pano de fundo narrativo* de que as diferentes manifestações da tragédia na história do Ocidente são apenas *momentos*. Tal modalidade de tragédia representa *a própria forma trágica* do pensamento de Nietzsche sobre a história da tragédia e, nesse sentido, constitui *a modalidade fundamental de tragédia* no contexto global de *O nascimento da tragédia*.

A relevância de identificar estas duas concepções da tragédia tem que ver com o facto de que a segunda concepção como que *contradiz performativamente* a primeira. Por uma parte, o modelo da tragédia ática constitui o critério a partir do qual cada uma das fases da história da tragédia é avaliada ora positiva ora negativamente. Mas, por outra parte, a narrativa que resulta do percurso nietzschiano pelas diversas fases da história da tragédia é tal que parece *anular a própria resolução trágica* dessa história. O suposto ressurgimento do espírito autêntico da tragédia ática parece constituir uma espécie de *deus ex machina*, que subitamente salva o pretenso verdadeiro espírito trágico, porém contribui para anular o que corresponderia ao efeito autenticamente trágico da dor pela perda de uma verdadeira manifestação da tragédia na história. Se a tragédia euripidiana repugna a Nietzsche como a decadência do espírito trágico, a segunda concepção aqui apresentada é manifestamente *próxima da euripidiana*.

Paulo Alexandre Lima é Doutor em Filosofia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. É membro integrado do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa e Bolseiro de Pós-Doutoramento no projecto Experimentação e Dissidência. Fez investigação de Doutoramento na Universidade de Freiburg (Alemanha) e investigação de Pós-Doutoramento na Universidade de Utrecht (Holanda) e na Fundação Hardt para o Estudo da Antiguidade Clássica (Genebra, Suíça). Foi Bolseiro de Doutoramento da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, bem como Bolseiro de Pós-Doutoramento da Fundação Hardt para o Estudo da Antiguidade Clássica. Apresentou comunicações e publicou artigos sobre Hesíodo, Sófocles, Platão, Aristóteles, os Estóicos, Lucrécio, Crusius, Nietzsche, Heidegger, Bataille, Foucault, Eco, Girard, Derrida e Kittler.
E-mail: lima.pauloalexandre@gmail.com

Paulo Baptista Caruso MacDonald

(Universidade Federal do Rio Grande do Sul, BR)

As condições de inteligibilidade da classificação dos direitos subjetivos de W. N. Hohfeld

A classificação dos direitos subjetivos de W. N. Hohfeld enfrentou várias objeções em razão de duas estratégias interpretativas que parecem equivocadas. A primeira consiste em tentar compreendê-la com referência a teorias gerais sobre a natureza dos direitos subjetivos, principalmente no debate entre "teorias da escolha" e "teorias do interesse"; a segunda, em tentar aplicar as categorias para além das relações jurídicas que podem ser objeto de ação judicial. O presente trabalho tenta mostrar que, ao prescindir de tais estratégias interpretativas, a classificação de Hohfeld pode conservar seu potencial analítico ao mesmo tempo em que se torna imune às objeções. Para isso, propõe lançar um caminho interpretativo alternativo com base na ideia de personificação de Thomas Hobbes e na teoria do direito de H. L. A. Hart, com especial relevo para sua concepção de soberania.

Paulo Baptista Caruso MacDonald. Professor do Departamento de Direito Público e Filosofia do Direito e do Programa de Pós-Gradução em Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS – Porto Alegre). Graduação em Ciências Jurídicas e Sociais, e mestrado e doutorado em Filosofia pela UFRGS, este último com período de estágio na Universidade de Paris I – Panthéon-Sorbonne (Équipe NOSOPHI). LLM pela Universidade de Cambridge. Pesquisador visitante na Universidade Pompeu Fabra (Barcelona). Projetos de pesquisa nas áreas de Filosofia Política e Filosofia do Direito, com especial ênfase em teoria da justiça, da democracia, do direito subjetivo, do estado de direito e da argumentação jurídica.
E-mail: paulo.macdonald@ufrgs.br

Paulo Cesar Coelho Abrantes

(Universidade de Brasília, BR)

Imagens nas explicações do comportamento social humano

Nesta comunicação rastrearemos algumas imagens de natureza e de ciência envolvidas nas explicações do comportamento social humano e de sua evolução. O trabalho historiográfico de identificar as imagens implicadas, de forma frequentemente tácita, nas investigações científicas sobre a evolução da cooperação, permite melhor compreender a construção das explicações propostas e sua dinâmica.

Inicialmente, identificaremos a imagem de natureza "para o bem do grupo" expondo como ela guiou a atividade científica por décadas, pelo menos desde C. Darwin. Ele defendeu que características como a simpatia, a bondade, o sacrifício etc., podem proporcionar uma vantagem evolutiva para o grupo e, neste sentido, ser consideradas adaptativas. Tais características, embora tenham um custo para os indivíduos, diminuindo a sua aptidão, teriam evoluído por seleção natural em um ambiente

de competição entre grupos de hominíneos. Posteriormente, a imagem de que a seleção natural favorece comportamentos "para o bem do grupo" foi desenvolvida e formalizada por Wynne Edwards, que propôs que as populações de animais utilizam sinais hormonais e mecanismos sociais – como a defesa de território, hierarquias de dominação e agrupamentos –, que ajudam a regular a dinâmica coletiva e, assim, evitar o uso excessivo dos recursos disponíveis.
Essas idéias foram criticadas de modo contundente por G. C. Williams, que apontou para inconsistências no trabalho de Wynne Edwards. Para tanto, Williams propôs um princípio de parcimônia, que pode ser visto como uma imagem de ciência (enquanto uma concepção que os cientistas fazem da sua própria atividade e dos valores cognitivos que a regem). A partir de Williams, e com o influxo das contribuições de Hamilton e Trivers, entre outros, tornou-se dominante a imagem de que a seleção natural atua no nível mais baixo possível, configurando o que se conhece como o 'ponto de vista do gene', que foi difundida por Dawkins.
Recentemente, a imagem "para o bem do grupo" voltou a fazer-se presente, de forma modificada e melhor fundamentada, nas investigações sobre a evolução do comportamento social humano e nos debates filosóficos a respeito. Destacaremos as contribuições nessa direção feitas por Sober e D. S. Wilson que defendem, ao mesmo tempo, uma imagem de ciência pluralista nas explicações do comportamento social humano.
A imagem de que a seleção natural atua simultaneamente em vários níveis tornou-se central em teorias contemporâneas muito influentes a respeito da evolução da cooperação na linhagem hominínea, com a teoria da dupla herança proposta por Richerson e Boyd.

Paulo Cesar Coelho Abrantes é atualmente pesquisador colaborador sênior da Universidade de Brasília e foi professor titular do Departamento de Filosofia e do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade de Brasília até 2017 e pesquisador do CNPq até março de 2018. Ele é doutor em história e filosofia da ciência pela Universidade de Paris I (1985) e 'visiting fellow' do Centro de Filosofia da Ciência da Universidade de Pittsburgh. Realizou pesquisas de pós-doutorado na Research School of Social Sciences (RSSS) da Univerisdade Nacional Australiana e no Institut d'Histoire et de Philosophie des Sciences et des Techniques (IHPST) da Universidade de Paris I. Leciona e pesquisa sobretudo nas áreas de filosofia da ciência e de história da ciência. Nos últimos anos se tem dedicado à filosofia da biologia, em especial a questões filosóficas colocadas pela evolução humana. Entre as suas produções recentes destacam-se o livro *Método e Ciência: uma abordagem filosófica* (Fino Traço, 2013), a organização de um número temático da revista *Ciência e Ambiente* (n.48, 2014) sobre evolução humana, e o livro *Filosofia da Biologia* (segunda edição eletrônica de livre acesso, 2018).Várias das suas publicações podem ser acessadas no Repositório Institucional da Biblioteca da Universidade de Brasília no endereço: http://repositorio.unb.br/browse?type=author&order=ASC&rpp=20&value=Abrantes%2C+Paulo+Cesar+Coelho.
E-mail: pccabr@gmail.com

Paulo Fernando Rocha Antunes

(Universidade de Lisboa, PT)

Marx, o "caráter de fetiche/feitiço" e a sua tripla definição: com referência a De Brosses e a Freud

A proposta que aqui se apresenta procura recuperar sumariamente o que se entende como a tripla definição de "fetichismo" ou "feiticismo" (no final da comunicação veremos como melhor adequar estes termos) e proceder à sua circunscrição e distinção.
Apesar de um pano de fundo abrangente, vamo-nos debruçar mais detalhadamente sobre a maneira como Karl Marx (1818-1883, autor que celebra este ano o seu bicentenário de nascimento) definiu o conceito.
Marx desenvolve o conceito completo – "caráter de fetiche da mercadoria" (*Fetischcharakter der Ware*), abreviado para "fetichismo (ou fetiche) da mercadoria" – já numa fase avançada da sua maturidade teórica, fá-lo em *Das Kapital* (1867), num subponto no fim do 1.º capítulo do Livro I – *O*

caráter de fetiche da mercadoria e o seu segredo (*Der Fetischcharakter der Ware und sein Geheimnis*).
Neste sentido, pretendemos salientar e, igualmente, examinar o que de distinto, mas por sua vez enriquecedor para o mesmo, existe no conceito em questão, da maneira como foi compreendido pelo alemão – a saber, recuperado para um âmbito económico –, e como, por vezes, foi e é sujeito a omissões, bem como a entendimentos equivocados.
Para que se compreenda com maior propriedade a necessidade de se voltar a escrever sobre um tema tão rebatido, mormente com Marx como mote, observaremos *en passant* três dicionários. Desde já, os dicionários observados têm em comum – além de remeterem a palavra "fetichismo" para a sinonímia com "feiticismo" –, focar em exclusivo as outras duas definições do conceito: a de âmbito religioso, entendido essencialmente como "primitivo"; e, a de âmbito sexual, para o caso, de foro "patológico". O que se deve reter é que os três dicionários descuram a definição de âmbito económico.
Daí, é-se levado, precisamente, a examinar o significado que "fetiche" adquiriu com o autor que o cunhou – Charles de Brosses (1709-1777) –, a observar como este significado visava uma crítica de sentido religioso e apresentava uma dimensão essencialmente antropológica.
Mas, também, é-se levado a examinar o significado mais tardiamente adquirido – não obstante ter-se tornado o mais popular até aos dias de hoje – a partir de Sigmund Freud (1856-1939), a observar como este significado visava identificar desvios de ordem sexual-patológica e apresentava uma dimensão essencialmente psicológica.

Paulo Fernando Rocha Antunes. Doutorando em Filosofia Política Contemporânea pelo Programa de pós-graduação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, apoiado pelo orçamento comunitário através do FSE. Membro do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, integrado no Grupo de investigação PRAXIS e Núcleo de Estudos Políticos da Universidade de Lisboa. Membro do Grupo de Estudos Marxistas.
E-mail: pauloantunes@campus.ul.pt

Paulo Henrique Rodrigues Pereira

(Universidade de São Paulo, BR)

A Leitura de Hannah Arendt da Razão Reflexiva: elementos para reinterpretar a teoria moral Kantiana

O presente artigo pretende prover um elo de mediação entre a leitura de Hannah Arendt da Terceira Crítica Kantiana e as críticas que o pensamento de Kant tem sofrido sobre a ausência de elementos deliberativos para a racionalização ética através de sua noção de juízo reflexivo.
Focando primariamente na visão de Arendt da Terceira crítica como forma de filosofia política, busca analisar suas respostas para tão recorrentes críticas pela sua interpretação dos juízos estético e reflexivo e a noção de expansão da mente relacionada com a transposição de particular para universal.
Assim, focará em expor a análise de Arendt dos preceitos da faculdade de julgar e sua relação com particularidades deliberativas: a transição da disposição de leis morais da Razão prática para a agência da Faculdade de Julgar e como essa lida com o estabelecimento de um conhecimento a priori que se traduz em práticas moralmente orientadas e as decisões resultantes de um juízo efetivo.

Paulo Henrique Rodrigues Pereira. Doutorando em Filosofia e Teoria Geral do Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Possui Graduação (2009) e Mestrado (2015) em Direito pela mesma Universidade. Tem desenvolvido pesquisa nas áreas relacionadas à Filosofia do Direito, Filosofia Moral e História dos Discursos, com foco na relação entre Direito e Escravidão. É advogado, foi assessor especial do

Secretário de Justiça e Cidadania do Estado de São Paulo.
E-mail: paulohrpereira@usp.br

Paulo Vitorino Fontes
(Universidade de Évora, PT)

Reconhecimento e reconstrução normativa como teoria da justiça em Axel Honneth

Axel Honneth desenvolve o núcleo de uma teoria da justiça que procura especificar as condições intersubjetivas de autorrealização individual, ou seja, uma teoria da justiça que esteja vinculada não a modelos abstratos, mas a uma reconstrução das práticas e condições de reconhecimento já institucionalizadas, analisando as instituições sociais num sentido amplo. O Autor propõe a ultrapassagem do hiato entre uma conceção normativa da justiça e a análise sociológica das sociedades modernas, ao propor a reconstrução normativa e ao colocar a ênfase na liberdade social, baseada na dimensão intersubjetiva das instituições de reconhecimento. A liberdade social prevê o acesso às instituições de reconhecimento. O nosso objetivo é esboçar alguns problemas resultantes desse avanço interpretativo. Como aceder de maneira equitativa às instituições de reconhecimento? E serão essas instituições estruturalmente injustas? Eis ainda, pois, outro ponto problemático que repousa sobre a proposta de reconstrução do princípio normativo de justiça que guia as pessoas a participar das esferas de reconhecimento e cooperação, sem se colocar a questão se são intrínseca e estruturalmente justas. Como pensar a possibilidade de justiça ao participar nessas instituições?
Se nos países europeus a crise do estado de bem-estar demanda um retorno à discussão da questão social com um novo compromisso capaz de prevenir a desintegração social e a exclusão, no Brasil e noutros países do Sul as demandas são ainda mais prementes diante da desigualdade de recursos tanto materiais quanto simbólicos, que impedem de se aceder à busca por formas de igualdade vital e existencial. Assim, conforme indicado por pesquisas empíricas e teóricas, novos programas redistributivos poderão certamente contribuir nesse sentido, ao diminuir a pobreza e a desigualdade e garantir condições básicas necessárias para promover as lutas contra as desigualdades vitais e existenciais.

Paulo Vitorino Fontes é doutorado em Teoria Jurídico-Política e Relações Internacionais (summa cum laude) pela Universidade de Évora em 2016. Possui licenciatura e mestrado em sociologia pela Universidade dos Açores. É investigador do Centro de Investigação em Ciência Política da Universidade de Évora desde 2013. Tem como publicações mais relevantes: Fontes, P. (2018). "A luta pelo reconhecimento e o paradigma da dádiva. Uma proposta de articulação teórica" in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 33 n° 97 /2018: e339709; Fontes, P. (2017). "A cultura política dos/as jovens: sobre os movimentos alternativos na atual conjuntura" in Rocha, Gilberta. Gonçalves, Rolando & Damião de Medeiros, Pilar (org.). *Juventude(s): pensar e agir*. Ponta Delgada: Edições Húmus. Este livro foi objeto de avaliação científica; Fontes, P. (2016). "Cidadania global e os novos movimentos juvenis: lutas por redistribuição e reconhecimento" in Rocha, Gilberta. Gonçalves, Rolando & Damião de Medeiros, Pilar (org.). *Juventude(s): novas realidades – novos olhares*. Ponta Delgada: Edições Húmus. Este livro foi objeto de avaliação científica; Fontes, P. (2014). "Uma reflexão sobre o contributo de Axel Honneth para a transformação da teoria crítica" in Costa, Marta Nunes da (org.). *Teoria Crítica Revisitada – Critical Theory Revisited*. Braga: Universidade do Minho. Edições Húmus.
E-mail: pfontes@uevora.pt

Pedro Santos
(Universidade do Algarve, PT)

Embedded implicatures and globality

Attempts at accounting for so-called embedded conversational implicatures (CIs) come up against the basic problem of making sense of kinds of content that, despite being derived from *bona fide*

conversational implicatures, seem to be part of the literal meaning of utterances. The problem resists the conventionalist way out (championed, among others, by Chierchia and Levinson), which construes generalized CIs as not meriting the status of CIs proper, due to the fact that they are not genuinely *conversational*. One decisive drawback of this way of dealing with the puzzle is that *particularized* CIs, which could not credibly be conventionalized, display the same kind of puzzling embedding behavior as generalized CIs. In this talk I discuss Mandy Simons's and François Recanati's recent approaches to the conundrum. Simons assigns to embedded CIs the status of *bona fide* Gricean inferences, building on the distinction between embedded pragmatic *effects* and embedded pragmatic *computations* and claiming that the puzzle can be solved by the realization that only the latter phenomenon is really problematic and that embedded CIs are to be analysed as cases of the former rather than as cases of the latter. Recanati has (arguably, justifiable) qualms about this sort of approach and attempts to account for the phenomenon by dismissing (somewhat in the vein of the conventionalists) the very notion of an embedded CI as intrinsically incoherent. He purports to do this on the basis of a globality criterion on Gricean inferences that he argues cases of alleged embedded CIs only partially fulfil, so that they count as cases of Gricean inferences *latu sensu* (as, for instance, are cases of what he calls modulation) but surely not as genuine CIs.
Although I endorse Recanati's general take on the problem and in particular his thesis that genuine CIs cannot embed (unlike other kinds of pragmatic inferences), I claim that his globality criterion fails to systematically distinguish cases of modulation from CIs proper. Specifically, I claim that, contrary to what he claims, pragmatic inferences can be full-blown global even in cases where the pragmatic effect embeds and does not therefore count as a CI. I will, in particular, focus on the conditional case, which I argue provides convincing evidence for this.
If follows that Recanati's claim that the CIs are the only kind of pragmatic inference that is fully global is false; although full-fledged globality can reasonably be said to be a necessary condition for the generation of a CI, it is arguably not a sufficient condition. Thus globality does not offer a reliable criterion for distinguishing CIs from other Gricean (*latu sensu*) inferences. Furthermore, assuming (with Recanati) that a pragmatic inference is a CI just in case it is non-embeddable, the globality criterion cannot account for embeddability either.
References: Geurts, B. (2009) "Scalar Implicatures and Local Pragmatics". *Mind and Language* 24: 51-79; Recanati, F. (2003) "Embedded Implicatures". *Philosophical Perspectives* 17: 299-332; Recanati, F. (2010) *Truth-Conditional Pragmatics*. Oxford: Clarendon Press; Recanati, F. (2017) "Local Pragmatics: Reply to Mandy Simons". *Inquiry* 60 (5):493-508; Simons, M. (2010) "A Gricean View in Intrusive Implicatures". In Klaus Petrus (ed.), *Meaning and Analysis: New Essays on Grice*. Palgrave-Macmillan (2010), pp. 138-169; Simons, M. (2014) "Local Pragmatics and Structured Contents". *Philosophical Studies* 168 (1): 21–33; Simons, M. (2017) "Local pragmatics in a Gricean framework". *Inquiry*, 60 (5): 466-492.

Pedro Santos has an academic background in both linguistics and philosophy and was awarded a PhD in Philosophy from the University of Lisbon in 2004. He is currently Assistant Professor at the University of the Algarve and a full member of LanCog. His research interests are mainly in the philosophy of language, formal semantics and pragmatics, with a focus on conditionals, the semantics/pragmatics divide and contextualism/ relativism issues.

Pierre Vesperini

(Universidade do Porto, PT)

***Les origines antiques de la formule* Natura naturam vincit**

Cette communication voudrait interroger les origines antiques d'une idée qui devait avoir une grande importance dans la culture européenne, à l'époque médiévale et à l'époque de la première modernité. Sa présence sera étudiée dans les témoignages suivants:

1. Sa première attestation, en grec, dans les φυσικὰ καὶ μυστικά attribuées à Démocrite;
2. Son apparition en latin, dans la *Mathesis* de Firmicus Maternus, où elle est attribuée au pharaon Nechepso.
3. Les échos de cette formule:
a. dans la *Paraphrase* à la Tétrabible de Ptolémée;
b. dans les *Actes de Thomas*;
c. dans une scholie de Berne au *Bellum civile* de Lucain.
Dans l'étude de ces différents témoignages, on s'attachera en particulier à discuter le rapport, couramment admis, entre cette formule et le stoïcisme antique.

Pierre Vesperini. Antigo aluno da École Normale Supérieure da rue d'Ulm, antigo membro da École française de Rome, doutorado em história e semiologia do texto e da imagem (Université Paris-Diderot, 2010), Pierre Vesperini é o autor de *La philosophia et ses pratiques d'Ennius à Cicéron* (École française de Rome, 2012), *Droiture et mélancolie. Sur les écrits de Marc Aurèle* (Verdier, 2016, prémio La Bruyère da Académie française 2017), de *Lucrèce. Archéologie d'un classique européen* (Fayard, 2017), editor de *Philosophari. Usages romains des savoirs grecs sous la République et sous l'Empire* (Classiques Garnier, 2016) e é autor de diversos artigos de antropologia histórica da Filosofia Antiga. É actualmente investigador doutourado do projeto "Edição Crítica e Estudo das Obras Atribuídas a Petrus Hispanus – 1" do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto.
E-mail: pvesperini@gmail.com

Rachel Souza Martins

(Universidade do Estado do Rio de Janeiro, BR)

Sociedade e meio ambiente: perspectivas éticas acerca da justiça socioambiental

O trabalho a ser apresentado terá como propósito a observação do modo pelo qual os movimentos ambientalistas constituídos nas últimas décadas relacionam-se com as questões centrais da ética ambiental e animal. Compreendendo a justiça social, a ética ambiental e os direitos dos animais como aspectos essenciais para o ambientalismo, é imprescindível que se realize uma análise aprofundada dos discursos amplamente difundidos, apontando para a necessidade de superação de paradigmas.
Este estudo consiste em fomentar a superação do discurso ambientalista raso, isto é, o discurso voltado para os princípios do desenvolvimento socioeconômico, tendo em vista a ausência de concernimento moral para com seres não-humanos e para com o meio ambiente em si mesmo. Faz-se necessário, nesta perspectiva, abordar a questão do valor atribuído ao meio ambiente e sua frequente instrumentalização para os interesses do mercado. Partindo da perspectiva do valor da 'natureza' e sua conotação enquanto 'fonte de recursos', é possível questionar se há algo capaz de justificar nossas intuições morais de que a natureza possa ser tomada por algo valioso em si mesmo. A questão que se coloca é: de que forma podemos redefinir o valor intrínseco e quais seriam as razões pelas quais atribuiríamos este valor a determinados seres?
Tomando por base as noções de 'capital natural crítico' e da 'irreversibilidade' (Dobson, A., *Justice and the Environment: Conceptions of Environmental Sustainability and Dimensions of Social Justice*, New York, 1998) de processos que alteram os ecossistemas e afetam populações, propõe-se a noção de justiça socioambiental acoplada a deveres morais para com entidades que tradicionalmente foram legadas a um plano secundário. Repensar o valor intrínseco dos indivíduos insere-se nesta perspectiva como um aspecto da justiça, exigindo que os movimentos em prol do meio ambiente assumam concepções de responsabilidade e deveres morais. Pretende-se, com isto, fomentar a construção de uma visão ética que permeie as resoluções socioambientais de forma a inserir a 'natureza' no cerne das questões morais da humanidade, juntamente às questões sociais.

Rachel Souza Martins. Professora no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – Universidade do Estado do Rio de Janeiro; pesquisadora do Laboratório de Ética Ambiental. Graduada em filosofia pela

Universidade Federal do Rio de Janeiro; Doutora em filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro com a tese intitulada 'Filosofia e Meio Ambiente: os desafios de uma ética ambiental'.
E-mail: rachel.chuva@gmail.com

Raimundo Henriques

(Universidade de Lisboa, PT)

Ornament and Nonsense: Adolf Loos and Ludwig Wittgenstein

In "Ornament and Crime" (1908) Adolf Loos claims that all ornamentation created in the twentieth-century is either a crime or an expression of degeneration. From here it seems to follow that there is an objective criterion for something to belong to the extension of 'ornament', and that all such things should be rejected. Loos is, however, unclear about such criterion. Furthermore, the clues he provides point towards a distinction between 'ornament' and 'structure' which seems untenable, and incapable of explaining Loos's own architectural work.

Not long after he designed a house for his sister Margaret, Wittgenstein stated that the use of nonsensical sentences in philosophy is a "requirement of style", analogous to the use of ornaments. In so doing, he explicitly acknowledged the influence of Loos (2003: 74-7). Although the *Tractatus Logico-Philosophicus* allegedly offers necessary and sufficient conditions for a sentence to be nonsensical — and hence rejected — they become less clear once we consider Wittgenstein's recognition of the nonsensicality of his own sentences (6.54). Therefore, two problems akin to those faced by Loos's account of ornamentation seem to be faced by the *Tractatus*.

These difficulties suggest that an adequate reading of the relation between ornaments and nonsensical sentences cannot lie in the criteria advanced, or suggested, by the authors. Rather, it requires the consideration of the *activities* in which both are engaging, and that the proposed distinctions be seen, *not as theoretical ends*, but as *theoretical means to normative ends*. Given the absence of a "modern style", Loos's normative end seems to be that of alerting architects to focus on their social responsibilities, rather than on their desire for individual expression. Wittgenstein's normative end, in turn, seems to be that of avoiding the confusion between expressions of *mental disquiets* and genuine knowledge. Both activities are regulated by the way they affect the lives of other people and thence admit a moral description: both are ways of promoting *self-understanding* and rejecting forms of artificial appeasement.

Raimundo Henriques. Lancog, Centro de Filosofia, Universidade de Lisboa.
Programa em Teoria da Literatura, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Raimundo Henriques obtained a Licenciatura (BA, 2012) and a Master's degree (MA, 2016) in Philosophy from the University of Lisbon. Currently, he is studying for a PhD in Literary Theory in the same institution, working on Wittgenstein's early philosophy and aesthetics (particularly, modernist architecture), with a studentship from FCT (SFRH/BD/121629/2016). His main interests are the history of analytic philosophy, aesthetics, literature, ethics, metaethics and metaphilosophy.

Regina Queiroz

(Universidade Nova de Lisboa, PT)

Soberania popular em Locke e Kant

Privilegiadamente associada ao pensamento político de Rousseau, a filosofia política tem negligenciado as propostas de Locke e Kant sobre a soberania popular, i.e. sobre a autoridade suprema de um povo num território. Se no caso de Locke se questiona a ideia de qualquer poder soberano, como poder supremo, no caso de Kant a influência de Hobbes mitiga, se não mesmo, exclui qualquer proposta de soberania popular.

Todavia, apesar das divergências sobre a importância do conceito de soberania popular no pensamento de Locke e Kant, tentaremos mostrar o papel relevante que aquele conceito desempenha no pensamento de ambos os filósofos. Essa demonstração é tanto mais importante quanto se associa soberania popular a populismo. No entanto, a análise dos pensamentos de Locke e Kant esclarece que o conceito de soberania popular não pressupõe necessariamente populismo. Esclarece também que, pelo contrário, o populismo, por exemplo na Europa, resulta da desconsideração da 'vontade de povos' pela maior parte governos europeus.

Regina Queiroz. É doutorada em Filosofia Social e Política pela Universidade de Lisboa. É membro do Instituto de Filosofia (IFILNOVA) da Universidade Nova de Lisboa. Justiça social, racionalidade política e a análise comparativa entre o liberalismo neoliberalismo têm sido os interesses privilegiados de investigação. Tem publicado artigos nas seguintes revistas: *Palgrave Communications*, *Critical Policy Studies*, *Business Ethics: A European Review*, *Philosophy of Management*, *Archai*. Publicou, ainda capítulos de livros nas editoras De Gruyter, Springer and Peter Lang. De entre as publicações assinala: Individual Liberty and the Importance of the Concept of the People. *Palgrave Communications* (no prelo); 2017. From the exclusion of the people in neoliberalism to publicity without a public. *Palgrave Communications* 3 (34): 1-11; 2017. *Métis* and violence in Machiavellian political theory. *Archai*: 21: 221-248; 2016. Neo-liberal TINA: an ideological and political subversion of liberalism. *Critical Policy Studies*, 1-20.
E-mail: queiroz.regina@gmail.com

Renato Epifânio
(Universidade do Porto, PT)

A lusofonia enquanto bloco geocultural

Em diálogo com Vamireh Chacon, Gilberto Freyre e Agostinho da Silva, iremos realizar uma reflexão que se faz retrospectivamente, à luz da nossa história (de Portugal e do Brasil, sobretudo), e prospectivamente, na antecipação de como se poderá realizar, no século XXI, todo o potencial desse bloco geocultural.

Renato Epifânio. Instituto de Filosofia Luso-Brasileira – Universidade do Porto. Professor Universitário; Membro do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, da Direcção do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, da Sociedade da Língua Portuguesa e da Associação Agostinho da Silva; investigador na área da "Filosofia em Portugal", com dezenas de estudos publicados, desenvolveu um projecto de pós-doutoramento sobre o pensamento de Agostinho da Silva, com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, para além de ser responsável pelo *Repertório da Bibliografia Filosófica Portuguesa*: www.bibliografiafilosofica.webnode.com; Licenciatura e Mestrado em Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; doutorou-se, na mesma Faculdade, no dia 14 de Dezembro de 2004, com a dissertação *Fundamentos e Firmamentos do pensamento português contemporâneo: uma perspectiva a partir da visão de José Marinho*; autor das obras *Visões de Agostinho da Silva* (2006), *Repertório da Bibliografia Filosófica Portuguesa* (2007), *Perspectivas sobre Agostinho da Silva* (2008), *Via aberta: de Marinho a Pessoa, da Finisterra ao Oriente* (2009), *A Via Lusófona: um novo horizonte para Portugal* (2010), *Convergência Lusófona* (2012/ 2014/ 2016), *A Via Lusófona II* (2015) e *A Via Lusófona III* (2017). Dirige a *Nova Águia: Revista de Cultura para o Século XXI* e a Colecção de livros com o mesmo nome (Zéfiro). Preside ao MIL: Movimento Internacional Lusófono desde a sua formalização jurídica (2010).
E-mail: r.epifanio@sapo.pt

Renato dos Santos

(Pontifícia Universidade Católica do Paraná, BR; Universidade de Coimbra, PT)

Do corpo à carne: Merleau-Ponty e a radicalização do sensível

O propósito desta comunicação é mostrar a radicalização que Merleau-Ponty realiza em torno da noção de sensível em sua "ontologia madura", ou se quiser, de sua ontologia da carne (*Ontologie de la Chair*). É verdade que a discussão em torno do sensível já está presente em suas primeiras obras, sobretudo em *La structure du comportement* (1942) e *Phénoménologie de la perception* (1945). Porém, tratava-se, nesse momento de sua filosofia, mais de combater as teorias subjetivistas e objetivistas acerca do corpo, e menos de propor uma ontologia radical sobre o ser do mundo, tal qual encontraremos em seus textos seguintes, mais exatamente em *Le visible et l'invisible* (1964), texto publicado postumamente. Nele, Merleau-Ponty dá um passo adiante, na medida em que desafia os limites da própria fenomenologia e propõe um retorno à ontologia, mas uma nova ontologia (*Nouvelle ontologie*). Mas esta ontologia somente é possível, em nossa leitura, devido a ressignificação do conceito de *Gestalt*, que agora é pensada como *carne*, um tecido quiasmático que entrelaça o sensciente e o sensível, o visível e o invisível, o mesmo e o outro, de modo que entre eles não há uma exclusão objetiva, mas cofuncionamento primordial de reversibilidade. Ademais, aquela mesma experiência de ambiguidade que constamos no exemplo das mãos que tocam-se, tal qual descrito por Husserl e retomado por Merleau-Ponty em 1945, é estendida, aqui, para toda carne do mundo, uma vez que, conforme indaga o filósofo, "essa generalidade que faz a unidade de meu corpo, por que não se abriria ela a outros corpos?". A reversibilidade, o quiasma, não é apenas do meu corpo, mas de mim com o mundo e de todos os demais corpos – entre eles – e o mundo. Trata-se de um entrelaçamento carnal, na qual não há sobreposição de um ou de outro. Diante desse contexto, sustentamos a tese de que a noção de "carne", enquanto *Gestalt*, propicia o filósofo superar qualquer resquício de subjetivismo, que, inclusive, sua obra inicial não deixou de reproduzir – tal como diagnosticado pelo próprio filósofo em uma nota de trabalho –, em certa medida. Por fim, mostramos, ainda, como a carne torna possível pensar um novo estatuto de subjetividade, enquanto encarnada no mundo.

Renato dos Santos. Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Brasil, e pela Universidade de Coimbra (UC), Portugal.
E-mail: renatodossantos1@hotmail.com

Ricardo Santos Alexandre

(Instituto Universitário de Lisboa, PT)

A suspensão do Eu: uma interpretação antropológica do conceito de 'Nada' no pensamento japonês

Em grande parte do pensamento japonês, mas de um modo mais estruturado na filosofia da Escola de Kyoto, encontramos a ideia de 'nada'/'nada absoluto' (jp. *mu/zettai mu nothingness*) como conceito basilar. Sistematizado por Nishida Kitarō (1870-1945), este conceito encontra-se no centro de uma tentativa de articular a epistemologia budista no idioma da filosofia ocidental. Por 'nada' Nishida compreende um domínio que, segundo o próprio, é anterior à 'experiência pura' de William James, e como tal pode servir de fundação de todas as coisas: uma realidade sem forma de onde todas as formas derivam. O 'nada' de Nishida pretende afirmar-se como desprovido de qualidades, precisamente porque antecede qualquer qualidade ou distinção. É o lugar (*basho*) do Eu mais profundo onde a experiência mais íntima funde o Eu e o Outro – é, portanto, anterior a esta dicotomia e o que a torna possível.
A filosofia de Nishida e dos seus sucessores é sobretudo uma contínua sistematização e teorização destas ideias, tanto em diálogo com a filosofia ocidental como com tradições de pensamento

japonesas. No entanto, quando procuramos fazer espelhar estes desenvolvimentos filosóficos em nós ou na nossa vida quotidiana, encontram-se algumas dificuldades. Por um lado, o nível de abstracção teórica no plano das ideias; por outro, as premissas budistas (desde o *sunyata*, vazio, do Budismo Indiano até ao *mu*, negação de, no Budismo Zen Japonês) que são a origem latente desta filosofia, fazem-na pairar num plano paralelo à vida humana comum, não estabelecendo com esta um diálogo produtivo.

Nesta comunicação proponho fazer uma interpretação antropológica destas ideias, por intermédio de exemplos ou manifestações concretas do 'nada', como momentos de 'suspensão do Eu': a imersão num outro, ou numa qualquer actividade, ao ponto de nos esquecemos de nós próprios. Enquanto exemplos destes momentos, pretendo olhar para a ideia de 'sem-pensar' (*hishiryō*) do Budismo Zen Japonês, para a dimensão deliberadamente não-subjectiva da poesia japonesa *haiku* e para uma pintura de Caravaggio – estes três exemplos, enquanto possíveis manifestações do 'nada', permitem articular a ausência de subjectividade e da separação S/O.

Desta possibilidade de 'suspensão do Eu', i.e. de momentos em que *nos esquecemos de nós próprios*, há algo que emerge como mais importante do que os indivíduos: a relação em que se encontram. Deste modo, a 'filosofia do nada', recorrente no pensamento japonês, pode ser vista com uma chamada de atenção para a condição relacional do ser humano.

Ricardo Santos Alexandre. ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, Departamento de Antropologia. Licenciado em Estudos Asiáticos e Mestre em Antropologia, é actualmente doutorando em Antropologia no ISCTE–IUL, com incidência sobretudo na área da cultura e pensamento japoneses. Presentemente, desenvolve pesquisa sobre moral e ética relacional pensada a partir de uma comunidade rural japonesa. Num esforço paralelo e enquanto linha base da sua pesquisa, procura desenvolver uma articulação frutífera entre a fenomenologia hermenêutica, especialmente Gadamer e Heidegger, e a Antropologia – procurando devolver a esta última uma vertente mais humanista.
E-mail: rfsae@iscte-iul.pt

Rita de Cássia Ferreira Lins e Silva

(Pontifícia Universidade Católica do Paraná, BR)

O mudo sensível e a crise do poder constituído

Este texto se propõe a discutir a identidade democrática e a crise de representação que consiste no paradoxo da figura do soberano irrepresentável, em sua estrutura conceitual, inspirada nas leituras de Jacques Rancière (1940) e Chantal Mouffe (1943). O objetivo principal deste estudo é apresentar uma leitura do caráter soberano, da vontade popular e sua relação paradoxal com o poder constituído (soberano). Rancière, especialmente na letra de *La Mésentente*. *Politique et philosophie* (1995), discute a política enquanto dissenso, momento de transformação e ruptura com a ordem. Momento que só pode ser mais bem compreendido através do paradoxo democrático. Rancière contesta o liberalismo político ao considerar o dissenso à racionalidade consensual. Para o autor, o dissenso é constitutivo da democracia e a democracia, a pressuposição da igualdade no mundo da diferença: do comum, do sensível, dos que são parte de nenhuma parte, dos que falam e dos que não são ouvidos. A segunda leitura diz respeito ao postulado teórico de Chantal Mouffe (1943), da teoria da Democracia radical plural, fundado na sua concepção do 'pluralismo agonístico' como pode ser lido em *The Democratic Paradox* (2000). Tal perspectiva implica na identidade política democrática em que posições de sujeitos e de grupos coletivos representam sua condição mesma de existência no espaço da política. Mouffe indica que na democracia liberal, toda pessoa é igual à outra pessoa. Já na igualdade democrática, há a viabilidade de diferenciação entre as pessoas. Ambos os autores se complementam no contexto da democracia enquanto ocasião de ruptura e de transformação da identidade política democrática. A questão é problemática na medida em que o sistema representativo perde sua força diante da expressividade de atos de poder considerados arbitrários. A crise é demonstrada na configuração de rupturas, do sistema político no âmbito das

relações de poder entre as identidades democráticas e o poder constituído, quando este revela sua perversão e simulacro dos ideais populares. Isso significa: compreender a crise representativa como uma possibilidade, sempre real, de se tornar uma fronteira à democracia, e também uma possibilidade de constituição da identidade política de novos sujeitos. Por um lado, isso implica na incerteza da legitimidade (ambígua) do poder; por outro, inclui a obrigação contínua de questionar e alterar qualquer regime na defesa da liberdade e da igualdade, que traduz a condição da ação política de um povo.

Rita de Cássia Ferreira Lins e Silva. PhD em Filosofia (Política) pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, BR (Bolsa Capes), estágio doutoral (2015-16) na *Université du Québec à Montréal*, CA, (Bolsa Capes), membro associado da Associação de Filosofia do Québec (SPQ), membro pesquisador do Núcleo Constitucionalismo e Democracia do Centro de Estudos da Constituição (CCONS) da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná. Trabalha os temas democracia, identidade política, judicialização da política, hegemonia, constitucionalismo a partir das seguintes problemáticas: subjetividade, conflito, representação, afetos, violências políticas, reconhecimento e crise. Este texto se refere à pesquisa em curso no CCONS.
E-mail: rclinsesilva@gmail.com

Robert Andres Martins Junqueira

(Universidade de Coimbra, PT)

Poetic Reading of Leonardo Coimbra's Monadology with Focus on Reality

This reading will be delivered poetically, following from a fair use of poetic intuition/cognition for the sake of understanding philosophical problems. What this means is that poetical (or meta-poetical) reading devices will be, as possible, emphasized without restraints. This reading proposes the direction towards dialog and debate over an understanding of reality as dialectically constituted by thought's relation with non-thought under the letter of the 1912's thesis *The Creationism* (*O criacionismo*). Following the recommendation of professor Delfim Santos, this probing over Leonardo's heritage will flourish from the loveful grounds of the second book of the thesis – *Philosophical Synthesis* (*Síntese filosófica*) – and specially from it's second and last chapter – *God and the Monads* (*Deus e as mónadas*) –on which the author elevates and deepens an astonishing development of the understanding of a common language through wich Monads are related, taking part as (co-)creators of the plurality of reality, as also placed under the only universal law – the drive of progress – towards the exhaustion of reality or the realization of Love or God – the unabridged or the cosmic collective moral person. Endeavoring to valorize this perusal, the reader will fathom over the results of Leonardo's metaphysical fabric, his critic of the leibnizian bequest – like the condemnation of Leibniz' theory of space – and the venture of still presuming to reflect on the canvas of the monadological hypothesis on the tenet of the 20th century. In the context of this superscription, reality is – in itself – the result of communication between Monads, while this contact or socializing is actualized by the action of progress and the continuity that such prints on reality, which ultimately belongs to each spirit, resulting from or synthesizing the impenetrable but still soundful relation of thought with non-thought. Finally, there is the stark present dignity of expressing – in English – a grasp over one of the most controversial and influential thinkers of the recent history of Portugal, as well as a glimpse over his teachings on the stark importance of metaphysics as a gradual way for thought to practice itself until it becomes the rhythmical excess of awareness – or – until the active freedom of consciousness and thought puzzle.

Robert Andres Martins Junqueira is a student of Philosophy at the Faculty of Arts and Humanities of the University of Coimbra.
E-mail: primoluisdesousaii@gmail.com

Robert Vinten

(Universidade Nova de Lisboa, PT)

Should Wittgensteinian's adopt a particular conception of justice?

The Wittgensteinian activity of describing grammar does not seem to offer a means of deciding between various conceptions or theories of justice. However, I will argue that Wittgenstein's remarks demonstrating that not all words refer to things with a single element in common between them, combined with the fact that various forms of justice outlined by Aristotle are not reducible to one another, lead to a rejection of Platonic theories of justice. Furthermore, there are reasons to think that Wittgenstein was not a liberal and that he would have rejected more recent liberal theories of justice such as Rawls' theory. Rawls' description of his work as a 'theory' is in tension with Wittgenstein's objections to scientism in philosophy, and there are also conceptual problems in Rawls' work, as noted by Sen (2006) and Read (2009). In addition, although I am sympathetic to aspects of the work of thinkers on the left, such as Chantal Mouffe (2000) and José Medina (2010), I will argue that the conceptions of justice that they propose do not find support in Wittgenstein's work in the ways that they suppose.

None of this leads to the conclusion that Wittgenstein would have supported a particular conception of justice or that Wittgensteinians today should support a particular conception of justice. However, it does, I hope, show that Wittgensteinians have reasons to reject some of the prominent theories of justice in circulation today and it also shows that Wittgensteinian philosophy is of some relevance to serious questions presently being discussed in political philosophy.

Robert Vinten is close to completing a PhD in philosophy at Universidade Nova de Lisboa on the relationship between Wittgenstein's philosophy and social theory. He has previously completed studies in philosophy at Georgia State University (U.S.A.) (MA) and at the University of Glasgow (Scotland) (MA (Hons)). He has taught philosophy and critical thinking at The Henley College and the University of Reading (England) and has taught critical thinking at Georgia State University. His work has been published in journals such as *Critique*, *Teorema*, *Nordic Wittgenstein Review*, and *Tópicos*. In recent years Robert Vinten has presented his work at conferences in Argentina, Spain, and Portugal.
E-mail: robertvinten@gmail.com

Róbson Ramos dos Reis

(Universidade Federal de Santa Maria, BR)

Pluralismo ontológico na fenomenologia hermenêutica de Heidegger

A partir da constituição do campo temático da metaontologia a tese da existência de diferentes modos de ser foi retomada, com o exame crítico dos argumentos que concluíam a inconsistência do pluralismo ontológico. Com a admissão consistente de diferentes modos de ser, o pluralismo ontológico apresenta-se com um complexo programa de investigação de problemas ontológicos. Neste contexto, também têm sido apresentadas as diferentes ocorrências do pluralismo ontológico na história da Filosofia. Uma relevante contribuição nos estudos históricos e conceituais sobre a obra de Heidegger é a interpretação do projeto da ontologia fundamental como um caso de pluralismo ontológico. De acordo com essa interpretação, os sentidos de ser devem ser entendidos como modos de ser, ou seja, como reunindo as condições de identidade dos entes. Mais especificamente, os modos de ser corresponderiam a diferentes modos de existir, os quais podem ser apreendidos com o significado dos quantificadores existenciais restringidos. O projeto heideggeriano de interpretar o sentido de ser em geral a partir do tempo representaria, portanto, uma resposta consistente para o problema da diversidade e unidade analógica dos modos de ser irredutíveis. Na presente comunicação apresentarei uma interpretação do pluralismo ontológico de Heidegger em termos modais e hermenêuticos. Iniciarei com uma exposição e crítica da elucidação

de McDaniel do pluralismo ontológico, para a seguir estabelecer quatro condições necessárias para qualquer interpretação da ontologia fundamental em termos de pluralismo ontológico: a) os modos de ser precisam ser concebidos como condições normativas apreendidas em uma compreensão de ser, b) os modos de ser devem ser concebidos como possibilidades internas, c) os modos de ser devem ser elucidados a partir da consideração da fonte da normatividade ontológica, o que implica a consideração do problema da finitude e auto-ocultamento de ser, d) a relação entre os modos de ser deve ser conceitualizada a partir da noção de generalidade categorial. Uma consequência importante da interpretação modal e hermenêutica do pluralismo ontológico da ontologia fundamental reside em delimitar o marco geral de desenvolvimento do programa do pluralismo ontológico em termos fenomenológicos e hermenêuticos. Além disso, o entendimento dos modos de ser com base na noção de generalidade categorial tem fortes implicações para o entendimento da natureza dos conceitos e expressões linguísticas que constituem a elaboração teórica do pluralismo ontológico.

Róbson Ramos dos Reis. Universidade Federal de Santa Maria. Róbson Ramos dos Reis é Professor Titular no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria, Brasil e Pesquisador 1C do CNPq/Brasil. Seus temas de investigação concentram-se na obra de Heidegger, com ênfase em problemas de ontologia e meta-ontologia, teoria da intencionalidade, modalidades, fenomenologia da vida orgânica e fenomenologia da Medicina. Autor de *Aspectos da Modalidade*. *A noção de possibilidade na fenomenologia hermenêutica* e coorganizador das coletâneas *Identidade Pessoal e Reconhecimento*, *Verdade como Valor*, e *Filosofia Hermenêutica*, além de vários artigos na área da fenomenologia e dos Estudos-Heidegger.
E-mail: robsonramosdosreis@gmail.com

Rodrigo Araújo

(Universidade do Porto, PT)

Um sopro de silêncio: aproximações entre Teixeira de Pascoaes e Clarice Lispector

Esta comunicação pretende investigar o tema do silêncio numa perspetiva poético-filosófica na obra do poeta-pensador amarantino Teixeira de Pascoaes e da escritora brasileira Clarice Lispector. Partimos da hipótese de que o silêncio pode ser visto como uma personagem na obra destes autores, o que nos leva a construir uma questão norteadora, a de haver uma ação do silêncio na narrativa. Nosso trabalho divide-se, assim, em dois momentos. Primeiro, estabelecemos a questão nuclear que une Pascoaes e Lispector, a saber: tomar o silêncio como interrogatividade capaz de pôr em causa a existência e o lugar do ser no mundo. Segundo, a partir da imagem do «sopro», utilizada por Pascoaes no canto XVIII, de *Marânus*, e por Clarice Lispector em sua última obra e publicada postumamente, *Um sopro de vida*, averiguar (i) como uma experiência do silêncio constitui-se como uma mediação entre vida e morte e (ii) como o próprio silêncio se faz escrita. Argumentamos que Teixeira de Pascoaes e Clarice Lispector são dois autores que partilham de uma íntima proximidade em que, no tecido da escritura, o silêncio é linguagem e ao mesmo tempo escuta, o que nos permite um diálogo com o pensamento filosófico de Maurice Merleau-Ponty. Dois autores que, quando postos em contato, nos permitem fazer do silêncio uma possibilidade ontológica de desvelar a existência.

Rodrigo Araújo. Doutorando em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e investigador colaborador do Grupo de Investigação «Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal», do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto. Possui Mestrado em Literatura pela Universidade Federal de Sergipe, Brasil, onde também foi professor substituto de Literatura Portuguesa.
E-mail: rodrigo.literatura@gmail.com

Rogerio Foschiera

(Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Campus Viamão, BR)

A capacidade linguística humana em Charles Taylor

Os humanos, como animais que se auto interpretam, são, em parte, constituídos por sua própria auto-descrição. Nossa posse da linguagem permite-nos ter uma consciência reflexiva do mundo e de nós mesmos, cada vez mais aprofundada. Aprender a linguagem da sociedade significa assumir certo imaginário sobre sua história, sua forma de se organizar e sua relação com a realidade externa: natureza, cosmos ou divindade. A dimensão linguística faz o ser humano capaz de novas relações, novos pressupostos para a intimidade, hierarquia e igualdade. Seres gregários se associam em torno de um "macho dominante", mas apenas os seres de linguagem distinguem entre líder, rei ou presidente, isso sem falar nas questões de parentesco, noção de valor e moral. A dimensão linguística é parte do processo reflexivo, uma ação expressiva que se dá com outros num espaço público. A autoconsciência nasce da prévia intersubjetividade, de uma visão de mundo, emoções e linguagem compartilhadas, o que Taylor chama de "comunhão". A ontogêneses do eu nos tira dessa condição inicial e nos leva a uma linha de tempo que o eu pode narrar como passado e dirigir ao futuro, como memória autobiográfica e controle executivo. Há, no ser humano, um ponto de partida que é uma fome de comunhão e que o situa num mundo comum e constituído linguisticamente. O amadurecimento do eu humano se configura a partir da participação compartilhada com o mundo, por meio de uma convicção gradual e crescente de que a minha posição e perspectiva é diferente dos demais. Essas distintas participações no mundo demandam posteriores "conversações restauradoras", um esforço de negociação para recuperar certo acordo comum.

Rogerio Foschiera, professor de filosofia no Instituto Federal do Rio Grande do Sul – IFRS/Campus Viamão. Graduado em Ciências Religiosas, Filosofia e Psicologia. MBA em Gestão Empresarial, Mestre em Filosofia e Doutor em Teologia. Pesquisa priotitariamente em temas como: ética, filosofia da linguagem, filosofia política e psicanálise.
E-mail: rogerio.foschiera@viamao.ifrs.edu.br

Rômulo Eisinger Guimarães

(Federal University of Santa Maria, BR)

Von Königsberg nach Konstanz: *on Kant's Theory of Aesthetic Judgment and its Possible Updating by the Constance School*

In the Appendix to the first volume of "*The World as Will and Representation*", Schopenhauer states how remarkable is the fact that a person, "to whom certainly art remained very foreign, and who in all probability had little susceptibility to the beautiful, in fact probably never had the opportunity to see an important work of art, and who seems finally to have had no knowledge even of Goethe, the only man of his century and country fit to be placed by his side as his giant brother […], in spite of all this, […] [be] able to render a great and permanent service to the philosophical consideration of art and the beautiful". There Schopenhauer refers to Immanuel Kant, who in his "*Critique of Judgment*" intended to provide a transcendental *a priori* groundwork to aesthetic judgments-of-taste about the Beautiful. In the course of his inquiry concerning judgments about the Beautiful, Kant assigns to these judgments four aspects – namely: disinterest (a regardlessness, whether concerning sensory sensation or reason), non-conceptuality (the lack of any determined rule, through which we should judge something "beautiful"), purposiveness without an end (the appropriateness of the object to our judgment for mere lingering reflection, without us forming any knowledge about it) and necessity (the fact that everyone should agree with a genuine judgment-of-taste about the Beautiful, since there is nothing idiosyncratic, personal at stake on it). Now, founded on something eminently subjective and non-definable by concepts (although allegedly communicable), Kant's Theory of

aesthetic judgments-of-taste seems, in some respects, to have its updating in several essays by art and literature theorists related to the University of Constance, in the second half of the 20th century – authors of the so-called "Reception Aesthetics" (e.g., Wolfgang Iser and Hans Robert Jauss). Nonetheless, if, on the one hand, we must be aware that we can not make the theoreticians of the "Constance School" forcibly Kantians – as much as one can not make of Kant a semiotician, hermeneutician or such like –, on the other hand, the notion of an artwork that, as a product of an undetermined construction (undefined toward its reader about what it is or means), serves as an impulse for active reflection and for deautomatization of the receiver (i.e., of the now productive receiver), even though it is not a exactly Kantian argumentative figure, it makes use of a compendium of theorems that are, in the background, Kantians.

Rômulo Eisinger Guimarães. Bachelor in Visual Arts (2012) at Federal University of Santa Maria, UFSM, Brazil (Advisor: Prof. M.A. Alphonsus Benetti), with Sandwich Period (2012-I) at University of the Republic, UdelaR, Montevideo, Uruguay (Advisors: Prof. Javier Alonso; Prof. Hector Laborde); Master in Philosophy (2015), at UFSM (Advisor: Prof. Dr. Christian Hamm). Currently, PhD-Student in Philosophy (2016-), at UFSM (Advisor: Prof. Dr. Christian Hamm); Sandwich PhD (2018-2019) at Friedrich-Schiller – Universität Jena, Uni-Jena, Germany (Advisor: Prof. Dr. Andrea M. Esser.
E-mail: maraba.8b@gmail.com

Rosa Colmenarejo Fernández

(Universidad Loyola Andalucía, ES)

Why Democratic Systems Must Face the Risk Big Data Poses for their Core Values?

As a modern and hyper connected Pygmalion, today's society aims to be shaping its structure giving detailed account of each and every one of the movements of its citizens as if this were the way to achieve the utopia of a perfect society. The term *big data* is used repeatedly as a mantra as if the key to the resolution of (almost) all of the problems that the social sciences have to confront goes through have more, more complex and faster data. However, the revolutionary is not the fascination with data but the current ability to record practically "everything" through a sophisticated network supported by sensors inserted in a heterogeneous amount of interconnected electronic devices, which are fed back with real-time data. A narrow conception, exclusively centered in the data, has characterized *big data* according to the variety of its origin, the speed of generation, registration and exchange, or its volume (Beyer & Laney, 2012; Hashem et al., 2015). However, it is not merely data that is so significantly affecting the (re) organization of societies. In this sense, this research proposal understands *Big data* as an ecosystem in which data is nothing more than the "crumbs" of a complex system of interrelationships between data, capacities and communities (Letouzé, 2015). It is in this sense that I consider that *big data* is contributing to define the trends of the global network society (Castells, 2010). The term "capacities" includes the network of interconnected electronic devices that are fed back in real time, capturing, storing or exchanging massive amounts of data and increasingly sophisticated statistical and probabilistic methods, many of them based on artificial intelligence, such as automatic learning, among others, that should be used to transform data into information and, perhaps, into knowledge (King, 2013). By "capacities", I understand not only the capacity of the methods to process data, but also the radically political purpose of these methods: Do they contribute to strengthen democracies? Alternatively, do they serve the particular interests of companies or governments? In fact, many of these capabilities are not used to meet human needs that promote dignity and equity. On the contrary, they are facilitating the diffusion of old forms of injustice in a more effective way. Of particular interest to this work are cases of mass surveillance, the dissemination of fake news through bots on social networks and the social exclusion of minority groups (Eubanks, 2018; Noble & Tynes, 2016; O´Neil, 2017; Van der Velden & Kruck, 2015). As these authors argue, the consolidation of these capacities affects people, not only as individuals but also in their forms and agreements of social organization. Therefore, adopting the term "communities"

implies not only the category of stakeholders but understanding communities as societies in a fully broad sense. Any interaction between these actors reveals power relations that define their agency, morally relevant capacity for action (Floridi, 2013; Hanneman & Riddle, 2005). In this paper, I propose two approaches to understand the relationship between Democracy and *big data*. In the first, both data and methods are considered an end in themselves. The second considers data and methods a means to achieve a better practice and experience of democracy. Therefore, while the former focuses on establishing a normative corpus that makes politics work *for* data, in the latter data and methods are understand as intrinsically political and their functionality must be oriented towards the common good that represent inclusive democracies.

Rosa Colmenarejo Fernández. I developed a professional career as engineer for seven years that it was interrupted by a leave of absence to care of my two children. Therefore, I returned to my philosophy and humanities studies, focusing on moral philosophy and applied ethics, and reaching a master's degree in research methods in economics and business that allowed me to deep in those ethical issues that arise in environmental crises. I obtained my PhD at University of Córdoba (Spain) in January 2015, and currently I am working with a permanent position in Humanities and Philosophy Department at University Loyola Andalucía (Spain), accredited as Assistant Professor in Moral Thought by National Quality Assessment and Accreditation Agency of Spain (ANECA). Since the end of my thesis, my research work has served two different interests. Firstly, I am involved in the critical edition of a moral treatise of the XVI century with researchers from my own department, under the auspices of a National I+D+i project (2015-2018). Secondly, I have been defining my own line of research, trying to advance in the characterization of an ethics of resilience and emancipation based on the opportunities and threats provided by digital communication networks. My newest incorporation to the *Smart Energy Systems* research group is allowing me to develop an innovative line incorporating the former ethical issues to the processes of digitalization in energy.
E-mail: rcolmenarejo@uloyola.es

Rui Manuel de Matos Filipe

(Universidade de Lisboa, PT)

Jean-Jacques Rousseau e o fim do Contratualismo Clássico

Quando confrontados com o *Contrato Social* de Rousseau são conhecidas muitas das interpretações que se encontram em potência nesta obra. Alguns vêm neste autor o arauto da liberdade que coloca na vontade popular a base de toda a legitimidade da acção de um Estado. Outros encontram nele a antecâmara de um despotismo praticado para manter um suposto bem comum que só certos iluminados conseguiriam perceber.

Ambas as leituras parecem, no entanto, ter algo em comum – o conceito de *Vontade Geral*. Será esta categoria enigmática que irá servir como pedra de toque do seu contratualismo. Não só será a partir da criação desta que o pacto produz o cimento capaz de vincular os seus elementos, como também será a partir dela que se destrinça a necessidade de um governo decorrente da obrigatória separação de poderes. Só deste modo seria possível a um sujeito geral aplicar as suas legislações no particular sem se perder.

Será desta *Vontade Geral*, e da forma como esta tem de ser aplicada particularmente, que surgem as questões fracturantes quanto a Rousseau. Face a ela, detentora da liberdade civil, todas as volições particulares deveriam prestar vassalagem. Estas parecem ser inimigas da *Geral* pois só aqui se encontra o caminho que um povo gizou para si ao se unir enquanto tal. Nasce aqui o Rousseau inimigo da liberdade (compreendida de modo particular) e o grande enaltecedor desta (defendida na sua forma civil).

Porém, podemos colocar este problema noutra perspectiva. Em vez de considerar este atrito enquanto um traço característico de Rousseau, podemos antes perguntar se ele, ao tentar responder "se pode existir na ordem civil uma regra de administração legítima e segura" num

enquadramento contratualista, mostrou nesta tradição do pensamento político, na sua forma clássica, algumas das suas limitações estruturais.
Defendendo esta posição, tentar-se-á mostrar como, no contratualismo, seja no papel da separação de poder em Locke, ou nas funções dos representantes em Hobbes, a tensão de uma comunidade face a particulares que, pertencendo a ela, a colocam em risco ao seguirem as suas deliberações particulares, encontra-se sempre presente. Tal será fruto, segundo a nossa análise, da compreensão contratualista da comunidade enquanto sujeito abstracto.
Para finalizar, para lá de um simples autor polémico, Rousseau aparece também como alguém que, ao enunciar claramente as premissas do contratualismo, iluminou alguns dos seus pontos mais fracos, mas também abriu caminhos para se pensar os fenómenos políticos de outros modos.

Rui Manuel de Matos Filipe é student member no Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. Ele terminou a sua licenciatura nesta instituição (na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) em 2014 com uma tese acerca do Idealismo de Fichte. O seu mestrado, também nesta instituição, foi concluído com a apresentação de uma dissertação que procurou compreender as bases filosóficas da crítica anarquista ao Estado feita por Bakúnine. Presentemente o seu interesse principal, mas não exclusivo, é a Filosofia Política. Dá especial destaque à relação entre Alienação, Autoridade, Lei e Estado. Ele também é membro do Núcleo de Estudos Políticos da Universidade de Lisboa (nepUL).

Rui Silva

(Universidade dos Açores, PT)

Pressuposições empíricas da ética das virtudes: um diálogo entre ética e psicologia

Experiências efetuadas no domínio da psicologia social parecem sugerir que o comportamento humano é determinado sobretudo por fatores situacionais (como a obediência à autoridade ou o tempo disponível para ajudar uma pessoa) e não pelos traços de carácter dos indivíduos. John Doris, no seu livro *Lack of Character*, desenvolveu a este respeito uma crítica elaborada da conceção tradicional das virtudes como traços de carácter solidários entre si ("integração avaliativa") que se manifestam de forma fiável ao longo do tempo (estabilidade) em diferentes tipos de situações (consistência). Os defensores da ética das virtudes têm respondido a esta crítica recorrendo a diferentes estratégias argumentativas. Uma delas consiste em apontar erros metodológicos na investigação empírica, mas é de difícil execução, dada a quantidade e diversidade das experiências em questão. Outra estratégia relevante consiste em explicar as falhas observadas de comportamento moral à luz de conflitos entre virtudes, mas há experiências em que tais conflitos não estão presentes. Por último, pode simplesmente reconhecer-se (à semelhança de Aristóteles) que as virtudes são relativamente raras. Doris critica este "argumento da raridade" alegando que uma tal concessão esvazia de relevância prática e educacional a ética das virtudes, mas tal crítica não é convincente, porque o programa educacional da ética das virtudes pode contribuir para o desenvolvimento moral mesmo que sejam raras as manifestações plenas de virtude.
Doris e outros autores (como Gilbert Harman e Maria Merritt) também confrontam a ética das virtudes com investigações na psicologia cognitiva que chamam a atenção para o papel crucial de processos cognitivos inconscientes ao nível da decisão e do comportamento moral. Várias experiências mostram que não são normas, valores ou processos deliberativos que determinam o comportamento moral comum, mas processos psicológicos automáticos, em boa parte influenciados por fatores situacionais moralmente irrelevantes. Todavia, o defensor da ética das virtudes pode argumentar que os processos de habituação e educação moral que conduzem à aquisição das virtudes permitem conciliar a automaticidade com a moralidade do comportamento. Ao contrário da pessoa meramente continente, a pessoa virtuosa tende a agir espontaneamente com base numa "perceção de saliências" (John McDowell), ou seja, numa apreensão imediata de aspetos moralmente relevantes da situação.

Em suma, não existe uma refutação psicológica da ética das virtudes, mas deve reconhecer-se a fragilidade e relativa raridade da virtude, bem como a sua importante dependência perante constrangimentos contextuais, sociais ou institucionais.

Rui Silva é Professor Auxiliar no Departamento de História, Filosofia e Artes da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores. Foi bolseiro da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento na Universidade de Brown (EUA) e bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian na Universidade Humboldt e na Universidade Livre de Berlim. As suas principais áreas de investigação são a teoria do conhecimento, a filosofia da ciência (com destaque para a filosofia da psicologia), a filosofia da ação e a teoria da racionalidade.
E-mail: rui.js.silva@uac.pt

Ruorong Xu

(Renmin University of China, CN)

Human Will or Divine Will? An Analysis of the Debate of Free Will between Erasmus and Luther

In 1524, Desiderius Erasmus finished his work *De libero arbitrio*, what he tried to convey in this book is to challenge and criticize the thirty-sixth Article in Luther's *Assertio* that published three years ago, together with Luther's view on free will. The Article 36 involved a fundamental problem in theology: Does free choice of will (*libero arbitrio*) exist? Luther's view is against the contemporary Catholic Church on this issue, he demonstrated that free choice of will does not exist, man can only choose to do evil, which means they do not have even the slightest freedom regarding salvation, everything thus is in absolute necessity (*necessitas absoluta*). Erasmus and his contemporaries held the divergent view on free will and salvation, and he illustrated his standpoint in *De libero arbitrio* as well as made it clear that Luther is audacious to claim that free will does not exist and everything is in absolute necessity, on the contrary, human do have free will and dignity towards salvation. In this essay, I will argue that Erasmus and Luther have different mindsets on the problem of free will and salvation, as well as different solutions to the crisis of faith, which led to divergent views in this important debate in the early sixteenth century that influenced the western intellectual world for next centuries.

Ruorong Xu is currently a Ph. D. student in the school of Philosophy, Renmin University of China. Her main interest is the early modern intellectual history, mainly on the religious thought of the Christian humanist Desiderius Erasmus and visual arts in early modern Europe. Ruorong earned her M.A. in philosophy from Renmin University of China in 2017. For the 2017 fall semester, she was a guest of the Regent College, University of British Columbia, and she spent the following summer as a visiting student at the Fu Jen Catholic University. Ruorong wrote her master thesis on Erasmus' *Philosophia Christi*, which is a prominent part in his religious thought as well as in the intellectual culture of the sixteenth century. She hopes to continue her research on the related topics during the Ph.D. study, with a special focus on Erasmus' position in the Reformation period.
E-mail: brandahsu521@gmail.com

Sâmara Costa

(Universidade do Porto, PT)

Neo-empirismo e Percepção: Problemas e Propostas

Este trabalho primeiro mostrará como Edouard Machery (2007) caracteriza teses neo-empiristas, expondo os dois dogmas neo-empiristas. Segundo, pretendo mostrar hipóteses no trabalho do psicólogo Laurence W. Barsalou (2008) um dos neo-empiristas importantes que critica Machery. Barsalou diz sobre o conhecimento de conceitos ser codificado em representações perceptivas e a noção de simulação dessas mesmas representações para nosso conhecimento de conceitos de

objetos. Veremos também alguns pontos num dos trabalhos do neurocientista Alex Martin (2007). Ele fornece evidências através de estudos de neuroimagem sobre nosso conhecimento dos conceitos de objetos, revelado através do conhecimento de algumas das propriedades dos objetos e recrutando capacidades sensório-motoras. Esse mesmo trabalho é usado como evidência empírica para confirmação da noção de simulação em Barsalou. Por fim, veremos a proposta amodal e a hipótese do descarregamento de Machery (2016) contrapondo com a proposta fenomenológica de descrição da percepção em Merleau-Ponty (1945) com críticas dirigidas à descrição da percepção feita por empiristas e também intelectualistas.

Sâmara Costa. Mestranda em Filosofia na Faculdade de Letras da Universudade do Porto, com um projeto sobre Filosofia da Mente.
E-mail: samara.araujo@gmail.com

Samuel de Paiva Pires

(Universidade da Beira Interior, PT)

A separação entre sociedade civil e Estado e a crise do Estado soberano

Se podemos aceitar que a forma como um filósofo encara a natureza humana permite, até certo ponto, antecipar boa parte dos seus argumentos sobre diversas matérias (Ketcham 1958, 62), também não deixamos de poder vislumbrar que a forma como se perspectiva a sociedade tem influência directa na consequente concepção de Estado, pois conforme assinala José Adelino Maltez, "a conceitualização do fenómeno societário constitui a fundamental matriz da compreensão do Estado nas diversas concepções do mundo e da vida" (1991, 1:233). Segundo Norberto Bobbio, na dicotomia entre sociedade civil e Estado é "impossível fixar o significado e alcance da sociedade civil sem fazer o mesmo para o Estado" (1997, 22) sendo esta separação um produto da modernidade, visto que durante séculos a ideia de sociedade civil designava "o conjunto de instituições que, em regra, hoje constituem o Estado"(1997, 40).

No cerne desta separação encontra-se a dicotomia entre esfera pública e esfera privada que marca o liberalismo contemporâneo, tratando-se de uma oposição fundamental na contestação do papel do Estado soberano nas últimas décadas. Esta contestação resulta da ascensão do neo-liberalismo, simbolizada politicamente pelas lideranças de Margaret Thatcher e Ronald Reagan, fundamentada nas ideias liberais de comércio livre, livre circulação do capital, desregulação e privatização e concretizada, em larga medida, pela globalização de um modelo político, a democracia liberal, e de um modelo económico, o capitalismo, não sendo também despiciendo referir a concomitante complexificação da vida internacional. Este último processo foi teorizado por Joseph Nye Jr. e Robert O. Keohane sob a denominação de teoria da interdependência complexa – enquadrada no neo-liberalismo da Teoria das Relações Internacionais – e é ilustrado pela emergência de diversos tipos de actores com impacto nas relações internacionais, desde as empresas transnacionais às Organizações Internacionais e às Organizações Não-Governamentais, que contribuem para desgastar a soberania do Estado e, consequentemente, para a crise do Estado soberano.

Para melhor compreendermos esta problemática, propomo-nos inquirir sobre como se processou a separação entre os conceitos de sociedade civil e Estado e por que razão esta se encontra na origem da contestação ao papel do Estado soberano pelo neo-liberalismo. Como tal, traça-se a origem e evolução do conceito de sociedade civil desde Aristóteles, cujo entendimento era partilhado por São Tomás de Aquino, dando-se particular relevo às transformações operadas pelos autores contratualistas, como Locke ou Rousseau, pelos Iluministas escoceses, como Bernard Mandeville e Adam Ferguson, e pelos autores responsáveis por uma ideia de sociedade civil oposta à destes últimos, Hegel e Marx.

Evidencia-se, assim, que após a vigência do entendimento do integracionismo aristotélico, a modernidade produziu duas concepções de sociedade civil, uma liberal e outra marxista, que

fundamentaram as respectivas correntes político-ideológicas, cujos confrontos na *praxis* política tiveram como desfecho a prevalência da corrente liberal. Esta prevalência do liberalismo é apontada como um dos principais factores subjacentes à crise do Estado soberano, demonstrando-se o seu impacto nos processos de globalização e de complexificação da vida internacional e deixando patentes as formas como estes contribuem para a contestação do papel do Estado.

Samuel de Paiva Pires. Professor Auxiliar Convidado na Universidade da Beira Interior (UBI), onde é director do Mestrado em Relações Internacionais. Investigador integrado no PRAXIS – Centro de Filosofia, Política e Cultura, da UBI. Investigador colaborador no Centro de Administração e Políticas Públicas do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa (ISCSP-UL). Investigador Doutorado do Observatório Político. Membro da Associação Portuguesa de Ciência Política, da Associação Portuguesa de Sociologia, da American Political Science Association e da International Studies Association. Doutorado em Ciências Sociais, na especialidade de Ciência Política, com uma tese intitulada *Tradição, razão e mudança*, Mestre em Ciência Política, na especialidade de Teoria Política, com uma dissertação intitulada *Do Conceito de Liberdade em Friedrich A. Hayek*, e Licenciado em Relações Internacionais, com um relatório de estágio intitulado *O lugar do Brasil na Política Externa Portuguesa*, pelo ISCSP-UL.
E-mail: s.paiva.pires@ubi.pt; samuelppires@gmail.com

Saulo Henrique Souza Silva

(Universidade Federal de Sergipe, BR)

A crise da democracia e o avanço do autoritarismo no Brasil

Tempos sombrios têm sacudido o processo de redemocratização no Brasil. Fruto de um acordo que estabeleceu a transição entre o autoritarismo dos militares e a volta ao estado de direito, os contornos desse processo foram sempre delineados em vista de sustentar uma sociedade civil cujos princípios de sua existência são a naturalização da desigualdade social e uma espécie de contradição performativa que exclui da vida democrática a maioria da população. A esperança de que a justiça se estabelecesse no Brasil com o advento da redemocratização foi uma ilusão a priori e precisa ser desconstruída por uma simples questão de imposição dos fatos que denotam a quem efetivamente tem interessado o modelo atual das eleições. Sobretudo, na sociedade brasileira que cada vez mais submerge no pântano do conservadorismo pueril as eleições têm tem conduzido boa parte da população à atitude masoquista de procurar a justiça nas mãos de governos que têm atentado contra direitos democráticos fundamentais. Mesmo assim, a defesa do aprofundamento da consciência democrática e crítica deve sempre permanecer como um valor social e uma ideia reguladora indiscutível pelo simples fato de permitir o emergir da dissidência. Com efeito, o objetivo desta comunicação é refletir sobre o cenário político brasileiro a partir da terminologia clássica da filosofia política, demonstrando como a frágil experiência democrática no Brasil é corroída por gritos de ordem e promessas de progresso propagandeadas pelas vozes autoritárias dos arautos da moralidade em sua ânsia pelo controle do poder, econômico, político e das consciências.

Saulo Henrique Souza Silva é Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Mestre e Doutor em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e possui estágio de Pós-doutorado junto ao Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP). Professor de Filosofia do Colégio de Aplicação (CODAP), Pesquisador permanente do Programa de Pós-graduação em Filosofia (PPGF) e do Programa de Pós-graduação em Mestrado Profissional em Ciências Ambientais (PROF-CIAMB), ambos da UFS. Seus interesses de pesquisa estão concentrados em torno da filosofia política inglesa do século XVII, da discussão sobre tolerância, religião e ateísmo; sobre os pressupostos teóricos da ética ambiental e os problemas que envolvem o ensino de filosofia no Brasil. Em 2013 publicou o livro *Tolerância Civil e Religiosa em John Locke* (EDUFS).
E-mail: saulohnrique01@hotmail.com

Sérgio Lagoa

(Associação de Professores de Filosofia, PT)

Ensinar Filosofia no Século XXI

Chegados ao século XXI, é importante repensar o papel da Filosofia na Educação. A irrupção da "Sociedade em Rede" tem como consequências mais visíveis a alteração da nossa relação com o conhecimento, que passa a estar distribuído e facilmente acessível através de um simples *smartphone*, e, simultaneamente, o surgimento de uma Sociedade da [abundância] de Informação, mas também de Desinformação. À Escola pede-se que forme cidadãos críticos, ativos, dotados de um conjunto de virtudes cívicas e competências lógicas e argumentativas, de pensamento crítico, mas também de capacidade de trabalho colaborativo, de criatividade, de investigação, etc. Quais são as respostas que a Filosofia tem para dar a estas exigências?

Interessará fixar as competências a desenvolver didaticamente através da Filosofia. Para tal, será necessário revisitar a ensinabilidade da filosofia, começando por salientar a importância da inscrição da didática da filosofia numa metafilosofia. Salienta-se o relevo dos contributos de Tozzi (problematização, argumentação, conceptualização) e Rudisill (interpretação e análise, argumentação, conhecimento e método filosófico, comunicação) e da Filosofia com Crianças de Lipman. Releva-se o papel central da Lógica no ensino da Filosofia, pois as competências básicas de lógica serão operatórias na análise e discussão dos problemas, das teses e dos argumentos abordados nas aulas e alicerçados nas matérias propriamente filosóficas.

Questiona-se a forma como as instituições de ensino devem incorporar as novas tecnologias nas metodologias de ensino, salientando que a introdução das tecnologias deve ser devidamente ponderada, estabelecendo criteriosamente objetivos de aprendizagem, metodologias de trabalho, ferramentas digitais necessárias, meios e estruturas disponíveis, sem ignorar o desenvolvimento da literacia digital dos alunos (e dos docentes), etc.

Consequentemente, apresentam-se de forma sintética metodologias e ferramentas de trabalho, tais como aprendizagem cooperativa e trabalho colaborativo, plataformas de gestão de aprendizagens, aplicações do universo Google e Wordpress, ferramentas de criação, edição e publicação de registos áudio e vídeo, mapas conceptuais e mapas de argumentos, aplicações disponíveis para smartphones e tablets. Inclui-se uma abordagem ao problema da avaliação online, estabelecendo estratégias de prevenção e resolução de casos de plágio ou fraude académica que permitam salvaguardar a autenticidade e originalidade dos trabalhos dos estudantes, por um lado, e a própria credibilidade das instituições de ensino; e isto, por sua vez, conduz-nos a novas questões, como a opção entre metodologias de trabalho e modelos pedagógicos.

Sérgio Lagoa. Licenciou-se em Filosofia em 1995, na FLUP, e é professor no ensino secundário. Fez mestrado em Pedagogia do E-Learning, com incidência em identidade digital e avaliação on-line (Universidade Aberta); e mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário sobre metodologias de trabalho colaborativo e ferramentas on-line na didática da filosofia (FLUP). Foi Professor Cooperante (orientador) da FLUP. É membro da direção da Apf, da direção do SINATEC e presidente da assembleia geral da ATE XXI – associação para formação. É palestrante convidado da ANVPC na área das implicações éticas da Sociedade da Informação. Tem como principais interesses a Didática da Filosofia e a Filosofia da Informação. Editor do site "Páginas de Filosofia".

E-mail: msaalagoa@gmail.com

Sofia Miguens

(Universidade do Porto, PT)

Is there a Single Way for all Humans to be Human? Two Problems for Aristotelian Naturalism in Contemporary Moral Philosophy

Naturalism is a very widespread position in contemporary analytic philosophy yet not always very clearly spelled out. In order to search for clarity regarding what one means by naturalism, in this paper I consider what it might mean in moral philosophy. For that I explore some of the strands of McDowell's case for second-nature naturalism. Moral philosophers who are Aristotelian naturalists may e.g. have diverging interpretations of Aristotle's idea that the good life for a human being is a life of activity in accordance with the virtues. Such is the case of John McDowell (McDowell 1998) and Philippa Foot (Foot 1978). One important question here is whether Aristotelian naturalism commits one to the idea of a good, or goods, which are *natural to humans qua humans*. I then move forward to the question whether Aristotelian naturalism in moral philosophy is able to cope with the existence of competing ethical claims within coexistent moral practices. For that I consider an argument put forward against McDowell by Bernard Williams in *Ethics and the Limits of Philosophy* (Williams 1985). Building on a suggestion by Alan Thomas in *Value and Context – The nature of moral and political knowledge* (Thomas 2006) I end with a proposal on how to keep Aristotelianism in moral philosophy.

Sofia Miguens is a Professor at the Department of Philosophy of the Faculty of Arts of the University of Porto. She was a Visiting Scholar at New York University (Fall 2000), a Visiting Research Fellow at Institut Jean Nicod-Paris (2007-2008), a Visiting Scholar at the University of Sydney – Australia (2013) and a Visiting Professor at the University of Picardie (Amiens) (2017). She was President of the Portuguese Philosophical Association (Sociedade Portuguesa de Filosofia, SPF) (2004-2006). She is the Founder and Principal Investigator of MLAG (Mind, Language and Action Group), a research group at the Institute of Philosophy of the University of Porto (start: 2005) and the Director of GFMC (Gabinete de Filosofia Moderna e Contemporânea) of the same Institute. She is author of seven books and editor of several others, among them *Consciousness and Subjectivity* (Frankfurt, Ontos, 2012), *Conversations on Practical Rationality* (Newcastle, CUP, 2013), *Pre-Reflective Consciousness – Sartre and contemporary philosophy of mind* (Routledge, 2016) and *The Logical Alien At 20* (Harvard University Press, forthcoming). She has published widely in Portuguese, English and French on several topics in philosophy of mind and language, epistemology and cognitive science, moral and political philosophy and history of 20th century philosophy.

Sonia E. Rodríguez García

(Universidad Nacional de Educación a Distancia, ES)

Aproximándonos a una fenomenología del sentimiento en la obra de Charles Taylor

Hablar de una "fenomenología del sentimiento" en Taylor es, cuando menos, arriesgado. De entrada, debemos hacer frente a dos dificultades: por un lado, la recepción y comprensión de su obra y pensamiento; por otro lado, lo que allí podemos encontrar sobre esta cuestión.

El puesto que Taylor ocupa en el panorama filosófico actual no guarda demasiados vínculos con la fenomenología. A Taylor se le atribuye —erróneamente — el mérito de ser uno de los padres del comunitarismo. Es conocido, principalmente, por sus lúcidos ensayos sobre filosofía moral y política y, en los últimos años, por sus trabajos en torno al proceso de secularización en la sociedad occidental. Por este motivo, nos vemos obligados, en primer lugar, a ubicar correctamente el pensamiento de Taylor y justificar dónde y por qué podemos hablar de una "fenomenología del sentimiento". Para ello, pondremos la obra de Taylor en perspectiva, mostrando la escasa recepción de los primeros escritos del autor y su temprana adhesión a la fenomenología. Atendiendo a estos textos, podremos explicar el método de la investigación trascendental que sigue su filosofía, así

como explicitar el proyecto filosófico que regirá toda su obra, a saber, la configuración de una antropología filosófica.
Pero aún situando adecuadamente el pensamiento del autor en el panorama filosófico actual, resulta complicado hablar de una "fenomenología del sentimiento". Primero, porque Taylor no utiliza nunca esta expresión, aunque en la argumentación trascendental de las emociones puramente humanas parece sentar las bases de lo que podríamos considerar una "fenomenología del sentimiento". Segundo, porque este análisis no es llevado a cabo como un estudio sistemático de las emociones, sino que son breves apuntes, hilvanes que Taylor entreteje, en su definición del ser humano como animal que se autointerpreta. Por eso, en segundo lugar, debemos asumir el reto de exponer la peculiaridad del ser humano en la antropología filosófica de Charles Taylor, mostrando la diferencia cualitativa que supone la hibridación de sentimiento y lenguaje en el ser humano. A partir de esta exposición, queremos realizar nuestra propia aportación ensayando una fenomenología del sentimiento, a través del análisis detallado del sentimiento de vergüenza; para finalmente comprender la profundidad de las afirmaciones establecidas por Taylor en su definición del ser humano como animal que se autointepreta.
Esperamos, de este modo, ofrecer una primera aproximación a lo que podríamos considerar una "fenomenología del sentimiento" en Charles Taylor.

Sonia E. Rodríguez García. Doctora en Filosofía por la UNED (2014). Tesis: "Ética, política y religión en Charles Taylor. Buscando significados, reencantado el mundo". Directores: Javier Muguerza y Javier San Martín. Calificación: Sobresaliente Cum Laude por unanimidad, Mención "Doctora Europea" y Premio Extraordinario de Doctorado. Máster Oficial (EEES) en Comunicación y Educación en la Red. Especialidad: "Tecnologías digitales" con Sobresaliente por la UNED (2010); Especialista Universitaria en Formación Docente para la Educación Secundaria y Superior por la UNED (2008); y Licenciada en Filosofía por la Universidad de Granada (2006). Becaria FPI de la UNED (2010-2014). Realizó estancias de investigación en McGill University (Montreal, Canadá, 2011), University of Jyväskylä (Jyväskylä, Finlandia, 2012) y Universidade de Lisboa (Lisboa, Portugal, 2013). Becaria del Instituto de Tecnologías Educativas (ITE) del Ministerio de Educación (2009-2010). Profesora-tutora de la UNED desde el año 2010 y Profesora Adjunta en la UEM (2015-2017). En la actualidad es Profesora Ayudante Doctora en la UNED, donde imparte las asignaturas de Filosofía de la Religión I y II (Grado en Filosofía) y Religión y Filosofía (Máster en Filosofía Teórica y Práctica). Sus líneas de investigación se centran en el área de la Filosofía de la Religión en conexión con la Antropología Filosófica y la Fenomenología.
E-mail: soniaerodriguez@fsof.uned.es

Steven S. Gouveia – Georg Northoff

(Universidade do Minho, PT – University of Ottawa, CA)

O problema da percepção e a procura pelo melhor modelo do cérebro

A percepção é uma característica importante da nossa vida mental. A maioria das melhores experiências que temos provêm da experiência perceptiva: o sabor de um bom café ou uma boa pizza. A experiência perceptiva também é vital para nossa sobrevivência. Desde a antiguidade, a percepção tem-se enquadrado em muitas teorias sobre a realidade e o acesso ao mundo externo. A questão sobre a natureza da percepção é, no entanto, diferente da questão empírica: isto é, como nossos órgãos dos sentidos em geral realmente funcionam? Nesse sentido, estamos a perguntar pelos mecanismos específicos da e.g. visão ou olfacto. Mesmo se, num cenário de perfeição epistêmica, onde conhecemos todos os detalhes, e.g. a teoria neuropsicológica da visão e do olfato, haverá sempre a pergunta: porque é que esse processo fornece uma razão para justificar, por exemplo, a crença de que estou a ver esta mesa agora?
Nesta palestra, vamos concentrar-nos na importância de uma das respostas mais importantes para o problema da percepção: o realismo direto. Vamos caracterizar a ideia principal desta abordagem e das suas várias sub-posições (e qual modelo – sensorial, cognitivo ou outro – do cérebro a que estão relacionados), concluindo a intuição principal do realismo direto. Iremos demonstrar porque é que

essa abordagem é mais plausível que as teorias indiretas da percepção. Finalmente, mostraremos alguns dos problemas do realismo direto (isto é, a adopção de um modelo implausível do cérebro) e oferecer uma alternativa neurofilosófica que é mais plausível e compatível com os dados empíricos atuais.

Steven S. Gouveia. PhD Student, Philosophy, University of Minho; visiting researcher (2017-2021) at the Minds, Brain Imaging and Neuroethics Unit of The Royal Institute of Mental Health of the University of Ottawa and (2019) at the University of Oxford; researcher of the Lisbon Mind & Reasoning Group – NOVA University of Lisbon; and researcher of the Mind, Language and Action Group – IF, University of Porto.
E-mail: stevensequeira92@hotmail.com

Georg Northoff. Canada Research Chair in Mind, Brain Imaging and Neuroethics, ELJB-CIHR Michael Smith Chair in Neurosciences and Mental Health; Institute of Mental Health Research, University of Ottawa, Ottawa, Canada; Taipei Medical University, Graduate Institute of Humanities in Medicine, Taipei, Taiwan; Taipei Medical University-Shuang Ho Hospital, Brain and Consciousness Research Center, New Taipei City, Taiwan; National Chengchi University, Research Center for Mind, Brain and Learning, Taipei, Taiwan; National Chengchi University, Department of Psychology, Taipei, Taiwan; and Centre for Cognition and Brain Disorders (CBBD), Normal University Hangzhou, Hangzhou, China.

Tânia Aparecida Kuhnen

(Universidade Federal do Oeste da Bahia, BR)

Limites da abordagem do holismo sistêmico e do biocentrismo na proteção das formas de vida humanas e não humanas

O presente artigo busca explorar as contribuições e os limites das perspectivas ecológicas do holismo sistêmico e do individualismo biocêntrico para pensar as inter-relações entre seres humanos e outras formas de vida. Essas abordagens, cada qual a seu próprio modo, surgiram para dar conta da proteção moral abrangente de formas de vida não humanas. Ambas percebem as relações humanas atuais com a natureza de forma crítica e compartilham a rejeição ao paradigma antropocêntrico, privilegiado ao longo da história do pensamento filosófico ocidental. O holismo de Baird J. Callicott e Holmes Rolston III e o biocentrismo de Paul W. Taylor procuram se afastar de abordagens morais centradas nas capacidades humanas, nas quais relações com outras formas de vida são marcadamente verticais, para assumir uma postura de caráter horizontal nos relacionamentos entre indivíduos humanos e de outras espécies. Todavia, ao proporem valores, princípios e fórmulas gerais destinados a orientar o modo como humanos devem se relacionar moralmente com a natureza, com respeito às vidas individuais, espécies, ecossistemas e comunidades bióticas, não se apontam elementos suficientes para compreender como as relações entre humanos e natureza são perpassadas pelos efeitos de uma lógica da dominação, que envolve desigualdades de poder e a sustentação de uma estrutura hierárquica e dualista de valor. Para dar conta desse problema, recorre-se às contribuições do pensamento ecofeminista, a exemplo de Ynestra King, Vandana Shiva, Maria Mies, Karen Warren, Marti Kheel e Val Plumwood, e da perspectiva multicentrista de Anthony Weston, a fim de sustentar a posição de que teorias éticas ambientais necessitam também desconstruir o modelo histórico de dominação da natureza, que sustenta e reproduz relações humanas de exploração com outras formas de vida. O contexto atual de extinção de formas de vida silvestres diversas em ambientes naturais, bem como a exploração capitalista da vida de muitos animais domesticados, deve-se justamente ao desenvolvimento de uma sociedade ocidental assentada no ideal da dominação e exploração. Nesse sentido, é fundamental pensar teorias éticas que busquem transgredir e superar o paradigma expansionista da dominação, sustentado hoje pelo consumismo irrefletido e por novas formas de colonização.

Tânia Aparecida Kuhnen é professora adjunta na Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). Realizou graduação em Filosofia (2004), graduação em Letras – Língua Alemã (2011), mestrado em Filosofia (2010) e doutorado em Filosofia (2015), todos pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Em 2012 realizou estágio de pesquisa doutoral na Humboldt Universität zu Berlin com bolsa DAAD/CAPES. Leciona disciplinas de Ética, Bioética e Filosofia Política, além de realizar pesquisa em temas do campo da Filosofia Moral, tais como: fundamentos da ação moral, limites da comunidade moral, bioética, ética animal e ambiental e filosofia moral feminista. Integra os grupos de pesquisa "Corpus Possíveis: Educação, Cultura e Diferenças" e "Gestão, Inovação e Desenvolvimento", ambos vinculados à UFOB, além de colaborar com o "Grupo Interdisciplinar em Pesquisas Socioambientais – Grupo IPÊS" (FURB).
E-mail: tania.kuhnen@ufob.edu.br

Thaline Luize Ribeiro Fontenele

(Universidade Federal do Rio de Janeiro, BR)

Os problemas ambientais no curso da vida política e a invisibilidade da natureza e da mulher nesse contexto

A partir de um diagnóstico breve e inicial de como o meio ambiente tem sido tratado dentro de uma perspectiva social e política na América Latina, em destaque no Brasil, este trabalho tem como propósito demonstrar se o lugar que oferecemos à natureza na vida moderna, de fato, repercute nas mudanças sociais de uma comunidade ou um grupo específico de pessoas, neste caso para a mulher, destacando o papel que tem assumido nessa sociedade e sua vulnerabilidade com relação ao meio. Portanto, no primeiro momento chegaremos até os problemas do século XXI, que tem o meio ambiente como principal escopo para os interesses econômicos, destacando nessa passagem, o uso da racionalidade técnica e as formas de produção como elo e ao mesmo tempo distanciamento entre os seres humanos e a natureza. E posteriormente mostrar que a natureza está excluída de um processo político, social e econômico, consequência do modo de produção e do conceito que algumas sociedades têm formulado sobre qualidade de vida. A racionalidade técnica decorrente dos dois últimos séculos, com a consolidação de uma produção capitalista tem acarretado uma transformação na natureza, no sistema político e nas relações de trabalho, que esgota não só o trabalho, mas os recursos naturais de maneira alienada. No segundo momento, mostrar que os problemas ambientais refletem instantaneamente no modo de vida da mulher latina, mas também com relação a sua condição social, considerando assim e aqui destacando, os aspectos sociais nos quais essa mulher está inserida. Com isso, a discussão tem o propósito de mostrar que tanto o meio ambiente, quanto a mulher na sociedade estão condicionados a uma estrutura política patriarcal, que se intensifica diante de uma sociedade tecnológica e de acúmulo, reproduzindo um discurso de inferioridade atribuída à natureza e à mulher, usado para justificar o uso de um pela força do homem, e delegando ao feminino seu espaço na vida privada. Dessa forma, ao pensar o meio ambiente e o uso da tecnologia numa esfera econômica capitalista, estarei considerando não só a natureza e os outros seres vivos, mas também as estruturas de dominação que são reproduzidas em questões de gênero, de classes sociais, raciais e até mesmo sobre outras espécies de animais não-humanos, e que se refletem nas desigualdades mantidas pelo próprio sistema.

Thaline Luize Ribeiro Fontenele. Professora de Filosofia no Instituto Federal de Alagoas e Doutoranda em Filosofia na UFRJ, desenvolvendo pesquisa em gênero, ética ambiental e filosofia política.
E-mail: thalinelrf@hotmail.com

Thiago Henrique Rosales Marques

(Universidade Estadual de Campinas, BR)

Filopono contra Aristóteles: sobre a possibilidade de um duplo movimento natural

Neste trabalho retomo os argumentos de João Filopono de Alexandria em defesa de um duplo movimento natural para o fogo. Essa defesa se dá no escopo de sua obra *De aeternitate mundi contra Aristotelem*, em que o autor argumenta em favor de um mundo materialmente uniforme, antecipando em quase mil anos aquilo que Alexandre Koyré considera um dos pilares da Ciência Moderna. No bojo dessa crítica, para sustentar a hipótese de um mundo criado e perecível, Filopono subverte a relação entre natureza e movimento tal qual proposta por Aristóteles e propõe que o fogo possa ter um duplo movimento natural. Para isso, Filopono se apoia em uma aporia existente no *Corpus Aristotelicum* se, por um lado no *De caelo* Aristóteles que os corpos como a terra, a água, ar e fogo, ditos simples, possuem em si um princípio único de movimento através de uma magnitude geometricamente simples, por outro, na *Meteorologica*, parece fazer uma concessão ao explicar fenômenos como meteoros (341b22-24 e 344a11-13) através da rotação da esfera do fogo. Contudo, considerando a doutrina aristotélica, faz-se bastante difícil entender qual seria a natureza desse movimento, sem supor que haja uma aporia em sua obra. Ao conceder que o fogo se mova em círculo, contraria o que fora exposto no *De caelo*, obra em que defende que nem natural, nem contranaturalmente o fogo poderia ter o movimento circular. Logo, fogo só poderia ser posto a se mover em círculo pela violência. Entretanto, o próprio Aristóteles nega em vários momentos que possa haver um movimento violento que seja eterno (por exemplo, cf.: 269a7-9). Além disso, essa influência da região celeste carregando em sua rotação a esfera do fogo é, no mínimo, estranha. Essa aporia é percebida por vários comentadores antigos, no entanto, a maioria oferece soluções que tentam resguardar o sistema aristotélico. Filopono, por outro lado, altera a relação entre natureza e movimento proposta por Aristóteles e, dessa forma, elimina a contradição concedendo que corpos simples possam ter um duplo movimento natural. Embora talvez possa ser tida como irrelevante à primeira vista, essa aporia tem consequências dramáticas na obra de Aristóteles. Mais profundo é o impacto da solução de Filopono que faz ruir todo o sistema da física peripatética. Com grande originalidade e engenho intelectivo, Filopono consegue combinar ideias de teorias divergentes e construir com isso um sistema novo e mais robusto que o anterior.

Thiago Henrique Rosales Marques. Mestrando em Filosofia pela Universidade de Campinas (Unicamp), é bacharel em Física pela mesma Universidade, possui estágio de pesquisa na Universidade do Porto em Portugal e foi aceito para estágio de pesquisa junto à Universidade de Princeton nos Estados Unidos com início em outubro/2018. Se dedica ao estudo das obras de Aristóteles em Filosofia Natural e sua recepção na Antiguidade tardia, tendo publicado recentemente um capítulo no livro *Ancient Philosophy and its Reception in Early Modern Philosophy* pela editora IFCH/Unicamp.
E-mail: rosalesmarques@gmail.com

Thiago Vasconcelos

(Pontifícia Universidade Católica do Paraná, BR; Universidade de Coimbra, PT)

De que ou de quem exatamente nos falamos quando falamos dos animais?

Embora o tema da diferença animal seja transversal na história da filosofia desde Aristóteles, a pergunta sobre o ser próprio do animal aparece como uma tensão fundamental na civilização tecnológica, na medida em que ele se tornou um objeto da técnica, desde seu uso para a alimentação até a manipulação genética. Como resposta a essa coisificação do animal, surgiu a partir dos anos 1970, uma "ética do animal" e uma teoria de "direitos animais". A reflexão de Hans Jonas acerca do estatuto ontológico-ético do animal está inserida, nesse contexto, em uma análise mais geral sobre o fenômeno da vida e se apresenta como um ponto importante na ontologia que

pretende combater o dualismo e a ruptura entre animais humanos e não humanos. Ao reconhecer graus diferenciados de atividade espiritual entre os seres vivos, o autor, contudo, não partilha a ideia de uma igualdade plena entre os animais, embora sua perspectiva parta de traços comuns que acentuam a transanimalidade do homem, ou seja, o seu pertencimento e, ao mesmo tempo, a sua diferença em relação às alimárias. Por isso, sua filosofia não se limita ao discurso sobre os direitos animais, mas, antes, pretende pensar uma nova ontologia animal e uma nova animalidade humana a partir da integridade psicofísica e da relação constitutiva dos animais humanos e não humanos no âmbito da natureza. Podemos afirmar que é desta perspectiva ontológica que poderiam ser retiradas as consequências éticas da responsabilidade do homem pelo animal, como parte da sua responsabilidade com a vida em geral. Jonas formula, nesse sentido, uma ontologia e uma ética que buscam pensar o valor e a finalidade do fenômeno da vida em sua manifestação, ou seja, no próprio ser vivente, em sua existência efetiva. É a preocupação ontológica e, por conseguinte, ética que conduz Jonas à antropologia filosófica, principalmente no que diz respeito àquilo que pertence à relação entre o humano e o animal, ou melhor, àquilo que o autor chamou de transanimalidade, um co-pertencimento de tipo deiscente, ou seja, uma abertura para sua própria condição de vivente a partir do terreno de sua animalidade. Nesse sentido, a questão animal fornece uma chave de leitura importante e ainda pouco explorada para a compreensão da passagem da ontologia à ética na filosofia jonasiana e seus desdobramentos em uma antropologia filosófica que busca romper com o abismo que se mantém na filosofia ocidental entre o ser humano e o ser animal.

Thiago Vasconcelos. Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) / Universidade de Coimbra (UC). Mestre em filosofia (Pontifícia Universidade Católica do Paraná) e doutorando em filosofia (Pontifícia Universidade Católica do Paraná em co-tutela com a Universidade de Coimbra). Recebeu o prêmio de mérito acadêmico pelo melhor desempenho na graduação, em 2014. É professor de filosofia na educação básica. Tem sua pesquisa voltada para temas da filosofia contemporânea, com ênfase na relação entre ontologia e ética em Hans Jonas e Heidegger. Pesquisa também os seguintes temas: os desafios do niilismo, o estatuto ontológico do animal, filosofia da imagem.
E-mail: thiagov.rvasconcelos@gmail.com

Thomaz Rocha

(Universidade Federal da Paraíba, BR)

O irreparável: uma leitura da ontologia política agambeniana em relação com o novo realismo

Este trabalho segue a linha de leitura da obra de Giorgio Agamben proposta por Mathew Abbott em *The Figure of This World*, considerando o fio condutor da obra agambeniana sua ontologia política, a questão de como decisões sobre a ontologia possuem implicações políticas. Partindo de *A comunidade que vem*, livro que abre a reflexão agambeniana sobre filosofia política, encontramos uma discussão sobre o irreparável, que inaugura uma tendência que nossa investigação procura divisar: o posicionamento político agambeniano mostrou-se, desde 1990, na contracorrente da tendência da filosofia continental em aspectos significativos, o que é particularmente intrigante se levarmos em conta seus principais referenciais teóricos. Observamos que, longe de ser um momento atípico em sua obra, essa tendência acentua-se na produção recente do filósofo romano, notadamente em seu distanciamento em relação ao pragmatismo acentuado em *O reino e a Glória* e *Opus Dei*, bem como a crítica feita em *Che cos'è reale? La scomparsa di Majorana* ao probabilismo ontológico da ciência moderna. Finalmente, mesmo sua vívida filosofia da linguagem relaciona-se intimamente com uma posição metafísica de assumida influência platônica que ocupa papel decisivo no volume de conclusão do projeto *Homo sacer*. Considerando a posição ímpar do autor no cenário continental contemporâneo, buscamos traçar diálogo com uma corrente filosófica recente, o Novo realismo, ou realismo especulativo – notadamente a partir do pensamento de Markus Gabriel. Sem buscar filiar Agamben ao referido movimento, ou minimizar as diferenças notáveis entre ambos, acreditamos que o confronto entre as obras de Giorgio Agamben e Markus Gabriel colaboram para

trazer nova luz a ambas. Observamos, nesse sentido, o papel central da contingência radical em ambos os autores, propondo uma aproximação inicial: Se Agamben observa em 1990 que "como o mundo é, isso é fora do mundo" e esse "como sou, como tu és" aparece como o irreparável a ser salvo na revelação da linguagem, o horizonte messiânico, o pequeno deslocamento que parece deixar tudo imutável, é compreender na porta estreita do momento sua assinatura, o aparecer-em-um-campo-de-sentido – e não apenas o objeto, ou o campo. Se, como mostra Gabriel, não há um "domínio de todos os domínios", não há necessidade absoluta – a necessidade é propriedade dos objetos em um campo específico. O potencial político dessa figura estaria em questionar conjuntamente objeto e campo.

Thomaz Fernandes Rocha Mota. Psicólogo graduado na Universidade Federal do Ceará. Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba.
E-mail: thomazroc@gmail.com

Tiago Casado – Leslye Revely dos Santos Arguello

(Faculdade Paulus de Comunicação, BR; Faculdade Cásper Líbero, BR – Universidade Presbisteriana Mackenzie, BR; Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado, BR)

As artes visuais na Filosofia e na Comunicação: relatos de experiências estético-éticas no processo de formação de estudantes de graduação

A pesquisa apresenta descrições e reflexões de atividades realizadas no currículo dos cursos de Filosofia e de Comunicação Social por meio de Práticas Pedagógicas com as artes visuais, considerando a experiência estético-ética como possibilidade curricular relevante e significativa à formação dos estudantes de ciências humanas. As Práticas Pedagógicas constituem um eixo no currículo dos cursos de Filosofia, que integra conteúdos e linguagens diversos em suas interfaces com a comunicação, com as tecnologias e com as artes, buscando estimular a sensibilidade e a reflexão dos alunos de graduação por meio de contato com a obra de arte. Neste estudo, aborda-se diferentes linguagens artísticas e suportes didáticos para vivências em que a obra é compreendida tanto em seu aspecto contemplativo quanto em seu potencial reflexivo e político. A pesquisa tem como aportes teóricos as concepções de Benjamin, Adorno, Dewey, Freire e Teixeira. Com base nos autores e a partir dos relatos, discutiremos obras artísticas do período clássico ao contemporâneo já trabalhados em aula e que resultaram em produções dos próprios alunos no que diz respeito à ampliação da sensibilidade e da discussão arte e sociedade. Os principais temas trabalhados foram: funções da arte; estética e ética; arte e ensino; leitura e releitura de imagens.

Tiago Casado. Doutor em Educação pela PUC-SP, Filósofo e Professor na Faculdade Paulus de Comunicação (FAPCOM) e na Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, Brasil. Áreas de Pesquisa: Filosofia Contemporânea, Educação, Currículo, Estética e Ética.
E-mail: tiago.zaratz@gmail.com

Leslye Revely dos Santos Arguello. Mestre em Artes pela UNESP, Professora e Pesquisadora da Universidade Presbiteriana Mackenzie e FECAP, São Paulo, Brasil. Áreas de Pesquisa e Docência: Filosofia da Arte, Educação, Criatividade, Linguagem Visual, História da Arte e Expressão Oral e Corporal.
E-mail: leslye.revely@gmail.com

Tiago Mesquita Carvalho

(Universidade de Lisboa, PT)

Comer bem. Para uma Ética Alimentar

Esta apresentação pretende ser uma introdução às principais questões éticas que rodeiam a alimentação nas sociedades industriais. Para tal, pretendemos tecer uma breve resenha histórica em que assinalaremos as principais mudanças que sobrevieram à natureza da produção, do abastecimento e do consumo de bens alimentares. Através deste contexto de fundo e das causas associadas a essa mudança poder-se-á entender o alcance das complexas questões hodiernas que hoje se prendem com a alimentação. Assinalamos como as tecnologias alteraram decisivamente e medeiam ainda hoje as nossas acções de consumo e como limitam o horizonte ético das nossas escolhas alimentares; ao mesmo tempo, a opacidade espistemológica protagonizada pelas tecnologias justificará porque deve a abordagem à história produtiva seguir um pluralismo ético. As respostas que propomos, tributárias das contribuições teóricas de Albert Borgmann e Alaisdair MacIntyre, visam cimentar a pertinência ética da preservação de certas práticas agrícolas e alimentares através dos conceitos de transparência e rastreabilidade. Durante esta análise procuramos não perder de vista o carácter cultural da comida e do imaginário identitário que lhe está associado.

Tiago Mesquita Carvalho. Doutorando em Filosofia da Tecnologia e Ética Ambiental (FCUL). Autor de vários artigos e conferências nos temas da filosofia da tecnologia, ética e estética ambiental e planeamento urbano em revistas e eventos nacionais e internacionais. Trabalhou como investigador em paisagens sonoras e planeamento urbano no CAPS-IST (20008-2010) e colaborou com o projecto Filosofia e Arquitectura da Paisagem do Centro de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, dos quais se destaca o capítulo "A estética do som na paisagem e na arquitectura"; organizou o Projecto Rio com a Associação Chão de Gente em Tavira, destinado a pensar territórios rurais no contexto da tardo-modernidade, reunindo investigadores como Álvaro Domingues e Fernando Olivera Baptista. A sua tese de mestrado *Arte e Natureza no Budismo Japonês. Recursos conceptuais para uma estética do ambiente*, orientada pela professora Adriana Veríssimo Serrão foi editada pela Nota de Rodapé em 2016 com o apoio da Fundação Oriente.
E-mail: tbmcarvalho@yahoo.com

Valter Ferreira Rodrigues

(Universidade Federal de Campina Grande, BR)

Aportes Vazianos para um ensino filosófico: crise e conflitos éticos como princípios para uma experiência crítico-criativa

A Ética é talvez o campo da Filosofia que melhor expresse uma dimensão pedagógica. Os diversos paradigmas éticos existentes têm demonstrado inerente "pedagogicidade", em especial quando ensejam princípios que servem a determinados modelos de educação e de formação humana. De outro lado, as diferentes teorias da educação parecem conter e fomentar uma determinada "eticidade" no interior de suas reflexões pedagógicas. Historicamente, os temas da Ética e da Educação passam a ocupar lugar na reflexão filosófica na chamada fundação socrática da Ética e o reconhecimento de um elo ético original, que desde a Antiguidade une Filosofia e Educação, permite falar em contribuições da Ética à Filosofia da Educação. A presente comunicação apoia-se nessa relação fundamental e reflete sobre como as noções de "crise" e de "conflito ético", tratadas especialmente nos *Escritos de Filosofia*, do filósofo brasileiro Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921-2002), podem contribuir para aquilo que no Brasil convencionou-se chamar de um ensino filosófico da Filosofia. Considerando a Filosofia não apenas como um tipo de saber historicamente constituído, mas principalmente como uma atividade da inteligência, capaz de transformar o modo como o ser humano compreende a si e o mundo, bem como a maneira como constrói e age sobre a realidade, a comunicação defende um ensino filosófico, mediante experiências crítico-criativas do pensamento e da ação. O estudo dos aportes vazianos para um ensino filosófico é parte de uma pesquisa em andamento. Tomados como princípios de renovação e de transformação do *ethos* ou da vida ética, a

compreensão desenvolvida por Vaz sobre a crise ética e o conflito ético, em especial naquilo que o filósofo reflete sobre a Cultura, demonstra que o exercício da razão prática se dá na forma de uma praxis criadora, que se identifica como uma das principais características do potencial criador do pensamento filosófico, enquanto experiência de criação de novos saberes e de novas práticas. Para Vaz, a crise e os conflitos éticos são responsáveis pela instauração de novas formas de vida ética, que sem se confundirem com o "niilismo ético", que consiste na pura e simples negação do *ethos* ou com "anomia ética", que consiste num relativismo ético, emanam da liberdade humana e instauram o novo. A comunicação demonstra como os conceitos vazianos de crise ética e de conflito ético poderiam contribuir para uma fundamentação filosófica crítico-criativa para o ensino da Filosofia e para a Educação em geral.

Valter Ferreira Rodrigues é atualmente Professor Adjunto da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, onde atua como professor de Filosofia para diversos cursos de Licenciatura e como docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFCG (PROF-FILO), na modalidade Mestrado Profissional em Ensino de Filosofia. É Pesquisador Associado do Laboratório de Pesquisa em Filosofia Prática e Aplicada da Universidade do Egeu (Rodes/Grécia). Participa do Grupo de Trabalho (GT) "Filosofar e Ensinar a Filosofar" ligado à Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF) e do Grupo de Pesquisas em Filosofia e Educação da UFCG (GEPEFE). Possui Doutorado em Educação, Mestrado e Graduação em Filosofia. Principais áreas de interesse: Filosofia Política da Educação (Fundamentos éticos, políticos, antropo-filosóficos da Educação); Ensino e Aprendizado da Filosofia (Filosofia e ensino-aprendizagem; Práticas de Ensino de Filosofia).
E-mail: valterfilosofia@superig.com.br

Vanessa Duron Latansio

(Universidade Estadual de Santa Cruz, BR; Universidade Nova de Lisboa, PT)

A proposta epistemológica de Wittgenstein: o saber, a dúvida e a certeza

Embora Wittgenstein sobrevenha no cenário filosófico como lógico e filósofo da linguagem, boas razões levam-nos a considerá-lo também como um epistemólogo. A fim de assentar tais razões pretendemos refletir sobre as noções de saber, dúvida e certeza a partir da sua obra tardia, o *Da Certeza*. A metodologia para esta análise parte do pressuposto de que as questões epistemológicas no pensamento wittgensteiniano devem ser interpretadas à luz da sua filosofia da psicologia que, por sua vez, assenta em sua filosofia da linguagem a qual, como bem difundida, apresenta dois métodos no decorrer de seu pensamento. De um lado o método de clarificação das proposição por meio da lógica, como consagrado no *Tractatus Logico-Philosophicus* (1921) e de outro, mais especificamente seus escritos pós-1929, a reordenação do significado das palavras por meio da linguagem quotidiana e dos seus diversos usos nos mais diversificados jogos de linguagem; sendo este último, o método pelo qual os 'termos epistemológicos' são refletidos no *Da Certeza*. Nesta perspetiva as noções de saber, dúvida e certeza deslocam-se para uma reconfiguração da compreensão do uso destas expressões no discurso filosófico que se aplica à temática do conhecimento. Portanto, o objetivo desta comunicação consiste em apresentar sumamente uma exegese de como Wittgenstein distingue estas noções epistemológicas essenciais.

Vanessa Duron Latansio. Professora Assistente do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC – Ilhéus – Bahia – Brasil). Pesquisadora junto ao Grupo de estudos e pesquisas em Epistemologia Genética e Educação (GEPEGE) da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Grupo de estudos e pesquisas em Epistemologia Genética e Educação da Região Amazônica (GEPEGRA) da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Grupo de estudos em Filosofia e Epistemologia Genética (GFEG) da Universidade Estadual Paulista (UNESP) e Grupo de estudos e pesquisas em Subjetividade, linguagem e Antropologia na Universidade Estadual de Londrina (UEL). É participante também do EPLAB – Ethics and Political Philosophy (http://www.eplab.ifilnova.pt/pages/research-group) no Instituto de Filosofia da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-IFILNOVA). Possui mestrado em Filosofia, área de Epistemologia e Lógica,

na especialidade da Epistemologia Genética, pela Universidade Estadual Paulista (2010). Atualmente é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia na Universidade Nova de Lisboa, na especialidade Filosofia do Conhecimento e Epistemologia. Dedica-se, sobretudo, aos estudos da Filosofia de L. Wittgenstein, em sua fase tardia.
E-mail: vdlatansio@hotmail.com

Vanessa Mendes Martins

(Universidade da Beira Interior, PT)

Sartre: uma Fenomenologia do olhar em situação

É na dramaturgia de Sartre analisada de um ponto de vista filosófico que nos centramos. Partindo do problema da alteridade, do ser com o outro, procuramos compreender e solucionar a questão da objetivação à luz das obras dramáticas do autor. Uma vez que, para se afirmar, a liberdade tem necessidade de algo que a contrarie, uma situação que a tente negar, o teatro de situações de Sartre surge como o *cenário* adequado a uma análise da ação, da liberdade e da relação intersubjetiva. Assim, a investigação a desenvolver pretende tomar a dramaturgia de Sartre como objeto de experimentação fenomenológica, ligando a espacialidade e a intersubjetividade, numa expressão de relacionamentos que modelem uma teoria sartriana da ação. O objetivo é, pois, relacionar o problema da alteridade com o Teatro de Situações, procurando neste uma resposta àquele problema.
Na relação primordial entre o Outro e o Sujeito — relação de objetividade — impõe-se o problema do olhar, numa consciência irrefletida, existindo enquanto objeto para outro. É sobre esta consciência, assim como sobre as reações que dela advêm, que nos queremos debruçar, procurando solucionar este problema do *ser-com-o-outro* através do teatro de situações, partindo da exterioridade perante si mesmo enquanto ator. Com o *mise en situation*, o teatro confere uma nova relevância aos conceitos de espacialidade e de alteridade, num relacionamento de não objetivação entre ator e espectador, que salvaguarda, por isso, o *eu* e a sua subjetividade.

Vanessa Mendes Martins fez todo o seu percurso académico na área da filosofia: é mestre em Ética e Política (2009) e Ensino da Filosofia no Ensino Secundário (2011) pela Universidade da Beira Interior. É investigadora do Instituto de Filosofia Prático da UBI e o seu trabalho de doutoramento — que desenvolve na mesma instituição — prende-se com a interseção da dramaturgia de Jean-Paul Sartre com a sua fenomenologia do olhar, num trabalho que conjuga a intersubjetividade e a dramaturgia. A par da filosofia, é autora de algumas obras literárias, sobretudo na narrativa infantil.
E-mail: vanessa.m.martins@gmail.com

Vasco Castro

(Universidade do Porto, PT)

A salvaguarda da mediação a partir de uma leitura crítica de Deleuze

Nesta comunicação tenciono mostrar, a partir de *Différence et répetition* quais os elementos fundantes da filosofia de Gilles Deleuze e de que modo a detonação das categorias do sujeito, levada a cabo nessa obra, deixou uma marca indelével na teoria estética da filosofia contemporânea, transmutando, por inerência, a metafísica.
Para evidenciar a novidade desse contributo, discutem-se os elementos principais da *Teoria Estética* de Adorno, propondo-se o contraponto conceptual com o idealismo e, principalmente, a filosofia do sujeito, procurando salvaguardar a pertinência filosófica de um termo-chave: a mediação.
Procurarei, então, mostrar que ao fundir a metafísica e a estética, Deleuze consignará aos sistemas filosóficos o estatuto de herdeiros da filosofia representativa; e, com o conceito de síntese passiva, proposto com um cunho bem nietzschiano, tenta resgatar um vitalismo que está para além dos

liames categoriais do espírito. Portanto, a mediação, momento pelo qual o espírito constitui o objeto como seu objeto, desaparece, uma vez que essa solução está presa a um esquema reificado de sujeito – objeto. Com a implosão da filosofia como vocação judicativa, Deleuze procura transmutar o vocábulo tradicional das faculdades e das disposições do espírito, colocando na boca de cena o próprio motor orgânico da nossa constituição. E é aqui que consideramos pertinente o contraponto com Adorno, para quem este *telos* filosófico nos abandona à condição ingénua de imediatidade humana – a relação arcaica entre o ente humano e a arte convoca figuras sem as quais a simples vivência estética não existe; essa evidência, compreendida como negação da realidade empírica, só 'aparece' enquanto mediatizada pela obra de Arte.
Por fim, avaliaremos os pontos que distinguem Deleuze do hegelianismo como linhagem filosófica e a sustentação da crítica do francês a esta tradição, de modo a encontrar uma possível superação das aporias que, segundo o nosso entender, existem em Deleuze, a partir de uma especulação filosófica rigorosa que se afasta do simples elogio de autoridade.

Vasco Castro. Doutorando no Programa doutoral em Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e bolseiro de doutoramento da FCT. Licenciatura em Filosofia e Mestrado em Filosofia (vertente Filosofia Contemporânea) Faculdade de Letras da Universidade do Porto com a dissertação 'Um retorno ao cogito e às categorias do sujeito".
E-mail: vasco_castro@hotmail.com

Vera Rodrigues
(Universidade do Porto, PT)

Platonismo e aristotelismo na "querela dos universais" no séc. XII[in]

Considerada durante muito tempo como eminentemente platónica (por contraposição com a escolástica aristotélica dos séc. XIII e XIV) a alta Idade Média revela-se hoje, à luz da mais recente investigação, como igualmente aristotélica. Na viragem dos séculos XI-XII em particular, *aetas boethiana* por excelência, a eclosão da chamada "querela dos universais" – fundada no *corpus*, eminentemente aristotélico, da *logica vetus* – oferece uma perspectiva única de análise da articulação textual e teórico-filosófica deste corpus lógico-gramatical com aquele outro, mais assumidamente platónico e naturalista, constituído, entre outros, pela *Consolatio Philosophiae* e pela porção do *Timeu* de Platão até então conhecido, Macróbio, Marciano Capela. Na trama íntima de platonismo/aristotelismo que é a "querela dos universais" propomo-nos analisar aqui alguns dos pressupostos 'aristotélico-platónicos', comuns ou fracionantes, das posições realistas e da própria posição de Abelardo, na abertura – *super Porphyrium* – da *Logica Ingredientibus*.

Vera Rodrigues. Investigadora integrada do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto. Licenciada na FLUP, no Porto, em 1995, onde iniciou os seus estudos em Filosofia Medieval sob a direcção da Prof.ª Maria Cândida Monteiro Pacheco. Doutorou-se em 2006 na École Pratique des Hautes Études, IVè section, Paris, Sorbonne, com uma tese consagrada a Teodorico de Chartres. Tem publicações regulares em revistas e recolhas, nacionais e internacionais.

Verónica Guerrero Molina
(Universidad de Granada, ES)

Hermenéutica y género: el conocimiento desde la subalteridad

Foucault nos recuerda el carácter material del lenguaje. El lenguaje está inserto en un juego de poder y se ejerce de forma violenta en un en un intento de modificar las conductas de los sujetos. La injusticia hermenéutica es aquella situación en la que un sujeto se ve obstaculizado por un vacío

colectivo, debido a la relativa impotencia del grupo social del sujeto. Este tipo de injusticia tiene lugar cuando en el lenguaje de una cultura no existen los recursos expresivos e interpretativos suficientes para describir y hacer inteligibles las experiencias de determinados grupos sociales.
La identificación como sujetos de un grupo socialmente oprimido no es la misma que la subjetivación de los individuos que pertenecen a un grupo socialmente hegemónico. Los estudios feministas advirtieron, denunciaron y evidenciaron que existe un uso indiscriminado del género masculino, como único y representativo de la humanidad. Manifestaron que su uso y abuso producía un efecto que ocultaba, hacia invisibles y excluía a las mujeres.
Las estructuras de poder, como estructuras patriarcales, oprimen y marginan a las mujeres como grupo social. Somos, un grupo socialmente marginado y, por ello, los grupos socialmente hegemónicos dentro de las estructuras de poder patriarcales nos marginan hermenéuticamente excluyéndonos de experiencias y conocimiento.
Nuestro lenguaje – en tanto que patriarcal – fruto de que es un ejercicio de poder excluye las experiencias, preguntas y conceptualizaciones de 50% de la humanidad. El varón blanco, de clase alta, heterosexual, como grupo hegemónico encuentra en el lenguaje la herramienta para describir y conceptualizar sus experiencias, su realidad. Sin embargo, las mujeres, no encuentran en el lenguaje más que otro elemento más de opresión y marginación. En este caso, una exclusión hermenéutica.

Verónica Guerrero Molina. Beca de Iniciación a la Investigación, Plan Propio Universidad de Granada, Facultad de Filosofía y Letras, Departamento de Filosofía I. Estudiante de Grado en Filosofía en la UGR, obtuvo la Beca Erasmus+: DI para estudiar en la Universidad de Tel Aviv. Los semestres siguientes los cursó en la Facultad de Filosofía y Letras de la UNAM gracias a la obtención de la Beca Propia para Movilidad Internacional UGR y la Beca Santander Iberoamérica. Algunas ponencias anteriores: – El XIV taller de la Revista Dilemata de Éticas Aplicadas con "Pornografía ética y pornografía feminista: una exploración sobre sus diferencias y sus confluencias". – La Mesa Redonda "La Mujer y la Filosofía" con la ponencia "Hermenéutica Feminista" en las Jornadas de la REF por el Día Mundial de la Filosofía. – Facultad de Ciencias Políticas de la Universidad de Granada con "Los problemas éticos de la Asistencia Sexual". – LV Congreso de Filosofía Jóven con la ponencia " Injusticia hermenéutica: la mujer como sujeto lingüístico".
E-mail: guerreroveronica96@gmail.com

Victoria Tenreiro Rodríguez

(Universitat de València, ES)

Creer en el Otro: una lectura actual de la alteridad en Emmanuel Levinas

Uno de los aportes más significativos del pensamiento de Emmanuel Levinas al quehacer filosófico es su planteamiento sobre la alteridad. Con la intención de ponerlo en valor, proponemos la reinterpretación del Otro levinasiano como creencia, promoviendo su reformulación y actualización en el marco de una concepción cordial de la razón. Desde este enfoque, las creencias no se conciben sólo como estados mentales sino como *actos de sentido* que integran factores tanto de carácter cognitivo, como de carácter afectivo o emocional, reflejando la condición integral de la función humana vital. En este sentido, la creencia no sólo provee la direccionalidad necesaria para la acción, sino al mismo tiempo la fuerza subjetiva que la produce. El Otro levinasiano puede ser entendido como creencia, precisamente en cuanto aporta ambas dimensiones. En conclusión, la creencia en el Otro estructura un tipo de acción humanizadora que ulteriormente puede derivar o llegar a ser fundamento de las acciones morales, aumentando la relevancia de las creencias en los procesos de motivación moral.

Victoria Tenreiro Rodríguez. Universidad de Valencia. Victoria Tenreiro es Licenciada en Educación, mención Filosofía de la Universidad Católica Andrés Bello-Venezuela. Con una trayectoria de más de 10 años de investigación dentro del área de Ética, obtuvo la Maestría en Estudios del Discurso con un trabajo sobre educación moral, en la Universidad Central de Venezuela. Una vez en España, realizó el Master y obtuvo el

Doctorado Internacional en Ética y Democracia, de la Universidad de Valencia. Actualmente forma parte de un proyecto de innovación educativa en la enseñanza de la filosofía y se encuentra desarrollando una de las líneas de investigación derivadas de su tesis doctoral, centrada en el rol de las creencias dentro de la ética kantiana.
E-mail: victoriatenreiro@gmail.com

Weicong Ruan

(Renmin University of China, CN)

***God in Eternity and Things in Time: An Existential Distinction in Augustine's* Confessions**

What is the most important difference between God and the created things in the universe? We know much about the universe, but very little of the Creator. So how can we, who live earthly lives, discover this difference and draw a clear distinction between them? For Augustine, this question is of great significance. Answering it is a crucial step for Augustine, who used to be trapped in desires for secular objectives as showed in his *Confessions*, towards where God is, because it calls for a philosophical means to discern the existence of God as well as His creations. Moreover, Augustine needs to confess to God for redemption for his sins. In his view, "confession" carries two meanings: one is to praise the grace shown by God (with limitless power and wisdom) in His making us, and the other is to acknowledge the human being's (mortal and sinful) status as a creature. Both meanings necessitate enquiring into who God is and who we are.
In *Confessions*, Augustine differentiates God from His creatures in terms of their existential forms: God is immutable, while created things are mutable. Subsequently, he pushes the enquiry about this distinction to a metaphysical level, questioning what time is. In what sense does Augustine use this question of time to explore the distinction between God and His creations? In this study, I argue that Augustine holds an existential distinction in his *Confessions*, that is, God is transcendent, timeless, and therefore eternal, whereas all earthly creatures, and certainly human beings, are temporally bound. The argument for this thesis consists of three parts. First, I discuss the distinction between existential forms: the immutability of God and the mutability of created things. Second, I elucidate the nature of God's immutability through analyses concerning space and time, arguing that God's existence is neither spatial nor temporal. Finally, I make clear the temporality of creatures, which is inherent in the nature of time, to expand upon Augustine's views on God's transcendent eternity. The aim is to clarify how Augustine differentials the Creator and His creations by philosophically exploring the nature of time in *Confessions*.

Weicong Ruan is a Ph.D. student in the School of Philosophy, Renmin University of China (RUC). In 2017, he acquired his Master's Degree of Philosophy at RUC with a thesis titled "How Curiosity is A Sin of Human Nature? Research on the Existential Conditions of Self in Augustine". Now he, as a leader, is running the project "From Cicero to Augustine: Research on Concept of Freedom in Late Antiquity" (December 2017 – March 2019, No.18XNH117) supported by the Fundamental Research Funds for the Central Universities in China. Research Interests: Hellenistic philosophy; patristic philosophy (esp. Augustine). Academic Visiting: • Christian Theological Studies, China Evangelical Seminary North America, California, USA (2017). • "Reality, Transformation and Excellence: Explorations in Thomas Aquinas' Philosophy", lectured by Prof. Eleonore Stump, Centre for Sino-Christian Studies, Hong Kong Baptist University, Hong Kong China (2017). • Eighth Nation-wide Workshop of General Education and Core Courses, Tsinghua University (2016). • 2016 Internal Youth Seminar on Life and Ch'an, Fo Guang Shan Monastery, Taiwan China (2015).
E-mail: ruanwc0103@ruc.edu.cn

Wesley Leite Feitosa – Ellen Caroline Vieira de Paiva

(Universidade Federal do Maranhão, BR – Technische Universität Berlin, DE)

O europeu do futuro como "nova síntese": Nietzsche e a tarefa etnológica do Ocidente

Trata-se de análise hermenêutico-comparativa sobre a base filológico-histórica do conceito nietzschiano de *supra-europeu*. Com esta metodologia identificam-se elementos determinantes da permanência do desafio de uma "visão panorâmica" (*die Fernsicht*) sobre a Europa de maneira a suscitar delineamentos de imagens do europeu hodierno nos planos antropológico e político. O fundamento teórico desta reflexão concerne à efetivação deste conceito que Nietzsche, apesar de indicá-lo ainda no ciclo de *Humano Demasiado Humano*, somente desenvolve cerca de uma década depois – integrado ao projeto da *filosofia do futuro*. Com efeito, essa tarefa compreende a tentativa nietzschiana de problematizar a Europa sob uma perspectiva exterior ao paradigma político cultural *nacional-supranacional*: o *bom europeu*, entendido como o europeu comum da época de Nietzsche, é um desdobramento moral, cultural e político da cultura cristã. Enquanto desdobramento, fragmentam-se perspectivas paradoxais entre si como, por exemplo, a afirmação simultânea do indivíduo, da massificação, de ideais democráticos e de nacionalismos. O *supra-europeu* (*das Übereuropäische*) pode ser compreendido, assim, como uma perspectiva, um espírito e uma expressão cultural que promova as condições de surgimento do "europeu do futuro", este último dotado de uma *visão apátrida* sobre o mundo. Tal visão não implica, portanto, em uma união geopolítica de regiões europeias, mas em uma forma de ver a herança histórico-cultural europeia como um destino. Nietzsche observa que alguns indivíduos na história da Europa já buscaram de forma isolada essa perspectiva mais abrangente e menos individualizada. Entretanto, seu projeto para o futuro envolve gerações e muitos processos de transcendência da cultura ocidental. Para tanto é necessário recorrer a tudo que não seja europeu: Nietzsche afirma, portanto, a *visão oriental* (ou *asiática*) como superação da visão supra-europeia, dada a sua diversidade ética e cultural. Isto consiste tanto em uma negação lógico-estratégica quanto uma assimilação efetiva de alguns dos valores fundamentais orientais. Tal negação é seguida de um processo afirmativo extremo que possibilite a superação do que está sendo negado. No caso em apreço, esta afirmação é a *visão grega*. Considerando que Nietzsche interpreta os gregos como um povo que constituiu criativamente a sua cultura a partir do encontro cultural dos mundos ocidental e oriental, o estabelecimento de um ideal perspectivo de visão grega requer um trabalho progressivo das gerações futuras no desenvolvimento de culturas criativas, apátridas e abrangentes. Isto corresponde a um longo processo de transformações genealógicas futuras que possibilitem estabelecer as condições para a ampliação do humano através do encontro de culturas e de produções culturais e políticas que enriqueçam dinamicamente este processo expansivo. Tem-se, assim, a seguinte hierarquia: 1. *europeu*; 2. *supra-europeu*; 3. *asiático*; 4. *grego*. Uma vez comparadas a base conceitual desse projeto e a conjuntura contemporânea, restam evidentes a presença de elementos dos problemas que Nietzsche busca superar e os desafios que lhes correspondem. Desta forma, em quaisquer perspectivas – austral ou boreal, ocidental ou oriental – uma visão panorâmica político-cultural ainda se impõe como desafio e como tarefa para o presente e para o futuro.

Wesley Leite Feitosa. Estudante de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Bolsista de Iniciação à Docência – CAPES/Universidade Federal do Maranhão.
E-mail: wesley_leite2@hotmail.com

Ellen Caroline Vieira de Paiva. Professora de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Doutoranda em Filosofia do Conhecimento pela Technische Universität Berlin. Bolsista Doutorado no Exterior – CAPES/Brasil. Mestre em Cultura e Sociedade pela UFMA. Licenciada em Filosofia pela UFMA. Bacharel em Direito pela UFMA.
E-mail: ellencarolinev@gmail.com

Wladimir Barreto Lisboa

(Universidade Federal do Rio Grande do Sul, BR)

A dignidade do direito natural em Thomas Hobbes (Sobre o direito e a obrigação)

Thomas Hobbes teria sido, afirmam alguns de seus críticos, um dos principais formuladores da noção de direito subjetivo, i.e., da noção de um direito pensado enquanto pertencendo aos indivíduos de modo independente e mesmo exterior à política. A mística dos direitos naturais, dizem, produziria a mistificação desse não-lugar, dessa utopia que os aliena de sua natureza inexoravelmente política ao conceber um espaço anterior à vida civil.

De outro lado, apresenta-se como denúncia um diferente aspecto da mesma narrativa: como contrapeso a uma resistência potencialmente destrutiva ao poder político por parte dos indivíduos, haveria uma deriva totalitária que conduziria ao totalitarismo. A omnipotência da soberania seria o preço a pagar para se assegurar a efetividade das leis civis sempre ameaçadas pela obediência efêmera dos indivíduos.

O que perturba profundamente tais críticos é, dentre outras coisas, a ideia sustentada por Hobbes de uma fundação do político na razão. Essa fundação na razão significa ao menos quatro coisas: a) que a vida civil não pode encontrar seu fundamento em uma tradição textual sagrada que viria conferir uma legitimidade à autoridade assim constituída. Nem a Igreja católica, nem uma hermenêutica bíblica podem justificar o poder político. Quanto à Igreja, não há, e jamais houve uma translatio imperii fundadora de seu pretenso poder político-teológico; b) a destituição dos filósofos enquanto pródigos de uma sabedoria política, única capaz de validar a autoridade política; c) a recusa de toda ideia de uma hierarquia de fins dignos de serem perseguidos pelos homens e, corolário, uma recusa do mérito enquanto justificando uma insígnia natural capaz de fundar a justificação de uma justiça distributiva; d) finalmente, a contrariedade a toda subordinação da tarefa de interpretação das leis civis a uma classe de juristas cuja sabedoria acumulada ao longo dos anos constituiria uma espécie de razão artificial capaz de criar, modificar ou mesmo ab-rogar a lei.

Essa apresentação possui, assim, o propósito de justificar a legitimidade política da noção de direito natural em Thomas Hobbes enquanto germe da noção de um direito subjetivo que conjuga, na modernidade, a liberdade inalienável de certos direitos com a fundação racional da soberania. Ao mesmo tempo, busca-se mostrar o vínculo necessário, em Hobbes, entre tal direito e a obrigação política.

Wladimir Barreto Lisboa. Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS/Brasil, Doutor em Filosofia pela Université Paris I/ Sorbonne.
E-mail: wblisboa@gmail.com

INDEX

PARTICIPANTES / PARTICIPANTS

Abrantes, P. C. C., 158
Alexandre, R. S., 166
Almas, L. A. M., 118
Almendros, L. S., 121
Alves Primo, M. S.'A., 130
Alves, C. M. J., 62
Angelis, G., 90
Antunes, P. F. R., 159
Araújo, R., 170
Arguello, L. R. S., 185
Arqueros V., C., 69
Barata, A., 46
Barrientos-Rastrojo, J., 112
Barros, M. B., 131
Barros, M. V. M., 146
Beato, J. M., 113
Bonhemberger, M., 129
Botero Bernal, A., 80
Branco, L. A. R., 122
Branquinho, J., 29
Bubols, C. F. D., 62
Calvário, P., 153
Campos, A. S., 47
Carbone, G., 92
Carneiro, D., 75
Carneiro, M., 141
Carvalho, C. A. S., 68
Carvalho, M. C., 127
Carvalho, T. M., 185
Casado, T., 185
Casares, N., 150
Casseb, A. L., 42
Castro, C. B.C. T., 63
Castro, E., 78
Castro, V., 188
Cekiera, K., 116
Christodoulou, A., 66
Coimbra, M. A. P. D., 134
Coitinho, D., 73
Colmenarejo Fernández, R., 172
Comim, F., 89
Conill, J., 99
Cordovil, J. L. L. S., 104
Correia, M. J. R. R., 141
Cortina, A., 29
Costa, I. M., 52
Costa, S., 175
Couture-Mingheras, A., 36
Cruz, M. A. M., 128
Dias, M. C. S., 127
Diogo, J. E., 102
Domingues, J. A., 111
Duarte, B. P., 59
Eisinger Guimarães, R., 171
Epifânio, R., 165
Escola, J., 109
Évora, F. R., 85
Faria, F. N., 88
Faustino, D. D., 75
Feitosa, W. L., 191
Fernandes, P., 153
Fernández Navas, D., 71
Fernandez, B. P. M., 58
Ferraro, G., 91
Ferreira, A. A., 45
Ferreira, A. P. P. F. S., 43
Ferreira, M., 145
Ferreira, M. L. R., 139
Filipe, R. M. M., 173
Fins, A., 34
Fontenele, T. L. R., 182
Fontes, P. V., 161
Foschiera, R., 171
Franco, A. B., 33
Freire, A. J. G., 52
Furtado, F., 86
Gabriel, M., 31
Gaeta, R., 147
Garcia Soto, L., 124
García-Granero, M., 139
Gaudêncio, A. M. S., 42
Gavete Bernad, B., 54
Gentile, N., 147
Gonçalves, J., 110
Gonçalves, L. F. X., 126
Gouveia, S. S., 180
Guerra Palmero, M. J., 137
Guerra, E. T. C., 79
Guerrero Molina, V., 189
Guimarães, J. R., 97

Henriques, R., 164
Higuera Rubio, J., 113
Holanda, A. F., 35
Jana, J. A., 111
Jiménez Villar, B., 55
Junior, J. B. F., 100
Junqueira, R. A. M., 168
Justi, R., 140
Kennedy, N., 149
Kiener, M., 144
Kuhnen, T. A., 181
Lagoa, S., 178
Latansio, V. D., 187
Lima, P. A., 157
Lisboa, W. B., 193
Lóia, L., 125
Lombardo, E., 81
López Alcade, C., 64
Loureiro, J. D. R. P. G., 101
Lucero, S., 147
Macagno, A., 84
MacDonald, P. B. C., 158
Machado, B., 57
Maciel, M. C., 130
Malbouisson, I. V. C., 94
Marín Medina, C., 70
Marques, A. O., 54
Marques, J. R. O., 115
Marques, T. H. R., 183
Martínez Navarro, E., 83
Martins, A. R., 53
Martins, J. M., 105
Martins, M., 140
Martins, R. S., 163
Martins, V. M., 188
Mazurek, A., 50
Medeiros, A. M., 35
Meirinhos, J., 114
Mendes, J. F., 103
Mendes, J. R., 108
Mendes, L. F. F., 123
Mendonça, D., 76
Menezes, E., 78
Miguel, R., 77
Miguens, S., 179
Milhano, A. N., 49
Miranda, A. L., 48
Molder, M. F., 30
Morais, C. B., 61
Moreno, I., 95
Nascimento, C. A. R., 60
Neiva, D., 74
Neves, M. T., 131
Nobre, A. L., 48
Northoff, G., 180
Oliveira, F. A. G., 85
Oliveira, L. M., 118
Orozco Pereira, E. D., 80
Ortega Esquembre, C., 65
Pachêco, E., 82
Pacheco, M.A., 132
Pais, A. C., 51
Paiva, E. C. V., 191
Pereira, L. C., 125
Pereira, P. C., 154
Pereira, P. H. R., 160
Peruzzo Júnior, L., 119
Pina, A., 36
Pinheiro, J., 106
Pinto, A. R. R. L., 44
Pires, J. M., 105
Pires, M. C. S., 135
Pires, S. P., 176
Pissarra, M. C. P., 134
Praseres, J. S., 98
Queiroz, R., 164
Rapanta, C., 66
Rebalde, J., 107
Reis, R. R., 169
Reis-Cunha, A. C., 39
Ribeiro, H. J., 93
Ribeiro, N., 150
Riccardi, M., 144
Rocha, T., 184
Rodrigues, V., 189
Rodrigues, V. F., 186
Rodríguez García, S. E., 179
Rojão, G., 46
Rosa, L. A., 119
Rosendo, A. P., 44
Ruan, W., 191
Rubin, M. M., 143
Ruiz Callejón, E., 83
Salgado, K., 117
Salgueiro, I., 96
Sánchez Gómez, P. B., 152
Sanchez, L. B., 120
Santos, A. L. M., 41
Santos, D., 77
Santos, D. F., 72
Santos, M. T., 138
Santos, N. G., 148
Santos, P., 161
Santos, R., 166
Sasaki, M., 142
Serrado, J., 100
Silva, C. M. F., 67
Silva, F. M. F., 87
Silva, P. O., 155
Silva, R., 174
Silva, R. C. F. L., 167
Silva, S. H. S., 177
Sol, A. I. C. F., 40
Sousa, I., 96

Sousa, J. R. S., 99
Sousa, L. A., 122
Spenillo, G. M., 92
Storck, A. C., 37
Sylla, B., 56
Tenreiro Rodríguez, V., 190
Teodósio, J., 109
Testón Turiel, J. A., 115
Tiellet, C., 67
Uchôa, M. S., 129
Valadas, M. A., 133
Valle, B., 119
Varandas, M. J., 138
Vasconcelos, T., 183
Venturinha, N., 151
Vesperini, P., 162
Veyl, R. S. B., 117
Vilares, A. C., 38
Vilela, M. J., 136
Vinten, R., 169
Whitfield, P. M., 156
Williges, F., 89
Wolt, D., 71
Wright, C., 59
Xu, R., 175